

A IGREJA NO VALE DO PARACATU

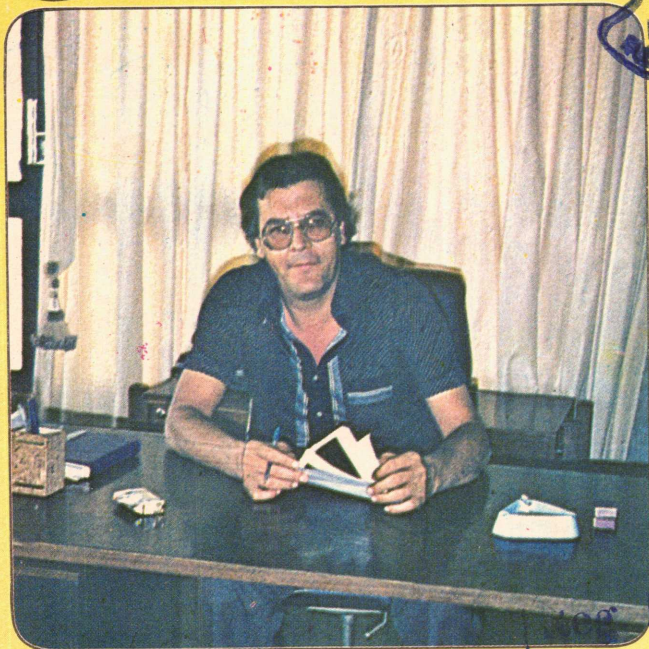
ARINOS
BONFINÓPOLIS DE MINAS
BURITIS
FORMOSO
GUARDA-MOR
JOÃO PINHEIRO
PARACATU
UNAI
VAZANTE



AUTOR E EDITOR: OLIVEIRA MELLO
EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE
NASCIMENTO DE D. ELISEU VAN DE WEIJER
Paracatu - Mg., 29 de dezembro de 1.980

UNAI

Participa do Centenário de Dom Eliseu



Prefeito Saint-Clair Martins Souto



Uma data de aniversário é sempre uma data de profundas reflexões. Quando olhamos para trás podemos sentir o significado do centenário de nascimento de D. Eliseu van de Weijer. Como este homem de Deus marcou toda a região com a sua presença apostólica, com seu espírito de renúncia, com seu desprendimento profundo pelas coisas da terra e com o seu amor aos homens. Ele, aqui em nosso meio andou "pelas veredas do senhor". Ele plantou caridade, mansidão, bondade, paz. Por isto ficou muito no coração de todos os que conheceram e também, através destes, na alma dos pósteros.

A comunidade de Unaf sempre aprendeu a venerar os seus líderes espirituais e neles ver os arautos que o Senhor nos mandou para que nos lembrassem das Verdades eternas. Somos uma comunidade sequiosa das coisas de Deus e sempre estamos à procura da fonte que jorra a água pura e cristalina do amor, transcendentalizado do eterno Amor: Deus.

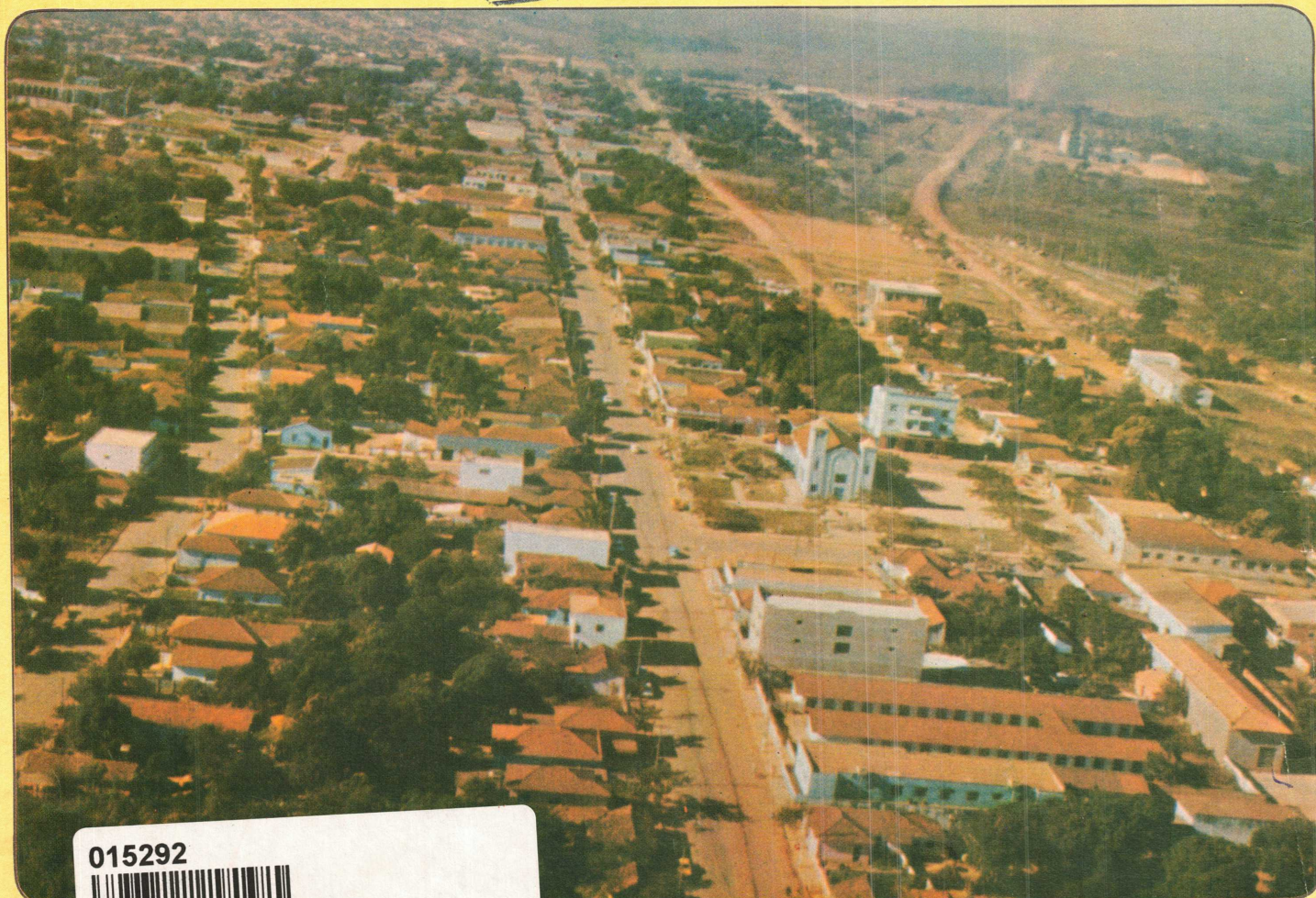
E hoje, esta Comunidade de Unaf se encontra unida a todas as comunidades que formam a Diocese de Paracatu para cantar o seu hino de louvor ao Senhor pela alegria em podermos celebrar o centenário de nascimento de nosso saudoso e sempre lembrado D. Eliseu.

Em nome do meu povo, rendo o preito de saudades e veneração à memória de D. Eliseu e envio o abraço muito amigo e filial a D. Raimundo Lui, nosso primeiro Bispo Diocesano e ao nosso mui querido e apostólico D. José Cardoso Sobrinho. É o sucessor de D. Eliseu e de D. Raimundo em nosso meio, lutando conosco, vivendo os nossos anseios, procurando sempre mais pregar o amor para os homens, cada dia, se tornarem mais irmãos.

Unaf, Outubro de 1980

Saint-Clair Martins Souto
- Prefeito Municipal -

N: 4225
Em 15/04/86



Fundo APNDMB/NGP/ARMD/Cód. 1093/Acervo Arquivo Público de Paracatu

015292

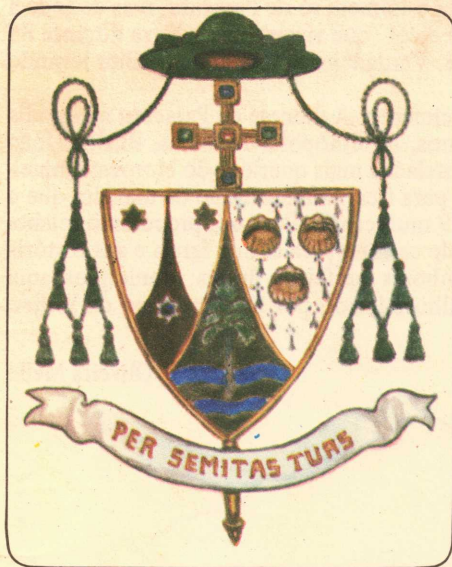


L0000012217

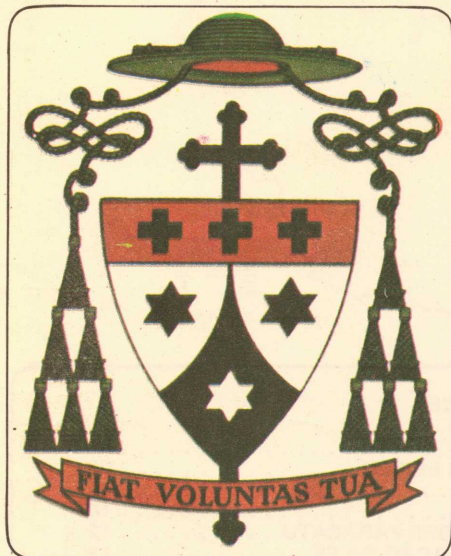
e a Igreja Matriz e a bonita Avenida Governador Valadares

Brasões de Armas dos Bispos de Paracatu

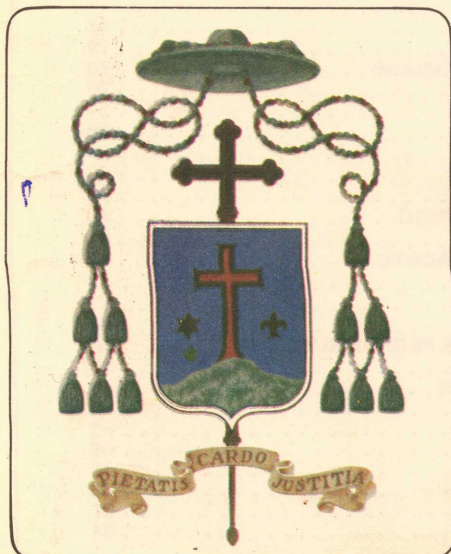
280
MEL
1GR
2.2



D. ELISEU VAN DE WEIJER



D. RAIMUNDO LUI



D. JOSÉ CARDOSO SOBRINHO

OURO com duas faixas ondeadas de blau tendo ao meio uma prata donde brota um buritizeiro ao natural; mantelado pelas armas dos Carmelitas à destra com estrelas de seis raios e à sinistra, arminho com três vieiras de prata em roquete.

OURO e PRATA lembram as Minas Gerais e de Paracatu e as ondas em blau o nome do rio calmo da cidade e as veredas inúmeras, onde cresce o buriti, que é o símbolo do "justo", que cresce como a palmeira plantada à beira das águas. (sl. 1,3)

AS ARMAS DO CARMO à destra, para indicar a Ordem do Sr. Bispo; o arminho à sinistra, a dignidade episcopal de um carmelita, cuja capa magna era toda alvíssima como arminho; as vieiras, símbolo do peregrino e missionário, que vem batizar, trazer os ensinamentos do Senhor e transmitir o seu mandamento de amor; vieiras são conchas, símbolo da família "van de Weijer".

O LEMA "Per Semitas Tuas", quer dizer "Pelas Tuas Veredas", isto é, "pelos caminhos do Senhor", mas faz alusão muito clara às veredas do grande sertão, por onde o sr. Bispo queria, como bom pastor, conduzir as suas ovelhas. A última estrofe do hino das "Matinas da Festa do Santíssimo Sacramento" diz assim no final: "Per tuas semitas duc nos quo tendimus, ad Lucem, quam inhabitas" quer dizer: "pelas tuas veredas conduz-nos para onde vamos, até aquela Luz, onde habitas"

ESCUDO GÓTICO, com o Monte Carmelo, estilizado, em negro flaqueado por duas estrelas de seis pontas, do mesmo e carregado, no centro, por outra igual de prata. Em chefe, de goles, três cruces, de ouro e ordenadas igualmente em chefe.

ORNATO; O todo encimado pelo chapéu prelatício de verde, com duas séries de seis borlas, colocadas uma, duas, três, pendentes nos flancos.

TIMBRE. Cruz pastoral de ouro, sem pedrarias.

LEMA. Fiat voluntas tua, em negro, sobre fitão de rubro.

DESCRIÇÃO SIMBÓLICA

O presente escudo reproduz o ideal de vida espiritual e apostólica do atual Bispo de Paracatu, e ao mesmo tempo caracteriza e sintetiza todo o seu programa de apostolado.

Filho de Ordem Carmelitana, reproduz ele, em suas armas episcopais, o escudo da sua Ordem não apenas como sinal de gratidão pelos favores recebidos de tão carinhosa Mãe espiritual, mas outrossim, como um constante apelo à vida interior, base de todo apostolado, cultivado pela Ordem, à sombra do manto da Virgem de Carmelo.

Assim, o escudo da Ordem Carmelitana, integralmente retratado no campo destas armas, é uma afirmação constante da necessidade da contemplação, da união com Deus e da oração, "cum Maria Matre Jesu" se quisermos realizar, dentro do plano divino, a salvação universal pelo lavacro de Sangue redentor de Jesus, derramado no Calvário. Não há salvação a não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, "nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi".

Este programa de apostolado está representado na parte superior do escudo, todo de vermelho, simbolizando o preciosíssimo Sangue de Cristo, derramado no cimo do Gólgota e lembrado pelas três cruces estilizadas.

O lema "Fiat voluntas tua" resume a ação redentora de Jesus salvador em obediência à vontade do Pai. Ao mesmo tempo é programa de ação apostólica.

REG. N. 15299

EM 19/05/01

BLAU com uma colina em sinople, da qual nasce uma cruz em goles cercada de ouro, tendo à destra uma estrela de ouro com seis raios e à sinistra uma flor-de-lis do mesmo metal; o lema: PIETATIS CARDUS IUSTITIA.

BLAU é o céu azul do agreste, no qual refulgem de ouro Maria, Mãe e Estrela brilhante do Carmelo e o puríssimo São José com o seu Lírio fulgurante, padroeiro dos Carmelitas e do bispo, D. José.

SINOPLE é a colina verdejante, que lembra três colinas: a de Caruaru, cidade natal do Bispo; o Monte Carmelo, onde surgiu a Ordem do Carmo e o Monte Calvário onde se ergueu a Cruz do Redentor. É a esperança.

GOLES é a Cruz Vermelha, que nasce da colina, para lembrar o sangue do Cordeiro de Deus, o amor vivo, que deve animar o bom pastor e os sacrifícios da alma, que se purifica subindo para o Carmelo. O ouro que circunda, assim como o ouro das estrelas e da flor-de-lis, é a luz da glória.

O LEMA: "Fundamento da Piedade é a Justiça".

A palavra latina CARDUS é fundamento, sustentáculo, eixo e lembra o sobrenome CARDOSO.

PIEIDADE é o culto devido a Deus e a honra devida aos pais e à Pátria.

JUSTIÇA é a virtude mais lembrada por Puebla e pela pastoral de conjunto dos Bispos Latino-Americanos e o programa de D. José.

930(815)
M5172
71

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE DOM ELISEU

Paracatu muito deve a D. Eliseu. Foi o homem de Deus que veio para cumprir, integralmente, a missão que lhe estava reservada. Com paciência, bondade, simplicidade, desprendimento, ele pregou amor a um povo sofrido e sequioso da presença de um verdadeiro ministro do Senhor.

De seus lábios sempre brotaram alegria. Alegria para um povo sofrido. Alegria para almas sequiosas de Deus. Alegria por saber que aquele pastor ali estava para conduzir todos pelos caminhos do Senhor. D. Eliseu não foi o homem só de Paracatu, mas de toda a sertaneja prelazia. Não há um canto da diocese que não tenha veneração por este homem de escol que viveu sobre a terra durante 85 anos e 26 dias. E viveu dando exemplo de vida e da palavra. Homem de oração sem ser piegas. Verdadeiro apóstolo do Senhor levando a boa nova a todos os seus fiéis.

Neste ano de 1980, a 29 de dezembro, estamos comemorando o centenário de seu nascimento. A diocese de Paracatu não podia silenciar-se diante de tão grata efeméride. Por isto mesmo, as prefeituras municipais de Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, João Pinheiro, Paracatu e Unaí se fazem presentes para outorgar esta justa homenagem a um dos prelados mais queridos do Noroeste mineiro. E nós fomos o encarregado de planejar e executar este trabalho comemorativo que veio para ficar. Planejamo-lo de maneira que o leitor tenha uma visão de corpo inteiro do homenageado e de toda a diocese constituída de 9 municípios. Por isso, procuramos elaborar uma revista que deverá ser guardada com todo carinho e como um patrimônio de amor e de carinho para com a Igreja e sua história no Noroeste de Minas Gerais. Mal de todos nós se não fosse a compreensão dos senhores prefeitos destes municípios aqui mencionados. Não teríamos este documentário publicado. É a prova concreta de um trabalho iniciado por D. Eliseu van de Weijer, continuado por D. Raimundo Lui, D. José Cardoso Sobrinho e seus colaboradores.

Oliveira Mello

A IGREJA NO VALE DO PARACATU EXPEDIENTE

AUTOR E EDITOR
OLIVEIRA MELLO

Supervisor Geral
J. Lucena

DIRETORES
Roberto de Souza Zardo
Mauricio Bernardes
Américo A. Zardo Neto

MAPAS

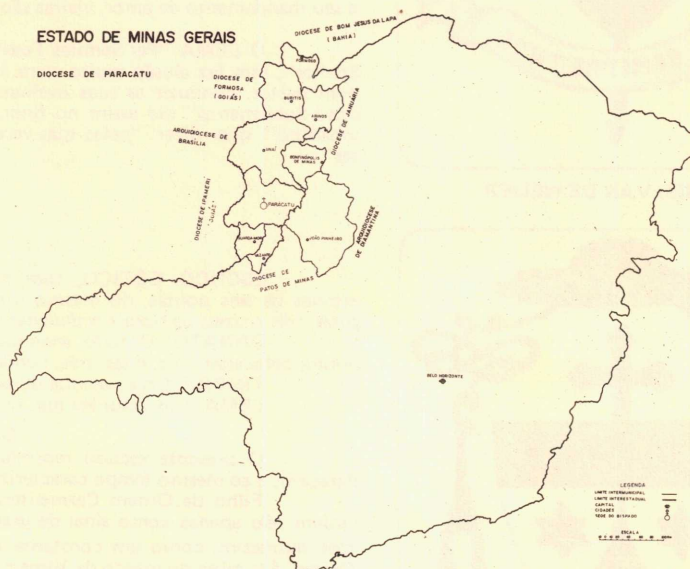
Dayse Maria Pinheiro
DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
Carlos Henrique Ferreira
FOTOLITOS

Italo José Cordoni

Esta revista foi elaborada e editada nas
oficinas da Editora Zardo Ltda.
Av. Floriano Peixoto, 12 - CxP. 689
Telefones: (034) 235-3066 e 235-3125
Uberlândia - MG



CAPA- D. Eliseu van de Weijer, Bispo-
Prelado, quando da sua sagração epis-
copal: 27-10-1940.
Óleo de Teresinha Couto de Oliveira
Corrêa.



ÍNDICE

BRASÕES DE ARMAS	01
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE D. ELISEU	02
O PASTOR DA SIMPLICIDADE	03
A CHEGADA DE DOM ELISEU	10
INFORMAÇÃO AOS HOLANDESES SOBRE PARACATU	12
CARTA PASTORAL SOBRE A PROPAGAÇÃO DA FÉ	13
BODAS DE OURO DE VIDA RELIGIOSA	15
BODAS DE DIAMANTE DE VIDA RELIGIOSA	16
TÍTULO DE CIDADÃO BENEMÉRITO	17
DESPEDIDA DE D. ELISEU	18
FALECIMENTO DE D. ELISEU	19
OS TEMPOS DIFÍCEIS DE UMA COMUNIDADE	20
A EXPULSÃO DE UM VIGÁRIO	26
VIGÁRIOS ATÉ 1926	27
A PRELAZIA TORNA-SE REALIDADE	28
PROJETO DA PRELAZIA	31
A ORDEM DO CARMO	33
UMA DIOCESE PERTO DE BRASÍLIA	38
SAGRAÇÃO EPISCOPAL DE D. RAIMUNDO	40
POSSE DE DOM JOSÉ CARDOSO	41
OS CARMELITAS NA IGREJA DE PARACATU	42
SAUDAÇÃO EM NOME DO POVO	43
AS PALAVRAS DO NOVO BISPO	43
DISCURSO NA CÂMARA FEDERAL	46
CONGRATULAÇÕES DO GOVERNO DE PERNAMBUCO	46
DADOS BIOGRÁFICOS DOS BISPOS	47
SETE PARÓQUIAS PARA 9 MUNICÍPIOS	49
O SERVIÇO É DOS CARMELITAS	58
ARINOS	63
BONFINÓPOLIS	68
BURITIS	73
JOÃO PINHEIRO	78
PARACATU	81
UNAÍ	84

D. ELISEU VAN DE WEIJER

O Pastor Da Simplicidade

FALAR DE D. ELISEU É IDENTIFICAR O NOROESTE DE MINAS, REGIÃO A QUAL CONSAGROU 33 ANOS DE VIDA.

Ele foi o homem da simplicidade, do desprendimento. Jamais deixou de ser religioso. Era destes místicos autênticos, sem ser piegas. Vivia da oração. O lema dos carmelitas era integralmente exercitado por ele: "Vacare Deo". (Ocupar-se com as coisas de Deus). Tinha consciência de que ser santo não era viver fora da realidade do mundo. Pelo contrário. Participava de todos os eventos sociais da comunidade. Andava pela rua como se fosse um qualquer. Parava para conversar com todos. Procurava ajudar aqueles que necessitavam de auxílio. E sempre brincando, rindo.

De certa feita, vinha do barbeiro. Quando chega ao largo da matriz, justamente debaixo das palmeiras, encontra um pobre que havia deixado os seus poucos grãos de arroz derramar do embornal. O pobre catava, grão por grão. D. Eliseu não se fez de rogado; imediatamente se abaixou e começou a ajudar a catar os grãos de arroz. Aquele ato foi impacienciando-o. Enquanto ele catava, virou para o dono das sementes:

— Você não acha mais fácil trazer uma galinha para ajudar a catar? Anda mais depressa.

Ao lado da bondade, era jocoso humorista. A sua passagem por Paracatu foi marcada pela bondade, vida de oração e verve. Com todo mundo, com quem se conversa sobre D. Eliseu, sempre há um caso a ser contado, uma lembrança alegre daquele homem que pacificou uma paróquia difícil, sem alarde, somente através do trabalho, da bondade, do desprendimento e, sobretudo pelo seu espírito de oração e pobreza autêntica.

Na verdade sabemos que o humor é uma linguagem séria, muitas vezes necessária. Onde existe o humor, aí está a graça, o feito de que o homem não esquece e passa de um para o outro. Cremos que muita coisa que se conta em torno do humorismo do D. Eliseu é verdadeiro. No entanto, há alguns exagerados, ampliados ou deturpados, à vontade, pelo contador.

Para justificar essa afirmativa, no livro "350 Histórias do Folclore Político", de Sebastião Nery, nº 62, página 20, encontramos:

"Dom Serafim, sábio e santo, estava terminando a missa de domingo em Paracatu, doce terra antiga lá na banda esquerda do Estado, cidade de Arinos e dos Botelho. Ao lado da catedral, um grupo bebia no bar. Um deles, apostou que entrava na igreja a cavalo. Pegou o animal, amarrado à porta, montou e entrou na igreja.



Quando os cascos estalavam no ladrilho, a nave, cheia, se levantou de espanto. Lá da frente, D. Serafim olhou para trás, sorriu, compreendeu, perguntou:

— Será São Jorge?

A nave, cheia, sentou-se de alívio. E o cavalo e seu cavaleiro voltaram estalando os cascos no ladrilho."

Pela troca do nome do bispo, nota-se a deturpação do fato. Realmente um bêbado, certo dia, entrou a cavalo na catedral. Houve espanto geral. Os fiéis ficaram escandalizados. Pessoas da família do bêbado se penitenciaram. Como fazer, como proceder. O que pensaria D. Eliseu, tão querido e amado pela família. À noite, D. Eliseu vai ao templo, a fim de fazer a reparação do desrespeito à casa do Senhor, de acordo com as normas canônicas. Era noite muito bonita, de lua cheia. E os raios da lua invadiam, de cheio, a catedral. D. Eliseu, falando sobre o acontecimento e sentindo o horror da família pelo ato absurdo, irreverente e vergonhoso de um dos seus membros, usou da psicologia tranqüilizante e humorística:

— Gente, hoje é dia de lua cheia. Olhem todos para a lua. Quem sabe foi São Jorge que de lá desceu, em carne e osso, veio para a nossa matriz?!

E continuou a sua pregação e seus atos litúrgicos. Todos sorriram e se descontraíram.

Era assim D. Eliseu. Um psicólogo e um santo. Não tinha medo de nada. Como poderia ter medo se sempre estava com Deus? De certa feita, entrou na catedral uma louca. Era jovem. Gritava, esperneava, colocava medo em todos. Foi numa tarde de domingo. Havia muita criança para assistir às lições do catecismo. Todo mundo saiu correndo de dentro da vasta matriz, atemorizado. A louca estava furiosa e agressiva. Fecharam as portas laterais e já iniciavam o fechamento da porta principal. Mas como fazer?!... Ela poderia quebrar imagens e profanar - inconsequentemente - o templo santo. A solução dos presentes era uma só: chamar a polícia.

Nisto, uma criança corre à casa dos padres (era assim que se chamava a residência de D. Eliseu) e foi falar com o bispo sobre o que estava acontecendo. Ele saiu, pacientemente, e disse para todos à frente da igreja:

— Não é preciso chamar a polícia. Eu vou tirar a pobre coitada de dentro da igreja.

— não vai, não, D. Eliseu. Ela está furiosa e pode fazer qualquer coisa com o senhor, disse-lhe uma das catequistas.

— Não tem perigo. Saíam todos daqui do largo.

E foi entrando igreja a dentro. A louca gritava e esperneava sentada num dos bancos da frente. D. Eliseu foi chegando e assentando-se ao lado dela. Começou a conversar com ela e, durante muito tempo, ficou dentro da igreja. Muita gente chegou a pensar que a louca já havia feito algum mal a D. Eliseu. E alguns, mais ousados, sorratamente, foram ver o que acontecia. D. Eliseu conversava, sentado ao lado da doida. Ela dava boas gargalhadas. Já não mais xingava, nem esperneava. Em dado momento, deu o braço para D. Eliseu e convidou-o a sair com ela. Assim aconteceu. D. Eliseu, através de sua psicologia, de sua mansidão, saiu com a louca, sem nada acontecer nem à igreja nem a ele. E ele foi andando com ela a caminho de casa. Tratava-se de pessoa conhecida.

D. Eliseu evitou males e aborrecimentos maiores. Proporcionou calma àquela pobre criatura fora do uso da razão. Todos voltaram tranqüilos para o interior da igreja e continuaram com o catecismo. Mais um exemplo para todos: o que pode a paciência e a caridade. Amansa até os loucos furiosos.

Na verdade, o paracatuense amava tanto D. Eliseu que ele era tido como um dos mais autênticos da terra. Holandês de nascimento (naturalizou-se brasileiro em 1926), era um brasileiro

verdadeiro. Mais ainda: um mineirão, destes de quatrocentos anos. Falava pouco e ouvia muito. Observava tudo e todos. Às vezes chegava a ser rude:

— Isto é coisa de D. Eliseu.

Ninguém ficava com raiva. Acha era graça.

Nunca demonstrava a sua cultura e sua capacidade humanística. Filósofo e teólogo profundos. Dominava o grego e o latim e, diariamente, lia nestas línguas. Estava a par de todos os acontecimentos do mundo. Tanto sabia falar com os grandes, com os cultos, com os caipiras e com os ignorantes. Jamais desprezava os empregados. Tinha um grande carinho para com eles e muita atenção. Na época em que andava de tropas, nos pousos, não perdia de vista os empregados, que denominava de "companheiros".

Nos pousos, só tomava café ou almoçava com eles, à mesa. Quando sentia a falta deles, mandava chamá-los, dizendo:

— É meu companheiro, almoça aqui junto comigo.

Acontecia isto na casa do pobre ou do rico. Sempre chegava alegre e cheio de simplicidade, não fazendo distinção.

Numa fazenda, fizeram duas mesas: uma para o bispo e outra para os ajudantes. Convidaram-no para o almoço:

— O senhor nesta mesa e os camaradas naquela.

D. Eliseu, dentro da sua autenticidade, retrucou:

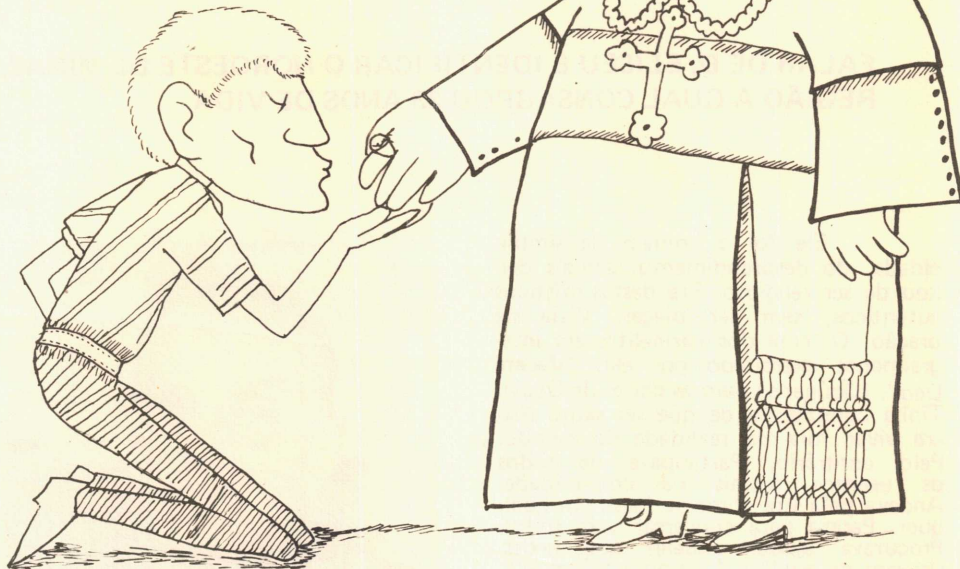
— Então eu vou para lá ficar com eles, pois eles que andam comigo.

Ao chegar às fazendas, no sertão, onde havia de pousar, uma vez recebido pelo dono da casa e apresentado com muita cerimônia aos demais, cumprimentava, pacientemente, um a um. E para desfazer aquele ambiente formal, ele mesmo ia dizendo:

— Então vamos entrar, vamos tomar o café, pois o bispo está cansado.

Era assim D. Eliseu. O homem que percorreu toda a prelazia, em lombo de burros, para levar a continuidade da fé e o exemplo

SOU UM
HOMEM COMO
VOCÊ



e o exemplo do desprendimento, do desapego às coisas materiais, pois o que importava era o que estava no além, junto de Deus.

Homem acostumado aos grandes centros, de um momento para outro se vê em pleno sertão, desprovido de tudo. Mas não havia dificuldades que fizessem arrefecer aquela alma de fé, de missionário. Pois, acima de tudo, para ele estavam as coisas de Deus. A força, buscava na oração. Filho devoto da Virgem, o terço foi seu companheiro silencioso durante as longas jornadas no sertão. Durante a viagem, gostava sempre de ir à frente da tropa. Sempre conversava com a turma que conduzia os cargueiros. Quando silenciava, ninguém mais falava pois todos tinham certeza de que estava rezando o terço.

Conta Cabrito, seu fiel companheiro de viagem pelo sertão, que numa das viagens a São Romão, se perderam na Cabeceira da Mata. Encontraram com um estradeiro e pediram ajuda para indicar o caminho. O estradeiro não queria fazê-lo de jeito nenhum. Foi quando Cabrito partiu para o lado da ignorância:

— Aqui agora o senhor vai de qualquer jeito, ou por bem ou por mal. O que não se pode é deixar a gente perdido por aqui.

Diante da brutalidade do companheiro de D. Eliseu, o estradeiro não teve outra alternativa:

— O jeito então é ir.

E foi. Enquanto isto, D. Eliseu pedia paciência. Percebeu que os ânimos se encontravam exaltados e que o estradeiro não estava tendo confiança neles. Chegados ao lugar desejado (Fruta D' Anta), perguntaram-lhe o preço do trabalho. Ele não quis cobrar. D. Eliseu mandou que Cabrito lhe desse 50\$000 de gratificação. Não quis receber e comentou:

— Agora tô veno que é padre mesmo. Só o medo que passei ficou pago. Pensei que fossem os "revoltosos."

Era assim o mundo do sertão. Na época estava infestado pelos conhecidos "revoltosos", que não eram outros senão os componentes da Coluna Prestes. E todo mundo tinha medo. Pois eles cometiam verdadeiras barbaridades. Mas D. Eliseu era homem de coragem. Não temia ninguém.

Conta Cabrito que, na "má-cieza" dele, era um homem de coragem. E narrou o fato que se deu na Lapa, aonde chegou um sujeito com uma vara de ferrão, dentro da igreja, e botou a vara no chão já dizendo:

— O senhor vai fazer uma crisma aí, agora, para mim.

— Não agora, estou ocupado, respondeu-lhe D. Eliseu.

O homem começou a molestá-lo, a resmungar e acabou dizendo:

— Tem que ser agora.

— Agora eu não posso, o senhor não está vendo?

— Então eu dispenco, chego debaixo dum pau e meu fio tá crismado.

Fez aquele desaforo com D. Eliseu. Ele nem levantou a cabeça. Continuou o seu trabalho com a mesma tranquilidade e estendendo as mãos disse-lhe apenas:

— Até logo, pode ir embora e vá logo.

Levantou-se e virou as costas.

Era assim D. Eliseu. Um homem bom, mas resolutivo e de ações definidas. Até certo ponto muito crédulo. Péssimo comerciante. Principalmente de cavalos. Antes de Cabrito passar a tomar conta da tropa de D. Eliseu, o povo muito aproveitou da ignorância dos conhecimentos do prelado em relação a animais. Vendia-lhe, constantemente, animais ruins e de nenhum valor, por alto preço. Depois de algum tempo viu que estava sendo enganado pelos vendedores. E tendo Cabrito à frente, não mais comprou nenhum animal. E a quem oferecesse, ia dizendo:

— Eu não compro mais animal.



D. Eliseu no pouso, em campo aberto, enquanto se preparava a refeição.

Isso é lá com o Cabrito. Ele é quem resolve. Eu conheço é por fora, por dentro, nada! O que ele disser está dito.

Uma coisa de que D. Eliseu gostava de ver nas desobrigas, era o povo dançar. Apreciava as festas, principalmente quando possuíam cunho folclórico. Muitas vezes, os donos da casa onde pousava ficavam preocupados. Julgavam a dança um mal e que seria reprovada pelo bispo. Era pecado. E iam justificar-se com ele a fim de não o escandalizar. Para tal, era curiosa a desculpa que tinha D. Eliseu, vendo aquela gente dançar no terreiro, ao som da sanfona de 8 baixos ou da viola bem pontuada:

— Deixe eles dançarem, pois não tem lugar para todo mundo dormir. Assim eles passam melhor o tempo durante a noite.

Enquanto os jovens dançavam e divertiam-se, muito apreciava conversar com os velhos, ouvir suas histórias e suas proezas naquele sertão rude e inóspito. Um dia, durante uma festa no pouso, notou um velho cabisbaixo e pensativo. Estava bem alquebrado pelos anos. Voltando-se para ele, puxou assunto:

— O senhor sabe tocar algum instrumento?

— O velho, todo satisfeito e como saindo de um sono letárgico, respondeu:

— Eu toco sanfona.

D. Eliseu, admirado, retrucou:

— Então o senhor toca sanfona! ...

Aquilo impressionou-o vivamente. E, na viagem, dia seguinte, durante todo o percurso, com um sorriso levemente estampado no rosto, recordando a afirmativa do velho sertanejo, repetia com admiração:

— Então o senhor toca sanfona ...

Nunca perdia o humor durante as viagens. Podiam ser as mais sofridas e mais desastrosas. De certa feita, chegando a São Romão, a mula Medalha, no areião, caiu e ele rolou pelo chão. A mula levantou-se e não correu.



Mons. Frei Eliseu, em 1930, quando partia para uma desobriga missionária.

Ficou olhando-o levantar-se e limpar a roupa, batendo as mãos para tirar a areia. Montou novamente. Neste ínterim, chegava uma comitiva para recebê-lo. À frente, o respeitável Major Saint - Clair Valadares. D. Eliseu, apesar do susto, bem humorado, sem reclamar nada nem dizer uma palavra desprezível. Desculpando tudo, seguiu com a comitiva até São Romão. Lá chegando, houve muitos discursos à frente da casa paroquial. O



D. Eliseu presidindo as cerimônias do sepultamento de Frei Dionísio, no cemitério de João Pinheiro, em 27 de dezembro de 1961, com a presença de vários sacerdotes da Diocese.

povo estava ansioso para ouvir a palavra do bispo. E ele fez o discurso mais lacônico possível:

— Então, muito obrigado por tudo. A festa foi muito boa, mas o bispo está muito cansado. Até logo. Muito obrigado.

E entrou na casa paroquial.

D. Eliseu foi o pastor de todos.

Não havia horário nem distância para atender a chamados de moribundos, principalmente. Usava de todos os recursos de transporte para dar assistência espiritual a seus fiéis. Certa noite, na descida de São Sebastião, quando ia ungir um doente, quase houve um acidente com o animal que o conduzia. Vinha um cavaleiro com um cargueiro de rapadura rumo à cidade. O animal que levava D. Eliseu se espantou. Cabrito, o fiel companheiro de viagem de D. Eliseu, percebeu tudo e, muito ágil, segurou a rédea. Não fosse a perspicácia de Cabrito e D. Eliseu teria sofrido um acidente com graves consequências.

Depois de passado o perigo, o bispo, ainda meio assustado, comentou:

— Não fosse o senhor, o negócio estava feio, pois eu quase caí e não conseguia mesmo dominar a mula.

Homem humilde e santo, que reconhecia os méritos dos outros, o chefe espiritual sempre pronto a atender todos, principalmente nas horas mais tristes e mais sofridas, sem olhar o sacrifício. Soube sempre consolar e levar conforto a um coração sofredor. Foi o bom pastor que conheceu o seu rebanho. E seu rebanho o conheceu. D. Eliseu foi grande na humildade e humildade na grandeza. Por isso, nenhum paracatuense o esquece. Esparramados na imensidão deste Brasil,



No Seminário do Carmo, em Itu (SP), D. Eliseu entre os seminaristas e os dois padres carmelitas naturais da então Prelazia: Frei Brás Brito Pessoa e Frei Pedro Caxito.

sempre tiveram à sua frente a figura varonil e dócil do amado pastor que os acompanhou desde os primeiros anos de vida. A prova desta afirmação é tão patente que, em Goiânia, por ocasião da IV Reunião dos Bispos do Brasil, os paracatuenses, 55 famílias residentes na então "Capital Caçula", se reuniram para demonstrar o apreço de carinho e estima ao venerando antístite, Ofertaram-lhe uma medalha de ouro, cunhada com suas armas episcopais, tendo no reverso a inscrição: **A D. Eliseu, lembrança dos paracatuenses de Goiânia - 1958.**

D. Eliseu dedicou quase a metade de sua existência (levando Deus caridade e amor a cada lar) ao povo da região. Povo que ainda guarda na memória os episódios ocorridos com o amado prelado.



Em Goiânia, em 1958, quando recebeu as homenagens dos Paracatuenses

TEVE VALENTE AÍ FORA?

D. Eliseu estava fazendo suas costumeiras desobrigas pelo sertão da prelazia. Andara muito durante o dia, sob o sol escaldante. O animal, também já estava cansado. O corpo do prelado estava moído. Há bastante tempo enfrentava o sertão para levar a palavra de Deus ao homem distante. Chegou a Pederneiras. Ali era o local de pouso e também de celebrações. O povo já se havia ajuntado. Entre os fiéis, muitos arruaceiros. Isto é inevitável. Lugar muito pobre e sem conforto. Improvisaram, num grande rancho, uma cama, onde D. Eliseu pudesse descansar durante a noite. Já havia viajado muito, e atendido a muitas confissões. Quando foi deitar, caiu na cama como se fosse uma pedra. E a noite foi cheia de troca de tiros. Houve muita bebedeira.

No dia seguinte, quando todos se levantaram, os companheiros de viagem de D. Eliseu perguntaram-lhe se havia visto alguma coisa. E ele disse que dormiu a noite inteira. Estava muito cansado. Contaram-lhe, então, o acontecido. Comentou apenas:

— Então teve valente aí fora?! ... Não vi nada.

A HISTÓRIA DA GARRINCHA

Foi uma desobriga. Muitos casamentos. Entre eles, uma noiva já se encontrava em adiantado estado de gravidez. De branco e de grinalda O prelado observava o estado avantajado da noiva, mas, na sua discrição, tudo realizou como se nada houvesse notado. Também não comentou com ninguém a sua desconfiança. Após alguns meses estava de volta ao mesmo lugar, e uma das nubentes se apresentava com o filho, já bem taludinho, para ser batizado. Ao reconhecer a mãe, D. Eliseu apenas observou:

— Bem percebi no dia do casamento que a “garrincha” estava choca!...

VAI TER BRIGA

Na velha Paracatu era costume colocar cartaz do filme do dia junto aos postes das ruas principais. Geralmente nas travessas. E todo o posteamento de energia elétrica situava-se no meio da rua. Era uma quinta - feira de “Corpus Christi”. A procissão costumava realizar-se após a solene missa das 10 horas. Presentes todos os alunos das escolas estaduais e particulares. As ruas enfeitadas. As janelas das residências ostentavam as mais bonitas toalhas e ricas jarras ornamentais. O bispo conduzia o belo ostensório, com a sagrada espécie, sob o pálio creme, carregado pelas principais autoridades locais. A frente, os coroinhas tocando a campainha e balançando os turíbulo fumegantes. Segurando a capa de asperges do bispo, iam dois sacerdotes. Cantavam e rezavam o terço. Contrição geral. Os olhos perspicazes de D. Eliseu vão ler no cartaz: “Dois Marujos para uma Mulher”.

Interrompeu, de imediato, a oração e comentou:

— Hoje vai ter briga no cinema...

“DIABO” COM OVO

Chegando à fazenda Forquilha do Espinho, lá pelos idos de 1930, apareceram D. Eliseu e Cabrito num rancho muito aseado. Não tinham mais condições de prosseguir viagem. Ali haveriam de pousar, para no dia seguinte prosseguir a jornada. Também estavam com muita fome. O dono, muito solícito, preparou-lhes uma refeição. E o velho, que se achava sozinho, trouxe duas cuias muito alvas, uma contendo ovo cozido e outra quiabo. D. Eliseu não conhecia quiabo.

— Como não tenho outra coisa para oferecer-lhes, está aqui um quiabo com ovo.

D. Eliseu, espantado, pergunta para Cabrito:

— Como se come o “diabo”?!

— O senhor não entendeu, D. Eliseu. É quiabo.

— Tiabo?

— Não. É qui-a-bo.

— Ah, sim, quiabo! !...

— Comeu a fartar-se do prato tão carinhosamente preparado pelo cortês caboclo, naquele sertão pobre até de alimentação. E, ao terminar a refeição, observa para Cabrito:

— Mas não é que até que é bom o tal “diabo” com ovo! !...

MUITO RÁDIO

Havia um movimento no país, nos idos de 1945 a 1950, contra a radioatividade. E os estudantes saíram por este mundo de Deus a coletar assinaturas. E tudo faziam, em cada



D. Eliseu e seu fiel companheiro, Cabrito, saindo com a tropa para um giro de desobriga. Aqui já de sua última residência em Paracatu, rua Eduardo Pimentel, esquina com o largo da Matriz.

lugar que chegavam, para pegar como primeiro signatário a pessoa mais importante e mais querida do lugar. Pois, daí tudo seria

facilitado. Um grupo desses estudantes chegou a Paracatu. Logo se certificaram de que os mais importantes do lugar, o mais querido era o bispo prelado. E eles foram à missa celebrada por D. Eliseu. Aguardaram o término para solicitar a assinatura do prelado.

D. Eliseu, ali da sacristia mesmo, convidou-os a tomar café. Não deixava que eles expusessem a sua idéia. Sempre estava oferecendo mais café e mais leite. Todas as vezes que o chefe do grupo começava a falar-lhe sobre a radioatividade e os seus malefícios para a humanidade, D. Eliseu oferecia-lhes novamente, café. E assim foi até quando, num dos intervalos, o chefe do grupo lhe assegurou:

— V.Exa. deveria assinar para exemplo do povo.

Neste momento, então D. Eliseu, vendo que não tinha mais por onde fugir, foi respondendo:

— Pelo que compreendi, o que vocês disseram para aqui não é muito próprio, porque aqui existe muito rádio e muito pouca atividade.

TODOS IGUAIS

D. Eliseu sempre gostava de pregar ao povo de uma maneira muito simples e direta. Aliás, de acordo com o seu próprio modo de viver. Certa vez, numa missa dominical, na igreja catedral, já alquebrado pelos anos, recostado ao altar, falava sobre a vaidade e mostrava aos fiéis, que, depois de mortos, os nossos corpos se igualariam nas sepulturas. O que nos diferenciaria seria o nosso modo de viver de acordo com os mandamentos de Deus. Precisávamos praticar as boas ações; então sempre seríamos lembrados, mesmo depois de mortos, e distinguidos dos demais concidadãos. E para exemplificar este fato da igualdade dos corpos após a morte, chamou a atenção dos presentes:

— Um dia morreu D. Eliseu, o prelado de Paracatu, e morreu D. P., um cachaceiro inveterado. Ambos são enterrados. Passados alguns anos, abrem a sepultura de D. Eliseu e a sepultura de D. P. Misturam os ossos e perguntam para alguém que conheceu, em vida Dom Eliseu e D. P. Separe os ossos de D. Eliseu dos de D. P. Não consegue. Por que? Todos são iguais. Ficaram só as caveiras. Então, o que adiantou a vaidade. Tanto faz ser um bispo como um cachaceiro, não é mesmo?

FALOU DEMAIS

Isto aconteceu pelos idos de 1960. As missas de D. Eliseu eram muito lentas e ele falava pausadamente. Mais de uma hora gastava-se para celebração e pregação. Foi na missa das dez horas. A igreja estava cheia. E um clérigo ali estava ajudando a sua missa. Durante a homilia, o clérigo foi à sacristia e por lá demorou uns 20 minutos. Quando voltou, instintivamente, olhou as horas no relógio. D. Eliseu percebeu:

— O Antônio já vem olhando o relógio e com isto quer dizer que já falei demais.

E terminou:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

UM BOM ALMOÇO

Foi em Patos de Minas. O núncio apostólico, D. Lombardi, fazia uma visita oficial. Corria o ano de 1958. Havia muitas autoridades presentes, D. Eliseu também viera de sua prelazia para estar com o núncio. Entre as diversas solenidades, houve missa campal à porta da catedral, às 10 horas, com assistência dos

bispos e autoridades. As cerimônias foram muito demoradas. Após a celebração, houve pronunciamentos de discursos. A seguir, todos se dirigiram para o almoço a ser oferecido pela diocese ao núncio, D. Armando Lombardi, e às autoridades eclesásticas, civis e militares.

D. Eliseu lá estava, já cansado e suado sob a canícula do sol de agosto. Um padre percebe a canseira do velho bispo e chega até ele:

— Como é, está cansado, sr. bispo?

— É, para ganhar um bom almoço a gente precisa agüentar muito desaforo...

INVEJA E MENTIRA

Isto foi no dia de sua despedida de Paracatu. Foi em 27 de agosto de 1962. No dia 26 houvera a posse do primeiro bispo diocesano, D. Raimundo Lui, e a instalação da diocese. O velho prelado achou melhor deixar a sede episcopal para maior liberdade de ação do novo bispo. Não queria ser empecilho. A sua humildade e seu espírito de sacrifício assim determinaram. Já tinha o endereço certo: iria para o convento de Teresópolis, no Estado do Rio.

Os paracatuenses prestaram-lhe uma significativa homenagem. Não queriam que ele fosse, mas também compreendiam e aceitavam a situação. Vários oradores se pronunciaram/ os oficiais e os de palavra franca. Entre estes, o Dr. José Adjuto Filho, prefeito de Unaí. E a praça estava cheia. Havia mais gente que no dia anterior, o da posse de D. Raimundo. O Dr. Adjuto Filho iniciou suas palavras lembrando fatos de infância, como coroinha de frei Carmelo e de D. Eliseu. Destacou a bondade de D. Eliseu com os coroinhas, principalmente quando perseguidos por Frei Carmelo por causa do roubo inocente do vinho que sobrava nas galhetas após a missa.

D. Eliseu, como de praxe, foi o último orador. E iniciou o seu agradecimento afirmando:

— Dom Raimundo deve estar com inveja, porque hoje tem muito mais gente aqui do que ontem. E entre todos os oradores, todo mundo mentiu. Somente o Dr. José Adjuto falou a verdade. Também deve ter sido a primeira vez que ele confessou...



D. Eliseu celebrando missa campal, em Guarda - Mór

VOU CONVERSANDO COM ANA

D. Eliseu esperava a velha jardineira à beira da estrada. Ela vinha de Patos de Minas. Estava cheia. Apenas um lugar vazio, lá na "cozinha". Assim que D. Eliseu entrou, muita gente se levantou e ofereceu melhor lugar ao venerando e querido bispo. E ele, com aquela sua simplicidade, e voz bem macia e lenta:

— Não, muito obrigado. Eu vou muito bem aqui, conversando com A. de C.

OLHE A SUA VIDA

Foi no correio, quando funcionava na rua de Goiás, esquina com a rua Samuel Rocha. Naquele tempo costumava-se buscar correspondência no correio. Mais ou menos umas três horas da tarde: D. Eliseu lá chegou e encontrou-se com B. C. E o velho C. cumprimentou o bispo festivamente:

— D. Eliseu, há quanto tempo não o vejo. O senhor, quase da mesma idade que a minha, muito mais novo e cheio de vida que eu. Qual é o segredo?

— C., olhe a sua vida e a minha... Este é o segredo.

E os funcionários do correio riam a bom valer, lá do outro lado, no seu campo de trabalho, certamente esperando uma contra-observação de B. C.

ELA É AUTÊNTICA

No "puxa-faca" da rua do Piolho, uma pobre meretriz encontrava-se às últimas. Mostrou desejo de confessar-se e ser ungida. Foram atrás dos padres. Tiveram receio de que não quisessem ir até lá por causa do ambiente. Mas, para cumprir o seu dever, não havia lugar que tolhesse D. Eliseu. Era já tarde da noite. Alguns homens na esquina observando tudo. D. Eliseu cumprimentou e continuou seu caminho para cumprir a sua obrigação sacerdotal. Foi, ouviu a moribunda em confissão ungiu-a. E saindo, os homens lá se encontravam. D. Eliseu percebeu o espírito de zombaria deles. Aproximou-se e foi logo dando, ali na boca da zona, aquele tapa de luva:

— Estão estranhando este gesto do bispo. Ele veio dar assistência a uma mulher autêntica e vocês... são autênticos?

JÁ ERA ACOSTUMADO

Foi na velha catedral. Realizava-se o casamento de dois irmãos no mesmo dia e no mesmo horário. Eles vinham de longe, havia muito pouca gente na igreja. D. Eliseu mandou que se postassem devidamente diante do altar para dar início às cerimônias. Houve um que deu muita dificuldade. Não se portava devidamente. Custava muito a compreender o que o bispo falava. No momento em que vai tomar conhecimento dos nomes no processo, logo vê que um era viúvo e outro solteiro. Era justamente este que não se portava devidamente. E D. Eliseu virou para o viúvo com a observação:

— Por isso você acertou tudo. Logo vi, já era acostumado.

SUADOR

Procissão do Encontro, rua das Flores com largo da Matriz. O orador oficial era o padre frei Atanásio Maatmam. D. Eliseu vinha sob o pálido, acompanhando a procissão de Nosso Senhor dos Passos, que saía da igreja do Rosário. Da matriz saía a imagem de Nossa Senhora da Soledade. E ali, justamente na esquina da casa de Nequinho Neiva, colocava-se o púlpito. Na hora do encontro, o sacerdote fazia o seu sermão para todo o povo que lotava a dependência da praça e da rua. E D. Eliseu continuou sob o pálido para ouvir a pregação. Em dado momento enlevado pela sua brilhante oratória, fr Atanásio disse:

— ... e Nossa Senhora com sua dor...

D. Eliseu, já com o ouvido aguçado para os cacófatos da língua, foi logo repetindo para os que o circundavam:

— ... com suador... com sua dor...

CAIXA DA PROPAGANDA

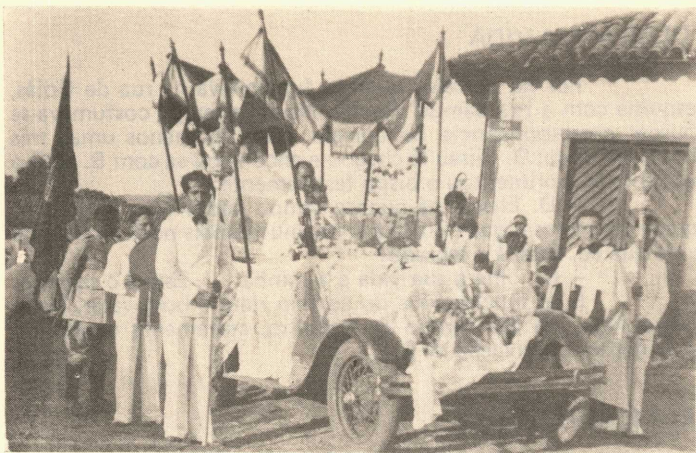
Antes das reformas conciliares, os bispos religiosos tinham as suas batinas e suas capas magnas de acordo com as cores dos hábitos de sua ordem. Os carmelitas possuíam a batina marrom e a capa era creme. Apenas o solidéu é que se usava da cor lilás. Enquanto isto, os bispos do clero secular usavam batinas pretas com frisos e botão lilases, faixa e meias também lilases.

No Rio de Janeiro, em 1955, durante o Congresso Eucarístico Internacional, um senhor conversava com D. Eliseu e perguntava se era bispo. Ao obter a resposta afirmativa, inquiriu:

— Por que a sua batina não tem botões nem frisos roxos e a sua faixa também é marrom?

D. Eliseu, prontamente, respondeu:

— Porque eu não sou caixa de propaganda de tinta.



D. Eliseu conduzindo, em carro andor, o Santíssimo numa procissão de Corpus Christi. À direita vê-se Frei Brocardo Stokhof.

ISTO NÃO É ALMOÇO

Na distribuição da comunhão, naquele tempo, o celebrante movimentava-se e os fiéis ajoelhavam-se em toda extensão da mesa. Alguns imprudentes queriam o lugar do outro, empurrando. O bispo parava e logo ia dizendo:

— Isto aqui não é almoço, não. Tem pra todo mundo.

O GORDO E O MAGRO

la passar um excelente e famoso filme sobre a vida de Cristo na cidade. O proprietário do cinema, por gentileza, manda um convite especial para D. Eliseu. D. Eliseu agradece o convite com a seguinte observação:

— Fiquei muito satisfeito com o convite. Mas diga ao Rui que a vida de Cristo eu já conheço. O dia que tiver filme de "O Gordo e o Magro", pode mandar-me avisar que eu vou.

Realmente, além de ir aos filmes de "O Gordo e o Magro", ainda levava os coroinhas, pagando-lhes a entrada. Aliás, D. Eliseu tinha um carinho muito grande para com os coroinhas. Mandava sempre reservar frutas para a meninada e, nas quintas-feiras, o Cabrito tinha que trazer animal da chácara para levar os coroinhas a fim de se divertirem.

FESTA SEM CRIME

Anualmente, D. Eliseu procurava estar presente à romaria da Lapa em Vazante. Com a afluência de pessoas, havia muita gente que até lá se dirigia, não por fé, mas para explorar comércio. Muitos até eram bandoleiros, arruaceiros. Por isso mesmo, costumava sempre haver um crime. E quando se comentava sobre o crime na Lapa, D. Eliseu acrescentava:

— Você já viu festa na Lapa sem crime? Se não há assassinato, não houve festa.

O AVAL

Sempre que a prelazia tinha precisão de dinheiro emprestado do banco, o sr. Raul Botelho era um dos avalistas. De certa feita, D. Eliseu mandou chamá-lo em sua residência para avalizar. Havia muito tempo que sr. Raul não se encontrava com o bispo. Foi atender a seu chamado com a máxima presteza. Lá chegando, assinou a promissória que lhe foi apresentada. Julgou oportuno o momento para um bate-papo com D. Eliseu. Mas este estava muito atarefado com seus afazeres. E quando percebeu a intenção de sr. Raul Botelho, foi estendendo-lhe a mão, dizendo:

— Muito obrigado, siô Raul. Mandeí chamá-lo para o senhor avalizar a letra para mim. Até logo! foi deixando o sr. Raul na sala e entrando para o escritório.

AQUI NÃO É "PUXA-FACA"

Foi uma época difícil. A prelazia mantinha uma conta na farmácia Santiago. E as finanças não andavam muito boas. Por isto mesmo via-se na contingência de atrasar os seus compromissos comerciais. Por sua vez, a farmácia também deve ter

feito um levantamento dos devedores, a fim de arrecadar para colocar seus compromissos em dia. Entre eles estava a dívida da prelazia. Não regatearam; mandaram que o empregado lá fosse, pedindo desculpas, cobrar. Quando o cobrador bateu à porta, foi D. Eliseu quem atendeu:

— Siô Pedro mandou pedir desculpas pelo incômodo, mas é que ele está apertado e mandou que eu viesse aqui receber esta conta do senhor.

D. Eliseu, com toda simplicidade e naturalidade, mandou dizer ao Pedro:

— Diga ao Pedro que eu não paguei ainda porque não tenho dinheiro.

Aqui não é "puxa-faca", que tem renda garantida . . .

QUEM VAI MORRER?

Era começo de 1966. Nos primeiros dias do ano D. Eliseu já se encontrava no fim. Ele tinha consciência disto. Os paracatuenses o haviam buscado em Teresópolis. Ele não podia morrer em terra estranha. Isto deveria acontecer em sua terra, no meio de seu povo. D. Raimundo tratava-o com todo carinho e amor. O povo, sempre preocupado com o estado de saúde do velho prelado, que havia completado 85 anos em 29 de dezembro. As visitas estavam proibidas, por ordem médica. De vez em quando, para satisfazer alguma pessoa mais íntima de D. Eliseu, Dom Raimundo ainda permitia uma visita muito rápida. E entre estas visitas, houve a de uma senhora muito piedosa, mulher do povo, que tinha profunda admiração por D. Eliseu. Ao vê-lo, ali na cama, sem forças, pálido, nada disse. Começou a chorar. E, diante das lágrimas da velha, D. Eliseu perguntou:

— Por que chora? Quem vai morrer, você ou eu?



D. Eliseu discursando, em 21 de junho de 1953, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, quando da visita do governador Juscelino Kubitschek a Paracatu.

IRONIA DA SORTE

Não faz muito, viajando pelo nordeste brasileiro, em Cajazeiras, ao tomar o ônibus que me conduziria a João Pessoa, na Paraíba, vi entrando no coletivo um matuto de seus presumíveis sessenta anos.

Trajava roupa grosseira, usava alparcatas, carregando vestimentas usadas num sumburá.

Certamente, deixava a roça, em direção à capital.

Risonho e tranqüilo, ocupou o seu lugar, tentando levar sobre os joelhos uma gaiola com diversos pássaros dentro: canários, pintassilgos, papa-capins. . .

Sálfmos, sem maiores novidades.

A certa altura, o motorista que não achava graça nenhuma nos pobres passarinhos, ordenou ao trocador que chamasse a atenção do passageiro ornitólogo.

Tão mansas eram as avezinhas que, mesmo presas e sob a canícula, quase quiseram cantar.

Chegados que fomos à primeira cidade nordestina depois de Cajazeiras, o motorista, cada vez mais implicado com o velho roceiro, o obrigou-o a desocupar o carro, com passarinhos, gaiola e tudo, alegando as leis do código de trânsito.

Dizia, cuspinhando: "O regulamento não permite. Cai fora, velho".

E após muita discussão com o tabaréu, o chofer para acabar com o esplim do capiau, meteu o pé no acelerador e... adeus!

Na gare da estaçãozinha rodoviária ficou o pobre coitado do candango, espumando de raiva e parecendo mais fantasma ou espantalho de arrozal.

Antes, o jeca adulara, suplicara e pedira até pelo amor de Deus.

O motorista furo de raiva e rilhando os dentes, berrava: "Não, não e não!"

O matuto já não fazia questão de pagar, integralmente, a passagem dos passarinhos.

Mesmo pagando, os bichinhos eram indesejáveis. Não podiam viajar de ônibus, nem mesmo no porta-

malas.

Dura lex, sed lex! A lei é dura, mas é lei!

E não viajaram mesmo.

Passados alguns anos, recordei-me do episódio de Cajazeiras nos velhos sertões do Urucuia (como mais adiante se verá).

O senhor bispo de Paracatu, Dom Eliseu, de saudosa memória, em suas andanças missionárias, dizem que, certa vez, resolveu levar no ônibus, dentro de uma caixa de papelão, um luluzinho-filhote que ganhara de um amigo fazendeiro.

O cãozinho começou logo a choramingar dentro do veículo e não tardou em chamar a atenção dos passageiros e do motorista.

O condutor, sem mais aquelas, procurou descobrir o dono do animalzinho.

"E meu - disse o senhor bispo. Achei que pudesse levá-lo comigo, pois a distância é de, apenas, vinte quilômetros até a cidade".

Com ar trocista, retrucou o condutor: "Mesmo que fosse de um quilômetro, a empresa não consente isso".

E o eminente prelado acabou descendo da lotação para evitar maiores aborrecimentos.

A margem da estrada, morto de fadiga e derretendo-se de calor, com bagagem e o cahorrinho, esperou S.Exa., pa-

chorramente, alguma outra condução que o levasse a Unaí (mais adiante direi em que condições).

Pouco tardou em aparecer um caminhão vazio que levou o velho prelado ao seu destino.

Entretanto, a dez quilômetros dali, S.Exa., com surpresa, foi encontrar o malfadado ônibus que o despejara em pleno cerrado.

Tudo vem ao seu tempo, é bastante saber esperar.

O chofer do caminhão estacionou logo e foi perguntando ao motorista do ônibus:

— Qual é o galho?

— Pneu traseiro furado, respondeu. Preciso trocá-lo, mas não tenho chave-de-rodas. Quer emprestar-me a sua?

— Perfeitamente.

Desceram. O motorista da lotação disse que a operação demoraria bem, uns trinta minutos.

— Estou tendo a honra de conduzir o senhor bispo, D. Eliseu. Se ele não fizer questão, esperarei.

Ouvindo o diálogo, S.Exa., atalhou logo:

— Arrume o pneu do ônibus e, depois, nos mandaremos.

E o senhor bispo ainda conversou, alegremente, com todos.

Distribuiu de seu farnel episcopal doces, frutas e balas a diversas crianças, adultos e aos próprios condutores da tal empresa rodoviária, sem aludir sequer, com uma palavrinha, ao que acontecera.

Nem sempre o dura lex sed lex funciona na prática. Afinal de contas, foi divertida essa viagem.

Bela lição, digna de pena de um outro frei Luís de Sousa, não na "Vida do Arcebispo", mas, In Memoriam de um humilde prelado.

Quem estas linhas subscreve, se sente muito à vontade, para vir, de público, prestar a D. Eliseu, santo bispo de Paracatu, a sua póstuma e merecida homenagem, por ter sido ele quem era.

(Transcrito da "Gazeta de Patrocínio - Patrocínio (MG) 15/9/1974).

Patrocínio, 8 - 09 - 74



Terresópolis 5 de Set.º de 1964.

Prezado Amigo Antonio Oliveira Mello.

*Muito obrigado pela participação do seu
novo do Sr. e Senhora Nilsa e Franco, con-
traído com a benção de seus pais no dia
e q do amor passado. Peço-lhe de aceitar
os meus sinceros votos de felicidade e de
transmitir-lhes aos seus pais e os da noiva
Aproveito esta ocasião de dar-lhe os meus
parabéns pela obra histórica "Paracatu pe-
rante a história", que me revelou a grande
importância da cidade sertaneja na
qual passei trinta e três anos, cujo povo
cheguei a estimar e que por estes dias um
padre daqui do Convento de Teresópolis
foi classificada "sua terra" e este pronome
"sua" sou eu, que com todo respeito e de
feliz lembrança da terra de Paracatu
assina esta carta.*

*+ Rev. Eliseu van de Meijer, Ord. Cam.
Bispo Tit. de Goiás e Vigário do
Bispado de Teresópolis*

DOCUMENTAÇÃO

UM GRANDE DIA DE PARACATU. A CHEGADA TRIUNFAL DE D. ELISEU, NOSSO AMADO PRELADO. O INÍCIO DAS FESTAS. AS NOSSAS NOTAS.

Hebdomadário
Noticioso e
Independente

A Renascença

Interessado
pel município
de Paracatu

Redactor: Bernardo Caparacho de Mello Franco.

—COLLABORADORES DIVERSOS. PROPRIEDADE E GERENCIA DE JOSE RODRIGUES DE OLIVEIRA—

ANNO I | PARACATU, DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 1929. | Nº 46

UM GRANDE DIA DE PARACATU

A chegada triumphal de D. Eliseu, nosso amado prelado. O início das festas. As nossas notas.

Na quarta-feira, 31, a nossa católica cidade teve um dos seus maiores dias. Chegou, entre vivas, bênções e preces dos fervorosos corações católicos, o primeiro Prelado da recém-criada Prelazia de Paracatu, D. Eliseu van de Weijer, acompanhado de seus auxiliares frei Henrique Ciulli que desempenha as funções de Visitador Apostólico e mais frei Carmelo Lambooy, frei Miguel Jonkers e frei Romeu Arcaño.

O coração desta terra hospitaleira exultou por ver conferida tamanha distinção por parte da Santa Sé Apostólica, e sentiu que se lhe abria um caminho novo pela estrada da salvação, de acordo com a fé universal dos nossos maiores. O dia 31 de julho, em todas as almas há de marcar uma etapa triunfante, na conquista das verdades religiosas e será o aureo marco de grandes conquistas espirituais.

A CHEGADA DO NOSSO venerando Prelado, Sr. Excia. Reverendíssima D. Eliseu van de Weijer ao Corrego Rico deu-se precisamente às 4,10 minutos, sendo recebido na casa de fazenda do Cel. Osório Botelho por numerosa e selecta commissão, representando o povo de Paracatu. Desta commissão faziam parte o Exmo. Sr. Dr. Assis Rocha, Meretíssimo Juiz de Direito da Comarca, Dr. Joaquim Brochado, prestigioso medico e acatado chefe politico, Dr. Queiroz Lima, Director da Escola Normal, Sr. Joaquim Santiago, Júlio Carneiro, Antonio Brochado, Anibal Botelho, Pedro Santiago, Osório Botelho, Gastão Lepesqueur, Romero Lepesqueur e outras pessoas gradas.

Ali demorou por algum tempo S. Excia. Reverendíssima, aguardando outros componentes da comitiva de paracatuenses que o fora encontrar em Patos, e alguns dos seus auxiliares. Nesse intervalo foi servida aos presentes uma mesa de café e doces, sendo batidas varias chapas photographicas registrando interessantes aspectos da chegada.

Logo após este pequeno repouso, organizado o numeroso cortejo de automóveis, tendo à frente um carro descoberto em que vinha D. Eliseu, demandou a cidade, por entre vibrantes toques dos sinos de todas as igrejas e multiplas girândolas de foguetes, e fortes morteiros que atiravam os ares. O cortejo entrou pela estrada d'Abadia, onde houve um alto, de alguns minutos, tendo o nosso amado antífiste oportunidade de dar a mão a beijar às numerosas pessoas do povo, que cercaram o seu automovel, com o maior respeito e a máxima compunção religiosa, sendo de notar o numero de fiéis que, de joelhos, faziam fervorosas preces pela felicidade pessoal do nosso amado pastor.

Dali, por entre a mais viva alacridade dos ares onde rebentavam, de momento a momento, foguetes e bombas, e por entre bem arranjados arcos demandou o cortejo episcopal à Esplanada do Rosário, onde uma massa popular

calculada em duas mil pessoas, aguardava a chegada de D. Eliseu.

Ahi afinadíssima, tocava à Philarmônica Fraternidade, sob a regência do Sr. Mathias Mundim.

Descendo do automovel episcopal, recebeu o augusto sacerdote a primeira oração de felicitações, feita pelo conhecido Professor Afonso Roquete que disse da alegria de todos os corações nesta terra de tradições pela chegada augural do seu grande guia espiritual.

Em seguida, visivelmente emocionada, falou, em nome da mocidade católica de Paracatu e no da classe de catecismo, sob sua direcção, a intelligente senhorita Francisca Ulhoa, que teve expressões muito felizes, trazendo marcada emoção e lagrimas de alegria aos olhos de todos que tiveram a felicidade de ouvir as suas palavras, certamente inspiradas por Deus, e repassadas da mais fervente união religiosa. Fez, com largueza e brilho, o historico das preferencias celestiais pela ordem Carmelita, a que pertence o nosso amado D. Eliseu, e assignalou a sua grande missão na conversão das almas e no conduzir o rebanho católico ao seio de Deus. Ao terminar a oração, foi vivamente aplaudida.

Depois das boas vindas da cidade, dadas pelos seus intérpretes, penetrou D. Eliseu na igreja da Rosário, onde se paramentou, saindo então sob o pálido, acompanhado de grande massa popular que cantava hymnos, em direcção à Matriz. O cortejo seguiu pela rua de Goiás, Travessa do Amparo e Rua das Flores, chegando por fim ao nosso grande templo, que foi pequeno para conter a enorme multidão. Ahi sendo, fez do altar mor, Sua Excia. Reverendíssima a sua pratica ao Povo Paracatuense, assignalando com grande felicidade de expressão, a sua santa missão, e os seus agradecimentos pela grande manifestação de jubilo que percebia em todas as fisionomias, acrescentando que muito se devia para este imenso beneficio, à nossa cidade, à intervenção do grande filho desta terra, o Eminente Embaixador Sr. Dr. Afrânio de Mello Franco.

Depois, convidou Sua Excia. Reverendíssima o povo que enchia a nave, tribunas e corredores a uma prece, abençoando em seguida todo o seu innumeravel e piedoso rebanho.

Conduzido ainda por todo o povo, que o seguia com as maiores mostras de veneração e carinho, seguiu D. Eliseu para o palacete onde ficou hospedado, na rua do Ávila. Durante a noite foi consideravel o numero de visitas, do que a nossa sociedade tem de mais representativo, que recebeu o nosso amado pastor.

Na quinta-feira, 1º de Agosto, foi celebrada a primeira missa, sendo inculcavel o numero de fiéis que accorreu ao toque, desde algum tempo esquecido, dos nossos sinos. A igreja apresentava um aspecto que bem demonstra o grau elevado do nosso sentimento católico, e o fervor das almas paracatuenses entregues às preces.

NOTAS: Compareceu, incorporado, tendo à frente a sua proveta Directora D. Olindina Loureiro, e o corpo docente, o "Grupo Escolar Afonso Arinos".

A nossa Escola Normal por se achar em ferias, deixou de comparecer incorporada, sendo presente apenas por menos de um terço do seu corpo docente, que espontaneamente appareceu na solemnidade, muito auxiliando no

Fac-símile do Jornal "A RENASCENÇA" de 1929

Na quarta-feira, 31, a nossa católica cidade teve um dos seus maiores dias. Chegou, entre vivas, bênções e preces dos fervorosos corações católicos, o primeiro prelado da recém-criada prelazia de Paracatu, D. Eliseu Van de Weijer, acompanhado de seus auxiliares frei Henrique Ciulli que desempenha as funções de visitador apostólico e mais frei Carmelo Lambooy, frei Miguel Jonkers e frei Romeu Arcaño.

O coração desta terra hospitaleira exultou por ver conferida tamanha distinção por parte da Santa Sé Apostólica e sentiu que se lhe abria um caminho novo pela estrada da salvação, de acordo com a fé universal dos nossos maiores. O dia 31 de julho, em todas as almas há de marcar uma etapa triunfante, na conquista das verdades religiosas e será o aureo marco de grandes conquistas espirituais.

A chegada do nosso venerando prelado, Sua Exa. Reverendíssima D. Eliseu Van de Weijer ao Corrego Rico deu-se precisamente às 4,10 minutos, sendo recebido na casa de fazenda do Cel. Osório Botelho por numerosa e seleta commissão, representando o povo de Paracatu. Desta comissão faziam parte o Exmo. sr. dr. Assis Rocha, Meretíssimo Juiz de Direito da Comarca, dr. Joaquim Brochado, prestigioso medico e acatado

chefe político, dr. Queiroz Lima, Diretor da Escola Normal, srs. Joaquim Santiago, Júlio Carneiro, Antônio Brochado, Aníbal Botelho, Pedro Santiago, Osório Botelho, Gastão Lepesqueur, Romero Lepesqueur e outras pessoas gradas.

Ali demorou por algum tempo S.Exa. Revendíssima, aguardando outros componentes da comitiva de paracatuenses que o fora encontrar em Patos e alguns dos seus auxiliares. Nesse intervalo foi servida aos presentes uma mesa de café e doces, sendo batidas várias chapas photographicas registrando interessantes aspectos da chegada.

Logo após este pequeno repouso, organizado o numeroso cortejo de automóveis, tendo à frente um carro descoberto em que vinha D. Eliseu, demandou à cidade, por entre vibrantes toques dos sinos de todas as igrejas e multiplas girândolas de foguetes, e fortes morteiros que atiravam os ares. O cortejo entrou pela estrada d'Abadia, onde houve um alto, de alguns minutos, tendo o nosso amado antífiste oportunidade de dar a mão a beijar às numerosas pessoas do povo, que cercaram o seu automovel, com o maior respeito e a máxima compunção religiosa, sendo de notar o número de fiéis que, de joelhos, faziam fervorosas preces pela felicidade pessoal do nosso amado pastor.

Dali pois entre a mais viva alacridade dos ares onde rebentavam, de momento a momento, foguetes e bombas, e por entre bem arranjados arcos demandou o cortejo episcopal à esplanada do Rosário, onde uma massa popular calculada em duas mil pessoas, aguardava a chegada de D. Eliseu.

Aí afinadíssima, tocava a Filarmônica Fraternidade, sob a regência do sr. Mathias Mundim.

Descendo do automovel episcopal, recebeu o augusto sacerdote a primeira oração de felicitações, feita pelo conhecido professor Afonso Roquete que disse da alegria de todos os corações nesta terra de tradições pela chegada augural do seu grande guia espiritual.

Em seguida, visivelmente emocionada, falou, em nome da mocidade católica de Paracatu e no da classe de catecismo, sob sua direcção, a intelligente senhorita Francisca Ulhoa, que teve expressões muito felizes, trazendo marcada emoção e lagrimas de alegria aos olhos de todos que tiveram a felicidade de ouvir as suas palavras, certamente inspiradas por Deus, e repassadas da mais fervente união religiosa. Fez, com largueza e brilho, o historico das preferencias celestiais pela Ordem Carmelita, a que pertence o nosso amado D. Eliseu, e assignalou a sua grande missão na conversão das almas e no conduzir o rebanho católico ao seio de Deus. Ao terminar a oração, foi vivamente aplaudida.

Depois das boas vindas da cidade, dadas pelos seus intérpretes, penetrou D. Eliseu na igreja do Rosário, onde se paramentou, saindo então sob o pálido, acompanhado de grande massa popular que cantava hinos, em direcção à matriz. O cortejo seguiu pela rua de Goiás, travessa do Amparo e rua das Flores, chegando por fim ao nosso grande templo, que foi pequeno para conter a enorme multidão. Ahi sendo, fez altar-mor, Sua Exa. Reverendíssima a sua pratica ao povo paracatuense, assignalando com grande felicidade de expressão, a sua santa missão, e os seus agradecimentos pela grande manifestação de jubilo que percebia em todas as fisionomias, acrescentando que muito se devia para este imenso beneficio, à nossa cidade, à intervenção do grande filho desta terra, o eminente embaixador sr. Dr. Afrânio de Mello Franco.

Depois, convidou Sua Exa. Reverendíssima o povo que enchia a nave, tribunas e corredores a uma prece, abençoando em seguida todo o innumeravel e piedoso rebanho.

Conduzido ainda por todo o povo, que o seguia com as maiores mostras de veneração e carinho, seguiu D. Eliseu para o palacete onde ficou hospedado, na rua do Ávila. Durante a noite foi consideravel o numero de visitas, do que a nossa sociedade tem de mais representativo, que recebeu o nosso amado pastor.

Na quinta-feira, 1º de agosto, foi celebrada a primeira missa, sendo inculcavel o número de fiéis que accorreu ao toque, desde algum tempo esquecido, dos nossos sinos. A igreja apresentava um aspecto que bem demonstrava o grau elevado do nosso sentimento católico, e o fervor das almas paracatuenses entregues às preces.

NOTAS: Compareceu, incorporado, tendo à frente a sua proveta directora D. Olindina Loureiro, e o corpo docente, o "Grupo Escolar Afonso Arinos".

A nossa Escola Normal, por se achar em férias, deixou de comparecer incorporada, sendo presente apenas por um terço do seu corpo discente, que espontaneamente apareceu na solenidade, muito auxiliando no canto de hinos e preces de religião.

Tem sido considerável o número de casamentos e batizados e outros sacramentos que tem ministrado a missão carmelita que acompanha o nosso venerando pastor.

É muito para regozijar, e bem diz do grau de cultura e da boa fama que goza o povo desta culta cidade, que nenhum acidente se haja registrado apesar da enorme quantidade de forasteiros, vindos de todos os recantos do município, para assistir às festas, sendo muito de observar a perfeita ordem e completa calma que se notaram em todas as oportunidades, por maior que fosse a afluência de fiéis.

Ainda um motivo para dar parabéns ao povo ordeiro desta terra feliz.

Continuaremos a registrar as notícias referentes à instalação da prelazia, e noutro lugar desta edição, daremos o programa das solenidades de domingo, data marcada para a imposição das insígnias prelatícias a Sua. Exa. Reverendíssima, o que será feito por D. Henrique Ciulli, Visitador Apostólico.

(Nota do editor - Frei Henrique Ciulli não era visitador apostólico, mas vigário de Buenópolis.)

AFONSO ROQUETE

Comissão Promotora Saúda D. Eliseu na sua chegada

Em nome da Comissão Promotora da Prelazia de Paracatu, cujos destinos houve por bem S. Santidade o Papa em confiar-vos, tenho a honra de apresentar a V. Ex^a e aos distintos companheiros de jornadas evangélicas, respeitadas saudações de boas-vindas e ao mesmo tempo exprimir o seu regozijo, vendo converter-se em auspiciosa realidade uma das mais antigas e justas aspirações do sentimento católico deste povo: — o estabelecimento aqui de uma congregação que pela sua organização especial será segura garantia para o exercício regular da religião nesta longínqua terra.

Eis porque, Exm^o Sr. D. Eliseu, ficará memorável nos fatos da Igreja, entre suas novas ovelhas, a instalação dessa Prelazia, criada pela conjugação dos melhores esforços e a cujo serviço vindes como mensageiros da sublime religião que, através dos séculos, vem com os seus milhões de crentes, triunfalmente atestando a sua supremacia.

Sede pois bemvindo e que sobre vossas obras desçam as bênçãos do Senhor.

FRANCISCA ULHOA

A Saudação da Mulher Paracatuense aos Carmelitas no dia 31 de Julho de 1929.

Nos sagrados Cânticos lemos esta belíssima e tocante expressão: "O canto da cotovia se fez ouvir, ergue-te e vem porque o inverno passou."

Se bem que estas palavras sejam aplicadas às almas justas quando estão prestes a deixarem a terra, lugar de desterro e exílio, nós as ouvimos hoje, no íntimo dos nossos corações ciciados pela voz leve e cariciosa de uma brisa como um cântico do paraíso nos acordes de uma lira dedilhada pelos anjos e eles representam em nossas almas como um "carillon" alacre alvicaireiro, e festivo.

Conta-se nos anais da Ordem Carmelitana, cuja origem ascende até Elias, que este profeta iluminado viu numa nuvem simbólica a Ordem Carmelitana que lhe mostrou a Virgem Imaculada, e alentado por esta visão celeste, ele subiu até o sagrado Monte.

Na verdade a Rainha do Céu tem dado aos Carmelitas mostras carinhosas de sua maternal predileção. Reza a tradição que quando morava com seus pais, Joaquim e Ana na cidade de Sefora, ia sempre entreter-se com os solitários monges da Ordem dos Profetas em santas conversações.

Ama a Virgem Santíssima o Carmelo-ele era seu berço - sobre aquele cimo foi-lhe erigido o primeiro templo e Nossa Senhora amou sempre estremecidamente os P. Carmelitas, que são os apóstolos do culto Mariano. Como sinal especialíssimo de amorosa proteção Maria depôs o escapulário nas mãos do insigne Simão Stock, Geral da Ordem Carmelitana. Confortando-o anunciou-lhe o término das perseguições dos ímpios contra sua Ordem. Não faltaram prodígios para confirmar a verdade desta visão.

Os séculos, em letras de ouro, transmitiram as maravilhas dos carinhos de Maria; as nações de um a outro hemisfério, levantaram movimentos de amor filial à Rainha do Carmelo; centenas de milhares de favorecidos dizem das glórias, exaltam as graças, cantam os trinfos da Virgem Santíssima.

A ordem que Ela tem protegido e protegerá sempre mantém o culto mariano no mundo inteiro.

Transpondo oceanos têm os Carmelitas revestido do Santo Escapulário a inúmeros fiéis, levando a toda parte, com os sinais gloriosos da austeridade, a sentelha de amor que aplaca a justiça do Eterno e leva as almas para o céu.

Como Elias no sagrado Monte a Virgem do Carmo nos mostra hoje o que há tanto tempo nossos olhos ansiavam por ver: o nosso eminente prelado e seus mui dignos auxiliares, os Rvdmos, Padres Carmelitas.

O dia de hoje marca uma eferméride nos anais de nossa velha cidade e nesta hora de imenso júbilo todos os corações paracatuenses pulsam isocronos e uníssonos para vos saudar!

Viemos até aqui como um exército disciplinado saudar-vos e erguer aos céus de envolta com os votos pela vossa feliz permanência entre nós, em grande, entusiástico e comovido hosana! e o mais sincero agradecido e perene cântico de ação de graças, porque para nós se inicia hoje uma nova era de paz, de serenidade de religião.

Podemos também exclamar com S. Tomás d'Aquino, parodiando o Angélico Doutor no ofício dos SS. Sacramento: "Sacrís solemnís juncta sint gaudia, / Et esse praecordiis sonent preconia / Recedat vetera, nova sint omnia Corda, voces et opera. "Que o amor e alegria celebrem a porfia por piedosos transportes esta festa solene para trás o passado! que tudo se renove: os corações, as obras e as vozes".

Viemos trazer-vos as nossas boas. . . vindas e a afirmação da nossa boa vontade e de nossa alegria pela vossa chegada e a nossa cidade se engalanou para vos dar a sua melhor acolhida!

Tudo se nos afigura parvo e mesquinho para vos receber: bem sabemos que não viestes procurar aqui o conforto e o luxo que bem mereceis e que, infelizmente, vos não podemos dar, vós que por duas vezes sacrificais e vos exilais a fim de trabalhar para difundir a glória e o reino de Deus.

Primeiro, quando deixastes os vossos pais, os vossos lares, a vossa pátria e agora que deixais o vosso berço religioso para trazer aos ignorantes e às criancinhas a luz do Evangelho; ao pecador, o perdão, às almas esfomeadas, o nosso Deus escondido entre as brancas pétulas das açucenas eucarísticas, para expandir entre nós o santo reino de amor de Jesus.

Saudamos-vos, pois, como mensageiros do Altíssimo, como filhos da Excelsa Rainha do Carmelo, e como irmãos da tão meiga e querida Santa Teresinha, glória da vossa ordem e da França Católica.

Bem certos estamos de que foi a angélica santa, tão amada e invocada nos lares paracatuenses, que vos trouxe até nós. A ela pedimos que continue sempre a nos favorecer e a desfolhar sobre vossas fronteiras e vossos passos as suas mais belas e olentes rosas para amenizar a vossa missão por vezes tão árdua e espinhosa!

Aqui, todos reunidos, a população de Paracatu, representada por todas as suas classes sociais, osculamos o anel de V. Exa. Revd^{ma}. numa reverência repassada de respeito e veneração, e imploramos a vossa primeira bênção de pai e pastor. Abençoi-nos, e que, ao influxo de vossas mãos desabrochem e reverdeçam numa seara abençoada de paz e religião, uma magnífica florescência de todas as virtudes cristãs!

— Quis os céus que à mais insignificante e obscura paracatuense coubesse hoje a insigne e subida honra de vos saudar.

Era preciso que fosse uma oradora que soubesse manejar a opulenta e primorosa língua portuguesa tão rica de pompas e de galas e como não me reconheço à altura de traduzir os sentimentos de intenso júbilo e alegria de todos no momento em que pisais a primeira vez a terra paracatuense, confio a estas flores esta honrosa missão.

São humildes e singelas, mas pela sua fragância, pelos seus delicados matizes e nuances saberão melhor que eu falar-vos a expressiva e eloquente linguagem das boas vindas e por isso eu vo-las ofereço em nome da população paracatuense a uma só voz:

Viva Cristo Rei!

Viva a gloriosa Virgem do Carmo!

Viva Santa Teresinha.

Viva nosso Santo Padre Pio XI, gloriosamente reinante!

Viva nosso eminente antístite D. Eliseu e seus dignos auxiliares!

Viva a Ordem Carmelitana!"

*Uma lembrança Brasil.
de Roma e da
Hollanda envio
ao primeiro car-
melita, sacerdote, Pedro Tili Pedro.
da Prelazia. um
abraço. O. Carmo
Frei Eliseu
Bispo. Pul. São Paulo*

Fac-símile do reverso do cartão de D. Eliseu enviado de Roma, em 1950, a Frei Pedro Caxito, primeiro filho da então Prelazia de Paracatu, feito sacerdote carmelita em 1949. Frei Pedro é Vigário da Catedral de Paracatu desde 1966.



O missionário chega em um povoado da então Prelazia de Paracatu, no ano de 1930 (reprodução da revista "Karmelrozen").

DOM ELISEU VAN DE WEIJER 1930 - 1931

Informação aos holandeses sobre a terra, o povo e início da prelazia

O povo brasileiro, na sua origem uma mistura de índios e portugueses, é católico desde o berço. Os descobridores portugueses levaram, nos seus navios os pregadores da Santa Fé e, como fez Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil, plantaram na terra descoberta a cruz do Salvador.

O Marquês de Pombal conseguiu exterminar a Ordem dos Jesuítas, fechando as fundações desses homens extraordinários. Também conseguiu parar o trabalho de outros religiosos, como os franciscanos, beneditinos, capuchinhos e carmelitas e, pela sua mesquinhez, despojar o Brasil da assistência dos sacerdotes.

O país está cheio dos restos do trabalho desses zelosos missionários. Mas é um edifício inacabado. Aqui e acolá manifestam-se belas promessas de um futuro promissor. Mas até agora elas não foram cumpridas.

Um país sem padres entra em decadência no aspecto material e moral. Parece um jardim em que não se trabalha. Famílias, que fazem questão da religião, desaparecem como tenras plantas, que morrem por falta de cuidado. A erva daninha das paixões do homem cresce à vontade. Com razão dizia o Cura d'Ars: "Deixa uma paróquia vinte anos sem padre e o povo chega a um ponto de adorar animais."

O bispo de Corumbá acredita firmemente que uma grande bênção pousa sobre o povo brasileiro: é a fé firme, perseverante e simples do povo do interior. Na flora brasileira há o cacto, de extraordinária força vital, que deixa todo mundo perplexo: é o anacoreta entre as plantas. Ele cresce na mata, sem proteção, sem sombra e sem o mínimo de cuidado. Ele cresce na rocha, onde o musgo não consegue grudar. Como é possível? Sua semente brota em qualquer fenda, cria raízes, desenvolve-se e vive aí de pó, orvalho e ar. O sol abrasador seca e queima as plantas. O fogo consome a erva ressequida. Árvores seculares transformam-se em pó e cinza. Mas sobre a rocha em brasa o cacto continua crescendo.

No interior do Brasil acontece coisa semelhante com a fé popular. Os meios comuns, que a nossa Mãe, a Igreja, possui para guardá-la nos corações dos seus filhos, faltam a este povo. Falta a Palavra de Deus, porque ninguém a prega. Não se assiste às celebrações, porque é impossível chegar onde se celebra. Não se lêem livros espirituais ou religiosos, porque o povo é analfabeto. Exemplos? São muitas vezes maus e mais vezes ainda supermaus.

Mesmo assim a fé continua viva na alma do povo brasileiro. Aqui a experiência parece provar que a fé é um dom de Deus. O cacto, que permanece vivo nas circunstâncias vitais mais desfavoráveis, torna-se até um armazém de alimentos. A fé não é assim: necessita de alimento de fora.

De toda a parte aparecem por aqui elementos perversos, externos e internos. E não é sem motivo que se tem a impressão de que Deus intervém de modo especial para guardar a fé entre a população abandonada do interior brasileiro. (..)

Até as pessoas de boa vontade a prática de religião é muito difícil, uma vez que a fé, pela situação natural da terra, fica sem força. A extensão imensa, com pouca densidade populacional, e mais a falta de padres impedem um ressurgimento da vida religiosa.

Nossa prelazia tem uma densidade média de 1 pessoa e 1/3 por Km². A cidade de Paracatu tem mais ou menos 6 mil habitantes. Existem ainda 5 lugarejos, cada um com 2 mil almas. Tudo junto soma mais ou menos 16 mil pessoas, que moram mais ou menos perto. O resto, umas 64 mil almas, moram espalhadas por um território de 60 mil Km². Na realidade o povo vive à maneira de família: homem, mulher, filhos, em-

pregado, empregadas e mais os agregados. O resultado é que, em muitas regiões, não mora ninguém. O mais característico do terreno é o planalto. Aqui se encontram filas inacabáveis da chamada palmeira "buriti". Não se arrisque a penetrar aí! A gente fica perdido! É só lama coberta de capim. Aí estão as vertentes dos grandes rios brasileiros. Não são formados pelas neves que se derretem nas montanhas, como nosso Reno ou Mosa, mas pelas massas subterrâneas de água que escoam aí.

Fora dos lugares úmidos e traiçoeiros não se encontra água nesses planaltos: nem para o gado, nem para alguma fertilidade. Somente no tempo das chuvas é que o planalto está coberto de capim gostoso e mostra as plantas e árvores com toda a beleza das suas folhas.

O povo, na necessidade de água, procura mais as planícies e a beira dos rios já existentes. O viajante, ao contrário, procura o seu caminho nas montanhas, para evitar a passagem constante sobre as correntes. Que essa passagem pelos rios não é sem perigo, experimentei pessoalmente!

Em minha primeira e última viagem a cavalo devíamos atravessar três rios. Não eram tão largos como os da Holanda, mas em compensação tinham correnteza muito mais forte. O cavalo entrou na água até a sela. Por isso as pernas tinham de ficar em cima para não molhar os pés. Essa posição torna-se arriscada para o cavaleiro incipiente, não acostumado a malabarismo de circo. A gente pode confiar no cavalo, deixá-lo andar à vontade. Quanto menos se mexer, tanto melhor. Com as rédeas soltas, o cavaleiro principiante tem as mãos livres para segurar na sela.

Mas há outra coisa muito perigosa. Uma certa ilusão ótica, como num trem, toma conta do cavaleiro. O cavalo entra na água e parece ficar parado, imóvel: tudo em volta começa a girar. O melhor é fechar os olhos, senão vai parar-se na água.

Viajar aqui é um trabalho chato e monótono. Céu limpo, pastos amarelados, plantas e árvores secas e cheias de pó. Ondulações de terreno que se movem até o horizonte tomando as cores do amarelo, do verde e até do azul dão a impressão de se estar no meio do mar, onde se navega sempre para o mesmo horizonte sem esperança de um dia atingir o ponto de chegada.

Separado por esse deserto, é difícil para o povo do interior frequentar a igreja paroquial e para o sacerdote visitá-lo regularmente. Isso atrapalha bastante o trabalho pastoral que, apesar de todo o esforço, continua falho.

Comecemos pelo batismo. O grande valor desse sacramento é conhecido entre o povo. Criança não batizada é considerada "pagã", não é filha da igreja, não é capaz de receber outros sacramentos, não é herdeira do céu.

Numa carta pastoral de 1915, os bispos do Centro e Sul do Brasil recomendam aos vigários insistir com os pais para batizarem seus filhos no dia do nascimento ou logo no dia seguinte e só por motivos sérios adiar o batismo por oito dias. Mas o que podem fazer os pais, quando moram tão distante? Não têm outro jeito senão esperar as festas, que todo ano se organizam por perto. Por perto? Eles têm que andar ainda várias milhas! A vida da criança, tão frágil, é submetida aos perigos e desconforto da viagem a cavalo. E esse perigo não é pequeno! Se a criança adoecer, fazer o quê? Em caso de necessidade qualquer um pode batizar. Mas, infelizmente, a incapacidade torna muitas vezes inválido um batismo de emergência.

Falta de conhecimento da religião é a segunda consequência proveniente do fato de o povo do interior morar tão espalhado. Se não se recebe regularmente instrução, pouco adianta o trabalho pastoral. Se o sermão e a explicação do catecismo, que se fazem todo domingo, não bastam, o que dizer de uma instrução que é dada de vez em quando?

Deve haver também um bom relacionamento entre o pregador e seu público. É como um aparelho de rádio. Se bem sintonizado, sairá uma transmissão clara. Quando não há preparação boa nos ouvintes, que torne compreensível a palavra falada, há o perigo de pregar-se em vão. O tão experiente Papa Pio X não afirmou, neste ponto, que a falta de catecismo no meio do povo deixa sem frutos a palavra de muitos bons pregadores? Que preparação se pode esperar deste povo que se reúne nas capelas do interior? Só poucos padres possuirão o dom extraordinário de apresentar as verdades da fé com linguagem e exemplos simples, de modo a se fazerem entender pela maior parte dos ouvintes!

A Prelazia tem 4 sacerdotes e um irmão leigo. Em Paracatu, residência do administrador apostólico, foi nomeado como vigário frei Miguel Jonkers; em João Pinheiro frei Carmelo Lambooy; e em São Romão frei Henrique Ciulli. Em 1930 os padres de Paracatu batizaram, na cidade, 763 crianças; em Capim Branco e Buritis, 522; e em São Romão, 313. Frei Carmelo batizou em João Pinheiro 365 crianças. Tudo junto: 1.963.

Foram crismados 3.201 cristãos. O relatório da Primeira Comunhão perdeu-se. O número destes quatro meses pode-se estimar em 1.500. Desde maio foram distribuídas em Paracatu 6 mil comunhões. Desde que foi fundado o Apostolado de Oração, aumentou o número das comunhões. O número total, inclusive nas capelas, é de 9.500. 21 doentes receberam Extrema-Unção. Casamentos em Paracatu, 120; em Capim Branco e Buritis 89, em São Romão 96, em João Pinheiro, 97. Total 402.

Queremos alongar-nos um pouco a respeito das viagens, uma vez que isso nos dá uma idéia melhor a respeito do trabalho de muitos sacerdotes que, no interior do Brasil, se dedicam à expansão e restauração da Santa Igreja.

Em fevereiro, frei Eliseu Van de Weijer e irmão Romeu Arcanjo viajaram para São Romão. Uma viagem de 30 horas pelos rios Paracatu e São Francisco. Visita de um mês. Aí e em Capão Redondo, numa distância de 72Km de São Romão, ouvimos 765 confissões, distribuímos 820 comunhões, fizemos 34 casamentos. 100 crianças foram batizadas e 313 crismadas. Em 1929, o Cônego Maurício M. Gaspar, Ord. Praem., da

Abadia van Parl, fundou o Apostolado de Oração com duas senhoras de idade como zeladoras. A Associação tem no momento 214 membros. Embora em geral sem padre, os membros, com uma fidelidade exemplar, fazem a Hora Santa, na véspera da Primeira Sexta-feira. Neste dia fazem reunião, rezando orações do manual, e quando está presente um padre fazem uma comunhão reparadora. Nesta visita fizeram 85 comunhões reparadoras.

No fim de abril, os mesmos missionários visitaram a Lapa da Pamplona. Um caminho de 250Km. Em 3 fazendas celebrou-se a Santa Missa, pregou-se e distribuíram-se os Sacramentos. Durante esta viagem, que durou até 11 de maio, 214 crianças receberam o Batismo, 849 a Crisma, 28 casaram-se na igreja, 150 confessaram e 200 receberam a Comunhão. De 12 até 16 de junho, frei Eliseu e frei Miguel em Boqueirão, 120 Km de Paracatu, batizaram 209, crismaram 346, casaram 26, ouviram mais ou menos 100 confissões e deram 160 comunhões. Na viagem de volta frei Miguel ficou numa outra Lapa para fazer lá duas festas. Nesta ocasião ele batizou 75 crianças, fez 10 casamentos, ouviu muita confissão, e durante a Missa, 35 fiéis receberam a comunhão.

De 26 de junho a 2 de julho, frei Miguel, com assistência de Irmão Romeu, batizou 94 crianças, casou 26, ouviu 54 confissões e distribuiu 78 comunhões no arraial Lages, 360Km de Paracatu, aonde se chega só a cavalo.



Frei Miguel Jonkers, com o coroinha, em desobriga pelo sertão da então Prelazia de Paracatu (Reprodução da revista holandesa "Karmelrozen")

Uma viagem missionária foi feita, no mês de agosto, por frei Eliseu e frei Carmelo numa parte das paróquias de João Pinheiro e São Romão. Uma viagem de 800 Km e quase que exclusivamente a cavalo. Durante a festa do Bom Jesus do Bonfim, de 5 a 9 de agosto, foram batizadas 49 crianças e crismadas 283. Feitos 18 casamentos, ouvidas 70 confissões e distribuídas 80 comunhões.

Daí começou a segunda parte da viagem: a visita a São Romão. No caminho, na fazenda Boa Vista foram batizadas 15 crianças, crismadas 26 e 20 pessoas comungaram durante a Missa. De 14 a 19 de agosto os padres ficaram em São Romão e batizaram 66 crianças, casaram 18 pessoas, e confessaram 89. Distribuíram 117 comunhões. 89 pessoas foram crismadas. Na volta, em Caatinga, batizaram 39 crianças. 40 foram crismadas, 60 confessaram e 85 comungaram. Frei Eliseu voltou para Paracatu, uma viagem de 150Km, enquanto frei Carmelo foi fazer a festa, em setembro, em Cana Brava e Capão Redondo, num total de 180Km. Nesta ocasião, ele pôde batizar 54 crianças, fazer 31 casamentos, ouvir 64 confissões e dar 76 comunhões. No começo de setembro, partiram frei Eliseu e Irmão Romeu para o norte da Prelazia. De automóvel passaram pela fazenda Retiro, onde batizaram 7 crianças e crismaram 13, depois do almoço em Capim Branco. No dia seguinte, 3 de setembro, comungaram durante a Missa, 15 pessoas, 5 foram batizadas, e 21 crismadas. Daí continuaram a cavalo, para Buritis, a primeira parte da viagem, 180Km. No arraial Papamel e na fazenda Bolívia, foram batizadas 16 crianças, 44 crismadas.

Durante a Missa comungaram 8 pessoas e uma senhora recebeu os últimos Sacramentos. Viajando pela fazenda Cabeceira da Mata, onde depois da Missa, 3 crianças foram batizadas e crismadas 28, os missionários chegaram no dia 7 de setembro a Buritis, o final da primeira parte da viagem. Do dia 8 a dia 12, eles batizaram af 50 crianças, crismaram 155, fizeram 12 casamentos, ouviram muita confissão e deram 139 comunhões. Pela fazenda Lafinho e Bonfim, onde celebraram a Missa, batizaram 20 e crismaram 42 e casaram 5, chegaram no dia 13 a Joanópolis. Em ambas as festas celebraram a Missa, deram catecismo, ouviram 94 confissões e deram 146 comunhões. Além disto, puderam registrar 62 batizados, 403 crismas e 16 casamentos.

A viagem terminou af. O chefe da tropa voltou com os cavalos para casa. O padre e o irmão foram para Formosa, onde foram recebidos pelos padres Dominicanos com tanta hospitalidade, que, por gratidão ficaram 7 dias. Até frei Eliseu teve a honra de celebrar a Primeira Comunhão das Pensionistas do Colégio São José, que está sob a direção

das Dominicanas de Monteils. No meio das Irmãs ele encontrou uma patrícia de Maastricht. Na volta, pousaram na fazenda Bolívia e, no dia seguinte, batizaram 14 crianças e crismaram 108. Casaram 7. Os missionários ficaram ainda 4 dias em Capim Branco, para batizar af 66 crianças, crismar 105, fazer 6 casamentos, ouvir 73 confissões. Frei Miguel e Irmão Romeu chegaram no dia 12 de outubro em Guarda-Mór, 72Km. de Paracatu. Devido à revolução, o povo estava assustado e ninguém pensou em fazer festa. Apesar disto, em dois dias batizaram 32 crianças, fizeram 5 casamentos, ouviram algumas confissões e deram algumas comunhões. Frei Carmelo fez, no fim de outubro, mais uma viagem a Veredas, 120Km de João Pinheiro. Ele teve muitos contratempos. Para começar perdeu seu sacristão e perdeu muito tempo na busca. Depois perdeu o caminho e foi obrigado pernoitar no mato, debaixo de um cobertor que servia como tenda. Por cima caiu uma chuva torrencial, de modo que a tenda mais parecia uma banheira do que um dormitório. Uma ponte ficou tão estragada pela chuva que o cavalo, que levava a mala da missa, afundou com as patas dianteiras. Custou muito trabalho para tirar o animal, e passar pela ponte. A mala tinha caído na água e todos os apetrechos para a Missa estavam estragados. Ouvi dizer que se encontra com as Irmãs em Vucht uma mala nova para o Vigário. O bom Deus certamente compensará as Irmãs pelo amor pelas missões!

Nota do editor - Publicada na revista dos carmelitas holandeses CARMELROZEN, já extinta, em 1930 e 1931. Tradução de frei Tito Frankort publicada no Boletim da Província.)

MONS. FREI ELISEU VAN DE WEIJER 25/03/30

Carta pastoral sobre a Obra Pontifícia da Propagação da Fé

Frei Eliseu Van de Weijer, administrador apostólico da prelazia de Paracatu, a todos os fiéis da mesma prelazia, que esta sua carta virem, lerem ou ouvirem ler, paz e bênção.

O Exm^o e Revm^o sr. núncio apostólico, d. Bento Aloísi Masella, representante no Brasil da Santa Sé Apostólica pela circular do dia 16 de julho de 1929, comunicou que a contar do dia 1^o de janeiro d. c. entrariam em vigor os Estatutos da OBRA PONTIFÍCIA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ, feitos pela Santa Congregação "de Propaganda Fide" aos 5 dias do mês de março do ano passado para o Brasil, não duvidando que eu não deixasse de empenhar-me que se desenvolvesse e arraigasse cada vez mais nesta prelazia tão providencial obra, como esta da Propagação da Fé.

Atendendo a esta ordem, dada em nome do nosso Chefe Supremo, o Sumo Pontífice da Igreja, quero expor o seguinte:

O digno prelado do Rio de Janeiro chama esta Obra de providencial, em vista da origem remota da mesma.

No ano de 1815 Monsenhor Dubourg, bispo de Nova Orleans, manifestou à senhora Petit, que morava na cidade de Lião, o desejo de fundar uma associação de pequenas esmolas em benefício das necessidades espirituais e temporais da diocese do Estado de Luisiânia.

Pelo mesmo tempo, em 1816, os diretores do seminário das Missões estrangeiras em Paris procuraram renovar a União das Orações para a salvação dos infiéis. Neste intuito pediram e obtiveram da Santa Sé numerosas Indulgências e publicaram um relatório das necessidades das diversas igrejas.

Três anos mais tarde a senhora Jaricot da mesma cidade de Lião recebeu do seu irmão seminarista de São Suplício uma carta, mostrando a pobreza da Casa das Missões estrangeiras, propondo ao mesmo tempo a fundação de uma associação de caridade, garantindo os necessários recursos para a reforma do seminário. A piedosa senhora fundou em 1820 tal associação de pequenas esmolas em benefício do seminário menor das missões estrangeiras, a razão de um soldo de mais ou menos 20 réis por semana.

Os correspondentes de monsenhor Dubourg procuraram fundar alguma coisa semelhante para a diocese de Nova Orleans, quando no ano de 1822 receberam a visita do vigário geral desse bispado. Numa reunião aceitaram como princípio, que nenhuma obra missionária podia solidamente ser estabelecida a não ser tornando-se verdadeiramente católica, isto quer dizer, socorrendo ao apostolado do mundo inteiro. No dia 3 de maio de 1822, dia da Santa Cruz, fundou-se dum modo bem humilde pela obra de uma só piedosa senhora a Obra da Propagação da Fé, que hoje em dia é espalhada por todo o mundo cristão. Com certeza foi sempre a máxima solicitude dos Romanos Pontífices, os legítimos sucessores do Apóstolo São Pedro, a quem o nosso Divino Salvador constituiu Chefe da sua Igreja e a quem o nosso Senhor Jesus Cristo disse: "Ide pois, ensinai todas as nações e pregai o Evangelho a todas as criaturas". A História Eclesiástica prova cabalmente que o apostolado dos Papas não era outro senão a extensão do reino de Cristo, ou, em outras palavras, a Propagação da Fé, considerando esta missão como a parte principal do seu ofício. O Sumo Pontífice, Gregório XVI, instituiu um conselho de homens e varões santos e piedosos, cheios de zelo da salvação das almas chamando-a Santa Congregação da Propagação da Fé.

O fim desta Congregação é: enviar missionários por todo o mundo, dispô-los para diversos lugares por cursos de estudos especiais, auxiliar pessoas, instituições missionárias por conselhos, informações e obras de qualquer espécie em subvenção do auxílio das missões.

O atual papa, Pio XI, no dia 3 do mês de maio de 1922, publicou um MOTU PROPRIO em que, além da história da Obra Pontifícia em favor da Propagação da Fé, passa a uniformizar a obra, principalmente na França estendendo-a sobre todo o mundo.

Antigamente os Sumos Pontífices dispuseram sobre grandes auxílios materiais em benefício das missões. Os príncipes cristãos - a História do Brasil é uma prova viva - procuravam propagar a Religião Católica pelo simples motivo, que eles a achavam necessária para a firmeza da sua autoridade nas terras há pouco descobertas.

As naus, que conduziam os descobridores para as terras desconhecidas, levavam ao mesmo tempo os missionários para plantar o estandarte da Cruz.

Infelizmente agora não existe mais este auxílio e a Santa Sé não pode confiar mais no braço forte da autoridade civil na obra de sua principal missão.

Felizmente o povo cristão tem grande entusiasmo pela obra das missões. As encíclicas pontifícias, principalmente a encíclica "Maximum illud" do Sumo Pontífice Bento XV, produziram nos corações dos fiéis sentimentos de gratidão a Jesus Cristo pela grande graça da Religião, de caridade para com o próximo, como nós remido pelo mesmo sangue do Divino Salvador, mas ainda vivendo nas trevas do erro e superstição, acendendo-lhe a luz do Evangelho e enfim de obediência à voz do Sumo Pontífice, que nos chama a todos a uma cruzada de preces e auxílios em benefício das missões estrangeiras.

Até então faltava uma coisa necessária no modo de angariar e de distribuir as esmolas, que o povo cristão dava tão abundantemente.

Foi o costume que os auxílios necessários para uma missão qualquer fossem angariados por cada Congregação ou Ordem religiosa em particular.

O Mensageiro do S. Coração de Jesus do mês de novembro p.p. cita uma página da Revista "La Nouvelle Revue Religieuse". A obra achava-se mais ou menos infeccionada pelo particularismo: o que sobretudo se tinha em vista era somente auxiliar os próprios missionários, manter uma ou outra obra, ainda que afastada, de amigos, de compatriotas desterrados.

Cada instituição missionária trabalhava especialmente em prol dos membros. De fato, os missionários tinham a preocupação de procurar por si mesmos os subsídios, os recursos para manter as suas missões e isto foi feito com aprovação geral como se fosse causa própria.

Este sistema não era exato. Laborava de um erro fundamental. O apostolado do missionário não é obra de um núcleo de pessoas na Igreja mas é uma obra essencialmente católica, é da Igreja inteira, é Magistério fundado por Cristo Nosso Senhor e fundador da Igreja. Os missionários são enviados por este magistério e recebem a sua missão do Sumo Pontífice, o representante na Terra do Divino Salvador.

Se esta é a idéia católica da obra missionária, o atual Pontífice Supremo fez uma ordem magistral tornando a obra a missionária universal, transferindo a Sé da Obra da Propagação da Fé, elogiada pelos Sumos Pontífices Gregório XVI pela encíclica "Probe nostris" do dia 15 de agosto de 1840 e por Leão XIII em 3 de dezembro de 1880 pela encíclica "Sancti Dei civitas", dos dois centros Lião e Paris para a Cidade Eterna de Roma, a cidade dos papas, o centro da Religião Católica. A obra era a mesma, não precisava de reforma alguma e a transferência não podia senão produzir mais frutos pela sua universalidade e pela uniformização do governo e administração.

Portanto dar à Obra Propagação da Fé é dar diretamente e explicitamente à Igreja Universal; é confiar a repartição das esmolas ao próprio Cristo na pessoa augusta de seu Vigário. O pensamento do papa muito sobrenatural chegará a fazer germinar flores de generosidade cristã. Hoje a Obra da Propagação missionária está a cargo do clero dos países contribuintes.

O Brasil ocupa entre esses países contribuintes um lugar, que deve ser próprio e conveniente Terra da Santa Cruz. E para que ocupe um lugar cada vez mais honroso o Sumo Pontífice deseja, que se intensifique o trabalho pela Obra Pontifícia da Propagação da Fé nas paróquias.

A suprema autoridade eclesiástica instituiu esta Obra sob a forma de uma associação religiosa, porque o auxílio missionário não é em primeiro lugar angariar esmolas e donativos, mas a parte principal e o auxílio mais eficaz é a oração. É o próprio Cristo, que disse: "Rogai ao dono da colheita, que envie operários para a sua ceifa (Luc. X,2). Rogar a Deus, que acenda a sua luz às nações sob a invocação de São Francisco Xavier, rezando todos os dias um Padre Nosso e uma Ave Maria com a invocação: "São Francisco Xavier, rogai por nós".

Além deste auxílio espiritual diário, os fiéis, que desejam, ser sócios desta Obra Pontifícia e participar das numerosas indulgências anexas a esta associação, devem contribuir semanalmente com uma esmola ao mínimo de 50 réis ou 200 por mês. Sócios especiais são aqueles que pagam o dobro dos sócios ordinários ou 400 réis por mês ou 4\$800 por ano e sócios perpétuos os que pagam uma vez a quantia de Rs 250\$000.

A obra da Propagação da Fé goza do seguinte catálogo de Indulgências concedidas pelos Soberanos Pontífices: Pio VII, Leão XII, Pio VIII, Gregório XVI, Leão XIII e finalmente o Santo Padre Pio X, que a enriqueceu com a admirável indulgência dos Cruzados. A associação foi enriquecida com muitas indulgências plenárias e parciais: as plenárias que cada associado lucra, são: 1º - 3 de maio - Festa da Invenção da Santa Cruz ou um dia do oitavário destas festas; 2º - 3 de dezembro - Festa de São Francisco Xavier, protetor da Associação; 3º - 25 de março: Festa da Anunciação. 4º - 15 de agosto - Festa da Assunção; 5º - 6 de janeiro - Festa da Epifania. 6º - 29 de setembro - Festa de São Miguel, 7º - Todas as Festas dos Apóstolos. 8º - Cada mês dois dias, à escolha dos associados 9º - Uma vez por ano no dia da comemoração especial dos associados defuntos, do Conselho, do Centro ou da dezena de que se é membro. 10º

- Dia da entrada na Associação. 11º - Em artigo de morte, invocando ao menos em seu coração o Santo Nome de Jesus. 12º Altar Privilegiado para todas as missas que se disserem ou mandarem dizer por alma dum associado defunto.

As indulgências parciais são: 1º - 300 dias cada vez que se recita o Padre Nosso e a Ave Maria, com a invocação a S. Francisco Xavier: São Francisco Xavier, rogai por nós. 2º - Sete anos e sete quarentenas, cada vez que se cumpre qualquer obra de caridade ou de piedade em favor das missões. Todo o sacerdote encarregado de recolher esmolas para a Obra de Propagação da Fé ou que der anualmente o produto de uma dezena, isto é, 24\$000 goza dos seguintes privilégios: 1º - O favor do altar privilegiado três vezes por semana. 2º - O poder de dar a bênção com indulgência plenária aos fiéis "in articulo mortis", na forma prescrita por Bento XVI; 3º - o poder de benzer terços, cruzes, crucifixos, imagens, estátuas e medalhas, aplicando-lhes as indulgências pessoais, mesmo as chamadas de Santa Brígida; 4º - A faculdade de dar aos crucifixos as indulgências da Via Sacra para os enfermos, navegantes, presos, para todos os que estão impossibilitados de visitar as estações da Via Sacra; 5º - A faculdade de indulgenciar com o simples sinal da Cruz os terços, aplicando-lhes as indulgências dos Cruzados.

Defuntos não podem ser sócios, mas pode-se pagar esmolas para o fim de recomendar as almas nas missas que se celebram todos os dias no altar de São Pedro em Roma pelos sócios e benfeitores da Obra, vivos e defuntos. Pobres podem ser sócios pela reza de um Padre Nosso e uma Ave Maria, com a invocação de "São Francisco Xavier, rogai por nós" e pagando uma esmola qualquer conforme a pobreza.

Sendo desejo do Santo Padre que em cada paróquia se funde o conselho paroquial, cujo chefe será sempre o vigário, é necessário que se organizem grupos de zeladores ou zeladoras, que se dipõem para a obra de caridade de angariar ao menos uma vez por mês a contribuição mínima de 200 réis por cada mês.

Talvez me digam alguns: "Duzentos réis é tão pouco para uma obra tão importante como é a Obra da Propagação da Fé."

A dificuldade resolve-se bem facilmente dizendo esses duzentos réis é a mínima quantia para ser sócio e portanto para ganhar as indulgências. O Evangelho de São Lucas deixa dizer o samaritano misericordioso: "Olhe muito por ele e o despenderes a mais, eu te reembolsarei na minha vinda". O Senhor nosso Deus recompensará tudo na sua vinda. Mas é regra prudente: trabalhar com modéstia e discrição.

A firmeza desta Obra está na regularidade e na perseverança com que os zeladores trabalham, fazendo todos os meses as suas colheitas e reuniões mensais.

Os Apóstolos tiveram a mesma dificuldade. Quando Nosso Senhor Jesus Cristo quis e ordenou aos seus discípulos que dessem a comer à multidão, que seguira alguns dias para ouvir a palavra do divino Salvador, Santo André em vista dos poucos pães e peixes, que um manco trouxe: "Mas o que serve isto para tantas pessoas"? Mas Jesus benzeu os pães e os peixes e todos ficaram fartos e satisfeitos; até sobram doze cestos dos pedaços que foram recolhidos.

Pensem e considerem os associados, que não estamos só. Nosso Senhor abençoou a Obra. Apenas fundada na França na cidade de Lião no primeiro ano, só pela atividade de uma pobre senhora desconhecida a colheita deu cinco contos de réis; no ano de 1839, isto é, 17 anos depois da fundação, foram recolhidos mais de 400 contos; no ano de 1890 mais de 200 contos; no ano de 1906 mais de doze mil e no ano de 1928 mais de vinte e um mil contos de réis e tudo angariado em esmolas pequenas.

Nessa quantia entrou o nosso querido Brasil com um pouco mais de oitenta contos.

Esta quantia podia e devia ser muito maior!

Brasil é um país católico, tem a sua hierarquia, a maioria dos seus habitantes professa a verdadeira religião e reconhece o Sumo Pontífice como chefe visível da Igreja de Jesus Cristo, legítimo sucessor de São Pedro e representante do Fundador da nossa Religião aqui na terra.

Pelos últimos censamentos, o Brasil tem trinta milhões de habitantes, fazendo a hipótese que a terça parte sejam crianças menos de sete anos, pobres ou acatólicos, podiam ser contribuintes uns vinte milhões.

Sendo este cálculo exato e cada um contribuindo com 50 réis por semana dava esta contribuição semanalmente cem contos de réis ou cinco mil e duzentos contos por ano. Fazendo o cálculo em dez milhões de contribuintes, daria 50 contos por semana ou 2.500 (dois mil e quinhentos contos) por ano.

Por estes ligeiros cálculos se vê que o Brasil com oitenta contos anuais, não contribui dignamente como convém a um país católico e que com muita facilidade sem prejuízo particular podia aumentar a contribuição geral.

Não é a má vontade do povo. Pelo contrário o povo brasileiro é generoso, caritativo, hospitaleiro, tem as virtudes naturais que o dispõe para auxiliar os seus irmãos, que ainda estão nas trevas do erro, do vício e da superstição. Mas o povo pode responder como os operários do Evangelho responderam ao dono: "Ninguém nos chamou para a sua vinha". Ninguém lhe falou desta obra de caridade. O núncio apostólico, representante da Santa Sé na Capital Federal do Brasil, Rio de Janeiro, em nome do papa chamou a todos a fundar nas paróquias esses conselhos dos zeladores, que sob a direção do seu vigário se reúnem para angariar todos os meses essa mínima quantia de 200 réis por cada sócio. É com perseverança que se deve trabalhar pelo mesmíssimo motivo. Se a quantidade faz a grande soma como acima indicamos, também a perseverança faz 2\$4000 por ano. Quantas igrejas não só no interior do Brasil mas até nas capitais devem à perseverança dos fiéis a sua construção e a sua bela arquitetura.

Se alguém não estivesse convencido da força da união, bastaria

BODAS DE OURO DE DOM FREI ELISEU

Domingo, dois de outubro, celebrou a hospitaleira cidade de Paracatu as BODAS DE OURO DE VIDA RELIGIOSA do seu muito estimado e amado Prelado Dom Frei Eliseu.

Na véspera já chegaram à tradicional cidade do interior mineiro o Revmo. Pe. Provincial e vários padres pertencentes à Prelazia e a diversos Conventos Carmelitãos, para com a sua presença abrilhantar as homenagens a serem prestadas a Sua Excia. Revma. e provar o amor, a estima e o carinho que todos os seus confrades de hábito lhe dedicam.

Na manhã de domingo, dia do Jubileu, realizou-se a Comunhão Geral pelas intenções do mui estimado Prelado. Nela tomaram parte as diversas Associações Religiosas, a Escola Normal e o Grupo Escolar, notando-se grande piedade da parte de todos.

As 8.30, em procissão, dirigiu-se o Exmo. e Revmo. Prelado, vestido de Capa Magna, para a Igreja de N. Sra. do S. Rôário. O pátio era carregado pelo Exmo. Snr. Prefeito Municipal e demais autoridades locais. Entrando D. Eliseu na igreja, o coro Sta. Cecília executou magnificamente o "Ecce Sacerdos".



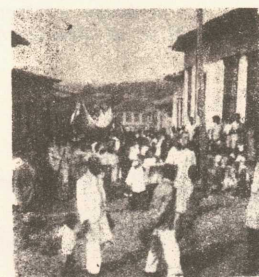
A chegada de Sua Excia. Revma. à Igreja

Ao pé do altar, Sua Excia. Revma. recebeu das mãos do Revmo. Pe. Provincial a coroa e o báculo, de acordo com o Cerimonial da Ordem Carmelitana, e logo Dom Eliseu renovou nas mãos do mesmo Pe. Provincial os seus votos de Obediência, Pobreza e Castidade, que pela primeira vez pronunciara, havia cinquenta anos.

Em seguida celebrou Sua Excia. Revma. solene Missa Pontifical em ação de graças.

Não podemos deixar de enaltecer a magnificência dos cantos sagrados durante a Missa Pontifical e a bênção do Santíssimo, tendo os mesmos sido executados com grande piedade e verdadeira maestria pelo coro Sta. Cecília sob a competente direção do Revmo. Frei Patrício Ord. Carm.

No fim da Missa foi lido o telegrama de felicitações que o Exmo. e Revmo. Prelado recebeu de Sua Santidade o Papa. Pio XII, gloriosamente reinante, que congratulando-se com Sua Excia. Revma. po-



Sua Excia. Revma. se dirige à Igreja para a Missa Pontifical

considerar um momento o serviço dos correios entre muitos outros. Quem será capaz de calcular as despesas do correio por um ano em edifícios, na administração, nos ordenados dos empregados, na condução das malas em estrada de ferro, em vapores, em autos e em diversas coisas e tudo isso paga-se por meio de uma pequena importância calculada no mínimo peso de um só grama e quantos milhares de quilogramas despacha o correio. Assim também cada fiel paga uma pequena importância em favor da obra missionária mas com regularidade e perseverança e os relatórios anuais acusarão no fim de cada ano capitais de que o Sumo Pontífice pode dispor em benefício das missões.

Isto também responde a outra dificuldade que alguns desanimados farão dizendo: "Mas o que adianta uns cinquenta ou cem mil réis por ano, angariados com muita dificuldade nesta paróquia tão pobre? Lembrem-se tais pessoas, que não é só esta paróquia, que contribui mas que a Obra Pontifícia da Propagação da Fé é um movimento mundial. Se todas as paróquias dessem cinquenta mil réis, essa importância formaria uma grande importância total. Oxalá que todas as paróquias dessem essa quantia!"

Cristo estava um dia no templo de Jerusalém com os seus Apóstolos e eram testemunhas que os ricos lançavam grandes quantias e esmolas nos cofres do templo. Veio uma pobre viúva desconhecida, sem ostentação, botou no cofre uns cobres, com certeza de pouca importância e Cristo, na sua ciência que penetra nos corações, disse que essa mulher dera mais do que os outros, porque esses deram da sua abundância mas ela da sua pobreza. O que Deus quer é a nossa boa vontade e esta podemos mostrar dando o que podemos dar.

Por fim com certeza, alguns dizem para justificar a sua pouca vontade de contribuir a esta Obra Pontifícia, que esta paróquia é pobre, que ainda falta muito a fazer, a matriz precisa de consertos, falta mobília, falta tudo ainda, porque não gastar e angariar esmolas para esta paróquia na matriz, por exemplo, em lugar de mandá-lo para terras e países, que talvez não se achem em tantas necessidades.

Essas palavras não são próprias ao povo brasileiro, que é conhecido como generoso. Este povo que, com tanta facilidade, dá um lugar na mesa a um pobre órfão ou qualquer outro necessitado, não pode ver sem comoção as necessidades em que se achem milhares de pessoas humanas para não dizer nações inteiras, que ainda nunca ouviram falar da bondade do nosso Divino Salvador, que ainda não conhecem a graça da Cruz da Redenção, sob a qual Brasil nasceu. Depositar os nossos haveres nas mãos do Representante de Cristo, é depositá-los num banco sólido, que nunca abriu falência, cujos depósitos estão bem guardados e protegidos contra a traça e as mãos dos ladrões e cujo banqueiro, Jesus Cristo, prometeu dar cento por um, dizendo: "date et dabitur vobis" (dai e dar-vos-ão) e todos tenham sempre viva a lembrança das palavras do Apóstolo São Paulo: "Antes dar que receber". Que o Filho de Deus, feito Homem, cumpre em vós a promessa e a todos que dão de boa vontade: "despejar-vos-ão no regaço uma boa medida, bem cheia, coagulada e recalcada". Assim seja.

Paracatu, dia da Anunciação da Bem-aventurada Virgem Maria de 1930.

Mons. Fr. Eliseu van de Weijer, Ord. Carm.
Administrador Apostólico de Paracatu.

REVISTA "MESSAGEIRO DO CARMELO" 12/1949

Bodas de ouro de vida religiosa de D. frei Eliseu

Domingo, dois de outubro, celebrou a hospitaleira cidade de Paracatu as BODAS DE OURO DE VIDA RELIGIOSA do seu muito estimado e amado prelado Frei Eliseu.

Na véspera já chegaram à tradicional cidade do interior mineiro o Revmo. pe. provincial e vários padres pertencentes à prelazia e a diversos conventos carmelitanos, para com a sua presença abrilhantar as homenagens a serem prestadas à sua Exa. Revma. e provar o amor, a estima e o carinho que todos os seus confrades de hábito lhe dedicam.

Na manhã de domingo, dia do jubileu, realizou-se a comunhão geral pelas intenções do mui estimado prelado. Nela tomaram parte as diversas associações religiosas, a escola normal e o grupo escolar, notando-se grande piedade da parte de todos.

Às 8h30, em procissão, dirigiu-se o Exm^o prelado, vestido de capa magna, para a igreja de Nossa Senhora do Rosário. O pátio era carregado pelo Exmo. sr. prefeito municipal e demais autoridades locais. Entrando D. Eliseu na igreja, o coro Santa Cecília executou magnificamente o "Ecce Sacerdos".

Ao pé do Altar, sua Exa. Revma. recebeu das mãos do Revm^o pe. provincial a coroa e o báculo, de acordo com o cerimonial da Ordem Carmelitana e logo D. Eliseu renovou nas mãos do mesmo pe. provincial os seus votos de obediência, pobreza e castidade, que pela primeira vez pronunciara, havia cinqüenta anos.

Em seguida celebrou sua Exa. Revma. solene missa pontifical em ação de graças.

Não podemos deixar de enaltecer a magnificência dos cantos sagrados durante a missa pontifical e a bênção do Santíssimo, tendo os mesmos sido executados com grande piedade e verdadeira maestria pelo

Fac - símile de uma página da revista O Mensageiro do Carmelo
coro Santa Cecília sob a competente direção do Revmo. frei Patrício, Ord. Carm.

No fim da missa foi lido o telegrama de felicitações que o Exmo. e Revmo. prelado recebeu de Sua Santidade, o papa Pio XII, gloriosamente reinante, que congratulando-se com sua Exa. Revma, por tão fausto acontecimento, lhe deu de coração a bênção papal.

O povo assistiu em massa com muita piedade a todas estas solenidades, que pela primeira vez se realizaram com tão numerosa assistência de padres na sede da prelazia.

Terminada a santa Missa voltou D. Eliseu, com o mesmo cerimonial da chegada, para a sua residência.

À tarde realizou-se no teatro uma sessão solene em homenagem ao querido prelado. Presidiu a sessão o Exmo. Sr. Dr. Geraldo Pinto de Sousa, M. D. Juiz da Comarca. Ao lado de S. Exa. sentaram-se o Revmo. Pe. Provincial e as autoridades locais.

Vários oradores expressaram os sentimentos de gratidão e estima que o povo paracatuense abriga no coração para com o prelado Antífite, que com simplicidade toda particular tão bem dirigiu já durante vinte anos a prelazia de Paracatu. Em nome das autoridades falou em primeiro lugar o Exmo. Sr. Dr. Geraldo Pinto de Sousa. O povo deu expansão aos seus sentimentos pela palavra inflamada do dr. Alaor Porto Adjuto. As associações Religiosas cumprimentaram a S. Exa. Revma. por intermédio da Sra. Irene de Oliveira Melo, enquanto a Escola Normal e o Grupo Escolar foram representados respectivamente pelas oradoras Maria Lúcia B. Lopesqueuer e Maria Júlia Adjuto. Estes belos discursos foram entremeados de belas peças de música e canto, que bem provaram o carinho e dedicação que o povo de Paracatu vem dedicando à arte musical.

Foi encerrada a sessão com o canto do Hino Pontifício, executado com perfeição pelos alunos da Escola Normal.

Recebeu Sua Exa. Revma. provas de estima e carinho não só de Paracatu mas também de muitas pessoas residentes em outros lugares onde Sua Exa. exerceu o seu zelo apostólico antes de ser encarregado da Prelazia, as quais até o dia de hoje ainda se lembram da amabilidade peculiar do ilustre dignatário. Entretanto, a mais grata das felicitações recebidas foi, sem dúvida, o telegrama de Sua Santidade o Papa, lido no fim da Missa Pontifical.

O generoso povo paracatuense neste dia testemunhou pública e carinhosamente a sua estima para com a Autoridade Eclesiástica na pessoa amada do seu Prelado Dom Eliseu van de Weijer.

Que Nossa Senhora do Carmo recompense o Exmo e Revmo^o Dom Eliseu e o conserve por muitos anos para maior honra e glória de Deus e bem das almas.

**Grandes manifestações ao bispo de
Paracatu pelas suas bodas de
diamante de vida religiosa**

Manifestações das crianças, solene pontifical, almoço na sede social do Jôquei Clube, sessão cívica no Cine Teatro Santo Antônio, parte recreativa da sessão cívica.

Toda Paracatu se movimentou para homenagear o seu bispo, D. Frei Eliseu van de Weijer, por ocasião de 60 anos de vida religiosa.

Estavam presentes às solenidades o Exm^o e Revmo. sr. D. José André Coimbra, bispo de Patos de Minas e mais 15 sacerdotes provenientes do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Cristalina e das paróquias da prelazia.

O povo, em massa, queria demonstrar o seu peito de gratidão e amor a S. Exa. D. Eliseu e como de fato, demonstrou. Desde a mais humilde criança à mais alta autoridade local. E, para isto, o sr. prefeito decretou feriado municipal o dia 29 de setembro.

A manifestação das crianças

Às 17 horas do dia 28, houve a manifestação das crianças estudantes de Paracatu ao sr. bispo D. Eliseu van de Weijer, em frente à sua residência. Estavam também presentes o Exm^o sr. D. José Coimbra e os Revmos. sacerdotes.



D. Eliseu agradecendo as homenagens que lhe foram prestadas pelas crianças. Na foto: D. José André Coimbra e sacerdotes presentes.

Milhares de crianças dos educandários: Grupo Escolar Afonso Arinos, Grupo Escolar D. Serafim, Colégio Nossa Senhora do Carmo e Classes Anexas à E. N. O., acompanhadas de suas respectivas diretoras e professoras, apresentaram uma variada manifestação ao sr. bispo homenageado.

Em nome dos meninos do Grupo Escolar Afonso Arinos, falou Eduardo Rocha; em nome do D. Serafim discursou Maria Isabel Rodrigues Ramos; cumprimentou-o em nome do Colégio do Carmo, Humberto da Silva Neiva e, após rápidas palavras de Valéria Laboussiêre, em nome das Classes Anexas, a garotinha Avani Botelho entregou um ramalhete de flores com um ramalhete espiritual oferecido pelas crianças das Classes Anexas.

Os discursos sempre foram entremeados de hinos por aquela flor da sociedade paracatuense. E, foi assim que ouvimos "Crianças Felizes", "Feliz Aniversário", "Fr. Martinho", "Que falange de Cristo Redentor", "Bom e meigo Jesus", "Hino do Congresso" e, finalmente, o "Hino ao Papa".

Antes de encerrar aquela manifestação, usou da palavra o homenageado, agradecendo ao Exmo. sr. D. José A. Coimbra a sua presença que mais veio abrilhantar as solenidades, bem como a todas as crianças de Paracatu, esperança da Igreja e da Pátria.

Solene pontifical

Às 8 horas do dia 29, o Exmo. sr. D. Eliseu, acompanhado do Exmo. sr. D. José A. Coimbra, foram buscados pelos MM juiz de direito da comarca, dr. Hélio Bandeira de Melo; prefeito municipal, dr. Wladimir da Silva Neiva; vice-prefeito, sr. Alberto Rocha; diretor de E. N. O., dr. Moacir da Silveira Santos; representantes do engenheiro-chefe do DNER, dr. Romeu Nascimento Teixeira e representante do gerente do Banco do Brasil, sr. Benjamim Borges; pelo clero e pelas irmãs carmelitas, da casa prelatícia até a catedral, onde S. Exa. entrou solenemente, para cantar o pontifical.

A velha catedral se encontrava literalmente apinhada, pois, o povo, em massa, foi juntamente com o seu pastor agradecer a Deus tamanhas graças. Após o pontifical, S. Exa. entoou o Te Deum em ação de graças.



D. Eliseu van de Weijer e D. José André Coimbra (Bispo de Patos de Minas) ladeados pelos sacerdotes presentes às solenidades.

Depois foram reconduzidos pelas autoridades, clero, religiosas e povo em geral à Casa Prelática de onde, S. Exa. concedeu àquela compacta multidão que se ajoelhou ao meio da rua, a sua bênção de pastor e pai.

Almoço na sede social do Jôquei Clube

As senhoras e senhoritas da sociedade paracatuense ofereceram um lauto almoço aos Exmos. sr. bispos. jubilar e visitante, e aos revmos. srs. sacerdotes, às 12,30, na sede social do Jôquei Clube Paracatuense, que se encontrava festivamente ornamentado.

Além dos srs. bispos e sacerdotes, participaram do almoço os srs. juiz de direito da comarca, prefeito municipal, vice-prefeito, vereadores diretores da ENO, engenheiros-chefes do DNER e do DER-MG locais, representante do chefe da STER S/A, diretores dos diversos estabelecimentos de ensino, professores e outras autoridades, também uma representação de Unai, encabeçada pelo vigário, Revmo frei Paulo e pelo MM juiz de direito da comarca, dr. Pedro Ribeiro Tavares.

Em brilhante improviso, o sr. vereador dr. Almir Alaor Porto Adjuto levantou o brinde ao Exmo. sr. D. Eliseu.

Após o brinde a professora D^a Carmem Brochado Costa leu o acróstico intitulado "D. Eliseu", do prof. dr. Paulo Japiassu Coelho. Ei-lo:

Paracatu, cidade benditosa,
Recebeu um dia, fez já trinta anos,
Esse varão de vida virtuosa,
Louvemos, pois, a Deus em seus arcanos.

A dádiva altamente generosa,
Dádiva excelsa que os diocesanos,
Orgulham-se de ter, por muito honrosa
D. Eliseu, té mesmo dos profanos

E querido pastor, é respeitado,
Lembra hoje esse bom D. Eliseu,
Inda agora bem rijo e conservado,

Sessenta anos de sua ordenação,
E, nesse diamantino jubileu,
Unigido é o Senhor Santo varão.

A pedido das senhoras, Oliveira Mello ofereceu o almoço aos srs. Bispos e sacerdotes.

S. Exa. D. Eliseu falou ao final agradecendo e prestando suas homenagens ao Revmo. pe. Frei Miguel que, por trinta anos, moureja juntamente com ele neste imenso território que a Santa Sé reservou à Ordem Carmelita, seja aqui em Paracatu, São Romão ou João Pinheiro, onde se encontra atualmente, tudo sem alarde, mas à base da verdadeira espiritualidade católica, através da oração. E que, ao chegar em Paracatu, ainda na fazenda do Córrego Rico, prometeu ao dr. Joaquim Brochado fazer com que Paracatu se tornasse uma paróquia modelo. E isto, com toda humildade, reconhecia haver cumprido.

Sessão Cívica no Cine-teatro Santo Antônio

Às 19 horas houve a manifestação do povo paracatuense a S. Exa. D. Eliseu van de Weijer no salão do Cine-Teatro Santo Antônio. Autoridades, clero, religiosas e povo se confundiam naquela manifestação de apreço e carinho à pessoa do venerável pastor.

Entraram S. Exas. Revmas. D. Eliseu van de Weijer e D. José A. Coimbra, trazidos pelo MM. juiz de direito, prefeito, respectivamente, e pela vereadora srta. Luíza Rocha. Todo o povo, de pé, aclamou calorosamente os srs. bispos até que eles tomaram seus lugares à mesa, presidida pelo MM juiz de direito que ainda convidou a integrar a mesa os srs. prefeito municipal, dr. Wladimir da Silva Neiva; pe. fr. Atanásio Maatman, representante do Revmo. pe. provincial dos carmelitas, e vereadora, srta. Luíza Rocha.

Silva Neiva, falou da justa homenagem que ora se presta ao ilustre D. Frei Eliseu. Com a palavra D. Frei Eliseu, agradeceu a homenagem de que fora alvo. As palavras de D. Eliseu foram calorosamente aplaudidas, de quando pediu licença ao povo para ofertar o presente ao Rev. Frei Ricardo, Vigário da Paróquia, que será transferido como dádiva à construção da Igreja de Nossa Senhora da Abadia. Nada mais havendo, a srta. Presidente deu por encerrada a presente solenidade, agradeceu aos que colaboraram para o êxito da mesma. E para constar nos anais do arquivo da Câmara Municipal mandou lavrar a presente ata que lida será assinada por todas as autoridades presentes. Eu, Rui Costa Ulhoa, secretário lavrei a presente. [†]Frei Eliseu van de Weijer, muito grato - [†]Frei Raimundo Lui, O Carm - Frei Ricardo Caspers. O Carm - Irmã M. Inês Giunta - Ir. Maria Eugênia Taveira - Wladimir da Silva Neiva - Otto Lopes Veny - Almir Alaor Porto Adjuto - Antero de Moura Santiago - Luiza Rocha - (ilegível) - Marta Brochado Adjuto - Antero de Moura Santiago - Stella Lepesqueur - Mário Praça - Floriano Lima - Waldir de Oliveira Mello - Odete Costa Pereira - Maria Botelho Víctor Rodrigues - Aracy Araújo Ferreira - Petrónio Costa - Carmem Brochado Costa - Cléa Botelho - Domingos Caldeira de Oliveira - Joaquim Brochado - Helena Botelho Brochado - Maria Costa Brochado - Guilhermina Mundim - Deolinda Mundim - Alfredo Neiva - Paulo Gonçalves de Carvalho - Honório de Sousa Mundim - Francisco Ferreira Braga - Edgar de Carvalho - Jorge Gonçalves dos Santos - Bento Mundim Júnior - Diogo Soares Rodrigues.

OLIVEIRA MELLO

**Discurso na despedida de
Dom Eliseu de Paracatu
em 27/08/1962**



D. Eliseu, ladeado por D. Raimundo Lui, Profª Carmen Brochado Costa, dr. Wladimir da Silva Neiva e dr. José Adjuto Filho, quando ouvia as palavras de Oliveira Mello.

Olhei a bicentenária catedral, em seu ponto fixo de sentinela, no meio da praça. Olhei-a e procurei vê-la com os meus olhos de criança. Mas o ambiente é tão outrô. Tão diferente. Não mais encontrei as velhas escadarias com seus pilares. Seus pilares robustos completando a paisagem secular da praça. Não mais encontrei a cruz negra, com seus longos braços abertos, numa posição contínua de renúncia e desprendimento.

E onde ficou a paineira, a "barriguda", lançando ao espaço de maio o sue beijo violeta de flores? Oh, se me lembro dela, bem ali ao lado da igreja. Meus pés não mais tropeçam nas ruas calejadas de pedras plantadas pelo sofrimento dos negros escravos. Além de meus passos através das ruas cansadas e corcundas de uma Paracatu rejuvenescida pela epopéia de Brasília, meus olhares continuaram a passear. E eles pararam diante destas palmeiras escoltando a velha catedral. Vencendo o tempo juntamente com ela. Vencendo este tempo destruidor e que não mais admite aos nossos pósteros senão o "ouvi dizer", este tempo traz-nos agora a uma cruel e dura realidade. A uma realidade palpitante, cada vez mais concretizadora. A realidade de sempre estarmos dizendo um adeus a tudo aquilo que nos cerca. Que nos fala de mais perto. Que nos congrega e nos unifica a um mesmo amor. A um mesmo ideal. E porque não dizer, a um mesmo ideal de vida.

Não resta a menor dúvida, é duro, é sempre duro o momento de se dizer adeus a tudo aquilo que consideramos parte integrante de nossa vida. Mais cruel ainda é o instante em que temos de dizer um adeus à pessoa que amamos. À pessoa que sempre lutou ao nosso lado. Viveu os nossos problemas. Compartilhou de nossas dores e de nossas alegrias. E, sobretudo, foi continuamente um ponto de apoio nos nossos momentos de angústias e de incertezas. Foi a fortaleza em nossos dias de fraquezas. A bonança em meio à tempestade de nossos problemas. E este nosso adeus, agora, é diferente de vários outros que já demos. Porquanto há várias maneiras de se dizer um adeus.

Há o de aceno de mão. Há o de um sorriso, onde se declara um "até breve". Mas há também o silencioso. Este em que o silêncio fala mais do que palavras. O silencioso adeus perturbado pela lágrima. E agora estamos dizendo este adeus silencioso. Com os olhos voltados há mais de três décadas atrás.

Como fiz notar, Paracatu já não mais tem muito de seu passado. Apenas em nossas lembranças calejadas de sonhos que não vimos realizar-se. Aos poucos, sem sentir talvez, foi se despedindo com um sorriso. Um sorriso que era esperança de dias melhores.

Estamos hoje dizendo um adeus com os olhos voltados para o passado e para o presente. Para um passado que nos é recordado pela vida exemplar de um homem que aqui aportou na maturidade se seus anos. Este homem, é inútil dizer o seu nome. É inútil porque todo esse povo já o sabe. Ele o tem gravado em seu coração.

Não é outro senão V. Exa. Revma., D. Eliseu van de Weijer. E E pode ter a certeza, Exa. Revma., de que este nosso adeus é silencioso. É silencioso porquanto as palavras nada dizem do que vai através de nossas almas. De nossos sentimentos. Apenas a lágrima que "brilha, treme e queda silenciosa" é que pode falar alguma coisa mais. Porquanto nós o sabemos que o seu coração é autenticamente paracatuense. Se V. Exa. trocou a Holanda pelo Brasil, muito mais ainda a sua Harderwyk por esta Paracatu. Por esta Paracatu que não é mais aquela cidadezinha hostil ao progresso e ao desenvolvimento que V. Exa. encontrou em 31 de julho de 1929. Não é mais aquela Paracatu amarrotada e desanimada neste imenso noroeste mineiro chorando uma saudade. Saudade de seus anos viris de terra famosa. Não é mais aquela Paracatu que V. Exa., com seu grande zelo apostólico cortou-a de ponta a ponta sobre lombo de burros. Plantando o amor. A caridade. A justiça. A bondade. Plantando e sobremaneira cultivando. E esta Paracatu é grata e reconhecida por tudo que recebeu de V. Exa. nestes, longos 33 anos cultivados pelos sofrimentos e sacrifícios silenciosos de sua alma de apóstolo.

Aqui, neste momento, reunidos ao lado da velha catedral, se encontra o seu povo, D. Eliseu. O seu povo que V. Exa., na maioria, acompanhou e do qual dirigiu os primeiros passos titubeantes para a vida. O seu povo para dizer a V. Exa. Revma., através de nossas palavras desconexas, porquanto o sentimento não nos permite outra coisa, para dizer que D. Eliseu jamais sairá dos corações paracatuenses. Para dizer que D. Eliseu não entrará na história biográfica da terra como um "ouvi dizer que existiu". Pois os nossos pósteros receberão de nós esta parcela viva de V. Exa. que é o exemplo de sua vida de desprendimento, de autenticidade, de bondade que não será arrancada de nosso meio, como arrancada foi a paisagem de Paracatu de nossos dias de criança.

Disse que o nosso adeus era com os olhos voltados para o passado e para o presente. Mas estava me referindo ao passado e nele permaneço. Continuo a dizer-vos, povo de Paracatu, ou melhor, a recorda-vos a personalidade marcante de D. Eliseu que através desta jornada de 33 anos, foi sempre o baluarte da terra. O chefe espiritual de todos nós. Sempre, principalmente, nas horas mais sofredoras, mais tristes, onde sabe consolar e levar conforto a um coração que sofre.

D. Eliseu aqui chegou cheio de vida. As dificuldades que encontrara foram muitas. Mas não existiram dificuldades que o fizessem desanimar-se. Não teve dó de sua vida: entregou-a totalmente ao bem estar de seus filhos.

Cada capelinha que se desenha no topo da serra ou na vastidão da chapada, sentiu o vigor e a nobreza desta alma de fé. A choupana miserável do caboclo, tangida pelos vendavais de agosto ou molhada pelo temporal de dezembro, jamais lhe foi menos cara que a casa luxuosa e confortável do rico.

Mas agora, povo de Paracatu, poderíeis perguntar-me onde D. Eliseu encontrou tamanha força para tão difíceis empreendimentos? É muito fácil e muito simples a resposta. Foi e é na oração. Escondido dos olhos dos homens, bebe da fonte viva do sacrário aquela força, esta simpatia e esta humildade. Seguindo em tudo o mestre. Abnegando a si próprio, tomou a sua cruz e seguiu pelos caminhos do senhor. Ele nunca fez outra coisa senão realizar a vontade daquela a quem se consagrou inteiramente.

Mas eu disse com meus olhos, passeando pela terra, pararam diante destas palmeiras. Pararam tão estáticos como elas mesmas. E elas então mandam-se voltar para o adeus do presente. Absurdo talvez vos pareça eu afirmar isto, ouvintes. Mas não é. Estas palmeiras trouxeram-me a paisagem característica da terra, a "velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama e da conquista", imortalizada na maravilhosa página do "Buriti Perdido". E o velho buriti não está imortalizado não só nas páginas da literatura pátria, mas também no brasão episcopal de nosso querido D. Eliseu, com o mesmo sentido de paisagem característica da terra onde ele viria relizar inteiramente a plenitude de seu sacerdócio. Mas sobrepujando a todos estes simbolismos elas trouxeram a imagem de que usa o salmista: "Florescerá o justo como a palma", e ele continua, "e cresce como o cedro lá no Líbano. Na casa do Senhor plantados, nos átrios de nosso Deus hão de florescer".

E este justo floresce cada dia mais, plantado na casa do Senhor. E este justo cresce, cada dia mais, como o cedro do Líbano florescendo no átrio do nosso Deus. E este justo, escondendo-se dos olhos dos homens, agiganta-se dentro da sua humildade. Porque plagiando alguém, D. Eliseu é grande na humildade e humilde na grandeza. Eu sei, Exa. Revma., o quanto estas minhas palavras o estão ferindo. Estão martirizando e sangrando a sua humildade. Mas eu deixaria de ser justo se omitisse isto. Seria um pecado. destes que bradam aos céus, que cometeria diante de todo este povo. De todo este seu povo, D. Eliseu. De todo este povo que continua sempre a ser de V. Exa.

V. Exa. apenas parte, mas não se separa de nós. Não haverá separação mútua. Separação só existe para pessoas que não se amam. A imagem da terra, simbolizada nessas palmeiras tão amadas por V. Exa., além dos exemplos de sua vida, plantados em nossos corações, temos a figura do justo que floresce, cada dia mais, na casa do Senhor. A figura do justo, que é V. Exa. apenas parte, mais uma vez mostrando a grandeza de sua alma é a sua prontidão em atender à vontade do Senhor. Mas V. Exa.,

jamais se separará, se ausentará de nossos corações, como também de nossos pósteros.

Exa. Revma. dizem que "o tempo seca a beleza, seca o amor, seca as palavras. Deixa tudo solto, leve, desunido para sempre como as areias nas águas. O tempo seca a saudade, seca as lembranças e as lágrimas. Deixa algum retrato, apenas, vagando seco e vazio como as conchas das praias". Mas contradigo. Como o tempo não secou a vitalidade da fé de V. Exa. Como o tempo não secou a humildade e a bondade de V. Exa. Como o tempo não secou o brilho destes dois olhos de bondade que entardecem dentro deste rosto judiado pelos anos. Janelas por onde se vislumbra a paisagem de uma alma que viveu esquecida de si. Esquecida de si para Deus e para os homens. Como o tempo não secou estas palmeiras que são o símbolo mesmo de V. Exa., o justo a florescer na casa do Senhor, o tempo não secará de nossos corações, de nossa lembranças, a figura bondosa de D. Eliseu. Não será apenas algum retrato vagando seco e vazio como as con-

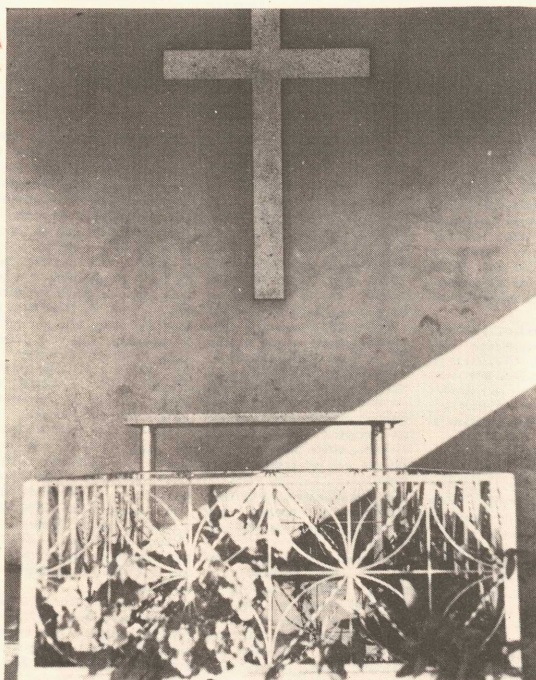
chas das praias. Mas será a própria imagem esculpida dentro de cada coração paracatuense.

V. Exa. parte, D. Eliseu, mas não se separa de nós. Enquanto palpitar um coração paracatuense, dentro dele estará emoldurada a imagem de V. Exa. A imagem da bondade. Do desprendimento. Do amor a Deus e aos homens. E neste olhar de despedida que todo o seu povo lança a V. Exa., ele dará flor por toda a vida. Flores bonitas, plantadas e cultivadas por V. Exa. mesmo no jardim de suas virtudes.

D. Eliseu, não me prolongarei mais. Somente reafirmarei a V. Exa., todo este povo jamais deixará de ser seu como V. Exa. jamais deixará de ser deste povo. D. Eliseu, a gratidão deste povo para com V. Exa. é muito grande. Por isto, resumimos o nosso agradecimento em uma palavra apenas: "Deus lhe pague por tudo, D. Eliseu".

FALECIMENTO DE DOM ELISEU

NA TARDE DE 25 DE JANEIRO DE 1966,
MORRE O "PASTOR DA SIMPLICIDADE".
PARACATU DECRETA LUTO. PAPA TELEGRAFA.



Túmulo de D. Eliseu, na capela do Cemitério de Santa Cruz de Paracatu.

D. Eliseu regressara a Paracatu em fins de dezembro de 1965. Fora um regresso definitivo. A população o recebeu carinhosamente. Veio com balido. Já no fim. Quase não possuía forças nem para se movimentar. Ao descer do avião, ao rever Paracatu e pisar o seu solo pareceu rejuvenescer-se. D. Raimundo estendeu-lhe as mãos e assegurou mais tarde: "Ao respirar os ares paracatuenses, outro era D. Eliseu. Ele teve uma melhora súbita e animadora. Parecia um milagre. Era a alegria de retornar-se à terra que lhe era tão querida".

Desde então foi carinhosamente assistido pelo bispo D. Raimundo, pelos padres e por toda a população que muito o amavam.

Viveu seus últimos dias em Paracatu, orando. Uma preparação contínua para seu definitivo encontro com o Senhor, após andar pelos seus caminhos durante 85 anos e 26 dias.

Recebeu toda assistência médica e religiosa. Na tarde de 25 de janeiro de 1966, Paracatu inteira recebia, consternada, a notícia de seu falecimento. Os sinos dobraram de tristeza. D. Eliseu havia partido, definitivamente, no entanto, os seus restos mortais seriam carinhosamente conservados em Paracatu. O povo afluía para a Catedral onde seu corpo ficara exposto - para prestar-lhe sua última homenagem.

Na tarde de 26 de janeiro Paracatu assistiu à maior concentração popular de sua história. Era o sepultamento de D. Eliseu. Toda a Diocese se fazia presente através dos Vigários e das autoridades e representantes de todas as paróquias. Após as solenes exéquias celebradas na Catedral, seu corpo fora dado à sepultura no Cemitério de Santa Cruz, em cuja oportunidade vários oradores manifestaram o pesar pelo falecimento do sempre querido e lembrado "Pastor da Simplicidade".



PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU

DECRETO-LEI nº 27

O Prefeito Municipal de Paracatu, Estado de Minas Gerais, no desempenho de suas atribuições legais :-

CONSIDERANDO o infausto passamento de D. Eliseu Van de Meyer, ocorrido, hoje, às dezoito horas;

CONSIDERANDO que este lutuoso acontecimento consternou, profundamente, o povo paracatuense;

CONSIDERANDO que D. Eliseu, Bispo titular de Gor e ex-Prelado de Paracatu, durante mais de três decênios, participou, intimamente, das alegrias e dos sofrimentos do povo paracatuense,

Resolve, como homenagem postuma à esta figura tão querida e venerada, decretar luto oficial por três dias e feriado municipal, amanhã, dia vinte e seis (26) do corrente.

Todas as despesas decorrentes dos seus funerais, correrão por conta do erário municipal

Prefeitura Municipal de Paracatu, em 25 de janeiro de 1966

Alair Amor Forto Adjuto

Prefeito Municipal

Gracindo Moura Brochedo
Diretor de Administração

Fac - Símile do Decreto - Lei nº 27 da Prefeitura Municipal de Paracatu, decretando luto oficial por 3 dias.

TD2386

T

ZCZC JRA188 L08443 LK

BGR0 HL ITVS

VATICANO 33 5 0800

LTf

NUNTIUS RIODEJANEIRO

AUGUSTO PONTIFICE RECEBENDO TRISTE NOTICIA MORTE DOM ELISEU
VAN DE WEIJER BISPO TITULAR GOR ENCOMENDA SUA ALMA AO SENHOR
ETERNO REPOUSE CONCEDENDO CARMELITANOS ANTICA OBSERVANCIA
CONFORTADORA BENCAO APOSTOLICA
CARDINAL CICOGNANI

Fac - Símile de Telegrama do Vaticano quando da morte de D. Eliseu.

Os Tempos Difíceis De Uma Comunidade

DESDE O INÍCIO, A PARÓQUIA DE PARACATU, CRIADA EM 1755, TEVE PROBLEMAS. MAS OS EQUÍVOCOS E OS ERROS NÃO CONSEGUIRAM APAGAR A FÉ DO POVO.

Sabe-se que a descoberta das minas de ouro em Paracatu não foi levada imediatamente ao conhecimento do governo. Elas foram exploradas durante muito tempo às ocultas, até que José Rodrigues Fróis resolveu comunicar a descoberta ao governo da capitania em 1744. Desconhece-se, portanto, a data da fixação do civilizado no território, que mais tarde se tornaria a cidade de Paracatu. É certo, porém, que, antes de 1744, milhares de pessoas já residiam aí, inclusive elementos pertencentes ao clero. É o que se depreende da afirmação de Xavier da Veiga, quando narra a ação da Inquisição em Paracatu. Segundo ele, em 29 de setembro de 1744, "um auto de fé da Inquisição de Lisboa, há diversas condenações, e, entre elas, as de dois moradores de Minas Gerais". Uma delas é a do padre José Ribeiro Dias, 55 anos, natural de Braga, residente no arraial de Paracatu: suspensão para sempre do exercício de suas ordens, privado de quaisquer ofícios ou benefícios, inabilitação para outros e 10 anos de galés, por crimes contra a moral. . . " (1)

Os franciscanos - Também os missionários franciscanos, frei Ivo do Nascimento e frei Maurício de São Francisco, encontravam-se nas "minas" por esta época. Não possuíam convento nem residência, mas uma casa chamada "hospício" (hospedeira), (2), na qual moravam. Este "hospício" foi privilegiado com celebração pública de missa e administração dos sacramentos. O papa Bento XIV, pelo breve de 26 de fevereiro de 1756 enviado ao bispo de Olinda, autorizou os frades esmoleres do arraial a construir no "hospício", cedido pelo síndico José Tomás de Faria Campos, "um oratório público", no qual, "sem escrúpulo algum de consciência", pudessem celebrar missa diariamente e dar comunhão, excetuando a comunhão pascal para pessoas leigas, "que a devem receber na própria paróquia".

O vigário - Apesar da mencionada presença de padres e frades nas minas de Paracatu, o governo eclesiástico só chegou aí durante o episcopado de D. Frei Luís de Santa Teresa, que assumiu a diocese de Olinda, Pernambuco, em 1734, como seu 7º bispo. Coincidência curiosa e feliz: ele é carmelita

Frise-se que até 1676 só existia um bispado no Brasil: o de Salvador, na Bahia. Neste ano, as prelazias do Rio e de Pernambuco foram elevadas a diocese. A de Pernambuco, com sede em Olinda, não possuía limites precisos. Estendia-se ao longo do rio São Francisco, abrangendo a sua margem esquerda, o território mineiro

PARACATU-JORNAL

Director Proprietario.. A. Vianna, ..Colaboradores Diversos ..Gerente A. Rodrigues

Orgão quinzenal, noticioso e de interesse publico

Anno 1 -- Paracatu 15 de Agosto de 1926--Num. 14 e 15.

Mensagem Presidencial

Houvera ainda mistério o exmo sr. dr. Fernando Mello Vianna, que, exabrantemente provas de profundo conhecimento das condições de superintendência e relações de interesses de um povo. O dr. Mello Vianna tem sido um continuador feliz e esclarecido dessa política de trabalho, de realizações e de benevolência, aspiçiosamente inaugurada em Minas pelo inolvidável estadista dr. João Pinheiro da Silva que, em vida, foi o imperitório paladino da moderna democracia.

Todos os serviços públicos estão satisfatoriamente atendidos e normalizados momentaneamente a instrução, nos seus diversos ramos, e as estradas de rodagem, os valiosos benefícios que mais directamente recebe o povo. Em sua mensagem diz o dr. Mello Vianna que estão organizados e com planta organizada grande numero de pedões destinados a grupos escolares em diversas villas e cidades, o que nos aviva a creença e esperança de que s. ex. dotará brevemente esta cidade de um novo e elegante edificio adaptado ao Grupo Escolar e também de Forum.

Temos certeza disso, por que um administrador progressista e operoso como o benemerito presidente de Minas não deixará de cumprir o que esse sentido prometteu ao prestigioso, hefe politico e social illuz re contra o dr. Joaquim Brochado, na sua recente estadia em Bello Horizonte, aonde fora tratar de negocios que interessam ao nosso municipio.

O Paracatu-Jornal, que tem acompanhado com vivo interesse a brilhante administração do presidente Mello Vianna e dos seus illustres e operosos auxiliares, em prol do engrandecimento do Estado, envia-lhes calorosas congratulações, bem tizando os seus nomes queridos e laureados pela benemerencia do povo brasileiro.

doar. Mello Vianna, que tem dado exabrantemente provas de profundo conhecimento das condições de superintendência e relações de interesses de um povo.

O dr. Mello Vianna tem sido um continuador feliz e esclarecido dessa política de trabalho, de realizações e de benevolência, aspiçiosamente inaugurada em Minas pelo inolvidável estadista dr. João Pinheiro da Silva que, em vida, foi o imperitório paladino da moderna democracia.

Todos os serviços públicos estão satisfatoriamente atendidos e normalizados momentaneamente a instrução, nos seus diversos ramos, e as estradas de rodagem, os valiosos benefícios que mais directamente recebe o povo.

Em sua mensagem diz o dr. Mello Vianna que estão organizados e com planta organizada grande numero de pedões destinados a grupos escolares em diversas villas e cidades, o que nos aviva a creença e esperança de que s. ex. dotará brevemente esta cidade de um novo e elegante edificio adaptado ao Grupo Escolar e também de Forum.

Temos certeza disso, por que um administrador progressista e operoso como o benemerito presidente de Minas não deixará de cumprir o que esse sentido prometteu ao prestigioso, hefe politico e social illuz re contra o dr. Joaquim Brochado, na sua recente estadia em Bello Horizonte, aonde fora tratar de negocios que interessam ao nosso municipio.

O Paracatu-Jornal, que tem acompanhado com vivo interesse a brilhante administração do presidente Mello Vianna e dos seus illustres e operosos auxiliares, em prol do engrandecimento do Estado, envia-lhes calorosas congratulações, bem tizando os seus nomes queridos e laureados pela benemerencia do povo brasileiro.

A repulsa do povo paracatuense pela attitudinal hostil do vigário Pe. Antonio Dias. Sua expulsão

Antes de relatarmos os acontecimentos que se verificam ultimamente nesta cidade e que motivaram, como se verá linhas abaixo, a expulsão do sr. vigário pe. Antonio Dias, — que foi vítima de si proprio, de sua attitudinal atribulada e aggressiva — devemos uma explicação aos nossos caros amigos e leitores, aqui lh'avamos dar.

Como todos sabem, o «Paracatu-Jornal» é um modesto orgão de publicidade independente e imparcial, e como tal só tem acolhido e acolhe carinhosamente em suas columnas artigos de collaboração escriptos em linguagem elevada, sobre assumptos relativos aos interesses do municipio e do Estado, evitando alluções offensivas ou criticas mordazes que possam ferir susceptibilidades de qualquer pessoa.

Porisso, aos nossos leitores não deve paecer estranha a attitudinal de retratamento e reserva que até hoje temos mantido em face da serie de improperios que frequentemente o vigário pe. Antonio Dias, quer em suas predicas, nas egrejas, quer em conversações particulares, vinha afirmando ao povo paracatuense, offendendo a sua dignidade, nos seus brios.

En rebento, o nosso retratamento calmo e reflectido se justificava com o respeito com que então tratavamos o vigário da parochia acima referido, como a auctoridade ecclesiastica, a obediencia ao programma que os tramos, e bem assum a esperança que calestavamos de que, mais dias, menos dias, aquelle sacerdote viria, modificar a sua conducta sem nenhuma consequencia deploravel.

Em face, porem, das lamentavéis occorrencias que aqui se desenrolaram, como consequencia inevitavel da attitudinal cada vez mais hostil assumida por aquella auctoridade ecclesiastica, insultando em linguagem deprimente, figuras de destaque no nosso meio social e politico, somos forçados a nos desviar hoje do nosso programma, e o fazemos como defensor dos direitos do povo de Paracatu, offendendo no seu brio por aquelle sacerdote que se desvirtuou allucadamente da sua elevada e dignificante missão de paz e amor, em Jesus, para se transformar em diffamador do proximo.

Em verdade, para o vigário pe. Antonio Dias, nas suas praticas e palestras particulares, impenitente em deprimir a o a dignidade de povo culto, hospitaleiro, laborioso e pacifico, pelos seus cavilosos e ridiculos, — os seus homens se afiguravam como m desbrilhado, preguiçosos e co roupi! —

Por mais que as nostras e o nosso povo procurava dar do seu respeito religioso e conducta moral, manifestados em actos publicos, isso fingia desconhecer aquelle vigário.

Para elle não havia homens de criterio nesta cidade; o caracter era, no dizelle, uma mercaderia que não encontrava cotação nesta praça... Tudo isso era, dito por elle, por toda parte, alto e em bom som em tom de escarneio.

Proseguindo obstinadamente o caminho escabroso em que trilhava, de achiuçar, liar a nossa cultura de povo ordeiro, — das objurgatorias, verbaes passoa o vigário pe. Antonio Dias ás cartas, escipias em linguagem violenta, infamante e injuriosa, a pretexto de qualquer trivialidade.

Fac-símile da 1ª página do "Paracatu Jornal" que publicou a matéria sobre a expulsão do Pe Antônio Dias. Texto na íntegra à página 26.

e goiano. Toda a zona paracatuense ficou então integrada à diocese de Olinda. Nos primeiros tempos de arraial, após 1744, o padre Antônio Mendes Santiago, vigário de São Romão, transferiu-se para Paracatu. Tratava-se de um padre aventureiro, briguento e andejo. A primeira notícia que temos dele é exercendo uso de ordens

em Manga. Daí ele passa para São Caetano do Japoré; a seguir, vai para Brejo do Salgado. Depois, já o encontramos, em São Romão, cujo arraial velho se chamava Santo Antônio da Manga. "Ele tinha sempre a sagaz precaução de residir nas povoações da margem esquerda do rio São Francisco, por pertencerem ao bispo.

de Pernambuco e este lhe ficar a 500 léguas de distância" (3).

Ainda mais que, em 1745, era criado o bispado de Mariana, em Minas Gerais. E o padre Mendes Santiago, pelo que se pode constatar, tinha pavor de morar próximo ao bispo, a quem devia obediência.

Sr. Antônio - Tratava-se de um padre ardisso, a ponto de dar à nova localidade nascente o nome de Santana e São Luís, "Santos a que havia de antes consagrado a igreja da Manga do Japoré". Erigiu a capela, mas deu-lhe por orago Santo Antônio, o mesmo de São Romão. Desta forma deparamos com duas igrejas de Santo Antônio da Manga: a de São Romão e a de Paracatu. Tendo tomado posse do território descoberto, em nome próprio e em nome do bispo de Pernambuco, a identidade do orago daria a desejada confusão, que surgisse entre as dioceses de Olinda e do Rio, caso disputassem o lugar.

Informa-nos Diogo de Vasconcelos: "Entre os concorrentes de Paracatu conta-se o vigário de Ouro Preto, dr. Félix Simões de Paiva, distinto sacerdote, que por ordem e provisão do bispo do Rio de Janeiro, D. João da Cruz, em visita às igrejas novas daquelas paragens, mas nada pôde fazer no arraial de Santana e São Luís. O padre Santiago saiu-lhe à frente e opôs-se com todas as forças ao seu mandato, e como dr. Simões lhe conhecia o gênio e as violências de que era capaz, o remédio que teve foi seguir viagem e transpor o rio São Marcos, por onde livremente estendeu a diocese do seu bispo."

A paróquia - Era terrível o padre Mendes Santiago. Em 9 de abril de 1738, o rei expediu contra ele ordem de prisão, baseado em denúncia do governador, segundo o qual o padre promeovera, em 1736, graves distúrbios em São Romão. Com os ventos da ameaça o vivo sacerdote deve ter saltado para Paracatu, onde passou a funcionar como vigário por conta própria. Af, além da igreja de Santana, construída por volta de 1736, e a do Rosário, construída em 1744, ele fez construir a igreja matriz de Santo Antônio da Manga que, desde 1750, já funcionava como igreja paroquial, conforme se deduz do Primeiro Livro de Assentos de Batizados, sendo vigário o padre Antônio Mendes Santiago e coadjutor o padre Luís (o sobrenome é ilegível). A criação da paróquia ocorreu, no entanto, em 8 de fevereiro de 1755, por provisão de D. Francisco Xavier Aranha, sendo logo entregue ao rumoroso padre Mendes San-

Em 1761, moradores de Paracatu representavam contra o padre Santiago acusando-o de "despótico e absoluto"; de possuir, não obstante ser proibido aos vigários e clérigos a posse de bens do domínio real, datas minerais no Córrego Rico; de ser comerciante, fazendeiro e criador, dono do engenho de cana e moinho de mandioca.

Em 1770, ele era advertido pelo governador, Conde de Valadares, por cobrar mais caro do que era de uso por seus ofícios e por ter avançado violentamente em terra alheia, pois litigou com colegas vizinhos sobre limites de jurisdição das respectivas paróquias.

Abusos - Muito se lamentava em Paracatu



Vista exterior da Igreja de Santana - Foto de 1929

o inconveniente de ser a paróquia subordinada a um bispado tão distante. E os vigários abusavam realmente. Além dos casos criados pelo padre Mendes Santiago, houve problemas graves com o vigário Joaquim de Sousa Correia e Melo e seu coadjutor, padre José Severino da Silveira. Deles tomou conhecimento o bispo de Pernambuco, que fez abrir devassa. O resultado foi a prisão do vigário, por ordem expressa de D. Rodrigo, em 1784, e sua entrega ao bispo. O coadjutor, por sua vez, teve 15 dias para sair da capitania.

Havia conflitos sérios em Paracatu. Em 1805, ocorreu o da procissão de "Corpus Christi", a mais suntuosa de todas as procissões, promovida pela Câmara e às suas custas. Naquele ano, o vigário, padre Manoel Rodrigues Cordeiro, preparou a procissão, com o trajeto tradicional. A Câmara quis alterar o trajeto. O vigário escreveu ao governador Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo, querendo a solução a quem competia determinar o itinerário da procissão: o vigário ou a Câmara? O governador manda seja ouvido o juiz Morais Navarro. A questão prolonga-se pelo ano de 1806. Nesta época há uma troca de correspondência, por sinal bem diplomática, entre o juiz Morais Navarro e o vigário substituto, o padre Joaquim de Melo Franco. O juiz, depois de bem inteirado do assunto, escreve ao governador, em 7 de julho de 1806: "O clero desta vila e de toda a sua freguesia está sujeito ao Exmo. Sr. bispo de Pernambuco, em distância de 600 léguas; seria muito conveniente ao serviço de Deus e de sua alteza real que ele ficasse sujeito ao Exmo. Sr. bispo de Mariana, para mais de perto prover do remédio oportuno as necessidades desta parte do seu rebanho, e que os limites dos bispados se regulassem pelos limites das capitanias". (5)

Distância - O certo é que os padres eram violentos, políticos, brigadores e até o Império exerceram grande influência na vida de Paracatu.

Todos reconhecem isto. Mons.

Pizarro, em suas "Memórias Históricas", escreveu "O bispo de Pernambuco não pode dar com presteza providências na administração eclesiástica pela desproporcionada longitude, em que se encontram as igrejas paroquiais de Paracatu. Daí procede a inevitável desgraça de se cometerem a sujeitos ignorantes dos deveres do cargo de juiz, idiotas e nada escrupulosos, os ofícios e a jurisdição de vigário forâneo e provisor, por quem corre o governo, e a administração referida, sendo eles muitas vezes a causa principal da ruína das mesmas igrejas e do Estado, não só pela imperícia, mas por viverem apartados enormemente das vistas de seus vigilantes e discretos prelados". (6)

O problema da Igreja em Paracatu estava na distância da sede do bispado. Os viajantes da época sempre se referem à influência dos padres nesta longínqua comarca de Minas. Não seria demais transcrevermos as observações de Augusto de Saint-Hilaire: "Os homens estabelecidos nesses desertos vivem afastados uns dos outros; não conhecem a sociedade, limitam-se à família. Os vadios não conhecem nem uma nem outra. Pode-se compará-los a essas plantas parasitas que, estranhas ao solo, esgotam os vegetais úteis de que retiram a sua substância e não produzem senão maus frutos. Se há algum remédio para a espécie de embrutecimento, em que caiu o povo dessa região, é naturalmente do clero que parece, se poderia esperar. Quando se pensa, porém, que não existe mais de meia dúzia de paróquias em toda a comarca de Paracatu, sente-se que os pastores, mesmo que estivessem animados de verdadeiro zelo, encontrariam os maiores obstáculos na extrema disseminação dos habitantes, tão pouco numerosos nesta vasta região. Mas sabe-se quanto pouco, em geral o clero brasileiro faz pela instrução do povo que lhe está confiado, e há ainda a esperar dos eclesiásticos da comarca de Paracatu do que das zonas vizinhas. Esta comarca, com efeito, não depende do bispado de Mariana, pertence ao de Pernambuco, cuja sede está afastada de 450 a 500

léguas, e, por conseguinte, nenhuma vigília poderia ser exercida sobre o clero desta parte do Brasil. Os padres podem impunemente seguir os exemplos dos leigos que os rodeiam e sua conduta não poderia deixar de reagir em seguida sobre estes últimos. A divisão dos bispados do Brasil seria, repito-o, indispensável; mas onde encontrar indivíduos assás virtuosos, assás corajosos para se operem aos abusos, e bastante prudentes para evitar os escolhos que encontrariam a cada passo?" (7)

Mau começo - A paróquia de Paracatu, desde o seu início, contou com muitos vigários levanos e não muito cônscios de seus deveres e obrigações sacerdotais. Em consequência, a comunidade não recebeu uma formação religiosa adequada. Foi uma paróquia muito difícil. Ainda no século passado podemos mencionar os tristes acontecimentos com o padre José de Moura Brochado, juiz de paz, que apanhou do capitão Belo Soares de Sousa, no arraial de Lagoa de Santo Antônio, nas eleições de 1864. O padre José de Brito Freire foi assassinado, em 1865, à porta da igreja do Amparo, por Tristão Dias Bicalho, repellido por haver acendido o cigarro na lâmpada do Santíssimo. O vigário padre Cirilo de Paula Freitas, apanhou no beco do chafariz porque deixou de batizar a criança Cássia, filha de D. Vininha e Francisco Roquete, por terem os padrinhos escolhidos pelos pais vida conjugal irregular. Além deste triste fato, o padre Manoel Assunção Ribeiro, em carta de 12 de maio de 1920, a D. João Antônio Pimenta, escreveu: "Não posso deixar de lembrar a V. Exa. que é este sr. João Teixeira, habituado à desobediência às autoridades eclesiásticas, o principal responsável pelos lamentáveis incidentes de 1896; sendo ele, mordomo maior, ou rei da irmandade de S. Benedito. Por motivo justíssimo de desrespeito em uma rua desta cidade, quando por aí passava o Revdmo. padre Cirilo, levando o viático e enfermos, determinou este que as procissões não passariam por aquele lugar e reiterou essa recomendação ao sair a procissão de São Benedito".

Padre "de rede" - Realmente, era uma paróquia difícil; a de Paracatu. A nosso ver, foi muito mal começado. Como já acentuavam Saint-Hilaire e Pizarro, muito distante da vigilância do bispo e com um clero mal formado, que não seguia os preceitos eclesiásticos a que estava sujeito. Para justificar a nossa afirmativa, é bom que exemplifiquemos com a figura do padre Joaquim de Melo Franco. Homem que não fez regularmente os estudos eclesiásticos. Foi feito padre por ato administrativo do bispo de Olinda, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, sem que tivesse atravessado o período regular de preparação. Era um dos chamados em Olinda, antigamente, padres "de rede", isto é, padres que demoravam no seminário apenas o tempo necessário para dormir algum tempo na rede.

Segundo Afonso Arinos, "era padre bem do Brasil do seu tempo: valente, político, brigador, vivendo com sua mulher e educando carinhosamente os filhos. Padre que nunca esqueceu os antigos tempos de soldado. Não vestia batina, a não ser nos momentos em que isto era necessário para o seu ofício" (8)

Liberal - Joaquim de Melo Franco viveu a vida inteira, como casado, com uma

senhora da família Cunha Branco. Teve dela 7 filhos e uma filha, criando e educando todos desveladamente.

"Constituir família publicamente" - é Afonso Arinos que escreve - "como se não existissem os impedimentos canônicos, não era coisa rara entre os padres antigos do Brasil, como sabem todos aqueles que conhecem um pouco de nossa história social. Naquela zona do oeste Mineiro e de Goiás era mesmo coisa corrente, habitual, pode-se dizer. Todos padres famosos daquele tempo e daquela região tinham as suas famílias. Saint-Hilaire e Pizarro, ao se referirem ao elemento eclesiástico da comarca de Paracatu, acentuam a liberdade em que vivia, desprendido dos impedimentos legais. Os padres de Paracatu, contemporâneos do vigário Melo, eram, como ele, chefes de família. No livro de Registro de Testamento de comarca, aberto em 1843, encontramos, por exemplo, referência aos descendentes dos padres Francisco da Silva Tavares, Ângelo de Pina e Vasconcelos e Joaquim Ferreira Braga, todos daquela comarca". (9)



Interior da Igreja Catedral de Santo Antônio, após as reformas sofridas, com o altar da Igreja de Santana, faltando-lhe as colunas.

Por outro lado, tudo leva a crer, o vigário Melo era ainda maçom. Robustecida ainda mais se torna esta opinião por causa de seu exaltado liberalismo, sua atuação constante contra os excessos de autoridade.

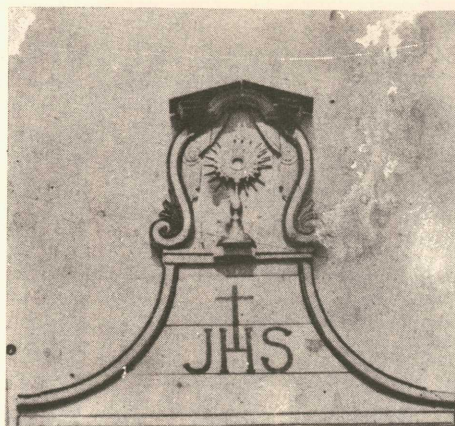
Visita pastoral - Diante desses fatos, perguntaríamos então: se não houve um bom dirigente vai haver um bom dirigido? A paróquia de Paracatu passou a ter maior assistência de seus prelados quando ficou sob a jurisdição de Diamantina.

O padre Manuel Assunção Ribeiro, em carta de 23 de janeiro de 1916, a D. João Pimenta, escreveu: "O cemitério de Paracatu foi bento, com a respectiva capela, pelo então diocesano D. João Antônio dos Santos, de saudosa memória, em 1875, exatamente quando esta cidade teve a honra de receber a primeira visita pastoral, pois, antes de 1864, toda esta região do noroeste de Minas pertencia ao bispado de Pernambuco, cujos prelados aqui nunca vieram".

A partir de então, o clero passa a ser mais vigiado e seguido de perto em suas ações. O movimento espiritual se intensifica. As irmandades religiosas florescem e passamos, também, a ter sacerdotes zelosos como o padre Antonino e padre Cirilo de Freitas. Na referida carta, ainda escreveu o padre Manuel: "Há cinco irmandades: Santíssimo Sacramento, Senhor Bom Jesus dos Passos, Senhora do Amparo, N. Senhora do Rosário, São Benedito. Os estatutos foram reformados por D. Joaquim Silvério de Sousa, quando em visita pastoral a Paracatu, em 1905. Porém, apesar das reformas e dos estímulos que imprimiu o sr. bispo de Diamantina, as irmandades continuam decaídas daquele antigo fervor, de que fui testemunha, na minha mocidade. Também houve em que floresceram muito não somente estas, mas também três outras, de há muito já extintas. Foram estas: Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, Confraria de São Francisco de Assis e a Irmandade de Senhora de Santana. Desta última nem sequer os livros existem".

Apesar dessa assistência a vigilância dos bispos diamantinenses, a Igreja em Paracatu, no período de 1910 a 1929, entra em decadência, solucionada apenas com a criação da prelazia "nullius" e, conseqüentemente com a chegada dos padres carmelitas. Tudo, a nosso ver, ainda fruto de uma igreja mal estruturada, mal iniciada.

Irmandades - As irmandades organizaram-se em Minas obedecendo à hierarquia estabelecida pela Sé Apostólica. Cada irmandade englobava, em sua organização, determinado agrupamento social, classe. Desde que uma irmandade tinha esse poder, tornava-se naturalmente uma força social ponderável e, portanto, merecia as atenções da Igreja. Não importava que ela fosse de brancos, pretos ou mulatos; importava o seu poder como expressão desses grupos. Assim, era prescrição da Igreja (unida ao Estado), que a Irmandade do Santíssimo Sacramento deveria pertencer às matrizes ou, por outra,



Frontispício da Matriz de Paracatu

estas é que pertenciam ao Santíssimo Sacramento. O próprio frontispício da matriz de Paracatu, nota-se perfeitamente, demonstra que ela pertencia à Irmandade do Santíssimo.

A marca do sistema de agrupamento social das irmandades foi tão grande que, mesmo depois de desaparecidas as estruturas políticas e econômicas que lhes deram origem, nas cidades de mineração permaneceram ressonâncias desta marca até nos primeiros decênios do século XX.

A formação social das zonas agropecuárias, mesmo das que foram antes mineradoras - como é o caso de Paracatu, que atravessou os dois ciclos - é de acentuada tendência patriarcal. Imperava o paternalismo, a amizade protetora entre o patrão e o vaqueiro. Também esse espírito patriarcal perdurou até o século XX.

Pois bem as irmandades em Paracatu, nos segundo e terceiro decênios, tiveram muitas questões com os vigários. Fruto por certo desta estruturação secular que perdurou.

"Via crucis" - Primeiramente, muito sofreu na freguesia o padre Francisco Antônio Videira. Eram desentendimentos ocasionados - quem sabe? - pela própria estruturação das irmandades. (Infelizmente não encontramos os estatutos daquele período). Era a tendência patriarcal e o vigário, na opinião dos membros das irmandades, teria que se submeter às suas vontades e caprichos. Mas, pelo que pudemos constatar através da rica correspondência entre paracatuenses, vigários, padres e bispos, tudo se prendia a fatos políticos. O padre Videira - português da arquidiocese de Braga e primeiro vigário provisionado para Paracatu por D. Pimenta - era ora acusado de estar metido na política baixa de Paracatu "onde, em vez de cumprir os seus deveres de sacerdote, está plantando a discórdia entre fiéis," (10) ora defendido "contra as infames calúnias dirigidas por carta daqui ao bispo e também as que têm saído no jornal local, desabonando o nosso vigário, digno de toda consideração e respeito e que em tão boa hora Deus guiou para esta terra." (11)

O problema vai-se crescendo a ponto da própria Câmara Municipal, em 14 de agosto de 1917, oficiar a D. Joaquim Silvêrio, arcebispo de Diamantina, solicitando a sua intervenção junto a D. Pimenta, para que retirasse o padre Videira de Paracatu, ante a sua incompatibilização com a maioria do povo, paixão partidária, insultos no púlpito e fala sobre a

constituição das irmandades religiosas de correligionários seus.

E o clima de acusação continua. Um abaixo assinado de 172 pessoas, encabeçado por José da Silva Neiva, assegura que o padre Videira se envolve na política e é um português expatriado, que deseja subverter a ordem e não ser vigário de Paracatu.

Defensores - Mas, por outro lado, o padre Videira tem os seus defensores na pessoa de Nelson Dario Pimentel Barbosa que assegura: "O padre Videira procura cumprir as instruções de V. Exa., afastar os abusos encontrados ou tolerados nas irmandades, cuja administração levavam pelos interesses próprios e não pelos verdadeiros princípios evangélicos; assim é que não consentiu que nas procissões continuasse o abuso intolerável, porque rapazes sem educação e libertinos queriam reduzir em círculos de diversão as festas religiosas e, encontrando oposição para isso no vigário, levantam contra ele uma campanha desabridada." (12)

O padre Videira conta ainda com a defesa de autoridades e pessoas gradadas da comunidade. O abaixo-assinado de julho de 1917 (74 assinaturas), encabeçado pelo juiz Martinho Álvares da Silva Campos Sobrinho, assegura que a causa da hostilidade é "não ter o padre Videira sido nomeado por pedido político. O padre continua impassível, não se dava à política e apenas pensava no bem geral de seus paroquianos".

FOLHA DO POVO

EDITORA: JORGE L. HORTZ. REDACÇÃO: P. DISSERSON.

— Paracatu, Independência e República —

Anno VIII | Paracatu, 10 de Agosto de 1917. | Num. 3-9

Quinta-feira, 9 de Agosto de 1917.

De hoje em diante, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

punho, entre os quais se encontravam policiais. Quebraram a máquina de cortar papel e empastelaram três caixas de tipo. Ele atirou, defendendo-se, e feriu o militar inferior de um soldado e o sargento Venceslau, levemente, no peito.

Na verdade, todas as autoridades, exceto o Juiz de Direito, estavam contra o padre Videira. O padre Manuel, em carta de 2 de agosto de 1918 ao Vigário geral de Montes Claros, cônego Francisco de Paula Moureau, afirma que as causas remotas do ataque à casa do padre Videira estão na questão da capela de Nossa Senhora da Abadia. Tudo por causa das providências do vigário para reprimir o desrespeito nas igrejas e nos atos do culto, e coibir abusos e irregularidades nas irmandades desorganizadas e monopolizadas por grupos interesseiros. "Os antigos detentores da capela da Abadia não podem resignar-se com aprovação de secular administração dessa devoção em boa hora, foi-lhe tirada das mãos por S. Exa. Revdma., quando aqui esteve em visita pastoral. É impecável o seu ódio contra o vigário a quem injustamente culpam o acharem-se despojados do que supunham direito de família".

Quanto às causas próximas, diz o padre Manuel serem os dois jornais: FOLHA DO POVO e VOZ DO SERTÃO. O promotor da comarca, hostil ao vigário, por diversas vezes, o ofendeu em artigos grosseiros na FOLHA DO POVO.

A verdade é que já haviam sido envidados todos os meios para retirar o

A VOZ DO SERTÃO

SEMANÁRIO INDEPENDENTE DEDICADO AOS INTERESSES DO POVO

PARACATU, 10 de Agosto de 1917. | Num. 3-9

Quinta-feira, 9 de Agosto de 1917.

De hoje em diante, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Desde hoje, a nossa publicação será semanal, e não quinzenal, como tem sido até agora.

Esta mudança é necessária para que possamos manter a atualidade e a utilidade da nossa publicação.

Fundo ARMDMG/NGP/ARMD/Cód. 1033/Arquivo Público de Paracatu

Fac - símile da 14 página de "Folha do Povo", de 10/08/1917

No dia 23 de julho de 1918, outro abaixo-assinado a D. Pimenta, com 318 assinaturas, encabeçado pelo padre Manoel e autoridades locais - "côscios de que representam os sentimentos católicos desta freguesia" - protesta contra os alevies e calúnias irrogados, injustamente, contra o padre Videira, que exerce o ministério sacerdotal como deve. Levantam-se contra ele, "ajudados pelo falso zelo de devotos dos dinheiros das capelas e dos santos".

Ódio satânico - O padre Videira possuía tipografia, onde editava o jornal VOZ DO SERTÃO. Na madrugada de 10 de julho de 1918, às 4 horas, sua casa foi atacada por mais de 50 homens, de carabina em

Fac - símile da 14 página do número 1 de "A Voz do Sertão"

padre Videira de Paracatu, não o conseguindo. Daí o despeito que, nas palavras do próprio padre Videira, gerou contra ele um "ódio verdadeiramente satânico". (13)

Loucura - Com toda essa opressão, o estado de saúde do padre Videira foi-se abalando sensivelmente. Antes, em 1918, na Lapa, "sob a impressão de que ia ser atacado, fugiu, à noite, para o mato, onde ficou até o dia seguinte, passando por lugares invios, desprezados, de difícil acesso, fugindo de inimigos imaginários que o perseguiram".

Coitado! Só no terceiro dia, depois de minuciosas pesquisas pelosromeiros, foi encontrado já calmo. "Voltou

DOCUMENTAÇÃO

A REPULSA DO POVO PARACATUENSE PELA ATITUDE HÓSTIL DO VIGÁRIO PADRE ANTÔNIO DIAS. SUA EXPULSÃO.

Antes de relatarmos os acontecimentos que se verificaram ultimamente nesta cidade e que motivaram, como se verá linhas abaixo, a expulsão do Sr. Vigário pe. Antônio Dias - que foi vítima de si próprio, de sua atitude atribulada e agressiva - devemos uma explicação aos nossos caros amigos e leitores, e aqui lhe vamos dar.

Como todos sabem, o "Paracatu-Jornal" é um modesto órgão de publicidade independente e imparcial, e como tal só tem acolhido e acolhe carinhosamente em suas colunas artigos de colaboração escritos em linguagem elevada, sobre assuntos relativos aos interesses do Município e do Estado, evitando alusões ofensivas ou críticas mordazes que possam ferir suscetibilidade de qualquer pessoa.

Por isso, aos nossos leitores não deve parecer estranha a atitude de retraimento e reserva que até hoje temos mantido em face da série de impropérios que frequentemente o vigário pe. Antônio dias, quer em suas prédicas nas igrejas, quer em conversações particulares, vinha atirando ao povo paracatuense, ofendendo-o na sua dignidade, nos seus brios.

Entretanto, o nosso retraimento calmo e refletido se justificava com o respeito com que então tratávamos o vigário da Paróquia acima referido, como a autoridade eclesiástica, a obediência ao programa que nós traçamos, e bem assim a esperança que acalentávamos de que, mais dias, menos dias, aquele sacerdote viria modificar a sua conduta sem nenhuma consequência deplorável.

Em face, porém, das lamentáveis ocorrências que aqui se desenrolaram como consequência inevitável da atitude cada vez mais hostil assumida por aquela autoridade eclesiástica, insultando em linguagem deprimente, figuras de destaque no nosso meio social e político, somos forçados a nos desviar hoje do nosso programa, e o fazemos como defensor dos direitos do povo de Paracatu, ofendido no seu brio por aquele sacerdote que se desvirtuou alucinadamente da sua elevada e dignificante missão de paz e amor em Jesus, para se transformar em difamador do próximo.

Em verdade, para o vigário pe. Antônio Dias, nas suas práticas e palestras particulares, impenitente em deprimir alto a dignidade de povo culto, hospitaleiro, laborioso e pacífico, pelos meios cavilosos e ridículos, - os nossos homens se afiguravam como desbriado, preguiçosos e corrompidos!

Por maiores amostras que o nosso povo procurava dar do seu respeito religioso e conduta moral, manifestados em atos públicos, disso fingia desconhecer aquele vigário.

Para ele não havia homens de critério nesta cidade; o caráter era, no dizer dele, uma mercadoria que não encontrava cotação nesta praça! Tudo isso era dito por ele, por toda parte, alto e em bom som em tom de escárnio.

Prosseguindo obstinadamente o caminho escabroso em que trilhava, de achincalhar nossa cultura de povo ordeiro, - das objurgatórias verbais passou o vigário padre Antônio Dias às cartas escritas em linguagem violenta, infame e injuriosa, a pretexto de qualquer futilidade.

É fora de dúvida que, se o vigário pe. Antônio Dias tivesse sabido conduzir com prudência, zelo e sabedoria o rebanho que Deus lhe tinha confiado aqui; se ele tivesse seguido os passos, de tolerância e circunspeção, de muitos dos seus ilustres e virtuosos antecessores na direção desta paróquia, os quais, por terem sabido bem compreender os seus deveres, deixaram magníficos nomes e fizeram jus à benemerência do nosso povo, e enfim, se em vez de suas irritantes arengas e cartas insultuosas, tivesse procurado cumprir a sua missão civilizadora, qual a de pregar aos católicos paracatuenses a divina doutrina do bem, do amor e do perdão, - teria conquistado a simpatia, o apreço e a veneração da nossa culta e generosa sociedade, e abundante seriam os frutos colhidos por tais ensinamentos.

Mas o seu temperamento impulsivo, agravado com a sua desmedida avareza, cegou-o e talvez a sua fátua presunção desviasse-o da estrada luminosa seguida por piedosos irmãos seus pela crença, pelo sacerdócio e até pelo sangue.

Qual o famoso monge Rasputine, e julgando-se já "senhor feudal" desta terra, que ele explorava coletando avarosamente as copiosas rendas pertencentes às nossas igrejas, produtos das esmolas oferecidas pelos fiéis, - considerou que diante do seu menor aceno todos aqui se prosternariam submissos; e-lo arrogante, arvorado em regenerador catônico dos nossos costumes e demolidor das nossas honrosas tradições, a incentivar com os mais afrontosos epítetos a sociedade paracatuense, que tão carinhosamente o havia acolhido e tratado com acatamento e consideração, durante mais de dois anos em que aqui permaneceu!

A repulsa nesta cidade pela atitude arrogante e provocadora do vigário padre Antônio Dias, foi geral, quase unânime, dando motivo às explosões populares que se verificaram no dia 8 do expirante mês, de que resultou sua expulsão.

Façamos um breve resumo das lamentáveis ocorrências verificadas aqui naquele dia, e que, como já dissemos, foram imprudentemente provocadas por aquele vigário, por meio de expressões ultrajantes, veiculadas em cartas enviadas a pessoas de assinalado relevo na sociedade.

O vigário pe. Antônio Dias, logo que aqui chegou, começou a trabalhar no seu sagrado ministério, revelando a princípio, boas intenções...

Mas não se descuidou em preparar à sombra a estrada que deveria conduzir à realização de seus planos de perseguição contra aqueles que lhe pudessem fazer sombra.

Prevalecendo-se do ilimitado crédito e desmedida boa fé do exmo. sr. bispo diocesano de Montes Claros, ou obedecendo instintivamente as suas inclinações naturais, foi o vigário Pe. Antônio Dias, o principal, senão único instigador da campanha de perseguição movida contra o seu digno antecessor revdm. cônego João Marques de Oliveira, que foi suspenso de ordens.

Ainda está bem patente na memória de todos os fiéis paracatuenses o admirável êxito dos pomposos festejos celebrados, em dias do mês de junho findo, em benefício das obras de concertos de que necessitava a nossa igreja matriz.

Diante da acertada e louvável deliberação tomada pela maioria dos honrados membros da comissão promotora dos festejos acima referidos, de depositar na Agência do Banco Hipotecário, desta cidade, a soma arrecadada, na importância de 5:485\$000, proveniente do rendimento daquelas solenidades religiosas, - o vigário padre Antônio Dias não pôde reprimir o seu ódio nem teve força para dissimular a sua averse por aquele dinheiro, vendo-o depositado num estabelecimento de crédito, por conta do sr. Romero Lepesqueur.

Foi assim que ele, no dia 4 do expirante, enviou uma carta à virtuosa mãe do sr. Romero Lepesqueur, na qual atirou as mais revoltantes injúrias contra a pessoa deste distinto moço, e foi além, vilipendiando a comissão de festejos de que o mesmo é digno tesoureiro; foi assim que escreveu também outra carta no mesmo dia ao dr. Sérgio de Ulhoa, contendo expressões ultrajantes para a dignidade deste ilustre e acatado clínico paracatuense.

Uma vez de posse da carta citada, o dr. Sérgio de Ulhoa deu-se pressa em procurar o autor da mesma, para uma explicação pessoal, conseguindo encontrá-lo no dia seguinte, pela manhã, no largo da matriz, e aí, após ligeira troca de palavras, aquele médico repeliu com toda veemência e desassombro as torpes invectivas que lhe foram atiradas pelo vigário pe. Antônio Dias.

Sabedor disso, o brioso moço dr. Cândido de Ulhoa, por sua vez, para desafrontar a dignidade do seu velho pai dr. Sérgio de Ulhoa, dirigiu, no mesmo dia uma carta ao referido vigário, ameaçando expulsá-lo à força.

O fato, porém, que mais impressionou a todos no decorrer do dia 8 deste mês, domingo, foi o incidente ocorrido, pela manhã, no ato da missa, na igreja matriz, e que foi o imprudentemente provocado pelo dito do vigário. No momento em que ele iniciava a prática do costume, entrou no templo o sr. Romero Lepesqueur, em atitude pacífica e respeitosa, postando-se, de braços cruzados, diante da arcada coral.

O vigário pe. Antônio Dias, encarando-o com rancor, interpelou-o em tom ameaçador, com estas palavras: "Vieste aqui para me afrontar?!"

O sr. Romero, fora de si, completamente alucinado, sacando do revólver, desfechou um tiro naquele sacerdote, errando, felizmente, o alvo. Seguiram-se tumultos de senhoras em pânico, havendo imprecações e lamentos.

O vigário retirou-se do templo, tendo feito o mesmo o sr. Romero, acompanhado este de grande número de pessoas amigas.

Dentro em poucas horas, na cidade, o movimento reacionário manifestou-se do lado do povo, a centenas de vozes exclamavam: "É preciso expulsar o padre!" Grande massa popular caminhou, então pelas ruas, indo intimar o vigário indesejável para se retirar da cidade, no prazo improrrogável de 24 horas.

na frente, uniu-se ao Ato de Desagravo solene, prestando uma reparação condigna pela injúria feita a Jesus Cristo e a seu ministro no ato da missa. Diante de uma assistência de 2 a 3 mil pessoas, que transbordava da imensa nave e dos corredores da matriz, num silêncio impressionante, o principal agressor do ex-vigário, ajoelhado no degrau superior do presbitério, acompanhando a leitura e unindo-se à mesma, fez a precisa reparação diante do Santíssimo exposto. Diante da coragem e fé do moço arrependido, dos membros da família que fizeram uma comunhão reparadora, durante a praticazinha explicativa da cerimônia e enquanto as notas do PERDÃO MEU JESUS, PERDÃO DEUS DE AMOR desciam plangentes e expressivas sobre a imensa assistência, muitas lágrimas de amor e arrependimento brotavam dos corações e umedeciam os olhos de muitos. As diversas cerimônias reparadoras e primeira missa na matriz se prolongaram das 9 às 11 da manhã do dia 3 de julho”.

Comissão - Na mesma ocasião, frei Aleixo leu para o povo o telegrama de D. Pimenta, autorizando-o a organizar uma comissão organizadora de donativos para ereção duma prelazia em Paracatu. “Creio poder afirmar que a sinceridade dessa reparação se deve a criação da prelazia,” diria D. Pimenta, acrescentando: “Clamor eorum in aures Domini Sabaath introivit.” (O Senhor ouviu o clamor do seu povo.)

No dia seguinte organizou-se a comissão que ficou assim constituída: presidente: coronel Antônio Brochado; vice-presidente: coronel Antônio Cordeiro; tesoureiro: sr. Aníbal Botelho; secretário: sr. Demóstenes Roriz e mais oito membros encarregados das listas. (Não conseguimos obter os nomes desta oito pessoas).

Segundo consta no relatório de frei Aleixo ao bispo, na primeira reunião efetiva da comissão, cuja ata foi redigida imediatamente num livro especial, deliberou-se:

1. Que o Revd^o Frei Gregório Aleixo informaria a V. Exa. Revma. das resoluções tomadas;
2. Que a comissão agradece a V. Exa. Revma. pela iniciativa da criação duma prelazia em Paracatu;
3. Qua a comissão, na pessoa do seu distinto presidente, aguarda com reverência as instruções que V. Exa. houver por bem comunicar-lhe para melhor e com maior brevidade conseguir o fim almejado;
4. Que as listas de inscrições de donativos, para formar o patrimônio, haviam de ser recolhidas até fim de agosto; que salvo ordens contrárias de V. Exa. de setembro em diante se tratará de alugar, preparar e mobiliar uma das melhores casas de Paracatu;
5. Que V. Exa. Revma. seria pontualmente informado do resultado das providências tomadas.

Patrimônio - No mesmo relatório, há ainda o seguinte: “Ontem, o sr. Adjuto, moço muito verdadeiro e das melhores famílias de Paracatu, de passagem aqui em Formosa, me disse que somente na cidade a inscrição já atingiu 20 contos antes do fim de julho”.

Por deduções de outras correspondências, a quantia mínima para se formar o patrimônio da futura prelazia



Os fundadores da Prelazia “Nullius” de Paracatu. Sentado, Mons. Frei Eliseu van de Weijer. De pé da esquerda para a direita: Frei Romeu Arcanjo, Pe. Frei Miguel Jonkers e Pe. Frei Carmelo Lambooy.

estava estipulada de 25 a 30 contos de réis.

O trabalho por parte dos paracatuenses foi eficiente. A população anelava resolver de uma vez para sempre o problema da presença de sacerdotes na cidade. Houve boa vontade por parte de todos. Havia uma nostalgia muito grande das solenidades religiosas. Apesar de todos os contratempos, tratava-se de um povo de profundos sentimentos religiosos. O próprio frei Aleixo observou: “Resumindo minha impressão sobre Paracatu, sou obrigado a dizer que em geral os homens principais estimam e respeitam a religião, embora indiferentes na prática da mesma; as senhoras mães e filhas da elite social paracatuense são na sua quase totalidade muito piedosas e sabem impor nas relações sociais um tom de distinção e reserva pouco vulgares (...). Acho urgentíssima a vinda o mais breve possível de padres virtuosos, desinteressados e operosos. E certo estou que este rincão do sertão mineiro não lhes regatearia o res-

peito, a obediência e o carinho. Penso que há em Paracatu ótimos elementos para servir com fervor a Nossa Senhor: há a qualidade e pode haver o número. Oxalá Buriti tivesse despertado em minha alma as mesmas esperanças de Paracatu. Mas, ai! meu querido e triste Buriti!

O sementeiro - Frei Aleixo, mais do que ninguém, conhecia quase todo o território que formaria a futura prelazia. Há muitos

anos era vigário de Buritis, de Capim Branco, enfim, de todo o vão do Urucuia e, com os nefastos acontecimentos de 1926, em Paracatu, vinha atender também a essa paróquia. Homem de profunda vida interior, muito humilde e dedicado ao seu ministério sacerdotal, trabalhava com total desprendimento e favor da Igreja, que abraçara totalmente através do sacerdócio. D. Eliseu tinha por ele verdadeira estima e admiração. Era uma estima e admiração repletas de gratidão pelo trabalho anteriormente realizado naquela porção que viria a ser a sua prelazia.



A antiga residência prelatícia, à rua do Sacramento. Demolida em 1964. Em seu local construiu-se o Pré-Seminário João XXIII. Óleo de Teresinha Couto de Oliveira Correa. (Coleção particular de Oliveira Mello).

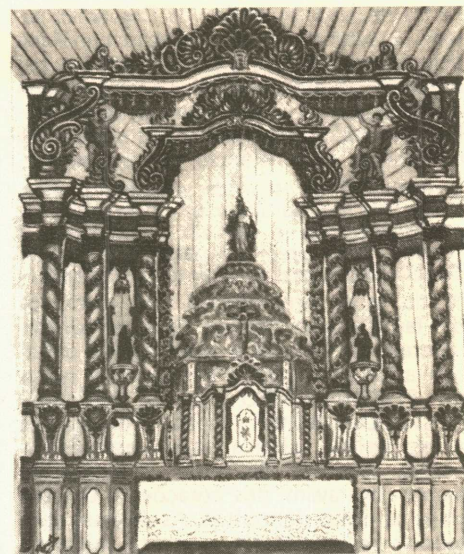
Lembro-me ainda que, em 1957, no Rio, D. Eliseu foi visitar o velhinho, já no fim de sua vida, para mais uma vez demonstrar a gratidão por tudo que ele havia plantado de bom na Igreja de Paracatu. E, até hoje, por todo o recanto da diocese, muita gente ainda se lembra da figura de frei Aleixo e tem uma palavra de muita saudade e de muito carinho para com este filho de São Domingos de Gusmão. Sempre que escrevia a D. Pimenta, tinha expressões como estas: "Lastimamos muito que o projeto tão acertado da prelazia ou bispado de Paracatu não tenha surtido efeito". (26/11/1928). "Que o bispado de Paracatu se torne uma realidade promissora de ressurgimento espiritual naquela parte do torrão mineiro, onde apesar de tudo existem distintos e numerosos elementos para um surto religioso eminentemente consolador. Mas não convém deixar a desconfiança e o desânimo abrirem brecha ao ceticismo" (...). (26/12/1928).

E o trabalho continuava. Ninguém estava parado. Dentro de mais algum tempo o projeto da prelazia de Paracatu (2) tornar-se-ia uma realidade. **Bula de Pio XI** - Após tantas expectativas, no dia 19 de março de 1929, através da

Bula "Pro munere sibi divinitus", o papa Pio XI cria a prelazia "nullius" de Paracatu, desmembrando-a dos territórios eclesiásticos das dioceses de Montes Claros e de Uberaba (desta, apenas a paróquia de Sant'Ana dos Alegres, município de João Pinheiro).

A notícia da criação da prelazia ocasionou muito regozijo na cidade. Pois, desta maneira, teria solução um problema muito grave, que se vinha arrastando há muitos anos. Agora, caberia saber quem seria o prelado e de onde viriam os padres para trabalhar na nova circunscrição eclesiástica. Em maio, na cidade toma-se conhecimento de que a administração da prelazia seria entregue aos padres da Ordem Carmelita, da Antiga Observância, da província fluminense. Enquanto isto, no dia 27 de abril, Pio XI nomeava administrador apostólico o padre frei Eliseu van de Weijer, residente no Convento do Carmo de Santos, e superior das Missões carmelitanas do Brasil.

Pioneiros - Os carmelitas chegaram a Paracatu em 31 de julho de 1929. Vieram os padres frei Eliseu van de Weijer, administrador apostólico da recém-criada prelazia "nullius" de Paracatu, frei Carmelo Lambooy, frei Miguel Jonkers e o irmão



Altar - mor da Igreja do Rosário. Talha de 1744. Óleo de Teresinha Couto de Oliveira Correa (Coleção particular de Oliveira Mello).

leigo, frei Romeu Arcanjo. Por que vieram os carmelitas para esta região de Minas Gerais? Como já se viu, a assistência religiosa nos chapadões de Paracatu era muito precária. Os antigos vigários e o próprio bispo diocesano estavam convictos de que somente uma Oedem ou Congregação Religiosa poderia dar a devida assistência, pela sua própria estruturação de vida. E cada prelazia criada era oferecida a uma das Ordens ou Congregações Religiosas, por sinal solidárias em toda parte: Mato Grosso, Paraná, Território do Acre, Amazonas etc. Aos carmelitas, em 1928, foi proposta como prelazia a região de Paracatu ou o então Território do Acre. Preferiram a região de Paracatu.

E aqui chegaram destemidos para o trabalho. Vieram os homens certos para o lugar exato. Puseram mãos à obra e marcaram o seu trabalho através do espírito de humildade, de desprendimento e de amor às coisas de Deus. Não há recanto da atual diocese de Paracatu que não se recorde deles com saudade e que não fale sobre eles com amor e com carinho. Eles vieram e plantaram o que o paracatuense, ansiosamente, aguardava: paz, tranquilidade, concórdia. No dia 4 de agosto de 1929, frei Eliseu toma posse do governo da prelazia, dada pelo carmelita italiano, frei Henrique Ciulli, vigário de Buenópolis e delegado do bispo de Montes Claros, D. João Antônio Pimenta. De 1929 a 1940, Frei Eliseu governa a prelazia sem ser bispo. Em 1940 é sagrado bispo, continuando a pastorear seu rebanho até 1962, quando a prelazia é elevada à categoria de diocese.

- e o irmão leigo Frei Romeu Arcanjo, viajando gratuitamente por conta do governo do Estado de Minas Gerais, favor obtido por intermédio do Exmo. Dr. Afrânio de Melo Franco, advogado no Rio e natural de Paracatu. O bota-fora dos RR Missionários foi soleníssimo pela assistência e comparecimento do Revdo. Padre Provincial da Província Carmelitana Fluminense, Frei Cyrillo Thewes; do Revdo Prior do Convento da Lapa, Frei Sebastião Boerkamp; do Vice-Prior, Frei Thomas Jansen; do Revdo Procurador da Província acima nomeada, Frei Guilherme Meijer; do Revdo Sr. Cônego Celodoveu Ayres, Vigário da Luz, no Rio de Janeiro; do Revdo padre João Baptista Lehmann. Compareceram também o Apostolado da Oração, a Ordem Terceira do Carmo, a Devoção a Nossa Senhora da Soledade, a V.A. Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro e muitos amigos e conhecidos dos RR Missionários, entre os quais o Comandante da Armada Brasileira, Getohy Alencastro, amigo particular do Revdo, Padre Frei Carmelo. Antes de saírem do convento, rezaram os Missionários com a Comunidade e os Novíços o Itinerário conforme o Ritual da Ordem e depois despediram-se dos seus irmãos de hábito a Comunidade e o Noviciado.
- 29 de julho - Chegada a Belo Horizonte. Recepção pela colônia paracatuense chefiada pelo Ilmo. Sr. José Alves, Argemiro Rezende. Deputado Estadual, o Revdo Sr. Cônego João do Carmo, Reitor do Seminário, representando o Exmo. Sr. Arcebispo, d. Antônio Cabral e um representante do digno Sr. Presidente do Estado Dr. Antônio Carlos, a Senhorita Conceição Chaves com a mocidade e juventude estudiosa de diversos colégios e muitos outros, cujos nomes me escaparam, vieram a oferecer ao novo Prelado os cumprimentos de boas vindas no Estado de Minas. Depois de um lauto almoço oferecido pela dita colônia foi dado um passeio pela cidade e retribuídas as honras ao Sr. Arcebispo e ao Exmo. Presidente do Estado.
- 30 de julho - Chegada a Patos às 3½ horas da tarde. Os Redos. Missionários com o Revdo Padre Frei Henrique que, por procuração do Exmo. Sr. Bispo de Montes Claros, d. João Pimenta, devia dar posse ao novo Administrador Apostólico, foram recebidos e hospedados cordialmente pelo Vigário da Paróquia de Patos, o Revdo Cônego Manuel Fleury. Algum tempo depois da chegada veio à Casa paroquial uma Comissão da Cidade de Paracatu, composta dos Srs. o Major Demóstenes Roriz, Gastão Lepesque e Franklin Botelho, para cumprimentar e receber e conduzir o novo Prelado ao novo território eclesiástico.
- 31 de julho - Dia de Santo Inácio às 3½ horas da madrugada os Missionários, com Frei Henrique Ciulli, Vigário de Buenópolis. e a comissão em dois automóveis partiram para Paracatu, a Sé da nova Prelazia. Às 3½ horas os Revdos, viajantes chegaram na Fazenda Córrego Rico, propriedade do Sr. Osório Botelho, que viajou com os Revdos, por ter sofrido um desastre no seu autocaminhão perto de Patos, em cuja fazenda estavam à espera dos Revdos, o Administrador Apostólico e seus auxiliares, os Ilmos Representantes dos Poderes Municipais, Forenses, Comerciais e da aristocracia Paracatuense para receber solenemente o novo Chefe espiritual, formando-se uma grandioso préstito de automóveis. Às 5½ horas solene entrada em Paracatu, uma verdadeira entrada triunfal, como escreve o Sr. Olímpio Gonzaga, Secretário da Comissão nomeada pelo Exmo Sr. Bispo de Montes Claros, d. João Pimenta, no Largo do Rosário, com a presença de todas as corporações e sociedades, bem como Escola Normal, Grupo Escolar, União Operária, Grêmio Dramático, Irmandades.
- "Naquela dia a velha cidade mineira - expressão do entusiasmado secretário vibrou de entusiasmo, sacudindo a tutela de outras paróquias e proclamando os seus direitos a uma nova era na sua história". Azeredo Neto, insigne jornalista, numa visão profética disse num jornal Mineiro que "a recepção do Prelado D. Eliseu com os seus auxiliares nesta cidade marcará uma faustosa data da nossa história e o despontar de uma nova era, sob a proteção de Sta Teresinha com os Revdos. padres Carmelitas em seu zelo na elevação das almas e a reforma dos costumes". A chegada dos Revdos. Padres Carmelitas foi anunciada por uma salva de dinâmite, girândolas repiques de todos os sinos da cidade. Antes de entrar na igreja do Rosário para se paramentar, o Prelado foi saudado pelo prof. Afonso Roquete, logo em seguida falou a senhorita Francisca Ulhoa, professora do catecismo. Na sacristia da igreja do Rosário, o novo administrador paramentou-se, debaixo do pálio, foi conduzido para a matriz, onde foi cantado o "Ecce sacerdos magnus", excelente composição do Sr. Prisco Silveira. Tendo subido ao altar-mor o Prelado agradeceu a Comissão da Prelazia, digo, Pró-Prelazia, comemorando os auxílios prestados por um antigo Paracatuense Dr. Afrânio de Melo Franco. Logo depois os Normalistas e as crianças do Grupo Escolar Afonso Arinos, o hino em homenagem ao novo pastor, digo, cantaram o hino em homenagem ao novo pastor e de-
- baixo do pálio o Prelado foi conduzido para a sua residência provisória, que era na rua do Ávila, esquina do beco do Chafariz, à mão direita a quem vai para a rua das Flores. A comissão Pró-Prelazia era composta dos senhores: Presidente: Antônio Brochado; Vice-Presidente: o Major Demóstenes Roriz; tesoureiro: Aníbal Botelho, (Juiz de Paz) e, secretário: Olímpio Gonzaga.
- 4 de agosto - Dia da posse - Às 9 horas Missa pontifical com a Assistência de Frei Henrique Ciulli; como presbíter assistens, Frei Carmelo Lambooy. Diácono, Frei Miguel Jonkers e sub-diácono, e Frei Romeu, Cerimoniário. Antes da missa Frei Henrique leu a Bula da criação da Prelazia e a nomeação do Administrador Apostólico, felicitando eloqüentemente os Paracatuenses com a criação da Prelazia e o Celebrante pregou no Evangelho.
- 10 de agosto - Frei Eliseu e Frei Miguel Jonkers vão fazer as festas do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e Santo Antônio em Boqueirão.
- 13 de agosto - Partida de Frei Henrique Ciulli, que vai ajudar ao vigário de Patos, Cônego Fleury a fazer a festa de Nossa Senhora da Abadia, e daí vai para Buenópolis.
- 15 de agosto - Os Padres voltam de Boqueirão. Frei Carmelo mandou um auto ao encontro dos Padres, pensando que havia tido algum desastre. Às 3 horas da tarde, manifestação no grupo escolar em homenagem ao novo Prelado.
- 3 de setembro - Frei Carmelo e Frei Miguel, partem para fazer festa em honra ao Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Conceição e São Benedito em Buritis, no rio Urucuia, nos 8, 9 e 10 deste mês de setembro.
- 14 de setembro - Volta dos Padres Frei Carmelo e Frei Miguel de Buritis.
- 17 de setembro - Frei Eliseu e Frei Carmelo vão para João Pinheiro onde chegam às 5 ½ da tarde, sendo recebidos pela Pia União das Filhas de Maria e as meninas e meninos do catecismo.
- 20 de setembro - Principiam as Novenas de São Benedito, na igreja do Rosário em Paracatu, sendo celebrante Frei Miguel Jonkers.
- 21 de setembro - Festa transferida de São Sebastião em Paracatu, Frei Carmelo vai de João Pinheiro para Catinga, na margem do Rio Paracatu, para fazer a festa de Santa Ana. Frei Eliseu ficou em João Pinheiro para atender ao povo que ainda estava lá. A partida de Frei Carmelo foi ontem dia 20 e não hoje dia 21.
- 22 e 23 de setembro - Festa de Santa Ana em Caatinga celebrada por Frei Carmelo.
- 26 de setembro - Frei Carmelo volta para João Pinheiro.
- 30 de setembro - Frei Eliseu e Frei Carmelo voltam para Paracatu.
- 06 de outubro - Dia de Nossa Senhora do Rosário. Dia da 1ª comunhão do Grupo Escolar; as crianças foram preparadas pela senhorita Francisca Vulgo Chiquita Ulhoa. Antes da missa da 1ª comunhão, às 8 horas, na Matriz a Imagem de Santa Teresa do Menino Jesus foi trasladada da casa da Prelazia, rua do Ávila para o grupo Afonso Arinos e daí para a Matriz, onde foi conferido o primeiro Crisma a umas cinquenta pessoas.
- 13 de outubro - Frei Miguel e frei Romeu vão a cavalo para a Lapa, para fazer a festa transferida do Bom Jesus, digo como está declarado embaixo, 16 de outubro.
- 16 de outubro - Festa de São Geraldo na Lapa, dia 17, do Divino Espírito Santo, dia 18 missa encomendada e saída.
- 19 de outubro - Os padres chegaram em Guarda-Mór, Frei Miguel e Frei Romeu.
- 20 de outubro - Missa dominical em Guarda-Mór.
- 21 de outubro - Missa e saída de Guarda-Mór.
- 22 de outubro - Chegaram Frei Miguel e Frei Romeu, em Paracatu.
- 26 de outubro - Frei Carmelo vai ver uma mulher doente em São Domingos.
- 07 de novembro - Frei Carmelo vai para João Pinheiro, como vigário.
- 10 de novembro - Missa na Fazenda S. Aurélio, de Josino de Campos Valadares, ladares, vulgo Zino Cordeiro.
- 24 de novembro - Missa na fazenda Engenho Velho do Sr. Júlio Carneiro de Mendonça; por falta do cálice a missa ficou transferida para 1º de dezembro.
- 08 de dezembro - Dia da Imaculada Conceição. Precedida por uma novena foi celebrada na igreja do Rosário a missa festiva do Dia da Imaculada Conceição. Na Matriz houve 1ª Comunhão dos alunos da Escola de D. Júlia Camargo. Por motivo de chuvas foram feitas logo depois da missa das 8 horas, a renovação das Promessas do Batismo e da Consagração ao S. Coração de Jesus.
- 25 de dezembro - Dia do Natal. A meia noite Missa do Galo. Frei Miguel foi celebrar uma missa em Santa Rita de Lagoa.
- 29 de dezembro - Aniversário do Prelado, foi celebrado com missa cantada.

Calvário, em que desce o pano que cobre o altar, às palavras do pregador. "Rasguem o véu" ou outras semelhantes. Me esqueci de escrever que na saída do Rosário devia ter sido pregado mais um sermão, que o festeiro dispensou porque já alguns anos não foi feito. Por esta procissão o Sr. Antônio Jordão, tesoureiro da Irmandade de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos pagou a importância de 200\$000 na terça-feira, seguinte. A segunda, terça e quarta-feira às 2 horas da tarde houve confissões, conforme aviso dado no domingo de Ramos. A segunda e terça-feira não veio ninguém, à quarta-feira confessamos umas duas horas. À 7 horas da tarde da quarta-feira houve Procissão de Depósito das 3 imagens, Nosso Senhor dos Passos, Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora das Dores, da igreja da Santa Ana para a igreja do Rosário.

- 17 - Quinta-feira santa. Das 6 horas mais ou menos da manhã houve confissões e das 7 horas em diante foram distribuídas Santa Comunhão, duzentas mais ou menos. Às 9 horas começou a Missa com procissão, faltando o pálio. Depois da missa houve adoração ou vigília do Santíssimo no Santo Sepulcro, pouco freqüentada, mas sempre tinha adoradores. É necessário fundar o Apostolado e a Pia União das Filhas de Maria. Às 5 horas houve lavapés, com doze meninos do Grupo Escolar Afonso Arinos, que foram escolhidos por uma professora e que ganharam um cartucho de bombons. A orquestra e o coro do Maestro Messias, que cantou a missa, cantou na cerimônia do lava-pés também. Frei Carmelo pregou o Sermão. Às 9 horas houve procissão do depósito da Imagem de Nosso Senhor Morto e de Nossa Senhora das Dores, da Igreja do Rosário para a Matriz. Às 7 horas da noite o Santíssimo foi removido do Santo Sepulcro para o Sacrário que foi armado na Sala do Consistório da Matriz, para guardar as Santas Espécies dos enfermos.
- 18 - Sexta-feira Santa ou da Paixão. Às 6 horas mais ou menos exposição do Santíssimo no Santo Sepulcro. Às 8 horas profecias, paixão, orações e desnudação da Santa Cruz. A adoração foi feita só pelos oficiais do Altar, depois da cerimônia, foi dada ao povo ocasião de beijar a cruz, que foi colocada no altar de Nossa Senhora do Carmo, em que foram feitas as cerimônias. Às 3 horas da tarde houve Via-Sacra muito concorrida. Às 7 horas saiu da Matriz a procissão do Enterro, rua do Sacramento, rua Direita, rua São Domingos, rua Goiás até Quintino Vargas e Cia., rua das Flores, com os diversos Passos menos o Rosário e Santa Ana, e, que foi cantado o Behú Na entrada ou volta pregou revdo. Fr. Miguel. A Matriz estava cheia. Foram levadas as Imagens de Nosso Senhor do Bonfim no esquife, carregado por homens, vestidos da Rôupa do Santíssimo Sacramento, e Frei Carmelo foi celebrante. Depois da procissão as imagens ficaram dispostas à devoção do povo.
- 19 - Sábado de aleluia - Às 7 horas bênção do fogo, profecias, bênção da Pia Batismal, Ladainhas e missa; a primeira parte foi cantada pelos oficiais do altar, nos Santos vem o coro. Às 2 horas confissões.
- 20 - Domingo da Ressurreição. Às 9 horas missa pontifical. Não houve procissão. Às 4 horas houve reza, ladainha e bênção papal. Embora era primeira vez que se fez a reza nesta hora o exercício piedoso estava bem concorrido. Neste domingo, veio a notícia da morte do S. Cardeal Arcoverde Cavalcante, falecido no dia 19 em Taubaté. Dom Sebastião mandou telegrama em nome da Arquidiocese para convidar a assistir os funerais, a que não se podia atender por motivo da distância e de pouco tempo. Passado foi um telegrama de pêsames. Neste dia foi contratada a festa nas Lages, por 300\$000 e a condução aqui em Paracatu.
- 18 - Notícia da doença do S. Emna. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, d. Joaquim Arcoverde Cavalcante, pelo rádio do Sr. Olympio Gonzaga.
- 19 - Notícia da morte do cardeal.
- 20 - Convite para assistir os funerais despachado por d. Sebastião Leme.
- 23 - Partida de Frei Carmelo para João Pinheiro.
- 25 - Funerais do Cardeal no Rio de Janeiro.
- 28 - Frei Eliseu e Frei Romeu partiram ao meio dia com o Sr. Sebastião Rabelo Corrêa e o menino Joaquim, para a Lapa, no distrito de Guarda-mor para fazer as festas nos dias 2, 3 e 4 de maio. Foram erradamente marcados os dias 1, 2 e 3. Chegaram no dia 1º na Fazenda Trairas do Sr. José Cardoso. No dia seguinte fizeram batizados, crismas e casamentos em casa do Sr. Vitacino e chegaram às 3 1/2 horas em Guarda-mor, onde se hospedaram na casa da velho Bráz, dormindo na casa do Sr. José Sabino. No dia 30 foram às 10 horas para a Lapa, sem guia, pensando que sabiam o caminho, mas erraram e chegaram subindo a Serra dos Pilões até passar a porteira que é a marca da divisa entre os estados de Minas Gerais e Goiás. Guiados por um romeiro de Catalão, chegaram na estrada que vai para a Lapa a duas léguas distantes de Guarda-mor; perderam 3 léguas e às 3

horas da tarde tinham a tirar mais 6 léguas, chegando a Lapa às 9 horas mais ou menos. Durante os dias que estavam na Lapa. tinham muito serviço, batizando 214 crianças. Crismas 849 e casamentos 29, nestes números estão incluídos os sacramentos administrados em três Fazendas, no dito Vitacino, (duas vezes), na da viúva Umbelina Honório de Assis, vulgo dona Mulata, no Bairro Pedro Pereira e na do Sr. Julião Gomes Cardoso, que foram feitos na volta. No dia 5 de maio, o Sr. Salatiel Valeriano Corrêa, prestou contas da festa que rendeu em receita bruta um pouco mais de quatro contos, deu ao padre 500\$000 e mais 25\$000 como porcentagem. Gastaram 900\$000 em fogos, 250\$000 para o guia e as despesas eram 1:700.00 mais ou menos, somando a esta importância os honorários do padre sobravam uns dois contos, que foram entregues ao empreiteiro, um certo Manoel, se não me engano, por conta do serviço do encanamento de água no largo da Capela, ficando a Capela devedora ao empreiteiro de Rs 500\$000, porque adiantou o pagamento desta dívida do encanamento. Como o povo ao menos alguns não estavam contentes que o dito Salatiel foi nomeado festeiro perpétuo, desistiu ele do dito privilégio e depois de diversas propostas feitas em comissão reunida na Casa da viúva Dona Odília não foram aceitas, ficou resolvido que o Prelado de Paracatu seria festeiro para o ano de 1931 e o dito Sr. Salatiel como tesoureiro, por motivo da mencionada dívida. A respeito desta dívida, foi lançada no livro competente uma declaração assinada pela Comissão - cujos membros estão escritos pela assinatura da dita declaração - que a Capela se declara devedora da dita importância de Rs 2:900.000 ao Sr. Manoel, empreiteiro, pagando juros de 1% ao mês, até a data do pagamento. Durante os dias da nossa permanência na Lapa, muitos se confessaram em desobriga como também, receberam a Sagrada comunhão, o que foi também na Fazenda do Sr. Julião. Do Sr. Julião Gomes Cardoso, voltamos por baixo como se diz - passando os Rios Trairas, Escurinho e Santa Isabel que estavam bem altos e impetuosos, mas graças ao cuidado do Sr. Custódio Gonçalves que nos acompanhou desde a Lapa, não houve acidente lamentável. Chegamos em casa, Paracatu, domingo, às 5 horas, encontrando tudo em paz e muito satisfeitos de ter feito esta viagem; fomos em toda a parte, muito bem recebidos, mas a ignorância na matéria da Religião é grande. Os dias da viagem foram distribuídos da seguinte maneira: 28, Trairas, 29, Guarda-Mór, onde celebrou Frei Eliseu; 30, Lapa, chegada - 1, 2, 3 e 4 Lapa - Festa 5, Lapa prestar contas. 6 - casa Vitacino, batizados, etc., e casa d. Mulata e chegada em casa de Julião, digo, dia 7 e, digo dia 6. Volta para guarda-mor. Dia 8, bênção da Capela Guarda-mor com missa e outros sacramentos; dia 8 casa Vitacino e d. Mulata; dia 9 missa casa de D. Mulata e chegada na casa do Sr. Julião; dia 10 serviço em casa do Sr. Julião e dia 11 chegada em Paracatu.

MAIO

- 01 - Mês de maio às 5 horas da tarde. Todas os dias um grupo de três ou quatro senhoras tinham por própria vontade de enfeitar o altar-mor, onde estava a Imagem de Nossa Senhora da Abadia. Todas as noites tinham outras zeladoras, cujos nomes seguem: 1º Maria Adjuto Botelho, Maroca Roquete, Ester Lima. 2º Da. Florinda Brochado Adjuto, Zaida Botelho, Beatriz Botelho. 3º Da. Augusta Adjuto Botelho, Guilhermina Duarte, Zenóbia Loureiro, 4º Dona Augusta Carneiro Brochado, Diva Hormidas, Lufza Cordeiro; 5º Dona Antonina Aquino Neiva, Maria José Camargo, Hortência Sant'Ana; 6º Dona Rita Hormidas Macedo, Blandina Pinheiro, Luízinha Neiva, 7º Dona Zizi Carneiro Praça, Lourdes Brochado, Dulce Santiago. 8º Dona Zaira Adjuto, Sinhá Taveira, Cristina Aquino Dias, Maria Aquino. 9º Adelaide Santiago, Antonieta Valentino, Zélia Caldas. 10º Dona Ana Macedo Faria, Olga Macedo, Augusta Macedo. 11º Dona Luízinha Loureiro, Olendina Loureiro, Cecy Roriz. 12º Dona Heloísa Brochado, Maria Mello Franco, Santinha de Almeida. 13º Dona Isabel Taveira, Joventina Monteiro Lisboa. 14º Dona Zélia Porto Botelho, Augusta Camargo, Josefina Sant'Ana, 15º Dona Zulmira Adjuto Brochado, Vera Botelho, Maria Amélia Netto, 16º Dona Maria Cordeiro, Ana Costa, Djalмира Paula Sousa, 17º dona Viviana Rocha, Anita Roquete, Yayá Batista Leite. 18º d. Maria Botelho Brochado, Lúcia Adjuto Botelho, Candinha Botelho, Lourdes Lima, 19º d. Amélia Adjuto, Julieta Valadares Batista, Júlia Batista Leite. 20º d. Anita Santiago, Nicota Botelho Santiago, Rosa Botelho. 21º d. Arminda Brochado, Georgina Pimentel Ulhoa, Adília Guimarães; 22º d. Lúvia Pinheiro, Joanita Brochado, Maria Conceição Pinheiro; 23º D. Cecília Gonzaga, Maria Rocha, Maria Avelino, Mariquinha Guimarães; 24º Zulmira Campos, Gina Taveira, Elvira Loureiro Roquete; 25º Dona Áurea Botelho, Dilênia Lepesqueur, Branca Botelho, Helena Brochado; 26º D. Marieta Lima, Mariquinha,

Benedita Dos Reis S. Costa

SAUDAÇÃO EM NOME DA MULHER DA DIOCESE.

15/8/79

Permitam-nos iniciar as nossas palavras lembrando uma passagem do Evangelho de São Mateus, capítulo 16, versículo 13 a 19.

— E Jesus foi para as bandas da Cesaréia e interrogou os seus discípulos dizendo: “Quem dizem os homens que é o Filho do homem? E eles responderam: uns dizem que é João Batista, outros que é Jeremias ou algum dos profetas. Jesus disse-lhes: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, filho de Deus vivo. E respondendo Jesus, disse-lhe: Bem-aventurado és, Simão, porque não foi a carne e o sangue que to revelou, mas meu Pai que está nos céus. E eu digo-te que és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo que ligares sobre a terra será ligado também nos céus; e tudo que desatares sobre a terra, será desatado também nos céus”.

Com estas palavras Jesus instituiu a Igreja que recebeu a missão de lançar entre todos os povos o germe e o início do seu reino. E como ministros desta Igreja, à frente da sublime missão de conduzir almas ao reino de seu Pai e levar a sua palavra aos mais distantes lugares da terra. Ele, na sua infinita sabedoria, confiando no homem e na humanidade, iluminou o espírito do sacerdote que continua na terra e obra que ele iniciara com seu sangue.

E desde então a partir de Pedro e dos discípulos, a Igreja de Cristo vem fazendo o milagre dos séculos: congregar homens entre si na comunhão de vida, verdade e caridade e assim unidos retorná-los ao reino de Deus que é eterno.

Através da Igreja, Deus se manifesta. Ninguém como a Igreja sabe povoar os claros-escuros das nossas interrogações e esperanças, das nossas angústias e alegrias, da nossa condição humana sedenta de infinito.

E assim, através dos séculos, Cristo se faz presente nos mais remotos e diferentes lugares do mundo.

Congregados, os sucessores de Pedro e os sucessores dos apóstolos, conscientes de seus deveres, atendendo cada um ao chamado de sua vocação, anunciando o Evangelho, administrando os sacramentos, salvaguardando a vida das famílias pelo sacramento do matrimônio, reunindo todos na comunidade eucarística, acompanhando-os desde o berço até à passagem para a vida eterna, nos tornam cada vez mais conscientes de como se consumaram as palavras de Cristo naquele dia em Cesaréia.

E é assim que, hoje, Paracatu e as cidades vizinhas se congregam num abraço único, num coração inteiro para receber S. Exa. Revdmo. o bispo D. José Cardoso Sobrinho, recentemente nomeado e sagrado bispo de nossa diocese.

Mais uma vez o homem se curvou perante a vontade de Deus, mais uma vez a voz de Deus se manifesta através de seus discípulos. Desta vez, entretanto, o fato se desenrola sob um céu fumarento, em uma tarde quente de agosto, numa pequena cidade do interior de Minas Gerais.

É esta, D. José, a cidade que por muitos anos será o seu berço. Não temos para apresentar a V. Exa. uma cidade bonita, modernamente urbanizada. Temos sim, uma paisagem que se perde de vista, as palmeiras que farão V. Exa. recordar o seu Pernambuco; temos este céu que em abril é o mais bonito céu do mundo. Temos, acima de tudo, este povo que o recebe hoje, com o coração cheio de promessas e esperanças. Temos este povo com o seu passado e seu presente, seus desejos e ambições, suas fraquezas e sua força, suas riquezas e misérias. Temos este povo, D. José, que o abraça hoje e o saúda com os mais sinceros votos de um feliz e fecundo ministério, colocando o coração nas mãos e com ele a promessa de colaborar efetivamente na sua obra pastoral.

Temos esta cidade simples que o acolhe com carinho e que se orgulha de ser o palco de uma das mais sublimes determinações de Cristo antes de ir ter-se com o Pai.

Não poderíamos deixar de tecer nossas considerações em torno de uma figura ímpar do ministério episcopal, uma figura que há exatamente dois anos, com uma multiplicação de esforços, com uma elasticidade e abnegação singulares, conduziu a diocese de Paracatu, estreitando mais os laços de amizade que sempre houve entre Paracatu e Patos de Minas.

Refiro-me a S. Exa. Revma. D. Jorge Scarso, bispo da diocese de Patos de Minas.

D. Jorge, agradecemos a sua constante presença em nossa cidade, dirigindo-nos, orientando-nos, congregando os nossos corações com um coração maior, alegre, expansivo, aberto.

A sua presença, entre nós, foi sempre motivo de alegria. O senhor conseguiu tocar cada coração do povo paracatuense, com a sua partida, o senhor deixa em nossa cidade um rebanho mais unido e uma saúde maior. Que Deus o ajude a continuar guiando o seu rebanho, iluminando o seu espírito, conservando-o lúcido, vocacionado a cumprir as determinações de Cristo quando disse a Pedro: “apascenta as minhas ovelhas”.

D. José Cardoso Sobrinho, D. Jorge Scarso. Um apóstolo que chega, um apóstolo que parte. Ao que chega, a nossa saudação amiga, o nosso respeito. Ao que parte, os nossos protestos de gratidão.

A ambos, as palavras de Mestre: “Vós sois o sol da terra. Vós sois a luz do mundo”. Continuem espargindo bênçãos, levando a luz ao espírito sedento de verdade. Sejam para seus fiéis como o farol, guiando suas almas neste mundo conturbado. E nós os seguiremos.

E, no fim de suas vidas, quando forem chamados à eternidade, possam ouvir a voz do Eterno em toda sua sabedoria: “Vem José, vem Jorge. Possem-se junto de mim à minha direita. Eu reservei para vocês um lugar no paraíso”.

D. José Cardoso

“FAÇO MINHAS ESPERANÇAS PASTORAIS DE PUEBLA”, DIZ O BISPO NA POSSE.

Exmos. srs. arcebispo e bispos,
Revdos. padres, confrades carmelitas,
religiosos e religiosas,
meus irmãos, irmãs, e amigos todos:



D. José Cardoso Sobrinho faz sua primeira saudação aos seus diocesanos no dia 15 de agosto de 1979.

PARACATU!

Habitei-me a ouvir este nome desde os mais jovens anos, quando, em 1951, iniciava os meus estudos filosóficos no seminário maior dos carmelitas em São Paulo.

O nome de Paracatu se me tornava cada vez mais familiar, à medida em que os missionários carmelitas, aqui atuantes, iam a São Paulo, relatavam suas experiências e atividades, ou procuravam meios para levar adiante os empreendimentos da diocese nascente.

Paracatu me soava, portanto, como um nome familiar, mas sempre como algo muito distante, ainda mais para alguém como eu que provinha da longínqua cidade nordestina de Caruaru, e que pretendia, depois dos estudos, consagrar minha vida religiosa e sacerdotal em terras do Nordeste, como membro da província carmelitana de Pernambuco.

Devo confessar que, até dez meses atrás, a última coisa que eu poderia imaginar seria encontrar-me hoje aqui, nestas circunstâncias, aclamado como bispo diocesano de Paracatu.

Mas como são verdadeiramente insondáveis os desígnios da Divina Providência, quão imprevisíveis os seus caminhos! Terminados os meus estudos filosóficos em São Paulo, meus superiores me transferiram para Roma, a fim de estudar teologia e depois direito canônico. Quando, concluídos os estudos, eu pensava em voltar para o Brasil, outra determinação superior me requisitava para servir à Ordem Carmelita em Roma. Assim, fazendo curta uma longa história, passaram-se 25 anos.

Pensava já novamente que ia voltar para a província de Pernambuco ao expirar o cargo que exercia em Roma, mas, no dia 6 de novembro do ano passado, o eminentíssimo Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos me comunicou a decisão do Santo Padre a meu respeito: eu deveria voltar para o Brasil, mas como bispo de Paracatu.

A partir daquele momento, uma indescritível série de acontecimentos se precipitou sobre a minha vida, imprimindo-lhe um rumo totalmente novo:

- o diálogo com o sr. Cardeal, no qual eu tentava convencê-lo das minhas limitações para tão alto múnus;

Fundo APDM/NGP/ARMOI/Cód. 1093/Arquivo Público de Paracatu

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DEPUTADO RONAN TITO, NO PEQUENO EXPEDIENTE.

"Pietatis Cardo Justitia" Justiça é o centro da religião

Este, sr. presidente e srs. deputados, o lema escolhido por dom José Cardoso Sobrinho, bispo recém-empossado em Paracatu.

Tive o prazer e a honra de participar da alegria da boa gente de Paracatu e da região, quando da posse do novo pastor. Com a posse do novo bispo, brota no seio do povo daquela diocese nova esperança, pois que há dois anos a diocese em pauta estava sem bispo titular.

Dom Raimundo, carmelita como dom Cardoso, renunciou, segundo suas próprias palavras, a bem do povo. Mas é fato público e notório que dom Raimundo renunciou por pressões espúrias. Julgavam os poderosos de sempre que, afastando dom Raimundo, ficaria a coisa mais fácil para prosseguirem sua caminhada em direção aos privilégios totais, pois que o bispo de então era e é um lutador em favor dos pobres, dos sem voz e sem vez. E eis que agora, dois anos depois vem um novo carmelita, dom José Cardoso Sobrinho e o que é mais auspicioso, sr. presidente, com o lema

"justiça é o centro da religião". Não aprenderam e parece que não aprenderão nunca, os egoístas, os sectários, os todo-poderosos, que não é afastando os que têm fome e sede de justiça que ficarão com seus caminhos livres para a sede de riqueza e de poder, sem limites.

Outros tentaram um tratamento até mais forte e mais contundente, no princípio do cristianismo: simplesmente matavam os pastores. Mas, ao contrário do que se supunha, o sangue dos imolados era a semente e o adubo de novos adeptos e amantes da causa da justiça.

Agora, sr. presidente, Paracatu está em festa. E não é sem razão, pois é de Caruaru, com passagem por Roma, que vem o novo pastor e vem com o lema "justiça é o centro da religião".

"Glória a Deus nas alturas.

Bendito o que vem em nome do Senhor".



Gabinete do Governador

Pernambuco

Dom José Cardoso,

Em meu nome pessoal e do Governo do Estado de Pernambuco, Saúdo Vossa Exalência Reverendíssima no dia em que, atendendo honrosa convocação de Sua Santidade o Papa João Paulo II, assume a Direção da Diocese de Paracatu.

Ao júbilo dos seus primeiros diocesanos, irmãos mineiros na Fé em Cristo, com quem nos congratulamos, juntem-se, Dom José a alegria do povo de Caruaru, a sua terra natal, e as preces de todos nós à Exaltada Virgem do Carmelo, para que seja das mais profícuas a sua ação de apostolado à frente de tão importante e histórica missão.

Recife, 15 de Agosto de 1976.

Marco Antônio Maciel
Governador de Pernambuco

Governo de Pernambuco congratula-se com os mineiros pela posse

DADOS BIOGRÁFICOS

D. Eliseu van de Weijer



D. Eliseu van de Weijer e seus sacerdotes, numa reunião em Unai

DOM ELISEU VAN DE WELJER

D. Eliseu é o nome religioso de Albertus Hendrikus.

Nasceu em Harderwyk (Holanda), a 29 de dezembro de 1880, tendo como pais Hendrikus Joannes van de Weijer e Henrina Hchelina Schiffmacher.

Os estudos primários foram em sua terra natal. Fez o curso ginasial com os padres franciscanos de Venraai. De seus pais, família relativamente abastada, recebeu sólida formação cristã, onde aprendeu primeiro a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Atraído pela vocação religiosa, em setembro de 1899 entra no noviciado dos padres carmelitas em Boxmeer. Em outubro de 1903 professa solenemente na Ordem Carmelita os votos de pobreza, castidade e obediência. Todos os seus estudos filosóficos e teológicos são realizados no seminário dos carmelitas, na Holanda. Em 18 de dezembro de 1903 recebeu a tonsura e as ordens menores e, no dia seguinte, é ordenado subdiácono. Torna-se diácono em 28 de maio de 1904. O bispo buscoducense, Wilhelmus Van de Ven, no dia 17 de junho de 1905, confere-lhe as ordens sacerdotais. Uma vez sacerdote passa a residir no convento de Os, onde era "lector Theologiae".

Desde 1904 os carmelitas holandeses encontravam-se encarregados de restaurar a Província Carmelitana Fluminense (hoje, Província de Santo Elias), com sede no

Rio de Janeiro. Frei Eliseu, imbuído de espírito de sacrifício e desejoso de servir a Deus em outras terras, oferece-se para vir ao Brasil, onde fará sua segunda pátria, desembarcando no Rio de Janeiro no dia 7 de julho de 1907. Em fevereiro do ano seguinte foi nomeado mestre de noviços e professor de filosofia e tecnologia no seminário da Ordem. Em março de 1917 foi transferido para o convento do Carmo, em São Paulo, como procurador e, em 1919, foi nomeado prior do convento. Em dezembro de 1922 voltou para o convento da Lapa do Rio que, com a reeleição, em 1925, administrou como procurador e prior até fins de 1928, quando é transferido para o convento de Santos (SP). Recebeu a carta de naturalização de brasileiro em 29 de novembro de 1926. Em Santos recebe a sua nomeação para administrador apostólico da recém-criada prelazia de Paracatu, em 27 de abril de 1929. No dia 26 de julho fez o juramento canônico nas mãos do núncio D. Bento Aloísio Masella, na capela particular da nunciatura, no Rio de Janeiro. Em 31 de julho chegou com mais dois padres e um irmão leigo à nova prelazia e, no dia 4 de agosto, solenemente, toma posse da mesma. Como administrador apostólico permanece à frente da prelazia até 25 de maio de 1940, quando foi eleito bispo-titular de Gor e prelado ordinário da mesma prelazia. Em 27 de outubro, festa de Cristo Rei, foi sagrado bispo na igreja do convento da Lapa, no Rio de Janeiro, pelo núncio apostólico, D. Bento

Aloísio Masella, sendo bispos consagrantes, D. Francisco de Aquino Correa, arcebispo de Cuibá, e D. José André Coimbra, bispo de Barra do Piraí (Estado do Rio), mais tarde transferido para a nova diocese de Patos de Minas.

Em 27 de abril de 1928 é eleito membro do "The National Geographic Society", de Washington, Estados Unidos da América.

Em 1930 é publicado o livro "Vida dos Santos na Ordem Carmelitana", que escreveu de parceria com frei Pedro Tomás Hikspoor, fr. Tomás Jansen, conde Afonso Celso, dr. Acácio de Araújo e comendador Pedro de Magalhães Machado. Em 25 de março do mesmo ano escreveu sua primeira e única carta-pastoral sobre a "Obra Pontifícia da Propagação da Fé".

Ao lado de seus trabalhos pastorais, interinamente foi nomeado professor de latim na Escola Normal Oficial Antônio Carlos, de Paracatu, em 3 de dezembro de 1947, pelo governador Milton Campos, empossando-se em 8 de abril de 1948.

Em maio de 1950 parte para Roma a fim de participar das comemorações do Ano Santo.

Muito trabalho para que a prelazia "nullius" fosse elevada à categoria de diocese, o que aconteceu através da bula "Navis Gubernationi", de João XXIII, em 14 de abril de 1962. Sentiu profundamente não ter sido nomeado bispo de Paracatu, apesar de sua avançada idade. Com a instalação da diocese, em 26 de agosto de 1962, e posse do primeiro bispo, o confrade, D. Raimundo Lui, mais uma vez mostrou seu grande espírito de desprendimento e de humildade. Preferiu transferir-se da cidade que muito amava, a fim de dar ao novo bispo ampla liberdade de trabalho. Com pesar e muita saudade passou a residir no convento dos carmelitas, em Teresópolis, Estado do Rio.

Os paracatuenses não se conformavam de D. Eliseu não mais residir na terra que o adotou e oficializou através da Câmara Municipal e Prefeitura de Paracatu, em 29 de dezembro de 1962, como o mais dos beneméritos cidadãos paracatuenses. Tudo fizeram até trazê-lo de volta em dezembro de 1965. E foi para ficar. D. Raimundo o acolheu com todo carinho fraternal em sua residência e assistindo, tanto material como espiritualmente, o teve até 25 de janeiro de 1966, quando D. Eliseu, sob as lágrimas de todos os paracatuenses, entregou a sua bela alma ao Senhor.

O seu sepultamento realizou-se, no dia seguinte, em campa rasa, no cemitério de Santa Cruz de Paracatu, com grande acompanhamento de fiéis, autoridades e representantes de todos os municípios de que compõem a diocese.

Dom. Raimundo



DOM RAIMUNDO LUI

O primeiro bispo diocesano de Paracatu nasceu em Itu, estado de São Paulo, em 22 de julho de 1912. Na pia batismal recebeu o nome de Atílio Romano e é filho de imigrantes italianos.

Os estudos primários e secundários foram na sua terra natal. Ingressou no seminário Nossa Senhora do Carmo e, após fazer o noviciado em Mogi das Cruzes, em São Paulo, no seminário maior dos carmelitas, realiza os estudos superiores eclesásticos, ordenando-se sacerdote em 8 de dezembro de 1939. Por longos anos exerceu o seu ministério sacerdotal na Bahia, sobretudo na região sertaneja, como missionário. Foi capelão militar da Marinha, no Rio de Janeiro. Professor no seminário carmelita, em Contagem (MG), pároco de Nossa Senhora do Carmo em Jaboticabal. Após tudo isto, seguiu para o monastério de Wolfnitz (Áustria), onde é observada a vida contemplativa carmelita, e lá foi eleito prior do mesmo monastério. De volta ao Brasil exercia o paróquiato em Santa Bárbara do Oeste (SP), onde a Santa Sé o foi buscar para primeiro bispo da diocese de Paracatu.

Sagrado em 29 de julho de 1962, em São Paulo, pelo núncio apostólico, D. Armando Lombardi; D. Eliseu Van de Weijer e D. Gabriel Bueno Couto.

Tomou posse da diocese no dia 26 de agosto. Escolheu como lema para seu ministério episcopal FIAT VOLUNTAS TUA (Faça-se a tua vontade).

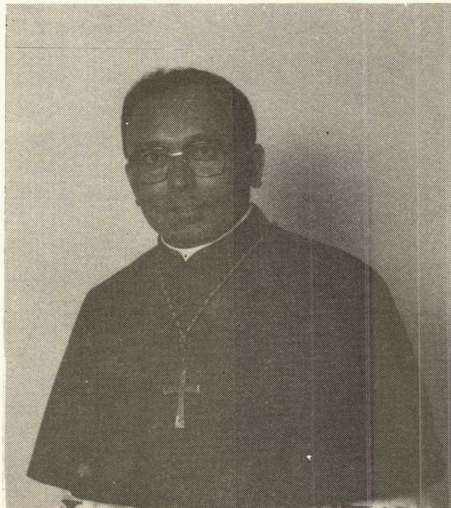
Teve participação ativa no Concílio Vaticano II.

Foi o verdadeiro religioso que jamais almejou posições e viveu toda a sua vida voltada para as coisas do espírito, dentro de uma realidade e humildade à toda prova. Muito querido por seus diocesanos, mas, querendo abrir caminho para o seu sucessor, renunciou ao governo da diocese em 20 de julho de 1977. Voltou à vida conventual, como se fosse um dos mais humildes frades, tendo residido da sua renúncia até janeiro de 1980, no Convento de Itu e, atualmente reside no Convento

de Jaboticabal. Continua seu trabalho de pastor das almas e, principalmente, entre os jovens.

D. Raimundo foi um verdadeiro sucessor de D. Eliseu pela sua simplicidade, pela sua bondade e pelo seu desprendimento. Um continuador autêntico daquele que foi levar saúde para o seu povo. Foi o que D. Raimundo acentuou em seu discurso de posse: "D. Eliseu não construiu catedrais de pedras, mas edificou as almas desta porção da Igreja de Paracatu". O mesmo fez D. Raimundo durante os 15 anos que esteve à frente da diocese. Todos passaram a amá-lo de uma maneira muito íntima e é sempre lembrado com muito amor e carinho.

Dom. José



DOM JOSÉ CARDOSO SOBRINHO

O segundo bispo diocesano nasceu em Caruaru-Estado de Pernambuco a 30 de junho de 1933, na rua São Mateus, 29; bairro da rua Preta. Filho de Antônio Cardoso da Silva e Antonina de Melo Cardoso.

Fez a sua primeira eucaristia em 28 de novembro de 1940 e os estudos preliminares em sua terra natal. No dia 8 de fevereiro de 1946 ingressa no Seminário Menor dos Carmelitas, em Goiana, no seu estado natal. Recebe o hábito Carmelita e o nome religioso de Frei Elias no dia 4 de fevereiro de 1950, quando ingressa no noviciado, em Recife. Os votos simples de Pobreza, Obediência e Castidade são emitidos em Recife, no dia 5 de fevereiro de 1951, e os solenes, em Roma, no dia 15 de outubro de 1954. Os estudos filosóficos realiza-os no Seminário Maior da Província Carmelitana Fluminense, em São Paulo, à rua Martiniano de Carvalho. Os seus superiores o enviam para Roma a fim de, no Colégio Internacional de Santo Alberto (da Ordem Carmelita) prosseguir os estudos. Parte para a Cidade Eterna em 16 de outubro de 1953. Aí cursa teologia de 1953 a 1957, sendo ordenado sacerdote a 28 de abril de 1957. Na Universidade Gregoriana estudou Direito Canônico, doutorando-se em "In utroque iure". Prossegue os estudos na Universidade Lateranense de Roma, de 1965 a 1968, onde realiza o curso de Direito Civil. Em 1960 é nomeado professor de Direito Canônico no Colégio Internacional de Santo Alberto.

Foi Delegado da Província Carmelitana de Pernambuco para dois Capítulos Gerais da Ordem em 1968 e, 1971, respectivamente. No Capítulo de 1971 é eleito Assistente Geral para as Províncias de Línguas Espanhola e Portuguesa e também procurador Geral da Ordem, com um mandato de seis anos. Neste período viajou constantemente, visitando todas as casas de Portugal, Espanha, América Central e toda América Latina, inclusive o Brasil, em nome do Padre Geral e, na oportunidade, visitava todas as atividades apostólicas exercidas pelos Frades e pelas Religiosas Carmelitas; foi quando adquiriu uma grande experiência pastoral internacional.

Em 1977, no Capítulo Geral, é reeleito Procurador Geral da Ordem, cujo mandato foi interrompido com a nomeação para Bispo de Paracatu, em 29 de março de 1979. Foi ordenado Bispo em Roma, na Basílica de São Pedro, pelo Papa que o nomeou, Sua Santidade João Paulo II, em 27 de maio de 1979.

Regressa ao Brasil, como bispo, em 5 de agosto, sendo recebido, solenemente, no Convento do Carmo de Recife pelo Bispo-Auxiliar, D. José Lamartine e pelo clero da capital pernambucana. Em Camocim de São Félix celebrou seu primeiro pontifical em terras brasileiras, em 11 de agosto e, o segundo, na catedral de sua terra natal, na manhã do dia seguinte, com assistência de D. Augusto Carvalho, Bispo Diocesano, e que pronunciou a homília, falando sobre o primeiro caruaruense a ser elevado às honras episcopais. À tarde, pontificou na sua paróquia de origem — São Francisco — onde sempre residiu a sua família.

Entra solenemente em Paracatu no dia 15 de agosto, onde toma posse como segundo Bispo Diocesano.

É distinguido como co-celebrante da primeira missa celebrada pelo Santo Padre João Paulo II, no Brasil, em 30 de junho de 1980, em Brasília.

Realizou, de julho a setembro de 1980, sua primeira visita "ad limina" ao Santo Padre, em Roma, a fim de prestar contas do que já se realizou à frente da Diocese de Paracatu.



Igreja Nova (Matriz, construída por Frei Humberto, na rua D. Eliseu.

Capelas

Além da velha Matriz, construiu-se outra igreja na parte nova da cidade, conhecida como Matriz nova. A paróquia conta ainda com as seguintes capelas fora de sua área urbana: Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Lourdes, na colônia de Brasilândia. Dentro dos limites municipais de Bonfinópolis de Minas, há as capelas de Lages, Barroco, Água Suja, Riacho das Pedras, Natalândia, Sapato, Forquilha do Espinho, Novilha Brava e Córrego da Ponte.

Apostolado

Povo bom e piedoso. Os movimentos de apostolado são muito comcorridos e a paróquia, na sede, possui o Apostolado da Oração, Irmandade do Santíssimo Sacramento e Comunidades de Base, com orientação das Irmãs de Jesus Crucificado.

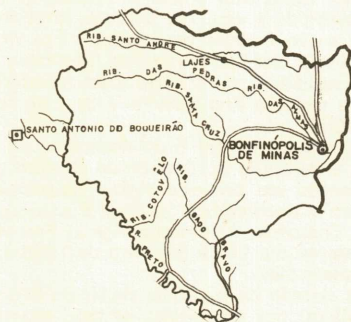
O trabalho de assistência social é realizado pelas conferências de São Vicente de Paulo que assistem a pobres em suas próprias residências e mantêm uma Vila Vicentina, com dezenas de internos sob a responsabilidade material e espiritual dos Vicentinos.

Em Brasilândia são mantidos trabalhos pastorais como os vicentinos, as Comunidades Eclesiais de Base, Equipe Litúrgica.

Anualmente realiza-se desobriga por toda a área do município.

Cursos

A paróquia mantém cursos catequéticos na Matriz e nas escolas, sob a orientação emanada da autoridade diocesana e dentro dos princípios conciliares. Também são ministrados os referidos cursos na colônia de Brasilândia. Ainda há, periodicamente, cursos de noivos, em preparação ao matrimônio; movimento de jovens, círculos bíblicos e catequese de adultos, tanto na sede paroquial como em Brasilândia.



Buritis

DE PORTO DE SANTANA A NOSSA SENHORA DA PENHA DE BURITIS

Buritis foi chamado, por seus primeiros moradores de Buriti. Nos registros paroquiais, até 1867, ainda se encontra a denominação no singular. Nas publicações oficiais por sua vez, ora se via o nome no singular, ora no plural. Na divisão administrativa do Estado, de 1911, já figura Buritis, como distrito de Paracatu.

A primeira vez que aparece o nome de "Boriti" foi na sesmaria concedida em 1739 a Francisco Álvares de Carvalho. O sítio de o "Boriti" confrontava com outro sítio denominado Morrinhos. Na sesmaria concedida ao capitão João Pereira Sarmento, em 1749, nos sertões do Urucuia, há referências ao "riacho Borati".

Como se vê, o civilizado já andava por aqueles sertões há quase três séculos e cuidando de suas fazendas. Aliás, não é de se admirar que em 1739 já houvesse concessão de sesmarias na região, pois São Romão era florescente povoação e os baianos andavam por aqueles páramos a caminho das minas do Paracatu.

Quando mesmo teve início o arraial de Nossa Senhora da Pena de Buritis, não se sabe. Diz a lenda que os terrenos, mais tarde, passaram a pertencer às irmãs Joaquina Aldonso, que morava em Paracatu e Luísa, re-



Igreja Matriz de Buritis, construída em 1926. Ainda se vê parte da primitiva Matriz, em ruínas. foto de 1930.

sidente em Catalão. Através de correspondência, combinaram encontrar-se e o encontro se deu no local onde fundariam o Porto de Santana. Após esse encontro, fizeram a doação das terras a Nossa Senhora da Pena e criaram um povoado às margens direita do Urucuia (águas vermelhas), com o nome de "Santana do Buriti", numa vereda povoada de grande quantidade de buriti.

Afirmam, ainda, que o nome de Nossa Senhora da Pena deve-se ao fato de o escultor da imagem ter curiosamente colocado uma pena de arara na mão de Nossa Senhora. Mais tarde, a pena original foi substituída por uma de ouro, que também foi substituída, e bem guardada em Unaí.

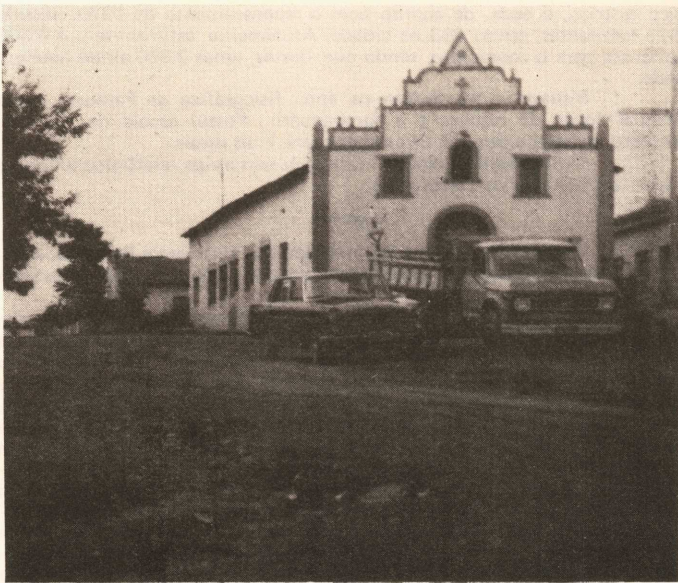
A Paróquia foi criada em 20 de novembro de 1805 por D. Joaquim da Cunha Azevedo, na vacância da Diocese de Olinda (Pernambuco).

Buritis foi distrito de Paracatu até 1923, data em que passou a pertencer ao município de São Romão e, em 1943, ao de Unaí até 1 de março de 1963, quando se instalou o município criado pela lei 2.764, de 30 de dezembro de 1962. Além do distrito-sede conta com o de Serra Bonita, a 74 Km da sede e o povoado de São Pedro, a 38 Km, também conhecido como Passa-Três.

O município se encontra localizado na região fisiográfica dos Chapadões do Paracatu, com uma área de 5.549 Km². A sua população oficial de 1970 era de 9.851 habitantes e, atualmente, está estimada em 12.451 habitantes.

A sua principal fonte de riqueza é a agropecuária. Tanto a cidade como o município têm se desenvolvido bastante nos últimos anos, principalmente através dos incentivos oriundos da região geo-econômica de Brasília.

Quanto à educação, todo o município é servido por uma extensa rede escolar municipal, que procura atender às suas reais necessidades. No perímetro urbano há escolas de primeiro e segundo graus.



Igreja de Nossa Senhora Aparecida, de Arinos.

Vigários

A paróquia de Nossa Senhora da Pena de Buritis já contou, desde a sua fundação, com os seguintes vigários:

- 01 - Pe. Timóteo Rodrigues Monteiro (19 - 09 - 1805 a 23 - 04 - 1808)
- 02 - Pe. Manoel Caetano de Moraes (28 - 08 - 1808 a 10 - 11 - 1812)
- 03 - Pe. Manuel Jácome Bezerra de Menezes esteve em Buritis de 24 a 28 de dezembro de 1821, como "Vigário Visitador" e assinou os registros de batismo de 1813 a 1821. Tudo leva a crer que a Paróquia esteve vaga e foi atendida por sacerdotes em desobriga pelo sertão.
- 04 - Poucos registros levam a assinatura de dois padres, deixando pensar que se trata de visitas, mais do que de vigários:
Pe. José de Brito Freire (05 - 09 - 1817 a 14 - 05 - 1820)
Pe. Francisco Pereira Tavares (entre 19 - 08 - 1821 a 11 - 10 - 1821)
- 05 - Pe. Carlos Manuel Soares de Souza (14 - 05 - 1822 a 26 - 11 - 1833)
- 06 - Pe. Viríssimo José de Souza (07 - 01 - 1835 a 22 - 01 - 1835)
- 07 - Pe. Ângelo de Pina Vasconcelos (19 - 03 - 1835 a 31 - 12 - 1838)
- 08 - Pe. José da Costa Coimbra (08 - 05 - 1845 a 25 - 07 - 1855)
- 09 - Pe. Tomás da Afonseca Silva (02 - 11 - 1856 a 25 - 11 - 1860)
- 10 - Pe. José Teobaldo de Assis (31 - 03 - 1861 a 21 - 09 - 1862)
- 11 - Pe. Livino José Torres Jatubá (10 - 04 - 1863 a 21 - 09 - 1867)
- 12 - Pe. Leonardo de Freitas Costa (04 - 10 - 1867 a 22 - 01 - 1876)
- 13 - Pe. Benedito Elias de França Lima (provisão de 22 - 09 - 1876)
- 14 - Pe. Porfírio Pereira da Silva, vigário de Capão Redondo (Santa Fé de Minas) então distrito de São Romão, atendeu Buritis de 1876 a 1882.
- 15 - Pe. Silvério José Barbosa (provisão de 16 - 03 - 1884)
- 16 - Pe. Francisco de Sales Peixoto (04 - 06 - 1900 a 1906)
- 17 - Pes. Dominicanos de Formosa (Goíás), destacando-se entre eles:
Frei Benevenuto, Frei Manuel Maria, Frei Gabriel, Frei Nicolau e Frei Aleixo (1906 a 1929)
- 18 - Desde a criação da Prelazia, a paróquia foi anexada a outras paróquias e, a partir de 1963, passou a ter um vigário residente na pessoa de Frei Pio Baars, coadjuvado por Frei Basílio, até 1966. A partir de então é anexada à paróquia de Unai.
- 19 - Frei Martinho Laarman (1971)
- 20 - Frei Vítor de Castro Lisboa, então diácono, passou a residir sozinho na Paróquia, de 1974 a 1975. Ordenado sacerdote, em 1978, é nomeado vigário.
- 21 - Frei Cipriano Broekuis, em março de 1980, é nomeado vigário, tendo como coadjutor Frei Vicente Klein Gebbink.

Igreja Matriz

A atual igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena foi construída no período de 1926 a 1928 pelos Padres Dominicanos de Formosa. O Pe. Frei Aleixo, em carta de 16 de abril de 1926 a Dom João Antônio Pimenta, afirma que o seu antecessor Fr. Benevenuto tinha organizado a reconstrução da igreja de Buritis. "As paredes da nova igreja estavam já à altura do teto, quando o terreno que servia de assento aos alicerces de pedra desceu, fazendo estrondar e desaparecer as paredes e o frontispício. O terreno sendo cavado de sepulturas antigas e ao alcance das enchentes do rio Urucua havia de descer mais com o peso do teto e assim ficaram as despesas de mão de obra e de muito material perdidas.

Foi preciso escolher-se outro lugar mais alto e de terreno mais firme para fazer nova construção. Quando lá cheguei, achei já o novo trabalho iniciado e bastante adiantado. Pude somente admirar o espírito religioso e a constância dos nossos bons sertanejos que habituados à luta nunca se desanimam; dar alguns conselhos técnicos para as obras do povo não ficar de novo perdidas".

Ainda em 1926, em 27 de outubro, Frei Aleixo fala das dificuldades para construir a igreja de Buritis, principalmente por falta de um padre que lá permanecesse a fim de administrar e comenta sobre a desonestidade de um carpinteiro que fugiu depois de recebidos 3.800\$000, não tendo efetuado a metade do serviço contratado por 5 mil contos. E ele culpa os encarregados da obra, "homens de boa fé exagerada e sem energia".

Foi uma época difícil para a região da paróquia de Buritis, uma vez que os Revoltosos infestavam os sertões e praticavam atos desabonadores em todos os sentidos. Frei Aleixo, na referida carta supra-mencionada escreveu: "Já havíamos anunciado e marcado um giro de desobriga minucioso em toda freguesia durante um mês: o de setembro. Infelizmente foi nesse mês que novamente as nossas freguesias foram invadidas pelos Revoltosos cometendo os piores excessos e por este motivo não pudemos realizar todo o giro desejado".

Quanto à índole do povo, diz frei Aleixo que são respeitosos e obdientes, e de índole religiosa e humilde. A população sertaneja merece todo carinho e consola o sacerdote dos sacrifícios feitos para instruí-la.

Em virtude da cidade ter crescido muito nestes últimos anos e a antiga matriz, além de não mais comportar a população e estar completamente deslocada, há projeto de construção de nova igreja na parte nova da cidade e em região bem central. O vigário já está empenhado na nova obra e a comunidade bem o merece. Será um templo à altura do desenvolvimento e do progresso local.

A paróquia de Buritis é constituída de três municípios: a sede (Buritis) Arinos e Formoso. Estas últimas duas com uma população aproximada de 20.000 habitantes. Estão sendo preparadas para se constituírem em paróquias, brevemente.



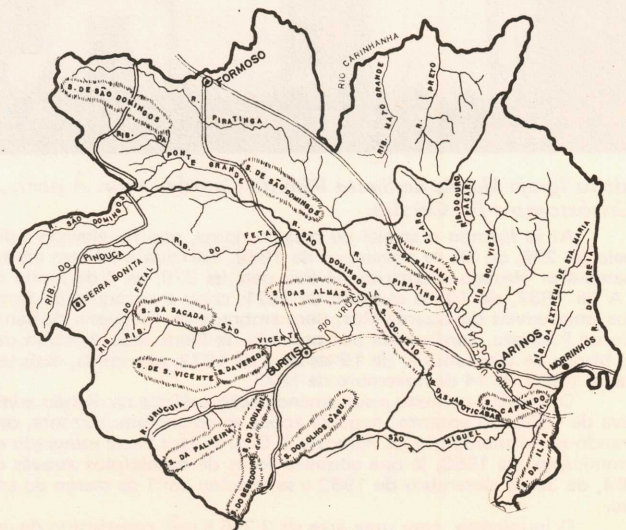
Igreja de Nossa Senhora da Abadia, de Formoso

Capelas

Além da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena, a paróquia conta com as seguintes capelas filiais no município de Buritis: Taquaril (Bom Jesus); Vila São Pedro (Nossa Senhora Aparecida); Serra Bonita (São José); Gado Bravo (São João); Cabeceira da Mata (Nossa Senhora Aparecida); Mata Frade (São José) e ainda Catinguinha e Mangues.

Em Arinos, além da igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, há a capela de Nossa Senhora da Conceição, em Morrinhos e a de Senhor Bom Jesus, em Vila Bom Jesus.

No município de Formoso há a igreja de Nossa Senhora da Abadia, na sede e as capelas de Santo Antônio, em Goiás-Minas e de São João, em Carinhanha.



Apostolado

A paróquia conta com um movimento pastoral muito de acordo com as orientações emanadas do Concílio Vaticano II e com as orientações expedidas pelo sr. Bispo Diocesano. Entre suas atividades apostolares conta com o Cursilho de Cristandade em Buritis, Encontro de Casais com Cristo em Buritis e Arinos, Grupo de Jovens, em Buritis, Comunidades de Base nos municípios de Buritis, Arinos e Formoso. Quanto ao movimento de assistência social, há conferências vicentinas em Buritis e Arinos. Também deve se destacar o trabalho do Apostolado de Oração.

Cursos

A catequese é realizada de acordo com as ordenações fornecidas pela Diocese. Ministra-se a catequese nas escolas e nas igrejas paroquial e filiais, em preparação à Primeira Eucaristia.

Outro curso existente, com grande participação, é o de noivos. Faz-se em preparação ao matrimônio e há grande proveito por parte dos interessados, uma vez que é ministrado por pessoas capacitadas e idôneas.

Os sacerdotes encarregados da paróquia realizam a desobriga pascal nas regiões mais distantes da sertaneja paróquia. É quando se realizam maiores números de batizados e casamentos, dentro da tradição dos moradores de deixar para se realizarem os referidos atos nesta época.

Guarda-Mor

DE FAZENDA A PARÓQUIA DE SANTA RITA DOS IMPOSSÍVEIS DE GUARDA-MOR

Uma das mais antigas povoações da região sul do então município de Paracatu. Saint-Hilaire, em "Viagem às Nascentes do Rio São Francisco", descrevendo a sua viagem a Paracatu, em 1819, assim se referiu à localidade: "Após caminhar duas léguas além do Sítio dos Pilões, parei numa fazenda que tinha o nome de Guarda-Mor.

Se a chamavam assim, não é então porque pertencesse a um guarda-mor, mas o seu primeiro proprietário o fora, e a maioria das fazendas conservam o nome de quem lhes lançou os fundamentos. Seja como for, vi aqui vários negros, e o atual proprietário parecia possuir certos recursos. No entanto, sua casa não era ainda senão uma choça mal arranjada; pois que, é preciso dizê-lo, a desordem caracteriza todas as habitações que se encontram dispersas nesses desertos." (p. 219)



Primitiva Igreja Matriz de Santa Rita de Guarda - mor. À porta, Fr. Crisóstomo e Fr. Cecílio.

Aí se formou o arraial do mesmo nome, que foi elevado a distrito pela lei 239, de 30 de novembro de 1842. Tornada a lei sem efeito, foi Guarda-Mor elevado a Distrito de Paz pela lei 879, de 4 de junho de 1858. A lei 1837, de 10 de outubro de 1871, criou a paróquia de Santa Rita dos Impossíveis de Guarda-Mor, desmembrada da Freguesia de Santo Antônio de Paracatu, confirmada por provisão de Dom João Antônio dos Santos, bispos de Diamantina, de 12 de abril de 1872, suprimida, mais tarde, pela lei 1.998, de 14 de novembro de 1873.

O Distrito pleiteou a sua emancipação política na divisão administrativa de 1953, no entanto, naquela época se emancipou Vazante, desmembrando-se do município de Paracatu e Guarda-Mor ficou integrado ao novo município até 1963, já que adquiriu foros de municípios através da lei 2.764, de 30 de dezembro de 1962 e se instalou em 1 de março do ano seguinte.

O município, com uma área de 2.355 Km², constituído de um

único distrito, o sede, de acordo com o recenseamento de 1970, possuía 4.573 habitantes, sendo 866 na cidade. Atualmente, estimam-se uns 6.500 habitantes para o município, sendo que, destes, umas 2.000 almas habitam a sede.

Situa-se o município na zona fisiográfica de Paracatu e sua principal fonte de riqueza é a agropecuária. Possui escola de 1ª grau, completo, na sede e dezenas de escolas municipais rurais.

Ultimamente a cidade foi dotada de serviço telefônico urbano e interurbano, através da Telebrasil.

Vigários

Guarda-Mor sempre foi atendida por vigários de Paracatu. A assistência mais sistemática de sacerdotes começou após a criação de extinta Prelazia.

Em 1954, Frei Humberto van Teijlingen passa a residir em Vazante, como Vigário e atende também Guarda-Mor, onde celebra e visita mensalmente. Em 1956, Frei Humberto é substituído por Frei Cecílio Bruggeman, que permanece até 1961. Durante o seu paroquiato, em 22 de maio de 1957, lança a pedra fundamental da nova Matriz de Guarda-Mor, com a benção e presença de D. Eliseu van de Weijer. Terminou o salão paroquial que até hoje serve de igreja provisória e deixou pronta a base da igreja definitiva. Paroquiaram-na, a seguir: Frei Paulo Kogelman (1961 - 1963); Frei Vicente Klein Gebbink (25 - 1 - 1963 a 7 - 5 - 1963); Frei Estêvão Peters (7 - 5 - 1963 a 9 - 2 - 1966); Frei Afonso Hoebert (9 - 2 - 1966 a 30 - 1 - 1967). A partir de fevereiro de 1967 a paróquia foi anexada à de Vazante e, portanto, passou a ser atendida por Frei Vicente, permanecendo neste estado até 21 - 2 - 1976, quando toma posse Frei Eustáquio van der Weff e permanece até 17 - 4 - 1979, quando se dá a posse e Frei Vicente Klein Gebbink, transferido da Paróquia de Vazante. Em 1 de março de 1980, Frei Vicente é transferido para Buritis e é impositado vigário de Guarda-Mor Frei Basílio Beune.

Durante o paroquiato de Frei Eustáquio inaugurou-se a sede comunitária no dia 14 de novembro de 1976, cujo início das obras aconteceu no dia 30 de julho do mesmo ano.

Irmãs Missionárias

No dia 3 de março de 1969, início das atividades das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado: Irmãs Anália Ferroni Pires (coordenadora), Ecléia Frejat e Francisca Pereira. O último relatório das Irmãs (assinado por Ir. Luzia Fabrício Ferreira) foi assinado no dia 30 de junho de 1971. Logo mais as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado encerraram os trabalhos em Guarda-Mor. Durante a sua permanência nesta cidade, dedicaram-se a atividades religiosas, sociais e assistenciais:

a) Culto dominical, visitas domiciliares, preparação de pais e padrinhos, curso para noivos, cultos nas fazendas, comunhão para doentes, novenas e rezas, etc.

b) No Ginásio: formação moral e cívica, economia doméstica, trabalhos manuais, puericultura, civilidade e preparação para a primeira eucaristia. Biblioteca paroquial e centro literário-esportivo.

c) Merenda escolar, assistência direta aos pobres e mães de família, mutirões comunitários, Natal dos pobres.

Durante este período de permanência das religiosas à frente da paróquia, contaram com muita colaboração do prefeito Anatólio José da Silva.

Capelas

Além da igreja matriz de Santa Rita dos Impossíveis, a paróquia conta ainda com três capelas filiais no ambiente rural: Pilões, Buriti e Capelinha.

Pastoral

Na paróquia funcionam Apostolado da Oração, Movimento de Casais, Treinamento de Vivência Cristã, Movimento de Jovens. Também é muito atuante a catequese que se realiza preparando as crianças para a primeira eucaristia, bem como Catequese de Adultos. Ainda há Cursos de Noivos com preparação para o casamento.

As capelas filiais são, periodicamente, visitadas pelo Vigário.

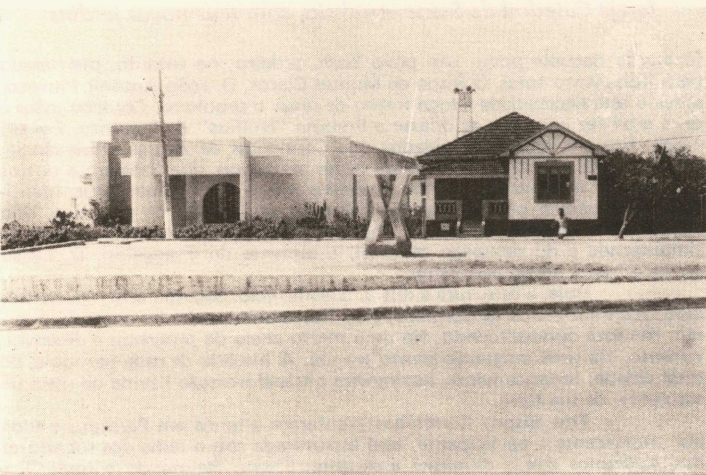


João Pinheiro

SANTANA DOS ALEGRES DE JOÃO PINHEIRO, PARÓQUIA DESDE 1813

O caminho de Goiás e a febre de ouro em Paracatu levaram o homem civilizado a expulsar, das margens do rio Paracatu, e seus afluentes, as tribos nômades que habitavam a região, já fugitivos do litoral de onde haviam partido com a chegada dos colonos portugueses.

Nas margens da Vereda da Extrema e nas proximidades do capão de Água Limpa formaram, nos fins do Século XVIII, os bandeirantes, depois os tropeiros que buscavam a capitania de Goiás, o primeiro pouso do homem branco nestas paragens. Não se estabeleceram. Era apenas caminho em demanda ao sertão bruto ou para o regresso em busca da civilização.



Igreja Matriz de Santana, anexa a Casa Paroquial

Alguns desses aventureiros se fixaram animados pela criação do gado e pelos garimpos de diamantes, no rio Santo Antônio. Foi uma febre e passou a ser a principal atividade do arraial nascente.

No princípio do Século XIX já se registra a existência de um pequeno arraial denominado Santana dos Alegres, elevado a freguesia por consulta de 25 de agosto de 1813 e resolução de 10 de setembro de 1814 de D. Frei Antônio de São José Bastos, bispo de Pernambuco. Pohl visitou Santana dos Alegres em 1818, e aí se demorou alguns dias. E ele anotou em "Viagem no Interior do Brasil": "O lugar conta 30 pequenas cabanas e uma igreja em ruína, com teto esburacado. O altar dessa igreja é feito de tábuas pintadas e nem sequer tem castiçais; as velas são espetadas em pontas de pregos. A atmosfera do interior estava empestada pelos cadáveres enterrados. Os habitantes vivem em extrema indigência. O sacerdote, que me conhecia de Paracatu, deu-me, para hospedagem, o melhor casebre do lugar". (Editora Itatiaia Ltda. - Belo Horizonte - 1976 - p. 304)

Através deste testemunho incontestável temos conhecimento de que naquela época já residia um sacerdote em Santana dos Alegres "situada a bastante altura, sobre uma colina isolada; sofre muita falta de água, embora passe por ela o córrego Extrema, que nasce a uma meia légua de distância e deságua no córrego Retiro."

Não se encontra nenhum documento comprobatório que a primeira sede paroquial tenha sido em Santana de Catanga. Mas, através do testemunho do naturalista Pohl, vê-se perfeitamente que o sacerdote habitava em Santana dos Alegres em 1818. A paróquia foi suprimida em data desconhecida. Sabe-se que, em 8 de abril de 1858, foi recriada para ser incorporada à de Paracatu através da lei nº 1.713, de 15 de outubro de 1870. A lei nº 1.993, de 13 de novembro de 1873, elevou o arraial a vila, com o nome de Alegres. Na mesma ocasião é recriada a paróquia. Crê-se, todavia, que a vila não chegou a ser instalada com a lei de 1873, pois a criação definitiva do município deu-se com a lei nº 556, de 30 de agosto de 1911, com a denominação de João Pinheiro; era, então constituído dos distritos de Santana dos Alegres (sede), Catanga, Canabrava, Veredas, desmembrados do município de Paracatu. Como a lei nº 556 não determinou a mudança da denominação do distrito-sede, a lei nº 843, de 7 de setembro de 1923, determinou a mudança do nome do distrito de Santana dos Alegres para João Pinheiro.

O município de João Pinheiro, situado na zona fisiográfica de Paracatu, é formado de cinco distritos: João Pinheiro, Catanga, Canabrava, Olhos d'Água do Oeste e Vereda. É um dos municípios do Estado, parecidos que o segundo em área, com 14.451 Km².

João Pinheiro sofreu uma grande transformação a partir de 1958 com a construção da Rodovia Brasília-Belo Horizonte. A sua principal fonte de riqueza é a agropecuária, carvão vegetal e reflorestamento. O município recebeu grande imigração, principalmente proveniente de Pompéu e Morada Nova. É dotada a cidade de bons hospitais, colégios e um movimentado comércio. Para se notar o seu acentuado crescimento demográfico, o município, no recenseamento de 1960, contava com 28.407 habitantes, enquanto que no de 1970 já registrava 42.269. Atualmente estima-se uma de 65.000 almas em todo o território municipal.

Vigários

Muita falta é a documentação paroquial. Frei Pedro Caxito, vigário de Paracatu, após uma exaustiva pesquisa, conseguiu o seguinte levantamento dos párocos de João Pinheiro:

- 01 - Pe. Veríssimo José de Sousa Nogueira (28 - 6 - 1865 a 9 - 6 - 1871)
- 02 - Pe. João Dantas Barbosa (9 - 6 - 1871 a 11 - 10 - 1874)
- 03 - Pe. Getúlio Alves de Melo (Vigário de Patos de Minas e encarregado da paróquia de João Pinheiro de 11 - 10 - 1884 a 17 - 2 - 1886)
- 04 - Pe. João Dantas Barbosa (7 - 2 - 1886 a 6 - 11 - 1889)
- 05 - Pe. Francisco de Sales Peixoto (provisão de 6 - 10 - 1889)
- 06 - Pe. Luís Alberto (provisão de 29 - 3 - 1897)
- 07 - Pe. Afonso Ligório de Sousa (provisão de 16 - 2 - 1898)
- 08 - Pe. Carlos Alves Passos (de São Romão - 21 - 5 - 1902)
- 09 - Pe. Acúrsio João Ferreira (vigário provisório de 22 - 8 - 1903 a 25 - 8 - 1904)
- 10 - Pe. Afonso Ligório de Sousa (provisão de 15 - 3 - 1906 a 4 - 4 - 1909)
- 11 - Pe. Serafim Gomes Jardim (Secretário do Bispado em Visita Pastoral de 24 - 06 - 1905 a 16 - 7 - 1905)
- 12 - Pe. José Carolino de Menezes (16 - 7 - 1905, devidamente autorizado).
- 13 - Pe. Afonso Ligório de Sousa (30 - 9 - 1905 a 4 - 8 - 1909)
- 14 - Cônego Getúlio Alves de Melo (devidamente autorizado, vigário de Patos de Minas e encarregado da paróquia de João Pinheiro de 17 - 4 - 1910 a 1 - 2 - 1911)
- 15 - Pe. Antônio Pereira Collaço Dias (28 - 5 - 1911 a 9 de 7 - 1911). No livro de casamento diz que tomou posse a 24 - 5 - 1911. O mesmo: 11 - 7 - 1911 a 16 - 11 - 1912)
- 16 - Pe. Joaquim da Motta Machado (24 - 11 - 1912 a 4 - 10 - 1914)
- 17 - Pe. Joaquim da Motta Bastos (9 - 9 - 1915)
- 18 - Pe. Antônio Joaquim Loureiro (30 - 5 - 1918 a 22 - 6 - 1918)
- 19 - (?) 1918 a 1926 (?)
- 20 - Pe. José Soares (2 - 5 - 1926 (?) - 20 - 6 - 1926 a 12 - 7 - 1926 (?)
- 21 - Cônego Manuel Fleury Curado (Vigário de Patos de Minas e vigário encarregado da paróquia de João Pinheiro de 19 - 2 - 1928 a 26 - 6 - 1929)
- 22 - Frei Carmelo Lambooy (são os carmelitas, após a criação da Prelazia Nullius de Paracatu - 18 - 9 - 1929 a 29 - 12 - 1947)
- 23 - Frei Plequelmo Sanders (4 - 1 - 1948 a 4 - 5 - 1948)
- 24 - Frei Patrício Helvoort (1 - 6 - 1948 a 14 - 10 - 1950)
- 25 - Frei Plequelmo Sanders (15 - 10 - 1950 a 31 - 12 - 1950)
- 26 - Frei Miguel Jonkers (1 - 1 - 1951 a 14 - 2 - 1966)
- 27 - Frei Norberto Broenink (15 - 2 - 1966 a 12 - 1 - 1980)
- 28 - Frei Clóvis Nascimento (14 - 1 - 1980 - ...)

Como vigários-cooperadores João Pinheiro contou com Frei Cecílio Bruggeman, frei Humberto van Teijlingen, Frei Dionísio Groninger (faleceu em desastre automobilístico próximo ao Rio do Sono, juntamente com o seu coroinha, em 26 - 12 - 1961) e Frei Adolfo Brito Pessoa. Frei Norberto continua na paróquia como coadjutor.

CAPELAS

A primitiva Igreja matriz foi demolida em 1977, após servir ao culto por quase dois séculos. Dela se recuperaram o sino, o batistério e algumas portas. Localizava-se no final da praça Cel. Hermógenes. O terreno, originado de terras devolutas e sem documento, passou à Prefeitura que o incorporou à citada praça. A atual matriz foi construída por Frei Norberto Broenink.

Excetuando-se as capelas da colônia de Brasilândia, que se encontram incorporadas, juridicamente, à paróquia de Bonfinópolis de Minas, a Paróquia de João Pinheiro conta com as seguintes capelas-filiais: Coenge, Ruralminas, Buritizinho, Valente, Claro, Olaria, Buritizeiro, São Vicente, Coqueiro, Taquara, Santa Luzia, Tauá, Barreiro dos Veados, Almas, Espírito Santo, Canabrava, Olhos d'Água do Oeste, Mata da Cama, Lajes, Malhadinha, Imbiruçu, Malhada Bonita e ainda do distrito de Catanga: Catanga, Riachinho do Gado Bravo, Riachinho do Cotovelo, Maravilhas, Taboca e Fazenda da Mata. Todas são anualmente visitadas pelos vigários.

APOSTOLADO

Muito ativos os movimentos de Cursilho da Cristandade, Encontros de Casais, Grupos de Jovens. Além de participantes são bastante atuantes em toda a vida comunitária. Ainda há o Retiro anual para homens, senhoras e jovens, no mês de junho, feito pela equipe de uma paróquia gêmea de São Paulo. Está com 27 anos de funcionamento ininterrupto com internato e externato. Há ainda a Legião de Maria que realiza um trabalho edificante em toda a paróquia.

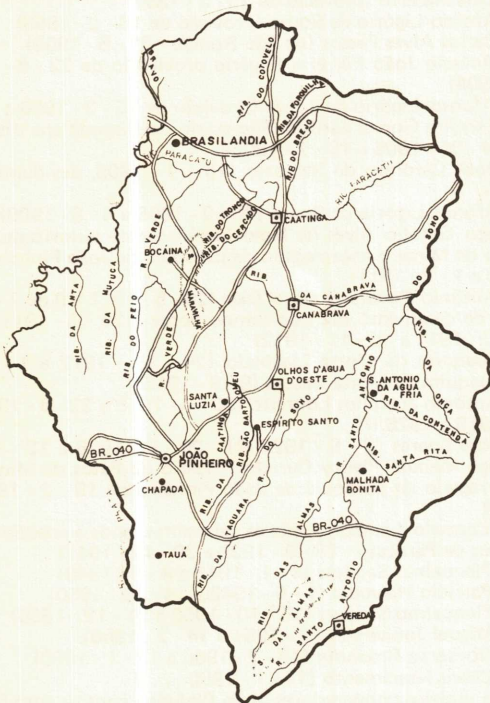
CURSOS

O curso de catequese está dividido em: a) escolas, com 36 turmas na sede e 10 na zona rural. Ministram-se aulas, semanalmente, aos alunos, de acordo com as determinações diocesanas, dentro dos princípios conciliares. b) paroquial: com a finalidade de preparar as crianças à Primeira Eucaristia. c) perseverança: ministrado a adolescentes e também a adultos de idade mais jovem.

Durante o ano há cursos de orientação para noivos, ministrados por pessoas idôneas da comunidade: sacerdote, pais de família, médicos, advogados, etc. Também cursos de preparação ao batismo, semanalmente.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O trabalho de assistência social da Paróquia é realizado pelos vicentinos, agrupados em conferências, tanto no perímetro urbano como no rural. Além de assistir o necessitado em sua própria residência, mantêm os vicentinos um abrigo com 12 residências geminadas (uma em cada rua, para evitar a humilhação de serem marcados como "asilados") e prestam ainda serviços de assistência médica, farmacêutico e funerária. Não se esquecendo da parte alimentar e de vestuário. Ao lado da assistência material, ainda há moral e espiritual.



Paracatu

CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO DE PARACATU, A IGREJA-MÃE DA DIOCESE

A história da igreja em Paracatu já foi sobejamente estudada, desde o seu início, em 1744, até a criação da Prelazia e, posteriormente, da Diocese. Vimos os conflitos, as lutas e a prova da divindade da igreja. Homens santos estiveram à frente da mesma, mas principalmente homens ambiciosos, desvirtuados de suas finalidades ministeriais e sacerdotais a dirigiram durante muito tempo. Foi uma Igreja constituída de lutas, de individualismos religiosos. Foi uma Igreja que ficou recebendo os influxos dos sacramentos, no entanto, muito se plantou nos corações dos homens. Apesar de uma religiosidade individualista, esta Igreja separada pelas distâncias, ilhada pela falta de comunicação, bafejada pela palavra de missionários que por ela andavam levando conforto a um povo sofrido e sofrido, tornar-se-ia autêntica e marcante dentro da comunidade mineira.

O Bispo era como que uma autoridade longínqua e quase lendária. Primeiro Pernambuco, depois, Diamantina, Uberaba, Montes Claros. Necessitava-se a formação de uma Igreja em Paracatu. Ali teria a residência de um pastor que poderia entregar-se de maneira mais vigilante à



Igreja Catedral de Santo Antônio, com seus novos jardins

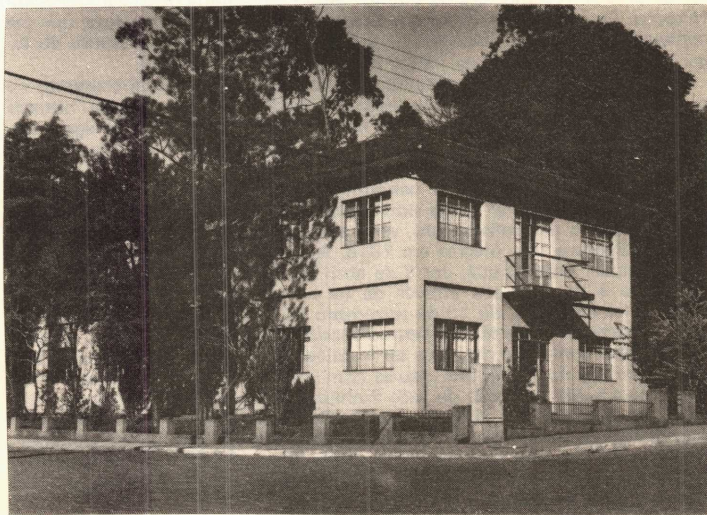
formação daquele povo. Um povo bom, ordeiro, no entanto, maltratado pelo isolamento total. O Bispo de Montes Claros, D. João Antônio Pimenta, anteviu esta necessidade e logo tratou de sanar o problema. Colocou mãos à obra e ali fez com que se criasse a Prelazia "Nullius" de Paracatu. Foi em 1929. Foi entregue aos cuidados dos Carmelitas da Antiga Observância. Estes não se marcaram através de obras suntuosas que fizessem a outros admirarem. Mas realizaram um trabalho muito mais importante. Identificaram-se com o povo e transformaram-se em homens de seu povo. Não construíram catedrais de pedras, mas plantaram, pacientemente, através da simplicidade e do desapego material, a semente do Evangelho. D. Eliseu estava à frente destes carmelitas.

Hoje, a estrutura é outra. Brasília veio. Sacudiu este mundo isolado. Abriram meios de comunicação. Rasgaram-se estradas em todo o sertão. Ele está desaparecendo. Há uma região cheia de progresso e desenvolvimento. Há uma imigração muito grande. A história de cada paróquia, de cada cidade, sinteticamente, nos mostra a transformação havidada no meio de sua gente, de sua terra.

Três Bispos Carmelitas plantaram a Igreja em Paracatu e toda ela, florescente e participante, está estruturada sob o lema dos sucessores dos Apóstolos que a dirigiram e dirigem: Eliseu, Raimundo e José: "Per semitas tuas - pelas tuas veredas - Fiat voluntas tua, seja feita a tua vontade - Pietatis cardo iustitia, pois a justiça é o sustentáculo da piedade.

Foi, em tempos idos, esta Igreja uma verdadeira via crucis para os seus sacerdotes piedosos e desejosos de implantar amor e caridade. Hoje, é uma Igreja de esperança, de alegria. Por isto mesmo é bom que conheçamos a Igreja-Mãe de todas as igrejas da Diocese de Paracatu, já com os carmelitas à sua frente. Nas palavras bem verdadeiras e sinceras de Frei Pedro Caxito eles "Ofereceram o seu ideal e a sua juventude, renunciando à família e até mesmo à sua pátria; por seu gosto até os seus ossos continuariam por aqui. Pregaram o Evangelho, socorreram os pobres, consolaram os tristes, perdoaram os pecadores, reanimaram os bons, não negaram o pão da palavra nem da Eucaristia e proclamaram que Deus é Pai.

Você verá muita coisa que apareceu. (...) Muito mais não apareceu. Fique certo disto, porém: eles procuraram caminhos com o povo de Deus, que vive nesta região, pois quiseram servi-lo, servindo a Jesus Cristo. Creia!"

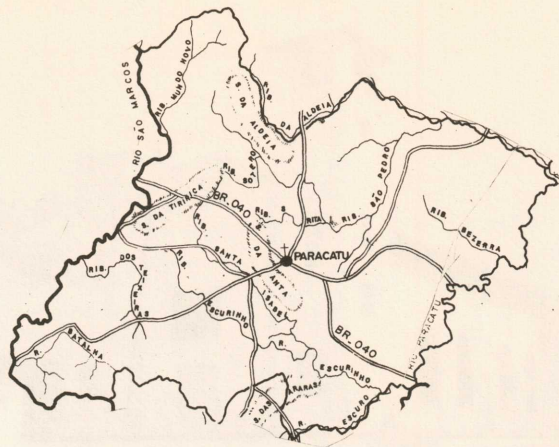


Pré - Seminário João XXIII e residência dos Padres, praça Jk com rua Eduardo Pimentel.

Vigários

- 01 - Frei Miguel Jonkers (1929 - 1935)
- 02 - Frei Brocardo Stokhof (1935 - 1944)
- 03 - Frei Plequelmo Sanders (1944 - 1947)
- 04 - D. Eliseu van de Weijer (1947 - 1950)
- 05 - Frei Norberto Broenink (1950 - 1951)
- 06 - Frei Brocardo Stokhof (1951 - 1957)
- 07 - Frei Ricardo Caspers (1957 - 1963)
- 08 - Frei Telésforo Veekeens (1963 - 1966)
- 09 - Frei Pedro Caxito (1966)

Trabalharam ainda na cidade de Paracatu, desde 1929, como cooperadores: Fr. Patrício Helvoort, Fr. Humberto van Teijlingen, Frei Atanásio Maatman, Frei Arnaldo Weerden, Frei Paulo Kogelman, Frei Cecílio Bruggeman, Frei Vicente Klein Gebink, Frei Martinho Laarman, Fr. Tadeu Passos Camargos, Frei Vítor de Castro Lisboa, Frei Reinaldo Verberk e Frei Pio Baars. É bom que se registre que, ainda quando Prelazia, o único membro do clero diocesano foi o Cônego João Marques de Oliveira, Pe. Joca, falecido no dia 10 de dezembro de 1934, em Paracatu e, no período da vacância, com a renúncia de D. Raimundo Lui, o Administrador Apostólico contou com a colaboração do Pe. Cirilo.



Residência episcopal, na Rua Alexandr Silva

Religiosas Carmelitas

No dia 6 de janeiro de 1948 chegaram a Paracatu as primeiras irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresinha do Menino Jesus, provenientes da Itália. Era a primeira congregação religiosa feminina que se instalava na então Prelazia.

A congregação foi fundada para cuidar de educandários, escolas, oratórios, orfanatos e atividades paroquiais. E, dentro dos seus princípios, há mais de 30 anos os religiosos vêm trabalhando em Paracatu, onde mantém o Colégio D. Eliseu, o Orfanato Santa Inês e também colaboram nas atividades apostolares da Paróquia inerentes às suas funções de religiosas.

Capelas

No centro de Paracatu existem duas igrejas barrocas, construídas no Século XVIII, ambas tombadas pelo Patrimônio Artístico Nacional: Catedral de Santo Antônio e Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No Bairro das Amoreiras está a Igreja de Nossa Senhora da Abadia; no Bairro Paracatuzinho, a Igreja do Bom Jesus; no Bairro Bela Vista, a Igreja de Nossa Senhora Aparecida.

Na zona rural: Lagoa de Santo Antônio, São Domingos, São Sebastião, Santa Rita, Morro Agudo, Campo Limpo, Pouso Alegre, Paiol, Olhos d'Água da Vargem, Carapinas, Santa Rosa, Santa Maria.

Destas capelas convém destacar-se a de Lagoa de Santo Antônio e a do Pouso Alegre, construções ainda do Século XVIII.

Apostolado

Os trabalhos apostólicos na comunidade de Santo Antônio de Paracatu se realizam através do Apostolado da Oração, Liga Católica Jesus-Maria-José (constituída apenas de homens), Legião de Maria, Cursinho da Cristandade, Encontro de Casas, Movimentos de Jovens (congregam-se na Catedral, na Bela Vista, no Alto do Córrego, no Paracatuzinho e na Abadia) Comunidades Eclesiais de Base e Irmandade dos Passos (responsável pela organização das festas religiosas, principalmente Semana Santa e festa de São Benedito. É a zeladora da Igreja do Rosário).

Cursos

Periodicamente realizam-se cursos de noivos em preparação ao

casamento; cursos de padrinhos e pais, em preparação ao batismo. A catequese tem sido muito incentivada, principalmente nas escolas. Há cursos de reciclagem periódica para catequistas, quando as mesmas são enriquecidas de novas técnicas para o trabalho junto a crianças, a jovens e a adultos. Há catequese especial em preparação à primeira Eucaristia.

Assistência social

A assistência social na paróquia é mantida pelos vicentinos, através do Asilo São Vicente de Paulo, Dispensário e visitação sistemática e periódica aos pobres em suas próprias residências. Também possui o ambulatório onde se dá completa assistência médico-hospitalar. Movimentos de jovens trabalham no sentido de ajudar o trabalho dos vicentinos construindo casas para pobres. A assistência aos pobres, não apenas na Catedral, mas em todas as paróquias da Diocese, de acordo com a orientação do Sr. Bispo Diocesano, é muito incentivada, conforme as resoluções de Puebla.

A paróquia da Catedral ainda possui o Cine-Teatro que muito serve à comunidade para atos lútero-sociais.

Unai

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO RIO PRETO, PARÓQUIA DE UNAI

A origem da cidade de Unai teve lugar no povoado de Capim Branco, sede do distrito de Rio Preto. O distrito recebeu este nome porque abrangia toda a bacia do Rio Preto.

A mais antiga notícia de que se tem de Capim Branco é através de documento firmado na fazenda do Capim Branco, ribeira do Rio Preto, pelo Pe. José de Pina Vasconcelos, que batizou Gonçalo, filho de Francisco de Sá Guimarães e Luciana da Silva.

Os irmãos Manoel e Antônio Pinto Brochado, naturais do arraial de São Domingos, em Paracatu, adquiriram a fazenda Capim Branco e nela passaram a residir. Os proprietários mantinham um porto no Rio Preto, onde morava o passador. E o local teve a sua primeira denominação de "Ribeira do Rio Preto". Aí nasce, em 1842, Domingos, filho de Antônio Pinto Brochado e Justina Batista Pinheiro.

O povoado tinha os seus altos e baixos. Ora a capela curada funcionava em São Pedro, ora em Santo Antônio do Boqueirão. A capela curada permaneceu em Santo Antônio do Boqueirão de 1835 até se criar a paróquia de Capim Branco em 1873.

Como se vê, o distrito era antigo. Chegou a ser suprimido pela lei 472, de 31 de maio de 1850, mas foi restaurado pela lei 992, de 27 de junho de 1859.

Lançaram-se então as bases do povoado do porto de Capim Branco. Domingos Pinto Brochado incumbiu-se da construção de uma igreja, da casa de escola e do cemitério. Fez a subscrição popular e o que faltou foi inteirado de seu bolso.

No "Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais" de Waldemar de Almeida Barbosa encontra-se registrado: "Em 1873, D. João Antônio dos Santos, bispo de Diamantina, em visita pastoral, instituiu a freguesia, por ato de 11 de agosto. Comunicando seu ato ao governo,



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

acrescentou: "dei-lhe a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Rio Preto". Por provisão da mesma data, nomeou o primeiro vigário da paróquia, Pe. Antônio de Araújo Pereira. Caso não comum na época do padroado, foi oficialmente criada a paróquia pela lei provincial 1.993, de 13 de novembro de 1873, isto é, três meses depois, lei que determinava o seguinte: "que se instalará tão logo os habitantes mostrarem ter igreja decente para Matriz e casa para escola", exigências que geralmente não constavam nos atos de criação de paróquia." (p.528)

No livro de Tombo da Matriz, no entanto, encontramos registrado: "Freguesia criada pela Lei Provincial de 1871. Em 1875, D. João Antônio dos Santos, Bispo de Diamantina, em visita pastoral nomeou vigário ao Padre Antônio de Araújo Pereira, como não houvesse matriz, eram as funções paroquiais exercidas na capela do Boqueirão. Em 1879 foi construída a Matriz, benta em 1880, estando aqui três padres: Cônego Miguel Arcanjo Torres, Pe. Antonino e o padre francês Henrique Raimundo de Genettes".

A lei nº 843, de 7 de setembro de 1923 mudou a denominação do distrito de Rio Preto para Unai e transferiu a sede, com esta denominação, para Capim Branco, também no município de Paracatu.

Os primeiros residentes no local, além de seu fundador, foram os membros da família Rodrigues Barbosa, da qual se destacou o major Eduardo Rodrigues Barbosa, que muito trabalhou para o desenvolvimento do local, Clemente José Souto e o Pe. Antônio José da Rocha.

O decreto-lei 1.058, de 31 de dezembro de 1943, criou o município de Unai com os distritos de Unai (sede), Fróis e Garapuava, desmembrados do município de Paracatu e Buritis e Serra Bonita, transferidos do município de São Romão.

O município de Unai situa-se na zona fisiográfica de Paracatu e, hoje, é constituído dos seguintes distritos: Unai (sede), Cabeceira Grande, Garapuava e Santo Antônio do Boqueirão. Apesar de dois dos seus então distritos, Buritis e Fróis, terem se emancipado em 1963, o município de Unai é considerado ainda um dos maiores do Estado, com a superfície de 9.749 Km².



Igreja e Convento do Carmo

A arrancada de progresso foi em fins de 1960, com imigração proveniente de São Gonçalo do Abaeté, Morada Nova, Biquinhas, Abaeté e Carmo do Paranaíba. Pode-se observar perfeitamente através dos censamentos de 1960, ainda com os então distritos de Buritis, Serra Bonita e

Fróis, a população municipal era de 30.969 habitantes, enquanto que no de 1970, já sem os referidos distritos em seu território e a sua área diminuída de 18.839 Km² para 9.749 Km², a população atingiu a cifra de 53.234 habitantes. A sua população atual é estimada em mais de 80.000 habitantes no município, enquanto que uns 40 % se agrupam na área urbana.

A disponibilidade de terras favoráveis ao uso agrícola e a diversidade de pastagens nativas muito contribuíram, desde o tempo de um mero distrito, para o rápido incremento da lavoura e da pecuária no município. Foi a causa de seu crescimento vertiginoso, destacando-se como um dos maiores produtores de milho e de feijão do País e possuidor de uma pecuária que está se ampliando em quantidade e qualidade.

Unai é o único município mineiro que limita com o Distrito Federal e, uma vez o seu sistema viário asfáltico para Brasília e Paracatu concluído, maior será o seu movimento, já que lidera na zona.

A cidade é muito bem dotada de infra-estrutura, com excelentes hotéis, serviço interurbano de telefone (DDD e DDI), ótimos hospitais, ativo comércio e ligação de linhas de ônibus intermunicipais para diversas comunidades do Estado. Também a sua rede escolar, não só urbana, mas rural, é muito grande, com cursos de 1º e 2º graus. Está situada na área geo-econômica de Brasília e será dotada de um Distrito Industrial e está classificada como cidade-dique entre 16 outras do Estado. Espera-se, com a implantação destes novos melhoramentos, Unai tornar-se um verdadeiro celeiro de Minas Gerais.

Vigários

- 01 - Pe. Antônio de Araújo Pereira (1875, com residência em Santo Antônio do Boqueirão)
- 02 - Pe. Luís Alberto (abriu o livro de batismo em 16 - 11 - 1890)
- 03 - Pe. Cirilo de Paula Freitas (Vigário de Paracatu, encarregado da Paróquia de Capim Branco, 30 - 5 - 1896 a 27 - 6 - 1897)
- 04 - Pe. Francisco de Sales Peixoto (Vigário de São Romão, encarregado da Paróquia de Capim Branco num período de 1899)
- 05 - Pe. Afonso Ligório de Souza (7 - 5 - 1899 a 10 - 4 - 1903)
- 06 - Pe. Florêncio de Moura Terra (20 - 11 - 1905)
- 07 - Padres Dominicanos de Formosa (Goiás), destacando-se entre eles: Fr. Manuel Maria, Fr. Benevenuto, Fr. Gabriel, Fr. Aleixo e Fr. Nicolau (1906 - 1916)
- 08 - Cônego João Marques de Oliveira (Pe. Joca) (22 - 10 - 1916 a 1917)
- 09 - Pe. Francisco Antônio Videira (Vigário de Paracatu, encarregado da Paróquia de Capim Branco - 25 - 10 - 1917 a 1919)
- 10 - Pe. Vicente Hypnarowski (vigário de Paracatu, encarregado da Paróquia de Capim Branco, 5 - 9 - 1920 a 1922)
- 11 - Cônego João Marques de Oliveira (Pe. Joca) (encarregado da Paróquia de Capim Branco de 22 - 10 - 1922 a 1923)
- 12 - Pe. Antônio Pereira Dias (Vigário de Paracatu, encarregado da Paróquia de Capim Branco de 1924 a 1926)
- 13 - Pe. Amaro Falcão (1927)
- 14 - Padres Dominicanos de Formosa (Goiás) (1928 a 1929)
- 15 - Frei Miguel Jonkers (vigário de Paracatu, encarregado da Paróquia de Capim Branco - 1929)
- 16 - Frei Carmelo Labooy (1930, realiza desobriga até o Urucuia)
- 17 - Fr. Miguel Jonkers (Vigário de Paracatu e de Capim Branco de 1931 a 1935)
- 18 - Fr. Brocardo Stokhof (Vigário de Paracatu e de Capim Branco de 1935 a 1944)
- 19 - Fr. Brocardo Stokhof (1945 a 1952, primeiro vigário carmelita a residir na paróquia)
- 20 - Fr. Cecílio Bruggeman (1952 a 1956 / 1961 a 1966)
- 21 - Fr. Plequelmo Sanders (1956 a 1958)
- 22 - Fr. Paulo Kogelman (1958 a 1960)
- 23 - Fr. Anselmo Bertels (1966 a 1978)
- 24 - Fr. Cipriano Broekuis (1978 a 1979)
- 25 - Fr. Pio Baars (1979....)

Trabalharam na paróquia, como vigários cooperadores: Fr. Patrício Helvoort, Fr. Justino Velthuis, Fr. Pio Baars, Fr. Estêvão Peters e o irmão leigo Fr. Francisco Hoebert.

Os carmelitas possuem um convento formado onde, atualmente, residem Fr. Cecílio Bruggeman, Fr. Estêvão Peters, Fr. Pio Baars e Fr. Cipriano Broekuis. Em outubro de 1962 iniciou-se a construção deste convento que teve a sua inauguração no dia 8 de dezembro de 1964, quando Fr. Cecílio e Fr. Justino celebravam 25 anos de sacerdócio, com a presença dos bispos D. Eliseu van de Weijer (ex-Prelado de Paracatu) e D. Raimundo Lui, Bispo Diocesano de Paracatu e mais 21 sacerdotes carmelitas de diversas casas da Província Carmelitana de Santo Elias

Capelas

Além da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, reconstruída com ereção das torres, em 1961, na cidade ainda existem a igreja de Nossa Senhora do Carmo, junto ao Convento; a igreja de Nossa Senhora das Vitórias, no bairro Cachoeiras, benta em 23 de abril de 1967 pelo bispo diocesano, D. Raimundo Lui e duas capelas nas Vilas Vicentinas.

Existem capelas rurais nas seguintes localidades: Tamboril, Gato, Boa Vista, Cangalha, Lages, Santo Antônio do Boqueirão, Cabeceira Grande, Santa Cruz, Garapuava, Palmital, Cabeceira da Mata, Uruana, Cercado, Palmeirinha, Chapadinha, Saco, Água Fria, Gado Bravo, Inhumas.

A capela de Santo Antônio do Boqueirão é centenária, pois, em 1835, foi capela curada. Em torno dela há uma lenda: o bandeirante José Rodrigues Fróis pesquisava, na região, se havia erva ou não. Era sua inten-

Apesar de todo o trabalho apostólico dos bispos D. Eliseu van de Weijer e D. Raimundo Lui, como de todos os vigários, muitos ainda teimam continuar praticando atos que as autoridades eclesiais procuram coibir.

Os principais moradores do lugar são provenientes dos municípios de Patrocínio e Coromandel. Com o desenvolvimento do povoado, o Governo Benedito Valadares, através do decreto-lei 148, de 17 de dezembro de 1938, cria o distrito de Vazante, no município de Paracatu. Em 12 de dezembro de 1953, através da lei 1.039, do governador Juscelino Kubitschek, é emancipado o Distrito, constituído de três distritos, o da sede, o de Claro de Minas e o de Guarda-Mor, formando-se o novo município de Vazante, que se instalou no dia 1 de janeiro de 1954.

A partir de então houve um grande desenvolvimento, principalmente motivado pela exploração de suas ricas jazidas de minério de zinco pelas companhias MASA e Mineira de Metais. Ao lado de suas grandes jazidas de minérios, o município possui sua fonte de riqueza no mundo agropecuário, reflorestamento e produção de carvão vegetal.

A sua superfície é de 2.181 Km², com a população oficial de 1970 de 10.226 habitantes no município, sendo que 2.689 viviam na cidade. Atualmente a cidade tem se desenvolvido bastante e a sua população urbana está estimada em mais de 6.000 almas, enquanto em todo o município devem residir uns 15.000 habitantes.

Com a emancipação de Guarda-Mor o município possui o distrito-sede e o de Claro de Minas. É dotado de uma extensa rede escolar na zona rural, mantida pela municipalidade e ainda, na área urbana conta com escola de comércio, escola normal, ginásio estadual e grupos escolares.

A Paróquia de Nossa Senhora da Lapa de Vazante é oficialmente criada no dia 25 de janeiro de 1963 por decreto de D. Raimundo Lui, Bispo de Paracatu, em cujo documento se registra: "que já tinha sido criada verbalmente em 20 de fevereiro de 1956 por D. Eliseu van de Weijer." A paróquia é totalmente desmembrada da de Guarda-Mor e abrange todo o território do município.

Vigários

Frei Humberto van Teijlingen foi, propriamente, o primeiro vigário de Vazante, através de nomeação verbal. Desde agosto de 1954 iniciou o seu trabalho de visitar às igrejas de Guarda-Mor, Claro de Minas e Vazante. Na verdade, a partir de 1 de janeiro de 1955, pode-se dizer que Vazante já ficara paróquia autônoma, extra oficialmente.

Em 1966 sucedeu-o Frei Cecílio Bruggeman, permanecendo até 1957. Frei Bertoldo van der Mee é nomeado vigário em 28 de janeiro de 1957 e se transfere em maio de 1958. Frei Cecílio volta novamente e permanece até janeiro de 1961, quando é nomeado vigário Frei Paulo Kogelman e à frente da paróquia fica até maio de 1963, quando é substituído por Frei Estêvão Peters. Com a transferência de Frei Estêvão para Unaí, no dia 22 de abril de 1965, Frei Vicente Klein Gebbinck é empossado Vigário de Vazante. Aí permaneceu como vigário durante 15 anos e substituiu-o Frei Reinaldo Verbek, empossado no dia 20 de abril de 1979.

Capelas

Além do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, um dos maiores e mais bonitos templos da Diocese e centro da romaria em maio, na cidade (parte nova), encontra-se a Igreja de São Vicente. Na área rural destacam-se as capelas do distrito de Claro de Minas, do povoado de Vazamor e de Cruzeiro da Serra.

Apostolado

Ao lado do salão paroquial, de grande utilidade para todos os paroquiais, onde se reúnem os jovens para seus encontros, ainda possui uma biblioteca comunitária, com obras literárias, filosóficas, formativas, muito útil à população. A vida paroquial ainda conta com a catequese infantil, na igreja e nas escolas o movimento de pré-adolescentes, jovens que já realizaram a primeira eucaristia e continuam recebendo orientações de perseverança. Jovens já amadurecidos possuem o movimento do Shalom. Preparação de pais e padrinhos para o batismo. Movimento familiar-cristão, para ajudar os esposos na sua problemática de família. Curso de noivos, preparando os candidatos ao matrimônio para a vida conjugal. Clube das Mães, com o objetivo principal de ajudar as mães carentes, em todos os sentidos.

Assistência Social

Os vicentinos mantêm o serviço de assistência aos pobres da cidade. Além da visita domiciliar, possuem uma vila vicentina, onde abrigam os pobres assistidos que não possuem um teto para se agasalhar. E a vila é sempre olhada com muito carinho pelos vicentinos.

Também deve destacar-se o trabalho das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Dores prestado à paróquia, principalmente na pessoa da Irmã Soledade.



O SERVIÇO É DOS CARMELITAS

TRINTA E SEIS
PADRES E IRMÃOS LEIGOS
NA PRELAZIA E DIOCESE DE PARACATU
DURANTE MEIO SÉCULO

FREI ADOLFO BRITO PESSOA



Nasceu em Olímpia (São Paulo), em 3 de novembro de 1928. Após os estudos eclesiais em Itu, noviciado na Ordem do Carmo, em Mogi das Cruzes, onde professou em 22 de janeiro de 1951, e os estudos superiores em São Paulo, ordenou-se sacerdote em 9 de dezembro de 1956. Após trabalhar em vários conventos da Ordem, veio para a Prelazia de Paracatu, onde trabalhou em João Pinheiro e Brasilândia. Laicizou-se e reside em João Pinheiro, onde advoga e leciona.

FREI AFONSO HOEBERT

João Pedro - é o nome de Batismo de Frei Afonso - nasceu em Ryswyk, Holanda, no dia 9 de outubro de 1909. Professou na Ordem em 30 de dezembro de 1928 e foi ordenado sacerdote no dia 5 de novembro de 1933. Trabalhou em vários conventos da Ordem, aqui no Brasil, atualmente encontra-se em Itu, onde chegou a ser professor no seminário menor. Na Diocese de Paracatu foi vigário de Guarda-Mor.

FREI ANSELMO BERTELS



Nasceu em Beesd (Holanda), em 30 de dezembro de 1909. Veio para o Brasil em 1926. Em 30 de dezembro de 1928 professa na Or-

dem Carmelita. Realizou os estudos filosóficos no Rio e, os teológicos, em São Paulo, onde se ordenou a 5 de novembro de 1933. Uma vez ordenado, foi professor no Seminário Maior da Ordem, em São Paulo, até 1938. Reitor do Seminário de Itu. Prior e Vigário do Carmo, em Belo Horizonte; vigário do Carmo da Liberdade, em São Paulo; Prior do Convento de Fálpeira (Portugal); prior do Convento da Lapa, no Rio; prior do convento da Bahia; vigário em Unaf e, ultimamente, vigário-cooperador de Paracatu. Faleceu, repentinamente, em Buritis, na tarde de 10 de outubro de 1980 e foi sepultado, no dia seguinte, em Unaf.

FREI ARNALDO WEERDEN

Em Duisburg, Holanda, no dia 9 de setembro de 1914, nascia João Geraldo que, na vida religiosa recebeu o nome de Arnaldo. Professou na Ordem Carmelita no dia 19 de janeiro de 1939 e, concluídos os estudos eclesiásticos no Seminário Maior da Ordem, foi ordenado em 8 de dezembro de 1943. Depois de trabalhar em diversos conventos da Ordem, foi transferido para Paracatu, onde prestou seus serviços como coadjutor. Atualmente reside no Convento do Carmo de São Paulo.

FREI ATANÁSIO MAATMAN

Nasceu Henrique Geraldo Maria - como religioso, Atanásio - em Raalte, Holanda, em 14 de junho de 1914. Professou na Ordem Carmelita em 19 de janeiro de 1937. Estudos filosóficos e teológicos realizou-os no Seminário Maior da Ordem, em São Paulo e foi ordenado sacerdote em 21 de maio de 1936. Ocupou cargos importantes na Província como prior e vigário em Belo Horizonte, São Paulo, etc. Foi prior do convento eremítico da Áustria. Na década de 1950 esteve em Paracatu, como prior do convento. Atualmente reside em Itu.

FREI BASÍLIO BEUNE

João Guilherme é o nome civil de frei Basílio, nascido em Borne, na Holanda, em 14 de junho de 1914. Em 19 de janeiro de 1937 professava na Ordem do Carmo e, uma vez realizados os estudos filosóficos e teológicos em São Paulo, foi ordenado sacerdote em 7 de março de 1943. Após trabalhar em São Paulo, em Itaim-Bibi, foi transferido para a Diocese de Paracatu, tendo sido vigário de Brasilândia e, atualmente paróquia a freguesia de Guarda-Mor.

FREI BERTOLDO VAN DER MEE

João Guilherme, é o nome civil de Frei Bertoldo, nasceu em Nijmegen (Holanda), em 12 de maio de 1910. Chega ao Brasil em janeiro de 1927. Em dezembro de 1928 professa na Ordem dos Carmelitas e, após a conclusão do curso eclesiástico, é ordenado sacerdote em 5 de novembro de 1933. Professor no seminário menor de Itu. Em 1937 é transferido para a então Prelazia de Paracatu, como vigário de São Romão. Em 1957, transferido para Vazante, como Vigário. Capelão na Casa Imaculada Conceição em Patos de Minas. Transfere-se para São José dos Campos, onde faleceu aos 11 de abril de 1977.

FREI BROCARD STOKHOF

Nasceu na Holanda, em Vinkeveen, a 11 de setembro de 1908. Veio para o Brasil 1927. Professor na Ordem do Carmo a 30 de setembro de 1928. Após realizar os estudos filosóficos e teológicos, foi ordenado sacerdote a 5 de novembro de 1933. Veio para a então Prelazia de Paracatu em março de 1935. Foi Vigário de Paracatu, Unaf, São Romão e Professor de Latim no Colégio Estadual "Antônio Carlos" de Paracatu. Faleceu na Holanda a 29 de julho de 1969, ao iniciar o gozo de merecidas férias.



FREI CARMELO LAMBOOY

Nasceu em Leeuwarden, Holanda, aos 9 de novembro de 1879. Professou na Ordem Carmelita em 2 de outubro de 1900. Após a conclusão dos estudos eclesiásticos superiores, em 1906, ordenou-se sacerdote. Em 1907 chegava ao Brasil e, pouco tempo depois foi enviado a terras do Mato Grosso, como missionário. Durante algum tempo residiu em Santos e, com a fundação da Prelazia de Paracatu, foi um dos escolhidos em 1929. Foi Vigário de João Pinheiro, propriamente, até a sua morte. Uma vez com a saúde muito combalida, foi a Holanda em visita a familiares e lá faleceu, no dia 27 de maio de 1948.



FREI CECÍLIO BRUGGEMAN

Frei Cecílio nasceu em Abnelo (Holanda), em 3 de agosto de 1915. Em 1933 desembarca no Brasil. Em janeiro de 1935 professa como religioso na Ordem dos Carmelitas. Em São Paulo realiza os cursos eclesiásticos superiores e se ordena sacerdote em 8 de dezembro de 1939. Residiu em Mogi das Cruzes, Belo Horizonte, Bahia e, em 1944 é transferido para a então Prelazia de Paracatu. Trabalhou na sede do Bispado, em João Pinheiro, em Guarda-Mor, em Vazante e em Unaf, onde reside.



FREI CIPRIANO BROEKUIS

Francisco Geraldo é o seu nome civil, nasceu em Ootmarsum, Holanda, em 25 de setembro de 1925. Professou na Ordem Carmelita em 22 de janeiro de 1949 e, uma vez concluídos os estudos filosóficos e teológicos em São Paulo, ordenou-se sacerdote em 8 de dezembro de 1954. Foi professor no seminário de Itu. Em janeiro de 1960 foi transferido para a então Prelazia de Paracatu, como vigário cooperador de Unaf. Em dezembro de 1978, nomeado Vigário desta paróquia e, em março de 1980 tomou posse como Vigário de Buritis.



FREI CLÓVIS NASCIMENTO

Nascido em São Sebastião - São Paulo - em 25 de dezembro de 1941. Professou na Ordem do Carmo em 22 de janeiro de 1963. Após estudar filosofia em Teresópolis, Teologia em São Paulo e em Belo Horizonte, é ordenado sacerdote em 26 de março de 1972. Vigário cooperador de Ponta da Praia, em Santos; professor do Colégio do Carmo, em Santos e, a partir de 1979, vigário de João Pinheiro, onde tem Frei Norberto como coadjutor.

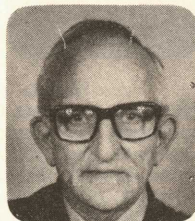


FREI DIONÍSIO GRONIGER

Nasceu em Ter Apel (Holanda), aos 27 de novembro de 1919. Chega ao Brasil em 1936. Professa na Ordem Carmelita em janeiro de

1940. Realiza os estudos eclesiásticos superiores em São Paulo, onde se ordena aos 8 de dezembro de 1944. Residiu na Bahia e em Sergipe e, uma vez transferido para a Prelazia de Paracatu, sempre trabalhou em João Pinheiro, onde faleceu vítima de um desastre automobilístico, em 26 de dezembro de 1961.

FREI ESTÊVÃO PETERS



Nasceu em Muelhem a/d Ruhr (Alemanha) aos 28 de outubro de 1907. Chegou ao Brasil em novembro de 1932 e, em janeiro de 1934 emite os votos na Ordem Carmelita. Realizados os estudos no Seminário Maior da Ordem, ordena-se sacerdote em São Paulo no dia 8 de dezembro de 1938. Uma vez ordenado, trabalha no convento de São Paulo, no convento de Belo Horizonte, no do Rio, no de Angra dos Reis, no de Jaboticabal. Vigário de Unaf, de Vazante, de Guarda-Mor e, atualmente, em Unaf, como vigário cooperador.

FREI EUGÊNIO GOSELING

O seu nome civil é Frederico Guilherme, nasceu em Rijssen (Holanda), em 21 de dezembro de 1918. Professou na Ordem do Carmo em 21 de janeiro de 1939 e, após os estudos filosóficos e teológicos em São Paulo, ordenou-se a 8 de dezembro de 1944. Prestou seus serviços em São Paulo (Colégio Santo Alberto), Sergipe, Curitiba, Unaf e São Romão, onde se laicizou.

FREI FRANCISCO HOERBERT

Frei Francisco nasceu em Gravenhage, Holanda, em 20 de janeiro de 1912. Em 1929 fez o noviciado. Depois de trabalhar em vários conventos, foi transferido para a Prelazia de Paracatu, laicizando-se em Unaf, onde reside.

FREI FRANCO ENGELMAN

Nasceu na Alemanha, em Alt Breisach, em 20 de fevereiro de 1912. Em 1931 professa na Ordem do Carmo como irmão leigo. Após alguns anos é transferido para a então Prelazia de Paracatu, tendo trabalhado em Brasilândia e em Paracatu. Laicizou-se há muitos anos.



FREI EUSTÁQUIO VAN DER WERFF

Oto Humberto José - nome civil de Frei Eustáquio - nasceu em Winschoten (Holanda), aos 5 de março de 1919. Chega ao Brasil em Novembro de 1937 e, em 22 de janeiro de 1942 professa na Ordem do Carmo. Após os estudos filosóficos e teológicos no Seminário Maior da Ordem, em São Paulo, ordena-se sacerdote aos 8 de dezembro de 1945. Trabalha em Itu, como professor do Seminário Menor; Vigário cooperador em Belo Horizonte; Vigário de São Romão, de Cristalina (Goiás), Resplendor, Brasília, Guarda-Mor e, atualmente, Vigário-cooperador de Paracatu.



FREI JUSTINO VELTHUIS

Em 21 de janeiro de 1915, em Hengelo (Holanda), nascia Everaldo Estêvão. Uma vez religioso carmelita, recebeu o nome de Justino e professou no dia 17 de janeiro de 1935. Os estudos superiores eclesiásticos foram realizados no Seminário Maior da Ordem, em São Paulo, onde se ordenou em 8 de dezembro de 1939. Faleceu, no Rio, em 15 de fevereiro de 1975. Durante sua vida sacerdotal, foi missionário nos sertões baianos e esteve em Santos, Vicente de Carvalho Itaim-Bibi, São Paulo e em Unaf.



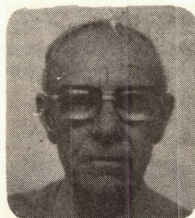
FREI MARTINHO LAARMAN

Hermano João Cristiano, na vida religiosa Frei Martinho, nasceu em Amsterdam (Holanda), aos 4 de janeiro de 1915. Vem para o Brasil em novembro de 1931. Emite os votos religiosos em 15 de janeiro de 1934. Realiza os estudos superiores em São Paulo, onde se ordena sacerdote aos 12 de março de 1938. Trabalhou em São Paulo, Itu, Angra dos Reis, Jaboticabal, Belo Horizonte, Mogi das Cruzes, Contagem, Paracatu, Buritis e na Lapa, (Rio), onde reside atualmente. Foi professor no Seminário Maior da Ordem e no Seminário menor de Itu e Vigário e prior nas diversas casas por onde passou.



FREI MIGUEL JONKERS

Frei Miguel foi pioneiro na Diocese de Paracatu. Recebeu o nome de Egídio, em Vlierden, Holanda, onde nasceu em 12 de março de 1897. Professou na Ordem do Carmo, já com o nome religioso de Miguel, em 21 de setembro de 1916 e ordenou-se sacerdote em 6 de agosto de 1922. Durante sua vida sacerdotal foi prior no convento de Mogi das Cruzes e, em 1929, foi escolhido entre os carmelitas para vir servir na recém-criada Prelazia de Paracatu, parokiando diversas paróquias, entre elas, Paracatu, Unaf, São Romão e João Pinheiro. Faleceu em Belo Horizonte em 11 de janeiro de 1970 e foi sepultado, no dia seguinte, em João Pinheiro.



FREI NORBERTO BROENINK

Frei Norberto tem o nome civil de Antônio João. Nasceu em Langeveen (Holanda) em 1 de agosto de 1913. Em 19 de janeiro de 1937 professou na Ordem do Carmo. Realizou os seus estudos filosóficos e teológicos em São Paulo e foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1941. Foi missionário na Bahia, durante muitos anos residiu na sede da extinta Prelazia de Paracatu e, desde 1966 é vigário em João Pinheiro. Atualmente presta seus serviços à paróquia, como coadjutor de Frei Clóvis Nascimento



FREI PATRÍCIO VON HELVOORT

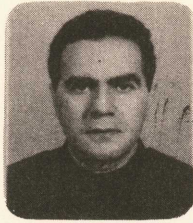
Cornélio João Antônio, o nome civil de Frei Patrício, nasceu em 17 de março de 1897, em Vlymn (Holanda). Professou na Ordem dos Carmelitas em 1 de outubro de 1917. Foi ordenado sacerdote aos 6 de agosto de 1922. Trabalhou em Angra dos Reis e Santos. Em 1938 foi transferido para a Prelazia de Paracatu. Compositor e músico celebrado. São de sua autoria, o "Angelus Domini" e "Confirma Hoc Deus". Esta última parece-nos que perdida. Viveu em Paracatu, Unaf e João Pinheiro, onde veio a falecer repentinamente na tarde de 14 de outubro de 1950.

FREI PAULO KOLGEMAN

Geraldo João Henrique é o nome civil de Frei Paulo, nascido em 22 de agosto de 1913, em Oldeboek (Holanda). Em outubro de 1931 chega ao Brasil e emite os votos religiosos na Ordem do Carmo em 15 de janeiro de 1933. Terminados os cursos superiores eclesiásticos, ordena-se sacerdote em São Paulo, aos 24 de setembro de 1938. Trabalhou na Bahia, Carmo da Mata (MG), Lapa do Rio, Unaf, Brasília, Vazante, Paracatu.

como chanceler do Bispado e quando constrói o pre-Seminário João XXIII, Barrinha (SP), Musel (Holanda) e, atualmente, no Rio, como procurador do Convento do Carmo da Lapa.

FREI PEDRO CAXITO



Na pia batismal recebeu o nome de Antônio Pedro. Nascido em São Romão (MG), aos 31 de dezembro de 1926. Professa na Ordem do Carmo no dia 22 de janeiro de 1944, realiza os estudos eclesiásticos em São Paulo, onde é ordenado por D. Eliseu van de Weijer - então Bispo-Prelado de Paracatu - no dia 11 de dezembro de 1949. Foi o primeiro filho da então Prelazia de Paracatu a tornar-se sacerdote. Lecionou no Seminário Maior da Ordem, em São Paulo, no Seminário Menor de Itu; prior em Itaim-Bibi; prior e mestrê de noviços em Mogi das Cruzes; prior do convento de Paracatu e nomeado vigário, poucos dias depois da morte de D. Eliseu. Vigário Geral da Diocese durante o período em que a Diocese teve Administrador Apostólico e, na ausência de D. José Carneiro Sobrinho, exerceu a função de Delegado Episcopal.

FREI PIO BAARS



Cornélio João, na vida religiosa Frei Pio, nasceu aos 9 de janeiro de 1930, em Lith (Holanda). Chega ao Brasil em janeiro de 1949. Emite os votos religiosos na Ordem do Carmo em 23 de janeiro de 1953. Após os estudos eclesiásticos em São Paulo, ordena-se sacerdote aos 8 de dezembro de 1957. Professor no Seminário de Contagem, Vigário em Salvador (Bahia), membro da comunidade de Itaim-Bibi, Vigário em Brasília, membro da comunidade de Unaf, Vigário de Buritis e, atualmente, Vigário de Unaf. Vigário cooperador de Paracatu (1979 - 1980).

FREI PLEQUELMO SANDERS

Ermanno Guilherme Francisco é o seu nome de batismo. Nascido em Oldenzaal, Holanda, em 2 de março de 1916. Em 17 de janeiro de 1935 professava na Ordem Carmelita e, uma vez realizados os estudos filosóficos e teológicos em São Paulo, ordenou-se no dia 8 de dezembro de 1939. Trabalhou em Paracatu, onde foi Vigário, João Pinheiro e Unaf, onde se laicizou em 1960. Reside em Brasília.

FREI REINALDO VERBERK



Geraldo Pedro Henrique é o nome civil do religioso Frei Reinaldo, nascido em Oploo, Holanda, aos 20 de fevereiro de 1920. Aos 22 de janeiro de 1942 professava na Ordem Carmelita. Realiza os estudos superiores em São Paulo, onde é ordenado sacerdote em 11 de dezembro de 1949. Foi missionário na Bahia, prior e professor no Seminário. Residiu em Paracatu de 1966 a 1979, onde fundou em todas as paróquias as "Comunidades Eclesiais de Base". Em 25 de abril de 1979 foi transferido para a paróquia de Vazante, como Vigário. É autor do livro "O Convento, a Igreja e a História dos Religiosos na Bahia".

FREI RICARDO CASPERS



Frei Ricardo nasceu em Zwammerdam (Holanda), no dia 7 de maio de 1917. Em 1935 veio para o Brasil e professou na Ordem Carmelita em 1938. Prossegue os estudos eclesiásticos e conclui-os em São Paulo, onde é ordenado aos 8 de dezembro de 1942. Trabalhou em Belo Horizon-

te, Paracatu, São Romão e Angra dos Reis, onde permanece. No período em que residiu em Paracatu foi um dos promotores da restauração que se fez na Igreja Catedral (a maior, até hoje) e restauração da Igreja do Rosário. Foi encarregado da Diocese quando da ausência de D. Raimundo Lui, durante a I Seção do Concílio Vaticano II.

FREI ROMEU ARCANJO

Nasceu em Jundiá, em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1906. Após fazer o noviciado, como irmão leigo, em Mogi das Cruzes, em 1928, uma vez professo, acompanhou D. Eliseu na fundação da Prelazia, em agosto de 1929. Laicizou-se logo depois.



FREI TADEU PASSOS CAMARGO

Angelino, na vida religiosa Frei Tadeu, nasceu aos 20 de abril de 1930, em Bom Jesus dos Perdões (SP). Em janeiro de 1935 emite os votos religiosos na Ordem do Carmo e, em São Paulo, onde se ordena sacerdote aos 20 de dezembro de 1958, realiza todos os estudos eclesiásticos superiores. Vigário Cooperador de Santa Bárbara do Oeste (SP), de Paracatu, de Itaim-Bibi, onde, atualmente exerce a função de Vigário. Durante três meses residiu em Miami, onde realizou curso de aperfeiçoamento de inglês.

FREI TELÉSFORO VEEKENS

Geraldo Antônio - este é o seu nome civil - nasceu em Grave, Holanda, em 11 de dezembro de 1921. Professou na Ordem Carmelita em 22 de janeiro de 1941 e, uma vez concluídos os estudos superiores eclesiásticos em São Paulo, foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1946. Trabalhou nas missões da Bahia, em várias casas de Minas. Foi reitor no Seminário de Contagem e Vigário em Paracatu. Reside em Vicente Carvalho.



FREI VICENTE KLEIN GEBBINCK

Frei Vicente - nome civil: Bernardo Antônio - nasceu em Harreveld (Holanda), em 7 de dezembro de 1919. Em novembro de 1939 chega ao Brasil. Em janeiro de 1943 emite os votos religiosos na Ordem Carmelita. Os cursos filosóficos e teológicos realiza-os em São Paulo, onde se ordena sacerdote aos 8 de dezembro de 1948. Regente organista do coro da Igreja do Carmo da Liberdade, coadjutor da paróquia de Maroim (Sergipe), da paróquia de Boqueirão, em Curitiba (PR). Cooperador de Itaim-Bibi, de Mogi das Cruzes. Vigário de Guarda-Mor, de Vazante e, atualmente, cooperador da paróquia de Buritis.



FREI VÍTOR DE CASTRO LISBOA

Em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, em 12 de março de 1922, nasceu Dillon que, depois de alguns anos no exército, como sargento, resolve tornar-se religioso e professa na Ordem do Carmo, nas condições de irmão leigo, em 21 de novembro de 1963. Como irmão, trabalhou durante muitos anos em Mogi das Cruzes, depois em Paracatu, Contagem, São Paulo, Salvador, Angra dos Reis, Buritis. Depois, resolve tornar-se sacerdote, como diácono, trabalha em Buritis. Em 8 de dezembro de 1977 é ordenado sacerdote e volta para Buritis, como vigário, de onde é transferido para a comunidade de Unaf.

FREI HENRIQUE CIULLI

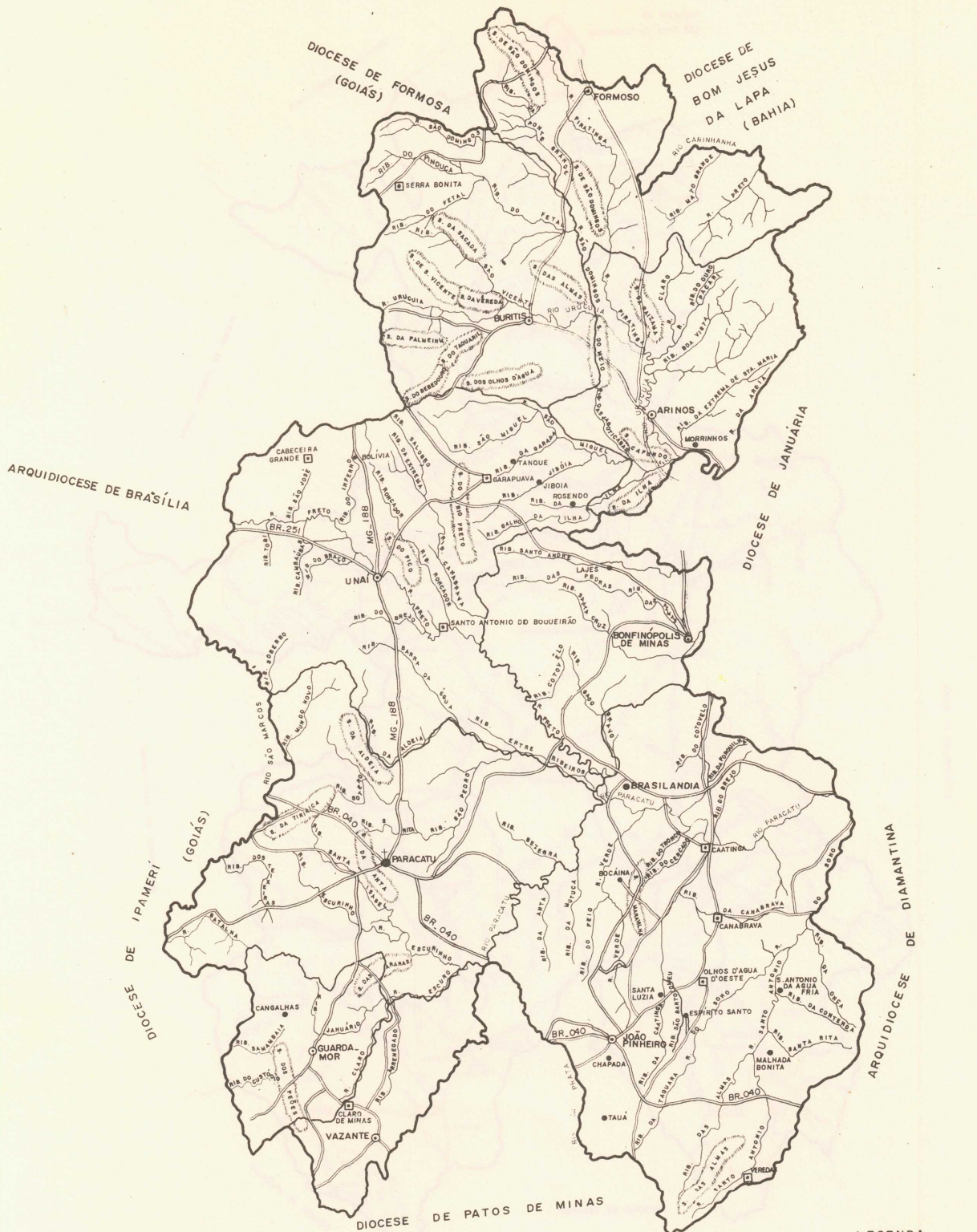
Nasceu em S. Miniato de Pisa, Itália, aos 13 de setembro de 1882. Professou em Florença, aos 7 de agosto de 1906 e ordenou-se aos 18 de abril de 1908. Em 1923 embarcou para o Brasil e aos 15 de abril de 1924, aceitando o convite do Arcebispo de Diamantina, tornou-se Vigário de Buenópolis. Foi o delegado de D. João Antônio Pimenta para dar posse a Mons. Frei Eliseu van de Weijer, como Administrador Apostólico da nova Prelazia Nullius de Paracatu. Durante algum tempo atendeu a paróquia de São Romão, na Prelazia. Faleceu na Itália aos 16 de julho de 1948.

FREI HUMBERTO VAN TEIJILING



Nascido em Tilburg - Holanda - aos 7 de abril de 1917. Veio para o Brasil em 1933. Em janeiro de 1935 emite os votos religiosos na Ordem do Carmo e, após os estudos superiores eclesiásticos em São Paulo, é ordenado sacerdote aos 24 de novembro de 1940. Foi Vigário de Guararema (SP), cooperador da Catedral de Paracatu, residiu ainda nos conventos da Bahia, Itaim-Bibi, Angra dos Reis, Vicente de Carvalho, Mogi das Cruzes, Vigário de Vazante e de Bonfinópolis de Minas, onde permanece.

DIOCESE DE PARACATU

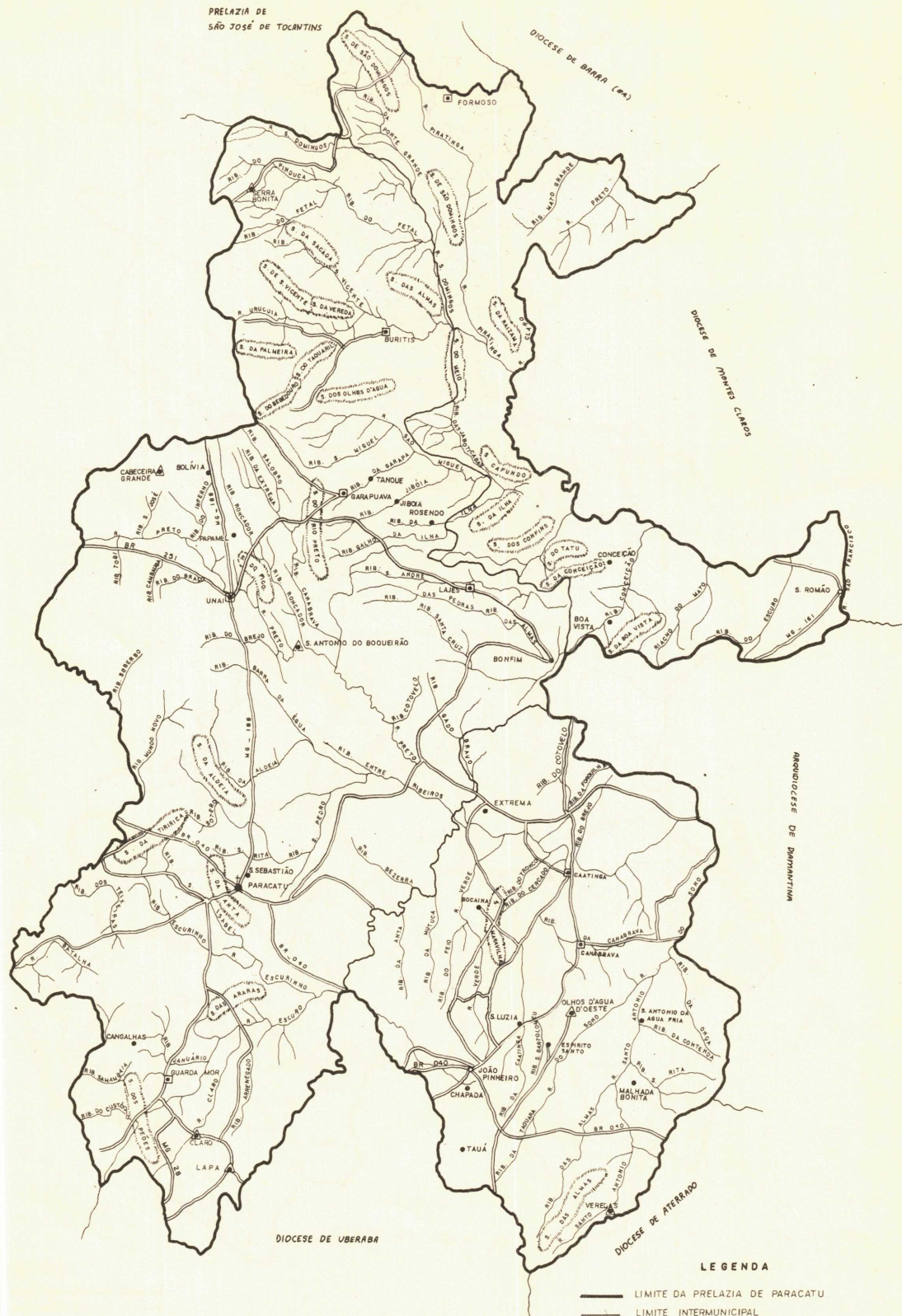


LEGENDA

- LIMITE DA DIOCESE DE PARACATU
- LIMITE INTERMUNICIPAL
- RODOVIAS
- RIOS E RIBEIÕES
- SERRAS
- CIDADES
- DISTRITOS
- OUTRAS LOCALIDADES
- SEDE DO BISPO

PRELAZIA NULLIUS DE PARACATU

PRELAZIA DE
SÃO JOSÉ DE TOCANTINS

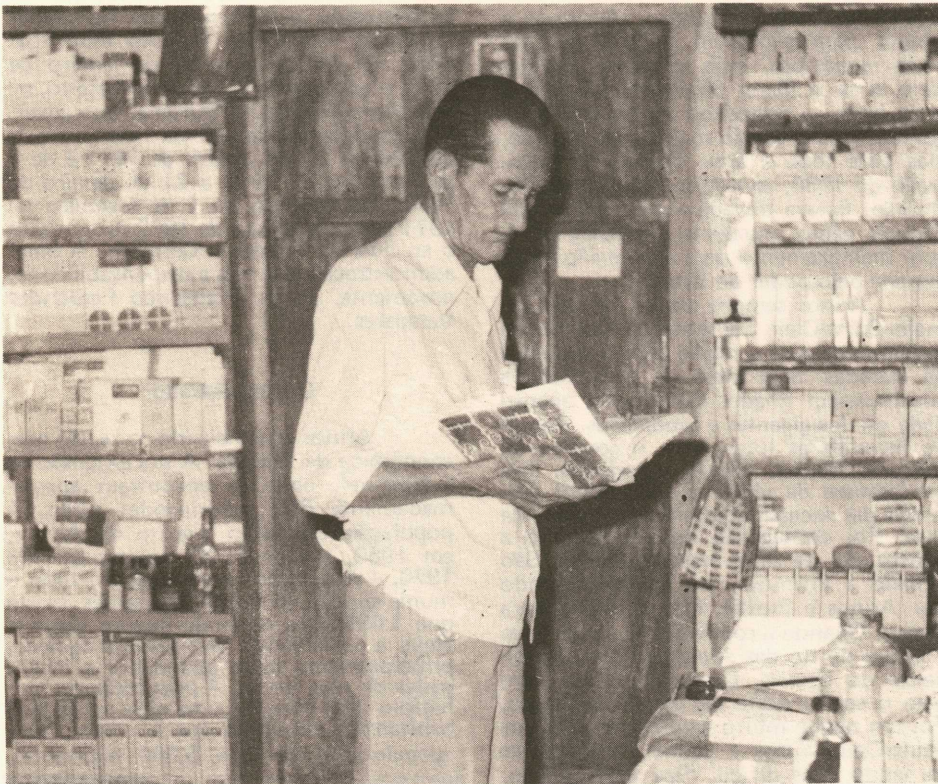


LEGENDA

- LIMITE DA PRELAZIA DE PARACATU
- LIMITE INTERMUNICIPAL
- RODOVIAS
- RIOS E RIBEIRÕES
- SERRAS
- CIDADES
- DISTRITOS
- OUTRAS LOCALIDADES
- SEDE DA PRELAZIA
- ▲ POVOADOS

ARINOS AGILITA-SE PARA SE TORNAR PÓLO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Amou com Simplicidade e Bondade



O prefeito Francisco Fernandes Valadares em seu estabelecimento farmacêutico.

Arinos não podia estar ausente em momento tão significativo, não só para a Diocese de Paracatu, mas para toda a Igreja do Brasil. Comemora-se, neste ano de 1980, o centenário de nascimento do sempre querido e lembrado prelado D. Frei Eliseu van de Weijer. Ele foi o homem da simplicidade e da bondade que se marcou por uma vida de total desprendimento e renúncia em favor de toda a população da região de Paracatu. Ele nos trouxe a todos nós o exemplo da bondade, da renúncia e do amor. "Pelos caminhos do Senhor" ensinou-nos que o amor de Deus se encontra acima de tudo. Com este amor nós podemos e somos capazes de amar a nosso próximo como a nós mesmos.

Estamos, com muita alegria, participando desta edição comemorativa da revista "A Igreja no Vale do Paracatu". Uma parcela de nossa homenagem neste conjunto da Igreja de Deus sediada em Paracatu. Nesta homenagem que se presta a D. Eliseu, nós a estendemos aos seus mui dignos sucessores - D. Raimundo Lui e D. José Cardoso Sobrinho. Todos, muito amigos da nossa gente. Em nome do povo de Arinos, que muito me honra representar em momento tão histórico para a Igreja de Paracatu, levo a minha mensagem e a confirmação da fidelidade deste bravo povo à Igreja de Cristo.

Arinos, outubro de 1980

Francisco Fernandes Valadares
Prefeito Municipal

Arinos se encontra às margens esquerdas do rio Urucuia. Os buritis são uma constante em sua paisagem. A sua posição geográfica é bastante privilegiada. O Planoroeste o cortou de estradas e o ligou a todos os outros da região tornando-o verdadeiro tronco rodoviário. Por outro lado, as suas pastagens e a sua vida pecuária são muito intensas.

Município novo da zona do Paracatu, criado pela lei 2.764, de 30 de dezembro de 1962 e instalado no dia 1 de março do ano seguinte, com território desmembrados do de São Romão.

Waldemar de Almeida Barbosa assegura que "a denominação primitiva era Morrinhos". Aqui cabe um esclarecimento. Morrinhos, hoje, um povoado integrante do município de Arinos, dista da cidade 24 quilômetros. Foi a sede do distrito de 1830 a 1923. Localiza-se às margens direita do rio das Areias, afluente do Urucuia. No começo do Século XIX muito prosperou o nascente arraial de Morrinhos. Comércio ativo entre Paracatu e as cidades ribeirinhas do São Francisco e entre o próprio Estado da Bahia. Logo ganhou capela, cemitério e veio escola. Foi a localidade escolhida para sede de capela curada, o que equivalia a distrito, com direito a eleger o seu juiz de paz. No dia 23 de outubro de 1830 realizou-se a eleição, sob a presidência do Juiz de Paz de Buritis, quando então se deu a instalação do distrito.

Ainda, segundo o autor citado acima, "foi o arraial elevado a Distrito, no Município de Paracatu, em 1846; foi elevado a freguesia, pela lei 472, de 31 de maio de 1850. Esta freguesia, por certo, não foi instalada nem provisionada. Pois nos antigos papéis dos arquivos de Paracatu e de Buritis jamais se encontrou documento referindo-se a vigários residentes em Nossa Senhora da Conceição de Morrinhos. Por outro lado, sempre foi uma capela anexa à paróquia de Nossa Senhora da Pena de Buritis e atendida por vigários nesta residente e, também, por vigários de São Romão.

A decadência de Morrinhos foi grande. No princípio deste século, segundo Olímpio Gonzaga, "este povoado goza de mau nome, por falta absoluta de justiça no lugar, sendo o distrito infestado de assassinos e desordeiros." A escola pública deixou de funcionar, o que obrigou a muitos pais de família procurarem novas residências para poder instruir os filhos. Fiscalização não existia, de maneira alguma. Nem jurídica, nem tributária. Os mascates agiam livremente sem pagar os impostos devidos aos cofres públicos tanto estaduais como municipais. As rendas da municipalidade, neste distri-

trabalhador e dedicado. possuindo um posto de medicamento farmacêutico, leva a sua vida em atender pessoas carentes e procura confortar e ser amigo dos mais precisados. Homem de vida modesta, casado com D^a Maria Carneiro Valadares - exemplo de mãe de família e esposa - uma primeira dama capaz de elevar o nome da mulher arinense pela sua humildade, pela sua ternura e bondade e pelas suas virtudes cristãs. O casal possui 14 filhos, sendo 8 homens e 6 mulheres. Todos educados dentro dos princípios cristãos, procuram reunir-se na casa paterna para o convívio fraternal e amigável na presença dos eternos namorados Francisco e Maria.

Pela sua vida e pelas provas e exemplos demonstrados, Francisco Fernandes Valadares mereceu, mais uma vez, a prova de confiança de seu povo, tendo sido eleito, pela segunda vez prefeito de Arinos, juntamente com José Batista de Oliveira, vice-prefeito, pela legenda da Arena.



Prefeito Francisco Fernandes Valadares hasteia o Pavilhão Nacional nas comemorações de 7 de setembro.

Francisco Fernandes Valadares, em seu primeiro mandato, teve problemas seríssimos, pois a falta de meios de transporte tudo barrava. O rio Urucuia era um carrasco estrangulador, até mesmo de esperanças. Embora desse riqueza às suas margens, não permitia a travessia, a não ser em obsoletas e velhas balsas. Mesmo assim, em período de estio, pois durante as chuvas fazia com que Arinos ficasse completamente ilhada do resto do mundo. Apesar destes impecilhos todo o povo de Arinos tinha o apoio constante da administração que fazia dobrar turnos para atender o povo que sempre demonstrou garra para superar toda e qualquer dificuldade. O povo fazia das dificuldades um trampolim para dias melhores. Trata-se de um povo constituído de homens afeitos à luta, amigos, idealistas e dedicados.

Pontes

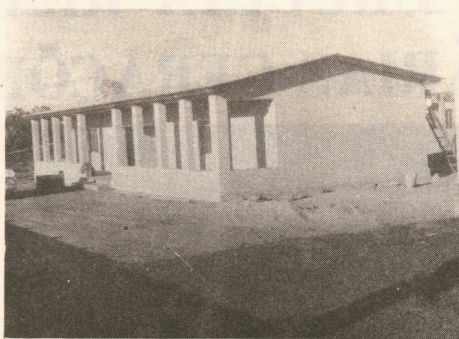
Para sair daquele problema sério, antes de tudo deveria Arinos possuir uma ponte sobre o rio Urucuia. E a municipalidade não teria condições de arcar com esta responsabilidade. O prefeito Francisco Fernandes Valadares não se deixou abater ante as dificuldades. No meio da luta encontrou o apoio do grande desbravador do Noroeste mineiro, o governador Israel Pinheiro. Procurado e ciente das dificuldades atendeu aos anseios de Arinos. Juntamente com o prefeito levantou as mangas e ajudou Arinos a resolver seu grande problema, determinando a locação de três grandes pontes, a do Urucuia, e ainda as do Ribeirão da Areia, São Miguel e Rio Claro. Criou o Planoroeste e, neste plano

salvador e inteligente, foram incluídas estas obras.

Além da obtenção destas pontes para o município, pôde o prefeito Francisco Fernandes Valadares construir três prédios escolares na zona rural, o posto de Saúde Antônio Ortega, cincoenta pontes de madeira, 140 quilômetros de novas rodovias municipais, 7.200 metros de boeiros, pontilhões e drenos nas principais estradas e ainda criou 20 escolas rurais na região. Retribuiu, com obras, ao povo, a confiança nele depositada.

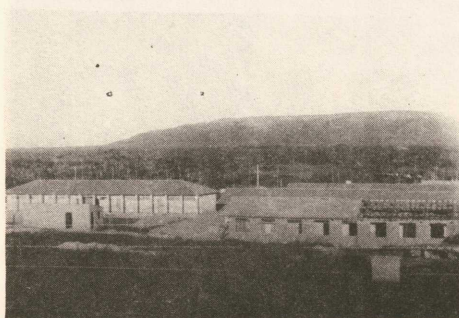
Educação

A administração considera área prioritária este setor, pois grande parte da população de Arinos se encontra na faixa etária escolar. Sempre preocupado em dotar o município de maior número de escolas foram executados os seguintes serviços e obras:



Escola Estadual "Major Saint-Clair Fernandes", construída em convênio com a Ruralminas.

- em convênio com a Ruralminas foram construídas mais quatro salas de aula na Escola Estadual "Major Saint-Clair Valadares" e uma sala, na mesma escola, mas com recursos próprios;
- 1.500 carteiras foram distribuídas na rede escolar; também cadernos e outras materiais escolares, em grandes escolas;
- em convênio com a Ruralminas e com o Ministério da Educação e Cultura construíram-se 12 prédios para grupos escolares, tendo sido, em Sagarana, dois prédios com duas salas de aula;
- promove cursos de aperfeiçoamento do professorado rural;
- distribui, em convênio com a CNAE e com recursos próprios, merenda escolar;



Grupo Escolar de Sagarana, obra executada em convênio com o MEC.

- criou mais 11 escolas rurais no município;
- em convênio com o Estado, através da Secretaria da Educação, con-

seguiu extensão de série da 5^a a 8^a série na Escola Estadual "Major Saint-Clair Valadares";

— considerando ainda como fator de educação, levou energia elétrica para a torre de TV, a fim de ampliar o sistema com a implantação do canal da rede Globo e da rede Nacional.

Saúde e saneamento

Como o setor é prioritário, e de suma importância para a vida normal do município, a administração, preocupada em diminuir as barreiras para a fixação do homem ao meio, muito tem lutado junto aos órgãos competentes para dar uma maior assistência de saúde ao homem arinense. Para tal empreendimento já realizou:

- em convênio com a Ruralminas



Vista do Hospital Nossa Senhora Aparecida, de Arinos.

construiu dois mini-postos de saúde, um em Igrejinha;

- equipou e dá assistência médica ao mini-posto de Sagarana;
- em convênio com o Incra adquiriu uma ambulância para atendimento no Posto de Saúde Local e no Hospital Regional de Arinos;
- melhorou as instalações do Posto de Saúde;
- em convênio com o Centro Regional de Saúde de Patos de Minas participa da campanha de vacinação infantil;
- conseguiu que o dr. Paulo Henrique Fernandes Montuori, médico de íntegra capacidade profissional, se fixasse no município para atendimento pela Prefeitura municipal;
- ampliou o sistema de água tratada através da Copasa-MG;
- pretende ainda, até o final de seu mandato, manter convênio com o órgão competente do Estado para a implantação de rede de esgoto de Arinos.

Transporte e Comunicação

Com recursos próprios e com ajudas oportunas da Ruralminas, da Codeurb, da Secretaria de Obras do Estado, do DER/MG e DER/DF a Prefeitura Municipal de Arinos muito tem conseguido no setor de transporte, apesar de muito ainda ficar a desejar. Pois a produção do município exige estradas melhores para um escoamento mais rápido. São exigências ocasionadas pelo próprio progresso da terra. O governador Francelino Pereira está bem conscientizado das necessidades de Arinos, pois sempre está sendo solicitado. Da mesma forma os diretores dr. Geraldo Resende e dr. Ronan Vieira. Toda direção da Ruralminas dá apoio total às reivindicações.

cações e dr. Nilton Cardoso, sempre quando solicitado, se faz presente para verificar e conhecer in loco as necessidades e verificar a justiça das reivindicações. Arinos, durante muito tempo caiu no esquecimento. Agora, precisa dele sair, pois o seu desenvolvimento está assim a exigir. Arinos hoje é o que é, agradeça à inteligência prática e criadora do governador Israel Pinheiro ao criar e executar o Planoroeste, órgão redentor de toda a região. Até o momento já foi conseguido no setor:

- 8 pontes de madeira, num total de 120 metros de obras;

- construção e encascalhamento de 31 Kms. de estradas com levantamento de graide;

- reconstrução de todas estradas do município, aproximadamente 1.400 Kms. de estradas vicinais;

- a construção da ponte do Urucuia, acabando de uma vez por todas com as dificuldades do transporte pelo Urucuia;

- construiu novo campo de pouso, com 1.500 metros de pista encascalhada;

- adquiriu uma camioneta para atendimento ao setor;

No campo de comunicação a municipalidade está promovendo, com o povo, e em convênio com a Ruralminas a construção do prédio para a instalação de telefone urbano e interurbano, com ligação pelo sistema de DDD, previsto para 1981.

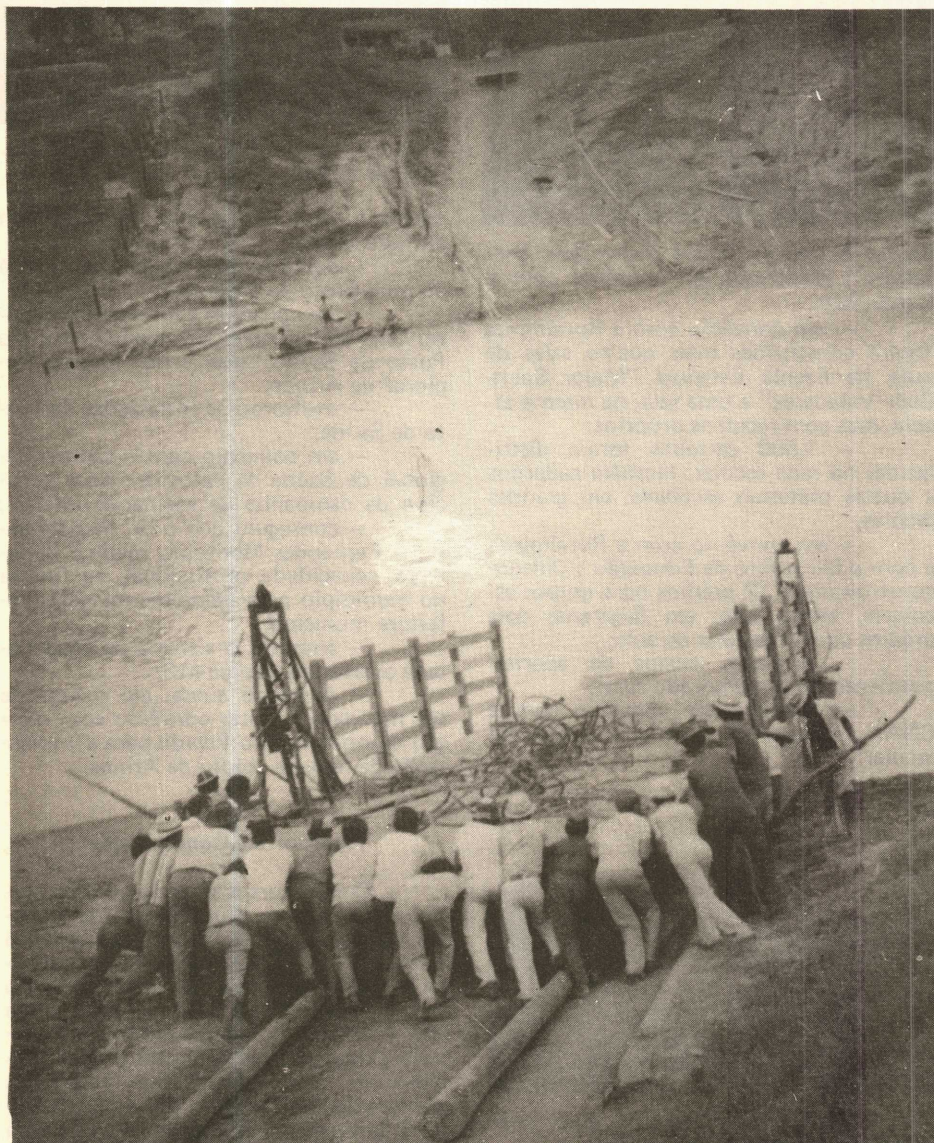
Também é mantido o posto de correio, que, brevemente, deverá ser transformado em agência postal.

Poder legislativo

O Poder Legislativo é assim cons-

tituído: Nízio Camargo de Moraes (presidente), Antônio Carneiro Valadares, Valter Carneiro Valadares, Benedito Dias Carneiro, Antônio Estrela Neri, Ulisses Castro da Mota, Hélio de Oliveira Pitanguí, Acrísio Cordeiro Valadares e Fernando Cipriano Coelho. São todos vereadores eleitos pela ex-Arena e, hoje, coesos com o PDS, partido do governo, fazendo com que continue a corrente partidária marcante do município. São homens capacitados para o seu elevado cargo de representantes do povo e que visam o progresso de Arinos. Não se conhece dissidência partidária dentro da Câmara Municipal de Arinos, o que folga a Administração em sua ação de trabalho.

PONTE SOBRE O URUCUIA REALIZA SONHO DE VÁRIAS GERAÇÕES



Lançamento da balsa ao Urucuia, no Porto de Arinos. Uma foto histórica que testemunha uma luta constante de um povo e de uma administração contra o rio impedindo a sua travessia. Toda esta peleja constante sonhando a presença de uma ponte.

Nestas regiões o deserto é apenas aparente. O Urucuia representa para todos que não o conhecem como uma possibilidade desconhecida, exagerada às vezes, outras vezes menosprezada.

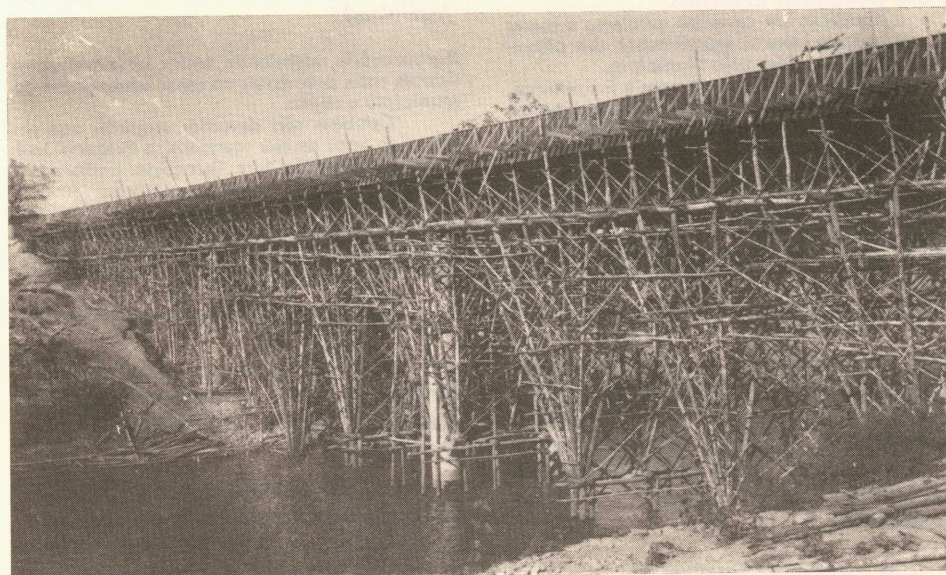
A terra é muito grande. Pouca gente conhece a extensão banhada por este rio cheio de tantas lendas e rudezas. Há um desconhecimento da realidade. Esta região é um celeiro de Minas e por que não dizer?— do próprio Brasil. Para uns, ínvio deserto, para outros ele não é uma coisa nem outra. A região é variada e múltipla. Os seus problemas complexos não se dispõem docilmente aprioristicamente dos observadores. Tomados de amor ou de aversão à primeira vista pelo rio, pelas terras, pela vida do rio, nada se pode concluir honestamente. O rio Urucuia é um marco na história e no desenvolvimento ou no tédio de uma vida sertaneja. É o rio que marca a bravura daquela gente. Ele dá alimento, através do peixe. Ele fertiliza as suas margens com as enchentes. Ele serviu de caminho antes de qualquer estrada rasgando o sertão verde. O gado veio para a região urucuiana como um marco de atividade do homem. Ao impulso das minas de ouro do Paracatu ou de Goiás vinha juntar-se, como consequência, o impulso da criação do gado.

Ouro, gado para dar de comer aos que transformavam em ouro, índio para a escravidão, eis os três pontos de partida da civilização urucuiana. E como base dessas atividades, base física, imóvel, imutável, as propriedades do tamanho de impérios, as fazendas maiores do que países, estagnadas na terra subpovoada.

As bandeiras baianas, no seu desenvolvimento, marcam as fases da conquista do rio. Vencedores, esses bandeirantes semearam culturas e formaram os primeiros currais de gado nos lugares ocupados. Sem querer, enquanto corriam atrás do ouro, plantavam outras riquezas menos cintilantes e mais estáveis. Os criadores de gado, que surgiam para atender à



O sonho de várias gerações de Arinos - a ponte sobre o Urucuia - em fase de construção.



Outra vista da ponte sobre o Urucuia, em fase de construção, em Arinos.

necessidade de dar de comer aos cúpidos ascetas da mineração, foram os principais fatores da exploração do Urucuia.

E as cidades nasceram às margens do grande rio tributário do São Francisco. À sua direita erigiu-se o velho Buritis. À sua esquerda edificou-se a menina-moça Arinos. E a falta da ponte sempre sobressaltou àquela população brava e destemida. Quando do período da seca, havia as balsas, as grandes canoas para a sua travessia. Mas no período chuvoso, Arinos se isolava involuntariamente. O rio tornava-se um monstro e fazia da povoação uma ilha. Os seus homens sabiam que apenas uma ponte resolveria a situação. No entanto, sem a ajuda dos poderes maiores do Estado seriam incompetentes para tal concretização. Após muitas lutas, sempre demonstrando ser aquele município muito rico e muito contribuir para a alimentação do povo mineiro, com o seu produto agrícola, com seu gado, conseguiu o sonho de muitas gerações: a pon-

te sobre o rio Urucuia no porto de Arinos. Ela veio substituir a retrógrada balsa. E o povo se uniu feliz no dia 5 de dezembro de 1978 para a inauguração oficial da ponte. O prefeito Francisco Fernandes Valadares não cabia mais em si de contente. O rio Urucuia recebia duas pontes na mesma ocasião uma em Buritis em março, ligando a região do vale São Domingos, Formoso e a outra em dezembro, facilitando a comunicação com a cidade de Arinos, bem à sua margem esquerda. Foi executada pela Ruralminas e pela Codeurb, em convênio com a Prefeitura Municipal de Arinos.

Agora, a riqueza de Arinos se movimenta com mais facilidade e o desenvolvimento e progresso do município se agilitam. Os velhos barcos ficaram no sonho e na lembrança dos velhos moradores. O mesmo aconteceu com a secular Buritis, líder da urucuiana região.

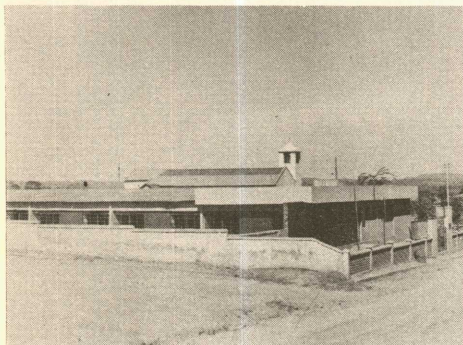


Faixas demonstram a alegria do povo que inaugura sua ponte sonhada. E atravessam-na a pé e de veículos.



O vigário, Frei Vítor, quando benzia a ponte no dia de sua inauguração.

A REALIDADE ATUAL DE BONFINÓPOLIS DE MINAS EVIDENCIA SEU AMANHÃ GLORIOSO



Escola Estadual "Cândido Ulhoa", onde também funciona a Escola Municipal "Santa Cruz". Construída no governo Antônio Batista, em convênio e reformada e ampliada com 6 salas no governo José Henrique. Funciona em três turnos.

EDUCAÇÃO

No setor educacional não devemos esquecer que a atual administração mantém o Ginásio Municipal Santa Cruz, escola esta instalada pela municipalidade em 1974 e que vem prestando grandes benefícios à juventude bonfinopolense.

Reforma e ampliação do prédio da Escola Estadual "Cândido Ulhoa", recebendo mais duas salas de aula, cantina e área coberta.

Construção de uma quadra esportiva para atendimento à classe estudantil e aos jovens desportistas da cidade.

Extensão da 5ª série na Escola Estadual "Cândido Ulhoa" e já se encontra em andamento o processo para extensão da 6ª série em 1981, devendo a Prefeitura ampliar o prédio com mais salas e um laboratório. Para tal empreendimento a municipalidade está contando com integral apoio do governo Francelino Pereira.

Instalação de 4ª série em 6 das 46 escolas rurais, beneficiando, desta forma, várias comunidades do Município.

Construção, em convênio com a Ruralminas, de um prédio com seis salas de aula em Natalândia, para funcionamento da Escola Municipal "Alvarenga Peixoto", e de mais três grupos escolares no município.

Aquisição de carteiras escolares e mesas de professores para o atendimento das principais escolas mantidas pelo Município.

Encontra-se assinado, com a Ruralminas, um convênio para construção de mais quatro prédios escolares para as escolas Lajinha do São Pedro, Tiradentes, Duque de Caxias e Santa Teresinha.

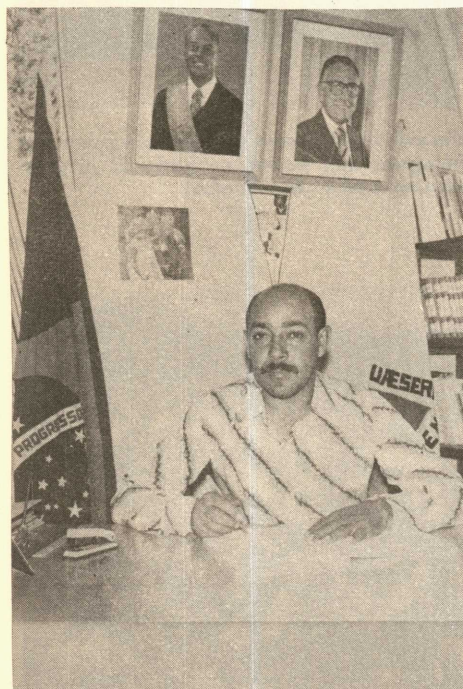
Em tramitação acha-se no Conselho Estadual de Educação do Estado de Minas o processo para criação de um colégio municipal de 2º grau, onde será implantado o curso normal e o curso de habilitação profissional em



Novo edifício da Escola Rural Municipal "Alvarenga Peixoto", construído na Vila Natalândia, convênio da Prefeitura com a Ruralminas, em terreno doado pelo sr. José Natal.

Agropecuária, atendendo, assim, uma das necessidades mais prementes no setor educacional do município e região.

Também não devemos esquecer que em todos os anos de seu mandato, o Prefeito José Henrique Brandão tem fornecido uniforme e material escolar aos alunos comprovadamente carentes de recursos. Por outro lado, adquirido uma boa quantidade de livros para a biblioteca municipal, proporcionando assim aos estudantes maior acesso às pesquisas para seus tra-



Prefeito José Henrique Brandão

É TEMPO DE RECORDAR

O homem que não vive da memória, é um ser que se perdeu. Boa hora em que

a Diocese de Paracatu promove esta histórica edição sobre a "Igreja no Vale do Paracatu", tendo como motivo principal o centenário de nascimento do santo e querido prelado: D. Eliseu van de Weijer. Por isto mesmo é tempo de sorrir e acreditar no amanhã...

É tempo de meditar e lembrar as palavras de D. Eliseu que nos guiou pelos caminhos do amor e do bem...

É tempo de estender os braços num abraço, desejando a toda a Diocese de Paracatu uma felicidade maior.

Estamos vivendo datas de recordações. Há 51 anos era instalada a então Prelazia de Paracatu. Isto significa mais de dez Lustras de maior presença dos Pastores sempre orientando-nos e guiando-nos pelos prados mais amenos.

E como é feliz a Diocese de Paracatu pelos Bispos que regeram e regem os nossos destinos espirituais...

D. Eliseu van de Weijer, o Bispo da Simplicidade, da humildade e da bondade. O pioneiro a percorrer as veredas do Senhor nestas paragens.

D. Raimundo Lui, tão bom, tão simples e tão santo como o seu antecessor.

sor. Continuou a sua jornada fazendo a vontade de Deus e mostrando aos seus fiéis que o homem insubmisso a Deus nada consegue.

D. José Cardoso Sobrinho, o pastor de nossos dias, preocupado com a pobreza, com a justiça social. No seu ministério ele vê que a justiça é o sustentáculo da piedade.

Como eles nos suavizam os caminhos desta vida em preparação à Vida eterna!

E neste tempo de recordação, de sorriso e de acreditar no amanhã, não podia faltar a palavra do povo de Bonfinópolis de Minas a toda a Diocese de Paracatu, enviando seu abraço fraterno aos Diocesanos e rendendo as suas homenagens à Diocese, na pessoa do sr. Bispo D. José Cardoso Sobrinho e de todo o seu clero e religiosas.

À memória de D. Eliseu a nossa veneração mais profunda e o nosso agradecimento por tudo de bom que plantou nestas plagas.

Bonfinópolis de Minas, outubro de 1980

JOSÉ HENRIQUE BRANDÃO
Prefeito Municipal

balhos de aperfeiçoamento cultural. Em convênio com a CNAE o Prefeito sempre se preocupa em fornecer a merenda escolar a todas as escolas do município, certo de que um homem bem alimentado tem condições de melhor produzir.

Assistência ainda é dada a dois setores de inspetoria escolar, ambos criados na sua gestão, fornecendo instalação física para o funcionamento dos mesmos; também o Mobral conta com a sua eficiente participação, mantendo dois técnicos do setor e ainda pagando a professores de Educação Integrada.

Outra Vitória no campo educacional do prefeito José Henrique Brandão foi a transferência de onze escolas rurais municipais para a rede estadual.

ELETRIFICAÇÃO

A prefeitura fez instalação elétrica em 60 residências de pessoas pobres para receberem o padrão popular oferecido, gratuitamente, pelo DAE - MG. No início do governo de José Henrique foi feita a troca de lâmpadas comuns por lâmpadas a vapor de mercúrio numa parte da cidade; Extensão da rede elétrica em convênio com o DAE - MG até a caixa d'água até o novo poço artesiano. Mantem um grupo gerador em Natalândia e instalou, com recursos próprios, um grupo gerador na Vila Santo Antônio. Em andamento encontra-se a instalação da rede de energia elétrica para Vila Dom Bosco, em convênio com DAE - MG e a Ruralminas. Trata-se da realização de um dos maiores sonhos do povo daquela vila e uma das aspirações maiores do Prefeito. O prefeito José Henrique faz veemente apelo ao governo do Estado no sentido de substituir os grupos geradores de Natalândia e Santo Antônio por rede hidráulica, enquadrando-se na política do Presidente Figueiredo na redução do consumo de petróleo.

PODERES E AUTORIDADES

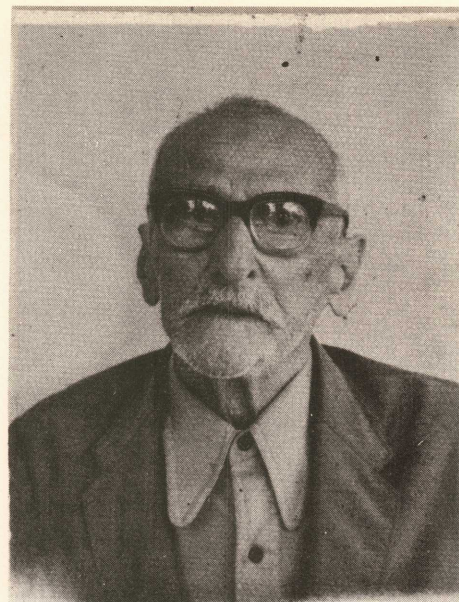
Há uma perfeita sintonia entre os poderes executivo e legislativo bonfinopolenses. Pois ambos estão conscientizados de seus deveres políticos e sabem de que a finalidade é dar condições de conforto e bem estar aos seus cidadãos. E um não

pode agir sem a participação do outro. Em razão disto, Bonfinópolis de Minas é uma cidade agradável de se viver e, ao visitante, logo demonstra o seu progresso e a sua vida de trabalho. Dia a dia novas construções, aberturas de ruas novas, edifícios públicos se constroem. É uma Bonfinópolis de Minas que acompanha o desenvolvimento completo para conforto e alegria de seus habitantes.

À frente do executivo encontra-se o sr. José Henrique Brandão, de tradicional família política. É bom que conheçamos a figura do prefeito municipal, nascido em Bonfinópolis de Minas aos 12 de julho de 1944, tendo como pais Henrique Luiz Brandão e Ilda Ferreira dos Santos.

Perdendo o seu pai com um ano de idade, foi com a mãe para a casa de seu avô materno. Criou-se na Vila de Porto da Manga (município de São Francisco), onde iniciou seus estudos com a professora Ana Augusto do Rosário, de quem guarda os ensinamentos precisos dela recebidos. Daí, transferiu-se para a cidade de São Francisco, onde concluiu o curso primário no Grupo Escolar "Coelho Neto" e na Escola "Caio Martins", aqui, já em regime de internato. Jamais esquece a figura de seus diretores Alice Gonçalves de Mendonça e João Naves de Melo e dos professores Teresinha Ribas, Carmênia, Coceição Carneiro, Teresinha Felizardo, Lia e Silvano. Como lhe marcaram a vida para o bem e para o idealismo sadio e construtivo!

Aprovado nos exames de admissão, cursou o normal em Esmeraldas e na Fazenda do Rosário, em Ibirité. Terminando o curso, em 1956, regressa a Bonfinópolis de Minas. Em 1967 leciona na Escola Estadual "Cândido Ulhoa" de 1ª e 4ª série e, no ano seguinte, a convite do então prefeito Hamilton Campos Valadares, foi prestar serviços na Prefeitura Mu-



Sr. João da Palma, um dos líderes de Bonfinópolis de Minas.

nicipal. Aí exerceu as funções de Inspetor das Escolas Rurais, Supervisor da Merenda Escolar, Secretário da Junta do Serviço Militar, Chefe da Unidade Municipal de Cadastro e secretário dos prefeitos Sebastião Luiz Brandão e Moacir Serafim Borba.

Na Escola Municipal "Santa Cruz" (curso noturno de 5ª a 8ª série), neste período, lecionou Português, Geografia, OSPB e História.

Em 1976, atendendo insistentes apelos, licenciou-se dos cargos para disputar o pleito eleitoral de 15 de novembro pela sublegenda Arena - 1, recebendo 1.357 votos contra 1.352 do candidato da sublegenda Arena - 2, pelo qual tem inteira admiração e todo respeito.



Os vereadores componentes da Câmara Municipal de Bonfinópolis de Minas. Da direita para a esquerda: Paulo Rodrigues Braga, Orlando Alves da Cunha, Oscar Moreira Braga (vice-presidente), Orlando Luiz Brandão (presidente), Dª Maria do Rosário Palma Bezerra (secretária), Ananias Ferreira de Araújo, Mozart Marques Soares, Joaquim de Oliveira Campos e Côchrane José Cândido.



Os times Bonfinópolis Esporte Clube (camisa branca com faixa preta) e Buritis Esporte Clube num amistoso em Bonfinópolis de Minas, em 1978, por ocasião de festas de formatura de fim de ano. Agachados, da direita para a esquerda, os srs. José Henrique Brandão e Eliseu Nadir José Lopes, prefeitos de Bonfinópolis de Minas e Buritis, respectivamente. A vitória coube a Bonfinópolis de 5 x 1.



Sr. Henrique Luiz Brandão, ladeado por Edmundo e Alberto, diante da Igreja de Urucania, em 1945, aproximadamente.

O ano de 1976 foi-lhe marcante na vida. Além de sua candidatura e eleição, casa-se com a srta. Zulma Leite Brandão, secretária da Emater - MG local. Deste casamento nasceram-lhe dois filhos: Juliana e Luiz Henrique.

Gosta muito de música e de esporte e é grande apreciador do folclore da região. Pretende, assim que termina o mandato, dedicar-se a atividade agro-pastoris.

O vice-prefeito é o sr. Nilton Bezerra. Sempre ao lado de José Henrique, tudo faz para que Bonfinópolis de Minas continue como exemplo de esforço e luta para a região.

A câmara Municipal é constituída de nove vereadores: Orlando Luiz Brandão, Maria do Rosário Palma Bezerra, Oscar Moreira Braga, Orlando Alves da Cunha, Ananias Ferreira de Araújo, Paulo Rodrigues Braga, Joaquim Campos de Oliveira, Cóchrane José Cândido e Mozart Marques Soares. A sua mesa está assim formada: presidente: Orlando Luiz Brandão; vice-presidente: Oscar Moreira Braga e secretária: Maria do Rosário Palma Bezerra.

A equipe de auxiliares diretos do prefeito José Henrique Brandão é formada pelo contador Delfim Gonçalves Carneiro; auxiliar de contador, Senhora Graciano de Souza; chefe da fazenda, Dirson Alves Ferreira; fiscal geral, Ozias Gomes de Souza; secretário - auxiliar, José Aníbal Martins Alvaro; chefe-serviço de Educação, Osvanilde de Fátima Mota; chefe da J.S.M., Manoel Nobre Leal; chefe do setor C.N.A.E., Elcenir Aparecida Braga e Inspectores escolares, Sílvia Maria Vargas e Rosália de Matos Vilela.

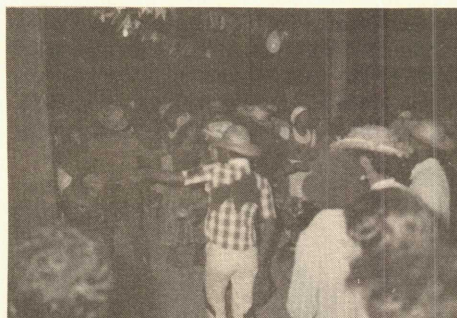
A cidade conta com as seguintes autoridades: Vigário: Padre Frei Humberto van Teijlinger, O. Carm.; comandante do destacamento de polícia: João de Souza;

delegado de polícia: José da Silva Reis; Oficial de registro civil: Celestino Carlos de Azevedo; juiz de paz: Ari Pereira dos Santos.



Uma animada quadrilha, onde se destaca o prefeito José Henrique Brandão, o marcador.

Um administrador sempre tem de prever o futuro. Tem de trabalhar sobre o terreno do possível. Deve estar sempre vigilante. Deve construir um plano, estabelecer um programa para governar. O professor José Henrique Brandão, desde que assumiu a Prefeitura de Bonfinópolis de Minas, procurou executar um plano de governo: educação - saúde - transporte. Neste trinômio ele previa um desenvolvimento mais adequado de sua terra, justamente por causa de suas atividades agropecuárias. Motivo que, às vezes, urbanisticamente falando, a cidade ficou um tanto prejudicada. José Henrique Brandão possui plano para o futuro, procurando um meio de aumentar a renda para gover-



Outro ângulo de animada quadrilha

nos futuros que poderão se voltar tranquilamente para uma urbanização mais completa. Apesar das sérias crises econômicas que ora atravessam todas as prefeituras, principalmente as de pequeno porte, o prefeito José Henrique tem realizado empreendimentos de vulto. Como professor sempre viu a necessidade de um apoio maior à educação, abrindo novas escolas, ampliando as existentes e procurando dotar de melhores condições didáticas os estabelecimentos. Um homem sem saúde não é capaz de nada produzir, nem no estudo nem no trabalho. Por isto, a saúde foi uma das metas prioritárias. E o transporte a fim de escoar toda a produção

que seria supérflua para o consumo no próprio município e seria fonte de divisas.



Inauguração do padrão popular, fornecido pelo DAEE para iluminação na área de menor carência. O prefeito José Henrique, juntamente com o técnico do DAEE, e a contemplada (Siá Zefa), na rua Aristides Leão.

SAÚDE

Um homem sadio é um homem corajoso para enfrentar as intempéries da vida. Possui disposição para qualquer tipo de trabalho. Desde o início de seu mandato, o prefeito José Henrique tem se preocupado em dar assistência médica e dentária às pessoas carentes do município, mantendo sempre um médico na cidade. Mensalmente, entre dentista e médico, a prefeitura despende uma média de Cr\$40.000,00 pelos atendimentos diários prestados a pacientes carentes e ainda se responsabiliza pelas interna-



Unidade Ambulatorial de Saúde, construída na rua Manoel Luiz Brandão, esquina com Tte. João Bispo. Construída em convênio com a Ruralminas no governo José Henrique. Dotada de laboratório e equipamentos de urgência.

carentes e ainda se responsabiliza pelas internações e outros casos de maiores urgências.

Neste ano foi concluída a construção do tão sonhado ambulatorio médico em convênio com a Ruralminas e ainda adquiriu uma ambulância para conduzir os doentes com maiores gravidades para recursos imediatos. Instalou uma Unidade Auxiliar de Saúde em Natalândia e assinou convênio com a Ruralminas para a construção do referido prédio e criação de mais duas unidades no município, uma na Vila Dom Bosco e outra na Vila Santo Antônio.

SANEAMENTO

Em convênio com a Copasa - MG, o Prefeito José Henrique Brandão fez com que

entar os festejos de fim de ano com Folias de Reis, Catiras, Dança do Gamba, Dança do Quatro, Batuque, etc.

AMANHÃ GLORIOSO

O primeiro centro de povoação e desenvolvimento no atual município de Bonfinópolis de Minas foi o então distrito de Lages, cuja sede se transformou em povoado. Banhado por uma vereda que lhe emprestou o nome, fica num chapadão de clima salubre e de formosos horizontes.

Lages teve por origem uma fazenda de criar. Logo veio a capela, muitas casas se construíram. Os seus moradores mostraram ao governo o desenvolvimento local naquela erma região sertaneja. E a lei - provincial nº 1627, de 6 de novembro de 1869, criou o distrito, pertencente ao município de Paracatu. O então povoado se transforma em vila. Passa a ter o seu cartório de paz, o seu juiz - de paz. E as divisas distritais viriam confundir-se com as do atual município de Bonfinópolis de Minas.

No entanto, distante dali uns 50 quilômetros vicejava outra povoação e competia com a sede-distrital: era o antigo Santo Antônio do Roçado, mais tarde denominado Bomfim. Nascera na clareira de um cerrado, com capela e uma devoção muito querida: Senhor do Bomfim. Por isto mesmo, tornou-se muito visitado por centenas de romeiros de vários sítios, que iam cumprir os seus votos, anualmente, durante suas pomposas festas. E o governo, tomando conhecimento de que o desenvolvimento dali era mais promissor, transfere a sede do distrito para Bomfim, em 7 de julho de 1923, com o nome de Bomfim de Lages. Somente em 1943, com a criação do Município de Unaí, é que recebe a denominação de Fróis, mudada novamente quando da sua emancipação política para Bonfinópolis de Minas.

Para este desenvolvimento, para este progresso, seria necessária a luta de pessoas ali moradoras e interessadas que tal acontecesse. Entre elas podemos enumerar o Tenente João Bispo, homem de visão ampla. Logo percebeu, não seria possível um desenvolvimento mais livre se não houvesse terreno suficiente para construção de novas vivendas. Sacrificou uma parte de sua propriedade e fez doação de significativa área onde se localiza a cidade. A partir de então, o crescimento tornou-se mais acentuado e mais rápido.

E o que falar de Manoel Luiz Brandão, político do antigo Santo Antônio do Roçado? Nome que se tornou tradição e

se marcou na história local pela sua luta incontestada para um progresso total. De imediato viu, sentiu a possibilidade de o lugar vir ocupar um ponto de destaque na região e no próprio Estado e outros vieram fazer coro a ele: Abílio Moreira Axchar, sempre conscientizado de que uma terra sem meios de comunicação seria uma ilha a mais. Já era Fróis e com ele cada vez maior sempre sonhava. Mas o que adiantaria o sonho sem a realização? E começou a abrir estradas com recursos próprios, a fim de oferecer meios

de fixação na sede do Distrito. Quitério Bispo da Fonseca, o juiz de paz de Bomfim das Lages, sempre criterioso, justo e de espírito aberto para o progresso. Manoel Simões Caxito, o boticário consciente e famoso de Bonfinópolis de Minas. Atendia a todos com o mesmo desvelo e com a mesma atenção, procurando minorar o sofrimento do próximo. Fazia de sua profissão um verdadeiro sacerdócio. E quantas almas agradecidas possui naquela imensa região! Foi pai do ex-prefeito Raul Simões. Januário L. dos Santos, juiz de paz e um dos responsáveis pela construção da igreja do Senhor do Bomfim e José dos Santos, ao lado do irmão, muito trabalhou para o desenvolvimento integral da terra. João Botelho, da fazenda do Cercado, político de nome e respeitado. Major Jefferson Martins, político influente em toda a área e proprietário de grandes fazendas. Membro de uma das mais tradicionais famílias de Minas Gerais, filho do Tenente José Martins Ferreira. Henrique Luiz Brandão, um dos ancestrais da tradicional família dos Bois. Homens de profundos sentimentos cristãos. Além de representante de Cartórios da Comarca na Vila, era em sua residência que se hospedavam os padres quando iam até Bomfim para realizar as solenidades religiosas. O seu falecimento, em 1945, foi muito sentido pelos conterrâneos e em toda a região, onde possuía uma gama de admiradores e amigos. O seu espírito de liderança foi herdado pelos filhos, principalmente Sebastião Luiz Brandão, ex-prefeito municipal e José Henrique Brandão, atual prefeito de Bonfinópolis de Minas.

Não podemos olvidar, entre outros, a pessoa de João Viera da Palma. Cidadão, conselheiro e amigo. Já ocupou os cargos de Delegado de Polícia, Vereador, Presidente da Câmara Municipal. A sua experiência de homem público o faz respeitado por seus concidadãos. Nunca se ausenta ante as dificuldades e luta, lado a lado, com a população, quando se trata de fazer com que Bonfinópolis de Minas sempre possa continuar crescendo e desenvolvendo.

São alguns elementos que aqui citamos. Seria um enumerar sem fim de pessoas gradadas da população de Bonfinópolis de Minas lutando, diuturnamente, para que a terra continue com a sua tradição de progresso e desenvolvimento.

ESTUDO DO MUNICÍPIO

Município: Bonfinópolis de Minas
Prefeito: José Henrique Brandão
Área Urbana: 4 Km²
Área Rural: 3.558 Km²
População Urbana: 4.000 habitantes
População Rural: 18.000 habitantes
Povoados: Natalândia, Vila Dom Bosco, Vila Santo Antônio, Laginha do Boi, Riacho das Pedras.
Fazendas: Há calculadamente de 700 a 800 propriedades.
Meios de Transportes: O nosso principal meio de transporte é o rodoviário, vias: João Pinheiro, Unaí, Arinos, Uruana, Vila Dom Bosco e Natalândia.
Comunicações: Posto Correio e Rádio Amador.
Recursos Financeiros: O povo vive da agricultura, pecuária e comércio.
Agência Bancária: Banco de Crédito Real do Estado de Minas Gerais.
Ensino: Primeiro grau completo, na sede e 46 Escolas Rurais de 1ª a 4ª série.
Orgãos existentes: Mobral, J. S. M., Instituto de Identificação, IEF, IESA, EMATER - MG, FUNRURAL, SIAT, NAOF, LBA, DAE, COPASA.
Serviço de Saúde: Ambulatório Médico e Hospital.
Atividades Comunitárias e Associações: Clubes de Mães, Grupos de Jovens, Sociedade São Vicente de Paula.

BURITIS NÃO PERMITIRIA O SILÊNCIO



Se todas as vozes se silenciassem ...
Se todos os ouvidos não mais escutassem ...
Se todos os olhos não mais vissem ...
Se todas as mãos não mais palpassem ...
Se todos os corações se fechassem ...
Se todos os pés não mais andassem ...

Buritit ainda tudo faria para que isto não acontecesse, a fim de sempre lembrar o nome venerando e querido de D. Eliseu van de Weijer. À sua imagem muito está ligada a esta histórica e mais que centenária paróquia. Reconhecemos o que significou para todos nós o ministério deste Pastor sempre vigilante e mais próximo de nós, ensinando-nos e procurando corrigir os nossos defeitos, dando-nos aquela assistência espiritual de que sempre estamos necessitados para que possamos chegar com mãos cheias de merecimentos diante do Pai, ao encerrarmos a nossa trajetória através do tempo e chegarmos à eternidade.

Sucedeu a este prelado santo o nosso querido D. Raimundo Lui. Outro Bispo da Simplicidade e da Bondade. Agora, nos vem D. José Cardoso Sobrinho continuar a trajetória dos filhos do Carmelo diante dos destinos da Igreja de Paracatu.

Buritit muito se orgulha de estar presente e colaborar efetivamente nesta homenagem que se presta à memória do primeiro Prelado Paracatuense - o nosso sempre lembrado e querido D. Eliseu, na data de seu centenário de nascimento. Por isto mesmo, Buritit não permitiria o silêncio em tão importante efeméride. Nunca é demais reverenciar a memória de D. Eliseu van de Weijer. E o aqui o fazemos respeitosamente e com o nosso mais profundo preito de gratidão e reverência em nome do meu povo muito leal e amado de Nossa Senhora da Pena de Buritit.

Buritit, outubro de 1980

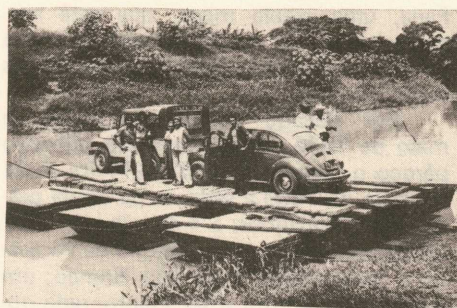
ELISEU NADIR JOSÉ LOPES
Prefeito Municipal

PONTE SOLUCIONA ANSEIOS DE SÉCULOS DE BURITIS

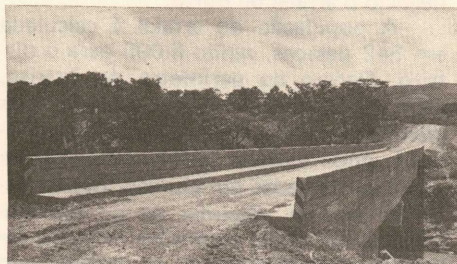
A idéia de se aproveitarem as águas dos rios como mais rápido meio de comunicação foi geralmente muito aceita. Era a grande estrada líquida de nossos sertões. No entanto, as dificuldades para tal eram enormes. Por outro lado, os rios tinham que ser atravessados. Era um problema serfíssimo. Tinham que ser usadas as obsoletas balsas. Mesmo assim apenas em período da seca, pois na época das chuvas era inteiramente impossível.

Buritit sempre lutou com este problema para atravessar o Urucuia rumo ao vale do São Domingos. Tudo dependia da balsa. E muitas vezes perdia-se grande parte da produção do rico vale do São Domingos. O sonho de todo o povo de Formoso, no extremo noroeste do Estado, e de todo o burititense era a construção de uma ponte. Esta feita não mais haveria os impecilhos e nem tanta perda de produtos agrícolas.

Acontece que o recém - criado município não possuía condições financeiras para edificar a ponte. Mas possuía homens capazes de lutar para ver este anseio de séculos realizado. E assim com a presença do governador Francelino Pereira - o primeiro mandatário do Estado a visitar Buritit - o povo, euforicamente,



Para atravessar o rio Urucuia, tudo dependia da obsoleta balsa, com grande prejuízo de transporte para uma vasta região produtora. Foto Histórica.



Ponte sobre o rio Urucuia, ligação da MG - 400, Buritit - Formoso, inaugurada com a presença do Governador Francelino Pereira.

pôde ver a sua ponte de concreto sobre o rio Urucuia substituindo a obsoleta balsa. Foi construída em convênio da Prefeitura Municipal com a Codeurb - Secretaria de Estado de Viação e Obras Públicas e Ruralminas.

Agora, a região produtora do vale do São Domingos está sendo beneficiado com a ponte do Urucuia.

PODER LEGISLATIVO

A atual Câmara Municipal, que tem como presidente Joaquim Lopes da Silva, possui os seguintes vereadores: Arnaldo Pereira Neri, Raimundo Rodrigues de Araújo, Dilmar Pereira Duraes, Roselverte Antônio Pires, Paulino Gomes Damasceno, Otávio Antunes da Silva, Josias Gomes Ferreira e Olegário Batista da Silva (in memoriam).

DESTAQUES DA COMUNIDADE

Não podíamos encerrar este trabalho sem não selecionarmos os destaques da administração Eliseu Nadir José Lopes. Ei-los:

- construção da ponte do rio Urucuia;
- instalação dos serviços de telefone urbano e interurbano da cidade;
- construção da ponte do Taquaril;
- construção da ponte do Pasmado;
- instalação da agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais;
- construção das igrejas de Vila São Pedro e Serra Bonita;
- construção dos 3 armazéns metálicos da CASEMG.

O PROGRESSO DESTRUIU O ASPECTO SECULAR DE BURITIS

Buritis! Uma legenda no Noroeste mineiro. Os campos de Buritis desafogados, infundáveis, emoldurados pelos perfis de longínquas serras, campos de edênica beleza convidando a marchar sem pausa, e a pensar, e a sonhar longamente. . . e os quadros sucessivos que oferecem os cursos dos rios, vestidos de prata do sol e do luar, vestidos de verde ao reflexo das imagens da mata, dormindo nos remansos, despertando nas corredeiras, desatando mil vozes no clamor das cata-dupas, e adormecendo de novo, a espri-guiçarem léguas e léguas, ao canto das aves, ao canto dos remos e dos homens morenos que seguem nas finas canoas audazes.

Buritis foi caminho aberto pelos homens que penetraram os sertões indômitos e desconhecidos de Minas, ainda no Século 17. Muitas bandeiras por ali passaram. Vinham do Nordeste brasileiro. Caminhavam pelo percurso de seus rios, em demanda de novas terras, de novas conquistas. E subiram o São Francisco e entraram pelo rio de "águas vermelhas", — O Urucuia — e queriam encontrar ouro. A febre do ouro já os acordava. Não eram apenas os audazes paulistas. Havia também os bandeirantes que partiam da velha Bahia. A colonização daquela região vai sofrer uma grande influência da audaz gente baiana. O território era caminho natural para seguir rumo ao eldorado do Centro-Oeste, principalmente Goiás. O rio de "águas vermelhas", batizado de Urucuia os levaria ao caminho desejado. Toda a margem esquerda do São Francisco estava mais sob o domínio dos nordestinos. A sesmaria concedida em 1739 a Francisco Álvares de Carvalho bem provava que o branco já andava por aquela região e queria colonizá-la. Ali seria um celeiro aberto para o sertão inóspito e indômito. Mais amplo para as boiadas, mais abundantes para o sustento dos passageiros e mais fácil para as cavalgaduras e também para as cargas.

Inicialmente, os nomes das povoações brasileiras são nomes de santos. Buritis não fugiu à regra. Primeiro foi o Porto de Santana. Mas não tarda a confluência do vocabulário tupi.

O gênio imperial dos portugueses - verdadeira sobrevivência da capacidade política dos Romanos - aprendeu imediatamente todas as vantagens da assimilação dos elementos idiomáticos aborígenes no vocabulário toponímico.

A invocação dos heróis da fé procura uma base na terra. A palavra selvagem ilumina-se com as luzes do Evangelho e as lendas douradas do Flos-Sanctorum. E Minas Gerais hoje possui tanto nome de santos complementado com o nome indígena. E o Porto de Santana transformou-se em Santana de Buritis. Era a palmeira que vicejava em quantidade, dando um cunho de poesia indescritível às veredas em torno do caudaloso e valente Uru-

cuia. Buriti, árvore que emite líquido. Buriti que um filho da região imortalizou em página evocativa das mais belas de que se conhece na literatura brasileira. Afonso Arinos escreveu: "A Terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó epônimo e o conservarão.

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de soco, velho Buriti Perdido".

E a cidade se levantou. E ela foi responsável pela civilização nestes ermos urucuanos. Viveu, em priscas eras, momentos difíceis. O abandono não deixou com que seus moradores fossem "respeitosos e obedientes, e de índole religiosa e humilde. A população sertaneja merece todo carinho", foi o que escreveu Frei Aleixo, a respeito de seu povo, em 1927. Olímpio Gonzaga, em 1910, escreveu: "Sant'Ana do Buriti tem por sede a povoação do mesmo nome, colocada à margem direita do rio Urucuia, afluente do São Francisco, e que é francamente navegável até a barra do rio Claro. O arraial, em 1825 contava 585 casas, sendo proposta pelo ouvidor dr. Antônio Paulino Limpo de Abreu a sua elevação à vila.

Hoje, a sua boa estrela virou o reverso da medalha; o arraial está completamente retrógrado e diferente àqueles tempos idos. Possui 72 casas de telha e 15 ranchos, formando 3 ruas, uma capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Pena, uma escola mista, que está sendo regida por d. Amália Ribeiro de Sousa e uma agência do correio que recebe duas malas por mês.

Foi elevado a paróquia a 30 de maio de 1815, sendo nomeado primeiro pároco o padre José de Brito Freire. A 31 de maio de 1850 a sede da paróquia passou para Morrinhos; a 4 de julho de 1857 foi desmembrada do município de Paracatu e incorporada à de São Romão; um ano depois, voltou a ser incorporada novamente a Paracatu.

Era por ali que passava a estrada, hoje abandonada, de São Romão a Goiás e, por esse motivo, foi excelente ponto de negócio o arraial de Buriti.

A população do arraial é calculada em 542 pessoas, sendo 6.000 para o distrito. Dentro do perímetro do distrito, além de muitas fazendas, existem dois grandes povoados: o de São João da Pindaçu, onde existem excelentes largas de engorda, fechadas por um capricho da natureza com os afluentes do rio São Domingos; são vastas extensões de terras devolutas que incorporam e desenvolvem todo o gado que é empastado ali. O povoado possui para 20 ranchos de palha, uma capela e uma escola.

O outro povoado é o da Chapada da Garapa, de clima salubérrimo, como fábricas de excelente marmelada e boas fazendas de criação de gado vacum e cavalos.

Buriti caiu em decadência. Homens que desejavam fugir da lei para lá se dirigiam. Isto ocasionava um afastamento dos homens de bem. Consequentemente foi a

causa de sua decadência. Mas os seus homens não deixaram de trabalhar para fazer com que o arraial de Buritis voltasse a ser líder na região. A sua fama de progresso, a ponto de ser lembrado para se tornar município em 1825, deveria permanecer. Por isto mesmo temos que lembrar nomes como de Cândido José Lopes, Higino Antônio da Rocha, Eneas Alves de Sousa, Joaquim Rodrigues da Costa, Dioclides Guimarães, Cândido José Lopes, Raimundo Prado, Marcos da Rocha, Lourenço da Rocha, Satiro da Rocha, José Joaquim Ramos, Heleodoro Teixeira, Claro Pereira da Silva, Sabino Rodrigues, Pedro Valadares Versiani, José Gomes Pimentel, Pedro Pereira da Silva, Antonio Cândido Lopes, Astério Pereira Neri, Argemiro Antônio do Prado, Olegário Batista da Silva, Marcolino Fonseca Melo (o Pescador), Felipe Rodrigues da Costa, Egídio Rodrigues da Costa, José de Queiroz, Antônio Fortunato de Almeida, Antônio Pereira Neri, Lindomar José Lopes, José Fonseca Melo, Marcolino Antunes da Silva, Maria Figueiro Costa, Vitalino Fonseca Melo, Olinda Nolasco, Gonçalves Rodrigues Ferreira, João da Pena Lobo, Osvaldo Vieira, prof. Virgílio Cunha Chaves, Gil Evangelista do Prado, Ivaldo Bertoldo de Oliveira, Honório Rodrigues da Costa, Ernesto Pereira Neri, Poti Joaquim Ramos, Felipe Antônio da Silva e muitos outros que viveram para a terra e trouxeram, com honra e glória, sementes que vieram a frutificar e tornaram inesquecível as suas existências. Lutaram e deixaram o exemplo do esforço para que Buriti saísse daquele marasmo de então para ser esta Buritis de hoje. Febricitante, progressista.

Buritis retoma sua posição de líder.

Buritis retoma sua posição de líder. É uma cidade aberta e acolhedora. Ruas e avenidas largas se esparramam por toda a chapada. Construções se edificam diariamente. O seu comércio se avoluma dia a dia. As estradas cortam o sertão e a ligam a todas as cidades da região e tem comunicação direta com a Capital do País - Brasília. Voltou a sua tradição de elo entre as outras comunidades e o Estado de Goiás. Diariamente para lá mudam famílias e famílias e fixam no seu vale rico e progressista.

É um município pacato onde impere a justiça e a lei. Todos mourejam em busca do progresso da cidade e da região. Há comunicação com todos os municípios da zona fisiográfica. A paróquia de Nossa Senhora da Pena revive os seus dias gloriosos de antanho. Dois sacerdotes nela residem para atendê-la. Como se sabe, é uma das maiores paróquias da Diocese de Paracatu, abrangendo três municípios: o da sede (Buritis), o de Arinos e o de Formoso.

O crescimento sócio-econômico do Município começou a partir de 1973, com a instituição do Planoroeste e sistema de expansão urbana, a procura de terras férteis do município e o número de emigrantes. Isto fez com que deixasse de

existir o êxodo rural. Passou a haver a fixação do homem. E, desde então Buritis surpreende a todo visitante pelo seu dinamismo em pleno sertão mineiro, cheio de lendas e de histórias, tão ricamente aproveitadas pelo contista Arinos em seu magistro "Pelo Sertão". A civilização ganhou essa paragem longínqua de Minas Gerais. Arinos bem o profetizou. Hoje nos orgulhamos de uma Buritis que é procurada por homens de negócio que trazem divisas, que ajudam a desenvolver e a firmar, cada dia mais, o nome de foros de gente civilizada. Não é mais aquela Buritis amedrontada e, muitas vezes procurada por gente que a desabonasse no conceito de terra pacífica e de povo ordeiro. Os seus filhos sempre foram ordeiros e trabalhadores, e honestos, e justos. Mas os imigrantes a faziam uma imagem negra. Hoje, buritenses e forasteiros se integram num mesmo ideal: o de fazer a terra cada dia melhor e mais confortável e mais desejada.

O MUNICÍPIO

O município de Buritis foi criado através da lei 2.764, de 30 de dezembro de 1962, sendo desmembrado do município de Unaí e ficou constituído de dois distritos, o da sede (Buritis) e o de Serra Bonita (antigo São João da Pinduca). A sua instalação se deu no dia 1 de março de 1963, com grandes solenidades, ficando sob a intendência do sr. Romeu Gonçalves de Araújo até 31 de agosto de 1963.

A primeira eleição municipal realizou-se em 1963, tendo sido eleito primeiro prefeito municipal o sr. João Honorato Primo, em eleições populares realizadas em 30 de junho. Seu vice-prefeito foi o sr. José Oliveira Rocha. Na mesma oportunidade elegeu-se a primeira Câmara Municipal que ficou assim constituída: presidente, Eliseu Nadir José Lopes; vice-presidente, José Fonseca Melo; secretário, José Pimentel Filho; vereadores: Joaquim Ferreira, Felipe Antônio da Silva, Ulisses Pereira dos Santos, Antônio Fortunato de Almeida, Ernesto Pereira Neri e Dirceu Francisco Pires.

A segunda administração coube ao sr. Délio Prado Lopes, como prefeito e Baltazar Fonseca Melo, como vice-prefeito, no período de 1967 a 1970 e a presidência da Câmara esteve com o sr. Eliseu Nadir José Lopes.

A quarta administração: prefeito, Adair Francisco de Oliveira e vice-prefeito Eliseu Nadir José Lopes, de 1973 a 1977. Presidente da Câmara, Arnaldo Pereira Neri.

ATUAL ADMINISTRAÇÃO

Buritis tem como administradores o sr. Eliseu Nadir José Lopes, como prefeito e o sr. José Domingos de Araújo, como vice-prefeito. São Homens integrados na vida política municipal e com os mesmos anseios de progresso para sua terra, tudo fazendo para que se concretize o ideal de cada um: uma Buritis cada vez maior e

mais progressista.

O prefeito Eliseu Nadir José Lopes nasceu em Buritis em 14 de junho de 1938. Membro de tradicional família, recebeu o nome em homenagem ao prelado Mons. Frei Eliseu que, em visita pastoral à paróquia de Nossa Senhora da Pena, o batizou. D. Eliseu era sempre hóspede, em Buritis, dos pais de Eliseu, por quem nutria uma grande amizade e respeito.

Assumiu a prefeitura de Buritis depois de exercer cargos públicos por diversas vezes, numa prova de confiança depositada pela população em sua capacidade de homem público. Iniciou a vida pública muito cedo quando, nas primeiras eleições municipais, se candidatou a vereador e foi eleito por seus pares como o primeiro presidente da novel Câmara Municipal. Foi reeleito com larga vantagem de votos nos pleitos seguintes. Em 1973, aliando a uma chapa de renovações, elegeu-se vice-prefeito pela Arena juntamente com Adair F. de Oliveira. Pelos seus relevantes trabalhos em favor da municipalidade, foi lançado o seu nome pelo partido para a prefeitura municipal, tendo sido eleito.

Na sua caminhada política no legislativo buritense foi presidente da Câmara em 1963, 66, 67, 68, 69 e 1970 e, nas funções executivas elevou as condições do município atendendo aos nossos anseios populares.

Com o apoio constante dos ex-governadores Aureliano Chaves e Ozanam Coelho, conseguiu para Buritis obras de vulto que deixaram o município em condições de infraestrutura de uma cidade onde os seus concidadãos possam viver felizes, como aconselhou o filósofo, Aristóteles.

A primeira dama, sr. Ivanilde Santana Barros sempre está junto ao marido para solucionar os problemas sociais de sua terra. Uma companheira que faz de sua missão de primeira dama não um estado de honra mas um contínuo ato de servir. Conta ainda o prefeito Eliseu Nadir José Lopes com a participação e colaboração efetiva de seus filhos Elivani Lopes Santana Xavier, Edilson Lopes Santana, Edilvan Lopes Santana e ainda de seu genro Rui Omar Xavier e de sua nora Ivani Gonçalves Costa. Para completar a alegria deste casal feliz, está a sua netinha Melissa Bethânia Santana e Xavier.

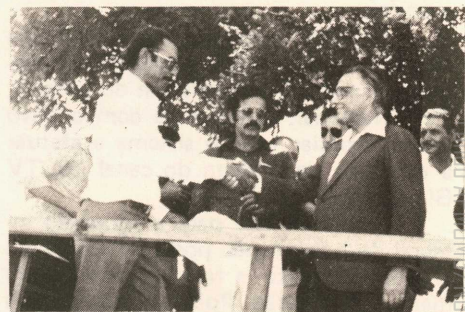


Veradores em reunião.

APOIO DO GOVERNO

A Ruralminas é o órgão governamental que mais atende com obras e apoio financeiro. E no programa administrativo traçado exclusivamente para atender ao povo que o elegeu, o prefeito Eliseu Nadir José Lopes vê uma forma de agradecimento pela confiança depositada. Além disso muito se pode esperar, pois a administração está confiante no seu relacionamento com o governador Francelino Pereira. Dele o município tem recebido total apoio, inclusive teve a honra de receber a sua visita no dia 12 de março do corrente, por ocasião da inauguração da ponte sobre o rio Urucuia. Além disso a representação do município no Estado é de deixar o povo confiante, pois o deputado Oscar Correia Júnior vem lutando no sentido de angariar recursos maiores para o município, razão que Buritis, num balanço geral, executou obras de importância em diversos setores.

A visita do governador Francelino Pereira a Buritis ocasionou oportunidade do primeiro mandatário do Estado ter um contato mais íntimo com a nossa realidade e sentir de perto as mais prementes necessidades de nosso povo. Ele sempre tem demonstrado muita atenção a todas as reivindicações de Buritis.



Prefeito Eliseu Nadir José Lopes cumprimenta o Governador Francelino Pereira.

EDUCAÇÃO E CULTURA

Eliseu Nadir José Lopes tem a sua administração voltada, com muito carinho, para o setor educacional. Além de considerá-la de grande importância, o crescimento de índice de alunos de faixa escolar é elevado. Quando do início de seu mandato, em 1977, contava o município com 1.050 alunos matriculados e frequentes, enquanto que hoje o município conta com 4.300 alunos assim distribuídos: na zona urbana, duas escolas estaduais de 1º grau, sendo uma de 1ª à 8ª série e uma escola municipal, de 2º grau; uma escola estadual no distrito de Serra Bonita e mais 54 escolas rurais municipais disseminadas em todo o município, em franco funcionamento.

Sempre se preocupando com a melhoria do setor educacional, tem promovido cursos de aperfeiçoamento para os professores rurais, ampliou o órgão municipal de educação, além de integral apoio dado ao Mobral, através do seu Posto Cultural, preocupado em alfabetizar os adultos analfabetos de todo o município.

SERVIÇOS DIVERSOS

Atendendo aos demais setores, o prefeito Eliseu Nadir José Lopes jamais descuidou do município, ora sob a sua administração. Entre os diversos setores, podemos ainda enumerar as seguintes realizações:

- construção do edifício da prefeitura municipal;

- em convênio, construção de três armazéns metálicos da Casemg para armazenamento da produção do município.

- ampliação da rede elétrica na cidade e troca do sistema de iluminação de lâmpadas comuns para vapor de mercúrio;

- iluminação, pelo sistema diesel, para a Vila de São Pedro e para a sede do distrito de Serra Bonita;

- encascalhamento de todas as ruas e avenidas da cidade;

- projeto de urbanização com plantio de árvores nas principais avenidas;

- instalação de escritório do Instituto Estadual de Florestas e Delegacia Florestal em Buritis;

- legalização do loteamento da Vila São Pedro e da Vila São João;

- construção de uma Igreja católica em Serra Bonita e outra na Vila de São Pedro;

- doação de áreas para construção de outros templos religiosos;

- convênio para manutenção do SIAT da Secretaria de Estado da Fazenda;

- doação de área para construção da sede da Copasa - MG;

- instalação de uma agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, o que muito veio contribuir na vida econômica e comercial do município.



Agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A.

ECONOMIA MUNICIPAL

Em seus 9.549 Km², o município já conta com mais de 28.000 habitantes sendo que, na área urbana, estima-se uma população de 8.000 almas aproximadamente. Desta população, 45% atinge a faixa etária de até 30 anos.

Em suas quase 1.000 propriedades rurais bem distribuídas, o município de Buritis parte, seriamente, para a produção agrícola, tendo a base fundamental de sua economia na produção de milho, arroz, feijão e soja. Estes produtos fazem com que o crescimento demográfico chegue

mesmo a alertar o governo para maiores obras no município em função da fixação do homem ao meio. Para assistência ao homem do campo em suas tarefas agropastoris, encontram-se em funcionamento:

- Casemg, com quatro armazéns em pleno funcionamento e com grande capacidade de armazenamento;

- Siat, da Secretaria de Estado da Fazenda, para assistência tributária e orientação fiscal;

- DAEE, para atendimento, inclusive, da eletrificação rural;



Armazéns da Casemg recebendo cereais para depósito.

- Sindicato Rural, que congrega todos os pecuaristas do município;

- Banco de Crédito de Minas Gerais, com excelentes programas de financiamento na área rural;

- Instituto Estadual de Floresta, para assistência e conservação do meio ambiente ecológico;

- dois postos de revenda de produtos agropecuários e para atender ao rebanho do município, muito expressivo, tanto o bovino como o suíno;

- Escritório da IESA que, com sua equipe, atende o município na campanha de vacinação animal e cuida diuturnamente da saúde do rebanho que já chega a mais de 130.000 cabeças;

- começa a despontar a produção granjeira no município, tendo Brasília, a 180 Km de distância, como um grande mercado consumidor;

- existem ainda no município três hotéis, de bom porte; 120 estabelecimentos comerciais, entre atacadistas e varejistas; 11 serrarias; 2 serralherias; 1 cerâmica; 3 beneficiadoras de arroz e feijão; 2 granjas; 2 escritórios de contabilidade e 2 escritórios de advocacia.

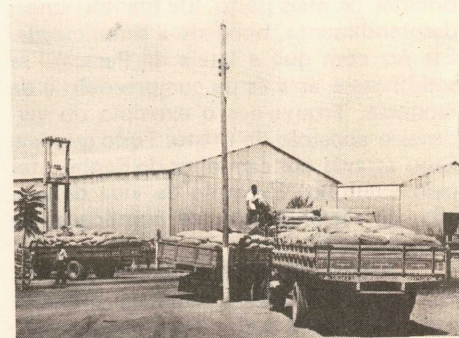


Vista da Avenida Central, onde fica a sede da Copasa.

VIDA SOCIAL

Buritis tem uma vida social bem sadia. Há os clubes onde a sua juventude se encontra para as horas dançantes e os bailes festivos. Todas as datas cívicas são comemoradas com grande brilhantismo e participação de toda a comunidade. Nestas oportunidades o buritisense procura apresentar um quadro alegórico, dos mais perfeitos, de suas tradições e de seu rico folclore. Pois o seu povo procura conservar com todo o carinho as tradições e os costumes dos seus maiores.

De 7 a 10 de setembro realiza-se a maior festa religiosa da comunidade, que é a da Padroeira Nossa Senhora da Pena.



Casemg recebendo cereais para depósito.

O ponto alto das festividades é o dia 8, quando grande número de romeiros se dirige para a cidade a fim de cumprir votos e participar da festa, cujas cerimônias são ainda em estilo imperial.

Há movimentadíssimas festas juninas e, por ocasião do Natal, as celebradas Folias de Reis.

Serra Bonita atrai atenção de todo município para as solenidades religiosas que se realizam no primeiro domingo de julho em louvor de Santa Luzia, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Carmo.

A Vila São Pedro tem a festa maior no último domingo de junho, em louvor a São Pedro e a Nossa Senhora Aparecida.

QUADRO ADMINISTRATIVO

O prefeito Eliseu Nadir José Lopes se sente feliz com os seus auxiliares diretos. São pessoas competentes que lhe dão tranqüilidade para poder agir num trabalho em favor de melhores dias para Buritis e para sua gente. O seu quadro de assessores está assim constituído: secretário executivo: Antônio Pedro André da Silva; tesoureiro: Ivanilde Santana Barros; contadores: Nilza Maria de Sousa e José Jurandir Ramos; encarregado de cadastro: Geraldo Joaquim Ramos; encarregada do departamento de educação: Cleunice Pires e Celina Pitangui Prado; encarregada da CNAE: Maria José Fonseca Prado; encarregada do Mobral: Maria Rosária Oliveira; chefe de obras: Álvaro Jacinto de Abreu; fiscal geral: Ulisses Pereira dos Santos.

JOÃO PINHEIRO PRESENTE AS HOMENAGENS A D. ELISEU

O povo de João Pinheiro - através do seu Poder Executivo - une-se a todos os diocesanos pela comemoração tão grata do centenário de nascimento do nosso inesquecível prelado D. Eliseu van de Weijer.

É uma data altamente significativa para todos nós, Povo de Deus. Pois, na sua pessoa veio um prelado para nos orientar de mais perto. Ele plantou amor, desprendimento, bondade e simplicidade. Ele fez com que a Igreja de Paracatu se solidificasse através da compreensão e da renúncia. Trouxe-nos o exemplo do verdadeiro apóstolo de Cristo. Tudo que realizou através dos caminhos do Senhor, foi pelo exemplo. Exemplo de vida de oração, de recolhimento, de humildade, de autenticidade.

Nossa diocese é uma Diocese feliz por ter tido D. Eliseu como seu primeiro prelado. E a ele, após cumprida a sua missão, sucedeu D. Raimundo Lui, a bondade personificada. Um autêntico seguidor de D. Eliseu, apostólico e, - por que não dizer? - o Bispo dos Pobres. Agora temos D. José Cardoso Sobrinho, o pastor preocupado com a justiça. Esta justiça que só vem de Deus. Como somos felizes! E nada mais nos resta senão cantar um hino de louvor de ação de graças a Deus pela sua bondade para conosco, enviando-nos homens tão sábios e santos para nos ajudar nesta trajetória que realizamos rumo à Casa do Pai.



Por isto, o povo de João Pinheiro, através de seu Poder Executivo, aqui se faz presente nestas comemorações tão justas e sinceras. A sua voz, é uma voz de gratidão. Primeiramente, gratidão a Deus por nos ter proporcionado esta felicidade de participar de tão grata efeméride. Gratidão a Deus por nos ter enviado pastores

que andam pelos seus caminhos cumprindo a sua vontade e vendo que a justiça é o sustentáculo da religião.

João Pinheiro, outubro de 1980

Manoel Lopes Cançado
— Prefeito Municipal —

JOÃO PINHEIRO TEM UM GOVERNO QUE ENCURTA DISTÂNCIAS

Bem se diz que "governar é encurtar distâncias". João Pinheiro foi uma das cidades que senti de mais perto esta verdade. Colocada na região fisiográfica do Paracatu, antes de Brasília, era como Paracatu mesmo: "uma prisioneira das distâncias". Um município rico e de grandes possibilidades econômicas, no entanto, isolado completamente por falta de estradas. Foi só a BR-40 rasgar aquele mundo verde e a sua fisionomia se transformou. Já não era tão distante João Pinheiro. O progresso veio galopando no asfalto. A cidade tomou outro aspecto urbano. A atividade econômica do município foi desenvolvida. Passou a ter ligações diretas com as principais cidades do País como Brasília, Belo Horizonte e houve interligação com todos os municípios da região.

O prefeito Manoel Lopes Cançado tem como uma das suas metas principais de governo as estradas. Pois ele, mais do que ninguém, sentiu de mais perto a importância da estrada para seu município, um dos maiores, senão o maior do Estado. Tanto é verdade, mesmo violentamente atingida pelas chuvas, a sede do município está ligada a todos os distritos com perfeitas condições de tráfego. E pretende o Prefeito, antes de encerrar o seu mandato, construir uma moderna e funcional Estação Rodoviária na cidade, condizente com o progresso local. Aliás, há muito a população está a reclamar um terminal rodoviário para João Pinheiro.

Além de manter as estradas existentes em perfeito estado de conservação, o prefeito Manoel Lopes Cançado já abriu mais ou menos 180 quilômetros de estradas vicinais; construiu seis pontes, entre estas a do entendimento sobre o rio do Sono, uma das maiores pontes do municí-

pio; reformou 14 pontes e pontilhões; construiu 32 mata-burros de ferro e 23 de madeira.

Para manter uma assistência rodoviária eficaz faz-se mister um equipamento mecânico à altura. Por isto mesmo, além de conservar toda a frota de veículos e maquinárias encontradas, ainda fez aquisição de uma retro-escavadeira, três caminhões Diesel e uma camioneta.

Educação

O bom administrador público, em pouco tempo, realiza e transfere à comunidade uma atmosfera de confiança. É o que acontece com o dinâmico prefeito de João Pinheiro. A administração é bastante representativa. Somada sua grande capacidade pessoal deu-lhe os meios de surpreender e executar um arrojado plano administrativo para João Pinheiro em seus 14.316 Km², com 5 distritos e nove povoados.

Numa extensão territorial desta, além das estradas para dar condições ao homem de ser locomover, também sentiu, de maneira especial, a necessidade de voltar suas atenções para a educação. É ciente de que nada adianta um progresso material se não houver o intelectual. O homo faber tem que estar imbuído do homo sapiens, até para melhor administrar os seus bens pessoais e saber respeitar e conservar os bens públicos. Em virtude deste seu raciocínio, o prefeito Manoel Lopes Cançado mantém em perfeito estado de funcionamento as 96 escolas rurais municipais, tendo construído na sua administração 22 grupos e todos mobiliados, inclusive os que já existiam.

Também a sede municipal foi dotada de mais uma escola de 1º grau pelo seu governo, à rua Jovino Silveira, pois a demanda estava muito grande e procurou atender a todos para que nenhuma criança em faixa etária fique sem estudar por falta de vaga.

Reformou a Escola Estadual "Quintino Vargas", onde fez construir galpão agrícola e quadra de esporte.

Através de convênio com o Mobral, toda a população do município está sendo alfabetizada. As professoras rurais sempre têm um curso de reciclagem e de aperfeiçoamentos pedagógicos, visando, com isto, a melhoria e o aperfeiçoamento do ensino no município.

As crianças pobres também possuem condições de estudo. Além de fornecer merenda, distribui material escolar necessário, principalmente cadernos. Até o presente já foram distribuídos mais de cem mil cadernos, graciosamente, a todos os estudantes pobres.



Vista parcial da praça Cel. Hermógenes e da bonita Avenida Israel Pinheiro

Os povoados e distritos tem sido altamente beneficiados quanto à parte do ensino. No distrito de Cana Brava construiu-se um prédio adequado para que haja extensão de série, a fim de o estudante não precisar de sair para continuar os seus estudos de 1º grau.

Além da reconstrução do prédio da Escola "Dª Maria José de Paula", na sede, reconstruiu o prédio da Escola "Frei Dionísio", de Olhos D'Água, e o mobiliou; também reconstruiu e mobiliou os pré-

dios escolares das Escolas "Frei Patrício", de Santa Luzia e "Josino Silveira", de Cana Brava.

Saúde

A importância da saúde de uma população é indiscutível. Um povo sadio é muito mais capaz de realizações. Possui ânimo para o trabalho, para o estudo, para aprimorar a sua educação integral. E a oportunidade de atendimento hospitalar não deve ficar restrito somente à sede municipal. A saúde pública tem que ir até onde se encontra o homem. Não pode abandoná-lo. É como a escola, não ser privilégio apenas do centro urbano.

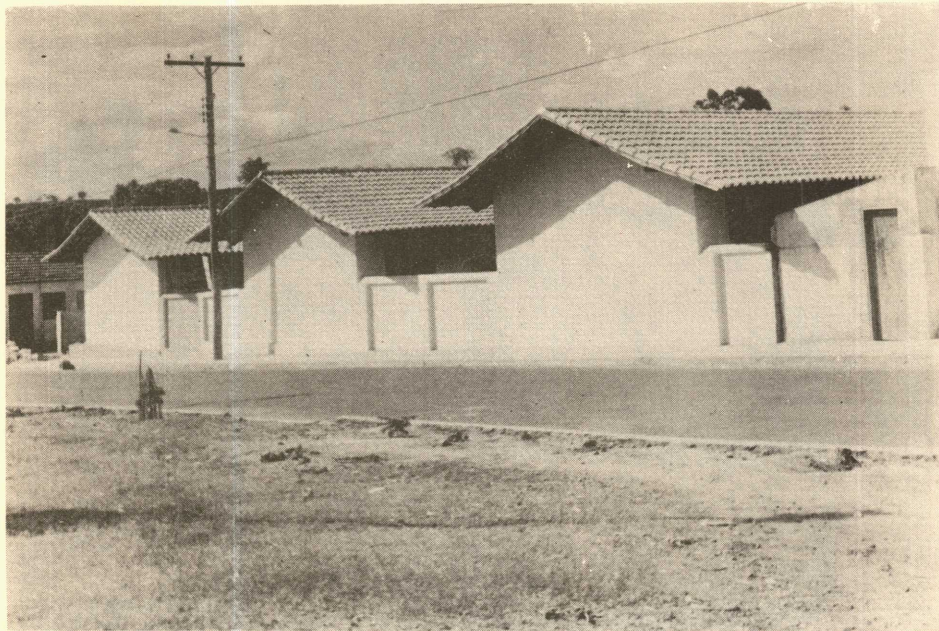
O prefeito Manoel Lopes Cançado, homem de visão, e sentindo a necessidade de seu povo, construiu cinco unidades de saúde, sendo uma na sede e quatro nas sedes distritais.

Os indigentes recebem a parcela de ajuda da municipalidade. Há convênio com dois hospitais, quatro farmácias e três dentistas para atendimento a pessoas carentes de recursos e necessitadas de tratamento de saúde.

Mantém ainda convênio com o SESP e com o Centro Regional de Saúde para que haja completa assistência da medicina preventiva, principalmente no que se refere à vacinação de crianças e adultos. Possui a municipalidade duas ambulâncias para atender casos de urgência, transportando enfermos aos centros dotados de maiores recursos médicos.



Escola Estadual "Quintino Vargas", contou com a efetiva participação da Prefeitura Municipal.



Escola "Profª Orlandina Saraiva Simões", no Bairro Esplanada, uma das obras da atual administração pinheirense.

Agricultura e pecuária

O binômio agricultura e pecuária é o principal responsável pela posição do município na panorâmica econômica do Estado.

O município de João Pinheiro possui uma variedade relativamente grande de tipo de solo. Há culturas e grandes extensões de cerrados. Muitas veredas com imensos buritizais. Muita extração de carvão vegetal na região de cerrado. Grande área está recebendo os benefícios técnicos de reflorestamento, enquanto que outras estão sendo formadas para pastagens, sem se falar no aproveitamento do cerrado para a lavoura mecanizada do arroz e da soja, principalmente.

A pecuária está sendo desenvolvida no município dentro dos padrões da mais avançada técnica. A região que tradicionalmente explora a bovinicultura de corte, está introduzindo raças com base produção leiteira, e bons novilhos para corte. Há uma transição em termos de bovinicultura no município.

Para que haja melhoramento é também preciso da assistência técnica. E a municipalidade disto tem conhecimento e não descuida. Em força deste conhecimento é que, através de convênio com a Emater, o IESA e o Sindicato Rural de João Pinheiro, o agropecuarista pinheirense tem completa assistência técnica e ainda possui assistência total nos meios de transportes rurais.

Finalizando temos a dizer que tudo isto é prova de uma administração arrojada e consciente, que tem recebido todo apoio dos governos Federal e Estadual, dos Deputados da região, da Câmara Municipal e de todo o povo pinheirense.

Saneamento

O prefeito Manoel Lopes Cançado não descuida do saneamento a fim de manter a cidade de João Pinheiro à altura de ser habitada confortavelmente e receber os visitantes. Tem lutado denodadamente com tudo e contra tudo para conseguir fazer de João Pinheiro uma cidade habitada por cidadãos felizes e realizados.

Mais de 10.000 metros de rede de esgoto foram construídos durante a gestão atual, dentro do perímetro urbano. Foi realizada extensão de rede de água em todo o bairro Esplanada.

Mas não foi apenas a sede municipal que teve as atenções do Prefeito voltadas para o saneamento. Também as sedes distritais e povoados receberam o benefício de abastecimento de água. Foram abastecidos de água canalizada o distrito de Veredas, e os povoados de Malhada Bonita e Vereda Malhada. Santa Luzia, Olhos d'Água e Cana Brava foram contemplados com reforma do serviço de abastecimento de água.

Urbanismo

A cidade de João Pinheiro é alegre, cativante. Está bem tratada e bem arborizada. Impressiona a todo visitante que lá aporta pela primeira vez. Ruas amplas, calçadas, jardins bem cuidados.

A administração atual muito tem trabalhado para que João Pinheiro apresente este aspecto positivo em seu urbanismo. Além de asfaltar 76.000 metros quadrados de vias públicas, construiu 20.000 metros de meio-fios; 20.000 metros de sarjetas e mais de 300 metros de bueiros para recepção de águas pluviais.

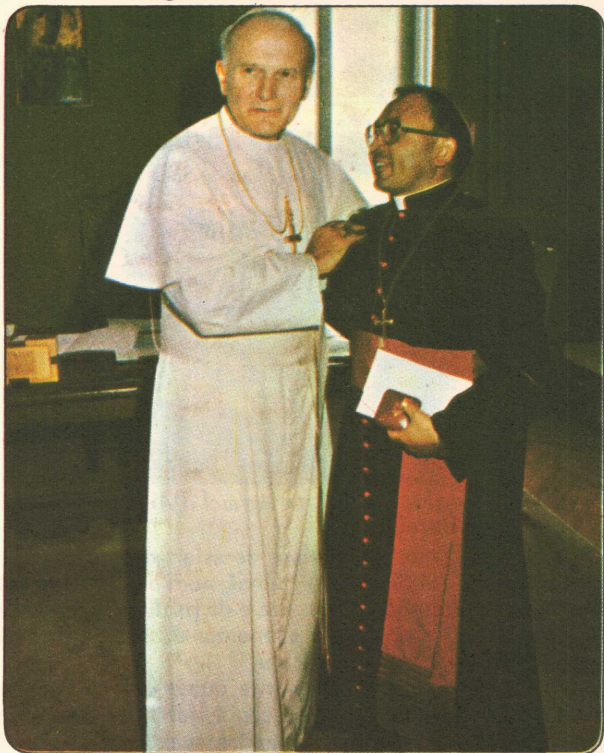
Além de construir uma praça, que recebeu o nome de "Domingos Pessoa", com o apoio dos jovens arborizou a praça "Coronel Hermógenes".

Uma coisa importante para toda e qualquer cidade é a arborização. Proporciona embelezamento, também para a saúde e o bem estar do homem é importantíssimo. Grande parte de João Pinheiro foi arborizada pela administração de Manoel Lopes Cançado que também dotou os jardins e praças de bancos.



Uma foto histórica da Praça Cel. Hermógenes, vendo-se a antiga Igreja Matriz de João Pinheiro, onde hoje se localiza o palácio da Municipalidade.

PAPA RECEBE DOM JOSÉ CARDOSO



João Paulo II recebeu D. José Cardoso Sobrinho em seu escritório particular e atentamente ouviu a sua explanação sobre a Diocese de Paracatu, durante a sua visita "ad limina", em Roma, no dia 9 de setembro de 1980.

O COLONIAL SE MISTURA COM O MODERNO EM PARACATU



Vista parcial do Centro de Paracatu, onde o colonial se mistura com o moderno e onde se sente a pujança de uma cidade colonial que cresce e progride.

UM PANORAMA CARACTERISTICO DE PARACATU



A bicentenária Catedral de Santo Antônio e suas imponentes palmeiras, circundada por lindas praças, um cuidado permanente do prefeito Almir Alaor Porto Adjuto para que a cidade seja sempre apresentável, agradável e acolhedora.

SAÚDE E EDUCAÇÃO



Unidade Auxiliar de Saúde de Lafersa. Iguais a esta a municipalidade construiu na Lagoa de Santo Antônio e no São Sebastião.



Escola Rural Municipal da Fazenda Retiro. Como esta foram construídas mais 15 unidades pela atual administração.

Paracatu nasceu da ambição do ouro. Primeiro foi caminho das regiões criadeiras do São Francisco e das minas de Góias. No entanto, a fixação do homem em seu meio surgiu da riqueza do leito de seus ribeirões, destacando-se o Córrego Rico. Foi no Século XVIII. O ouro era de aluvião. Tão traiçoeiro como a ambição incontida de milhares de aventureiros que para lá se dirigiram. Teve seu crescimento rápido, como aconteceu com todas as vilas do ouro de Minas Gerais.

Paracatu tornou-se famosa e conhecida. Por todo lugar se falava nos novos descobertos. E o povoado cresceu. E igrejas se construíram. E as raças se separavam. Havia festas de galas. Os filhos dos principais da terra se dirigiam para a Europa a fim de adquirirem seus títulos de curso superior. A cultura veio ao lado da ambição do ouro. Paracatu era uma nova civilização que se plantava em pleno sertão e isoladamente do Noroeste de Minas.

Homens de renome surgiram. Destacaram-se em vários campos: ciências, letras, artes. E as escolas vieram para alfabetizar os que de lá não podiam sair. Uma cultura isolada em pleno sertão brasileiro, com Casa de Ópera, com cadeira de Filosofia e Retórica. Não podia continuar arraial. Vem o alvará criando a Vila de Paracatu do Príncipe, em 20 de outubro de 1798. Precisava-se de instalar mais uma Comarca na Província de Minas Gerais. Paracatu seria a cabeça de uma das maiores Comarcas. A sua Escola de Filosofia tornar-se-ia célebre. Sua Escola Normal formaria homens de destaque no magistério nacional. A velha cidade criou fama. No entanto, aquietou-se. O isolamento a distanciou de tudo e Paracatu passou a viver de saudades, de recordação. O homem se voltou para a terra, de maneira diferente. Era o amanhã do solo para o sustento dos seus habitantes.

E Paracatu se estagnou. Tornou-se a "eterna prisioneira silenciosa das distâncias". Apesar de tudo, os seus filhos continuaram a estudar e elevar o nome da terra querida e famosa. Mas era preciso tirá-la daquele marasmo. O Brasil se movimentava. Há séculos, até lembrada fora para ser sede da Capital do País. A centralização da Capital do País era a esperança para todo o Brasil Central, tão desleixado e abandonado. Era preciso tirar o Brasil do litoral e interiorizá-lo. Somente em 1960 que acontece este grande fato histórico. A Capital Brasileira é transferida para Brasília, a Cidade da Esperança.

E Brasília acorda todo o sertão. Dá-lhe uma injeção de ânimo. Com este novo estímulo, Paracatu também se remoja e se agita. É ligada aos principais centros comerciais do País. Há um resurgimento total em todos os ângulos. Sua população vibra. Outros reconhecem o valor de seu solo. Há um afluxo de forasteiros, não atrás do ouro fugidio, mas em



Trecho de calçamento ligando a avenida Olegário Maciel no Arraial d'Angola, passando pelas praças do Cemitério, Leopoldo Faria e Euzébio.

busca daquilo que dá sustento à vida do homem: o cultivo da terra. Os seus cerrados se valorizam. Empresas de grande porte se instalam no Município. São japoneses e holandeses que tomam conhecimento do valor de seu solo e de seu desenvolvimento. Vêm dar a sua contribuição efetiva com o seu trabalho, trazendo a sua técnica. Paracatu está na região Geoeconômica de Brasília.

Uma pena que muito de seu caráter de cidade antiga foi destruída. Seus becos, seu calçamento rústico, suas praças barrocas desapareceram. Com isto, inconscientemente, desmancharam grande parte de sua atração turística. Seria mais um aproveitamento econômico para a cidade. Todos que se dirigissem a Brasília, desceriam à velha Paracatu para conhecer um pouco de memória nacional.

Mas, nestes últimos anos, todo o município tem recebido um grande influxo progressista. Muitas famílias têm se fixado e grande parte de sua população é de forasteiros que vem se unir aos paracatuenses e contribuir para com o seu progresso e desenvolvimento econômico.

Para que seu desenvolvimento seja completo, grande parte cabe à administração atuante do Prefeito Almir Alaor Porto Adjuto. Dentro do seu espírito de seriedade, de prudência e de coesão, realiza um governo sereno com um plano pré-estabelecido de acordo com as mais prementes necessidades e exigências de seu povo. Faz com que Paracatu permaneça líder de uma vasta região. Na verdade é uma cidade pólo do Vale do Paracatu, em todos os sentidos. Além de suas realizações, possui um excelente entrosamento com o governo, tanto da área federal como estadual, carreando recursos para Paracatu.

PARACATU — UNAÍ

Uma das metas mais importantes atingidas pelo prefeito Almir Alaor Porto Adjuto em seu governo, é o reiní-

cio dos serviços de asfaltamento da rodovia Paracatu - Unaí, num percurso de 100 quilômetros. Ela é de profundas repercussões para a economia dos habitantes do Vale do Paracatu.

Durante quase quatro anos de indormida atuação à frente do Executivo Municipal, uma das suas metas prioritárias foi sempre procurar sensibilizar as autoridades governamentais para a solução de tão considerável e premente problema: o asfaltamento de tão almejada rodovia, sem dúvida a estrada de terra mais movimentada do Estado.

O Governo Francelino Pereira fez com que se revertesse agora em realidade a continuação das obras, cujos primeiros 15 quilômetros se encontram construídos. Sob o comando do DER - MG, a Tratec, empresa de largos méritos, já está iniciando tão relevante empreitada.

SETOR RODOVIÁRIO

A atual administração paracatuense tem procurado atingir e levar melhoramentos a todos os cantos do município. Não só a parte urbana tem recebido a influência benéfica de sua administração, mas também a rural. Principalmente no que se refere a meios de comunicação rodoviária. Para que se tenha conhecimento de alguma coisa que já se fez, podemos mencionar: na estrada da Hidroelétrica, foram abertas mais 30 quilômetros, construídos muitos mata-burros, bueiros e ligação de novas fazendas. Recuperação de 150 quilômetros na região de Curralinho. Construção de pontes e pontilhões, mata-burros na região Ribeirão e ainda recuperação de 150 Km de estradas. Também o mesmo entre Pouso Alegre e Patrimônio, com 30 Km recuperados. Na região Aldeia de Cima foram recuperadas as estradas, construídos pontilhões, pontes e abertos 16 novos quilômetros da estrada de Unaí até a Santa Fé, passando pela fazenda Lagoa Vermelha.

Calçamento

A cidade tem recebido um aspecto muito agradável através de seu calçamento tipo bloquete. Podem ser destacadas as seguintes ruas que receberam o benefício do calçamento: Lindolfo Garcia, no Alto do Córrego; Israel Pinheiro, no Paracatu-zinho; D. Serafim e praça do Matadouro, no Arraial d'Angola; nos trechos compreendidos entre Olegário Maciel e Arraial d'Angola, compreendendo as praças do Cemitério, Leopoldo Faria e Euzébio; praça Cândido Ulhoa, rua Antônio Porto e todas as transversais; prolongamento da rua Rio Grande do Sul.

Todas as ruas asfaltadas receberam o benefício do meio-fio e recuperou-se o ajardinamento de todas as praças que se encontravam bastante danificadas.

Saneamento

Para que a população se sinta feliz no ambiente em que vive é preciso que lhe dê condições totais. Por isto teve o governo Almir Alaor Porto Adjuto participação ativa de saneamento da Copasa, o que virá resolver definitivamente o abastecimento de água de todo o perímetro urbano, principalmente dos bairros Bela Vista, Paracatu-zinho, Alto do Córrego, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima.

Também para melhor assistência médico-dentária a funcionários públicos estaduais, conseguiu que o IPSEMG instalasse uma agência regional. Assinou ainda convênio com a Ruralminas para a construção de novo matadouro.

Convênios e auxílios

O governo Almir Alaor Porto Adjuto firmou convênio e auxilia na manutenção dos seguintes órgãos: IEF - Instituto Estadual de Florestas; IESA - Instituto Estadual de Saúde Animal; AMNOR - Associação dos Municípios do Noroeste de Minas; EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; DFA - Delegacia Federal de Agricultura; 3ª Cia. do 15º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais; DRSP - Delegacia Regional de Segurança Pública de Minas Gerais; CNAE Campanha Nacional de Alimentação Escolar; F-SESP - Fundação Serviço Especial de Saúde Pública; CEAPS.

APARE

A APARE - Associação Paracatuense de Amparo e Recuperação aos Excepcionais tem recebido uma participação de forma ativa na sua implantação do governo municipal. Trata-se de uma entidade que vem assistindo jovens excepcionais carentes de toda a região.

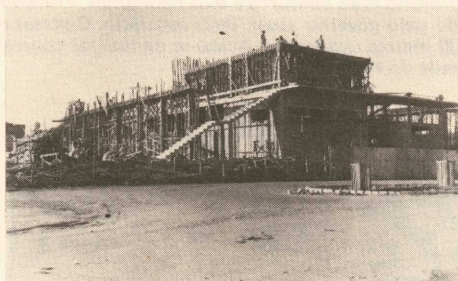
Encontra-se instalada numa área de 99 hectares, distante 6 Km de cidade, à margem da Rodovia BR-40 (Paracatu-Belo Horizonte), do antigo Posto Agrope-

cuário. A Prefeitura recebeu do Ministério da Agricultura o terreno com as antigas instalações. Depois de reformados e adaptados teve início de suas atividades o Educandário "César Brochado Adjuto", com 70 crianças, todas carentes. Recebem completa assistência, tanto médica, como alimentar e educacional. Atualmente funciona em regime de semi-internato e já se prepara a fim de funcionar em regime de internato.

Foi solenemente inaugurado o Educandário no dia 30 de março do corrente, pelo governador Francelino Pereira.

Terminal Rodoviário

Em fase bastante adiantada a construção do novo terminal rodoviário de Paracatu, no alto da avenida Olegário Maciel. Trata-se de uma obra realizada em convênio com a Ruralminas, cujos recursos financeiros deste convênio são de 6 milhões de cruzeiros e a obra esta orçada em 14 milhões.



Vista geral das obras do novo Terminal Rodoviário de Paracatu.

Outro trabalho de destaque realizado pela municipalidade foi o novo cadastramento técnico imobiliário. Até então, nos arquivos da municipalidade, só existiam 1.600 imóveis cadastrados, entre construções e lotes vazios. Após o trabalho realizado, foram cadastrados entre edificações e lotes, 9.000 imóveis. Isto significa um substancial aumento de renda para os cofres públicos.

Desenvolvimento agrícola

O governo municipal tem uma participação muito ativa no processo de encaminhamento para Paracatu do projeto de aproveitamento do cerrado desenvolvido pela CAMPO - Companhia de Promoção Agrícola - e Cooperativa Agrícola de Cotia, partindo do intercâmbio firmado entre o governo brasileiro e o japonês.

Com a imigração de famílias japonesas e holandesas especialistas em agricultura, o desenvolvimento agrícola no município tem sido substancial, principalmente com implantação das novas técnicas. Espera-se uma grande produção de soja, arroz, feijão e milho de agora por diante. Para atender o armazenamento a CASEMG construiu sofisticado silos com a participação da Municipalidade.

Saúde e educação

Um binômio importantíssimo para

qualquer administração é o de saúde e educação. Ambas estão intimamente ligadas, pois o homem sem saúde não consegue a desenvolver plenamente as atividades do espírito.



Gov. Francelino Pereira entre o Pref. Alaor Adjuto e a primeira dama de Marta Brochado Adjuto.

O governo Almir Alaor Porto Adjuto tem dado muita ênfase a este binômio. Para sua real concretização, no sentido de saúde, fez construir uma Unidade Ambulatorial no Alto do Córrego, outra no Paracatu-zinho (cujo término está previsto para fevereiro de 1981) e, no ambiente rural construiu cinco unidades auxiliares.

Foram contempladas as seguintes localidades: Lafersa, Campo Limpo, Morro Agudo, Lagoa de Santo Antônio e São Sebastião.

Adquiriu ainda duas ambulâncias para atendimento da população carente, sendo uma delas em convênio com a Ruralminas.

Em convênio com a Carpe construiu os prédios das escolas Termostocles Rocha e dr. Antônio Ribeiro. No ambiente rural, além de conservar as escolas rurais municipais já existentes, ainda construiu, em convênio com a Ruralminas, 18 escolas municipais. É bom acentuar que a construção em convênio com a Carpe, a participação financeira do município foi de ordem de 65%.

Ciente da importância dos livros históricos sobre a municipalidade, auxiliou na edição do livro "Paracatu do Príncipe: Minha Terra", editado em 1979.

Entrosamento

Para que uma administração seja bem sucedida faz-se mister o entrosamento com o poder legislativo. Isto se dá em Paracatu. O Poder Executivo tem um verdadeiro entrosamento de amizade e camaradagem com o Poder Legislativo. A Câmara Municipal tem uma participação muito ativa e tudo faz para que a administração tudo faça para o completo desenvolvimento e progresso de Paracatu. Os Poderes Executivo e Legislativo são o retrato fiel de uma comunidade que trabalha visando os mesmos anseios e realizações de todos os munícipes, sempre procurando o desenvolvimento harmônico, tanto no sentido vertical como horizontal.

UNAÍ

UMA CIDADE AGRADAVEL DE SE VIVER



HABITAÇÃO

A verdade é esta: quem trabalha e produz merece casa própria. Todo cidadão sonha e faz por onde para ter a tranquilidade de uma casa sua. E, Unaí, há muito sabe disto. Razão pela qual suas autoridades constituídas tudo fazem para que os menos favorecidos pela sorte possam ter também a sua casa própria. A atual administração já realizou, em convênio com a COHAB a edificação de 445 casas populares e atualmente concretiza a construção de mais 200 casas.

COHAB — 1, no Bairro Esplanada

PAVIMENTAÇÃO

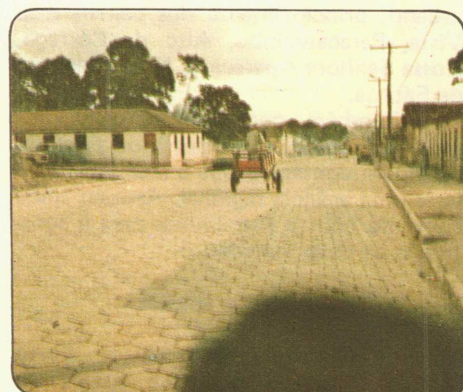
Uma cidade pavimentada tem outro aspecto e oferecer muito mais conforto a seus habitantes. Principalmente uma cidade como Unaí, que possui um crescimento vertiginoso. Este aspecto não foi menosprezado pelo governo atual. Pelo contrário. Diversas ruas da cidade foram beneficiadas com obras de pavimentação com bloquetes, com uma extensão de 13.000 metros quadrados. Acaba-se de realizar contrato, com firma especializada para pavimentação asfáltica em 50 mil metros quadrados em vias públicas da sede do Município.



Serviço de asfaltamento de 50.000 m² em fase inicial.



Serviço de calçamento de bloquetes, fabricados pela própria Prefeitura, em fábrica instalada pela atual administração.



FORUM

Unaí é sede de Comarca, criada em junho de 1954 e instalada em 7 de agosto de 1955. E para bom andamento da Justiça faz-se mister que esteja bem instalada. Unaí já exigia a construção de seu novo Forum, ainda mais que a sua atividade forense é das mais expressivas. Atendendo a essa premente necessidade, o prefeito Saint-Clair Martins Souto, em convênio com o Estado, realiza a construção do edifício do novo Forum da Comarca. Com a edificação de mais este prédio público já representa para a cidade mais um atestado de seu novo posicionamento em face da organização municipal.

PREFEITURA



Obras do novo Forum da Comarca de Unaí.



Unaí é muito bem ditada, atualmente de edifícios públicos. Entre outros, cabe destaque especial o edifício - sede da Prefeitura Municipal que já foi projetado com a possibilidade de levantamento de novo andar, de acordo com as necessidades. Ao fundo, vê-se o bonito prédio da sede da agência local do Banco do Brasil.

UNAI - A PÉROLA DO VALE - É UM MUNICÍPIO CELEIRO DO ESTADO

Há várias maneiras de se destacar. Uns pelo ponto negativo, outros, pelo lado positivo. Unai está deste lado. Trata-se de um município relativamente novo, pois se instalou em 15 de janeiro de 1944. Até então, era um dos componentes do imenso município de Paracatu.

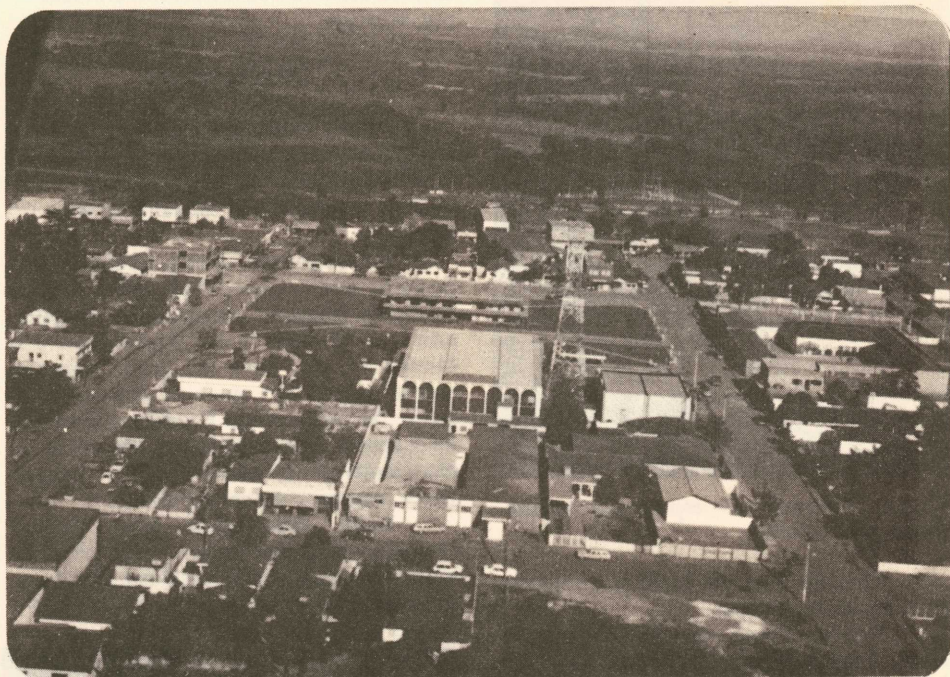
O seu desenvolvimento não foi rápido. Durante muitos anos ficou quase estagnado. Era o isolamento, a falta de meios de comunicação. Encontrava-se em plena boca do sertão. Sua gente vivia quase ilhada. O problema de estradas, sério. Faltava tudo. A única coisa que não faltava era o destemor de seu povo, com a vontade de ver o município sempre crescer e desenvolver. Também a sua área municipal era uma das maiores de Minas, quicá o maior. Constituído de vários distritos. Entre eles, três, a partir de março de 1963 deixaram de integrar o seu território, uma vez criados os municípios de Bonfinópolis de Minas e o de Buritis.

Suas terras, produtivas, mas ociosas. Havia falta de meio de escoar os produtos. As estradas precaríssimas, além de elevado número de pontes e pontilhões, sempre impedindo o acesso no período das chuvas. Os seus 9.749 Km² de extensão são banhados por rios diversos e os mais caudalosos como o Urucuia, o Preto, o São Marcos e o São Miguel. Sem falar os inúmeros tributários destes rios. Todos sabiam que Unai estaria fadado a ser um município-celeiro de Minas Gerais. Mas quem aventurava a plantar para perder toda a sua safra por falta de escoamento?

Veio Brasília. Com ela novas esperanças, pois Unai é o único município mineiro que se limita com Distrito Federal.

A sua proximidade faz com que o comércio com a Capital do País se intensifique. Realmente, Unai muito cresceu. Deixou de ser aquela cidadezinha pacata e sonolenta do Noroeste mineiro sonhando com uma ponte no Rio Preto. Pois a avenida Governador Valadares tem o seu início na boca da velha ponte. Sempre existiu a ponte, mas de madeira e muito antiga. Veio uma das costumeiras enchentes e a carregou. Ninguém podia atravessar o rio a não ser através de canoas. No entanto, veio a ponte definitiva. E Unai continuou a sua luta para ser uma terra diferente e com direitos iguais a suas congêneres.

Os seus prefeitos tudo realizaram para fazê-la atraente e com todos os recursos para ser uma cidade agradável de se viver. Todos eles: José Luiz Adjuto, Romero Ulhoa Santana, João Costa, José Adjuto Filho, Virgílio Justiniano Ribeiro, Sebastião Alves Pinheiro, Ronaldo Rodrigues Marques e o seu atual mandatário, Saint-Clair Martins Souto. Todos, unidos aos unaienses e aos que chegavam, deram e dão as mãos para fazer a terra do "Capim Branco" e do Rio Preto um local desejado por todos e muito querido.



Vista aérea parcial de Unai, destacando-se o edifício do Banco do Brasil, a torre da Telebrasil e o edifício da Prefeitura Municipal.

Unai tinha que ser a pérola do vale do Paracatu. Isto era indiscutível. A sua posição geográfica é muito privilegiada. A cidade, numa altitude de 600 metros, em 1970 estava com 12.750 habitantes, hoje estimada com 30.000 habitantes e o município de 52.427 está aproximadamente com 100.000 pessoas, Prova de um crescimento vertiginoso. Graças à imigração. Houve, a partir de 1960, uma verdadeira invasão em Unai. Foi como que uma descoberta da terra da redenção. Grandes e poderosos proprietários. O seu comércio avolumou-se. A cidade saiu daquela sua vida pacata e se movimentou. Em toda região se falava do seu progresso e desenvolvimento.

Seus rios piscosos também passaram a atrair atenção de moradores de Brasília que começaram a fazer turismo no município. As suas grutas a atrair curiosos e turistas de várias regiões do Estado. Muito rica a sua flora. Nela se encontram entre as seguintes madeiras: aroeira, cedro, bálsamo, jacarandá, tamboril, angico, ipê, canela, peroba e pau ferro.

O território do município é, em alguns pontos, montanhoso, em outros suavemente inclinado, havendo grandes planícies e vastos planaltos, rasgados por inúmeros ribeirões.

O telefone no município conta com os serviços da Telebrasil, oferecendo os serviços de DDD e DDI e a iluminação pública é explorada pelas Centrais Elétricas de Minas Gerais S/A (Cemig).

Situado o município na Zona Fisiográfica Paracatu Microrregião 160 - seu alicerce econômico está na atividade da agricultura e da pecuária, sendo um dos

maiores produtores de feijão e de milho do País.

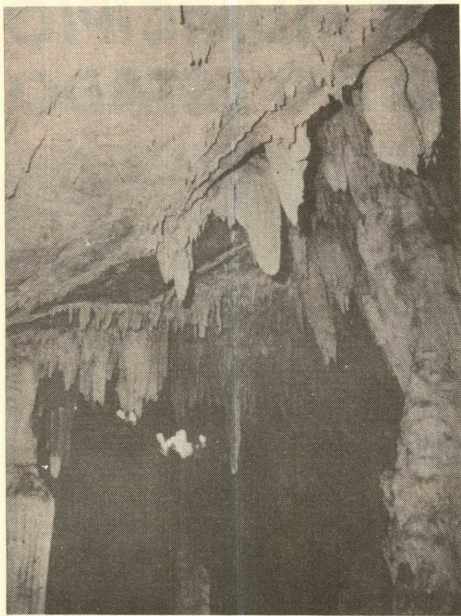
A cidade é dotada de toda uma infraestrutura que dá conforto não apenas ao que lá reside, mas também ao visitante, através de excelente casas de hospedaria.

Atualmente o município é servido por rodovias e estradas que possibilitam comunicação e intercâmbio com vários outros municípios, seus distritos e vilas e ainda o Distrito Federal. O asfalto chegou



Movimentada rua central da cidade de Unai

a Unai apenas nas suas ruas e avenidas. A luta é grande para que a MG-188 (Unai-Paracatu) seja imediatamente asfaltada, bem como a BR-251 (Unai-Brasília). Ambas em plena atividade, com muito trabalho de arte concluído, mas com o serviço ainda muito lento. São duas rodovias de grande importância econômica para o município e, conseqüentemente, para toda a área. A luta é intensa. Mas, pelo que tudo indica, agora ambas deverão sair, pois o governo está empenhado em terminar as obras.



Gruta Tamboril um espetáculo maravilhoso para os olhos.

Existem mais de 3.000 quilômetros de estradas municipais.

Várias linhas de ônibus servem Unaí: Brasília, Belo Horizonte, Patos de Minas, Paracatu, Formosa (Goiás), Buriatis, Arinos, Bonfinópolis de Minas etc.

A cidade tem um crescimento ordenado e se situa numa região muito bonita, cercada por serras imponentes. Há um número de boas residências. O comércio é muito rico e bom, dando mostras que o progresso econômico do município, sua extraordinária capacidade rural, a aglutinação de recursos externos para o seu desenvolvimento estão contribuindo decisivamente para o seu crescimento urbano.

Posição privilegiada

Unaí, por sua proximidade de Brasília, está em posição privilegiada.

Contando com recursos excepcionais de produção agrícola e uma pecuária que está crescendo em quantidade e qualidade, graças à absorção de uma efetiva assistência técnica executada pelos órgãos especializados e financiamentos que chegam à área de produção como investimentos de real rentabilidade, Unaí ainda desfruta das vantagens de uma vizinhança valiosa.

Unaí se enquadra da Região Geoeconômica de Brasília. Além de se beneficiar dos fluídos culturais do Distrito Federal, das opções que Brasília oferece às suas lideranças e a proximidade dos órgãos públicos federais, recebe uma atenção especial uma vez que os seus problemas passam a se refletir na área federal. Afinal, Unaí é limite de Brasília.

O programa especial da Região Geoeconômica de Brasília foi criado no início de 1975 e tem como objetivo principal promover a execução de projetos de serviços básicos, a melhoria e o apoio às atividades agropecuárias situadas em áreas circunvizinhas ao Distrito Federal.

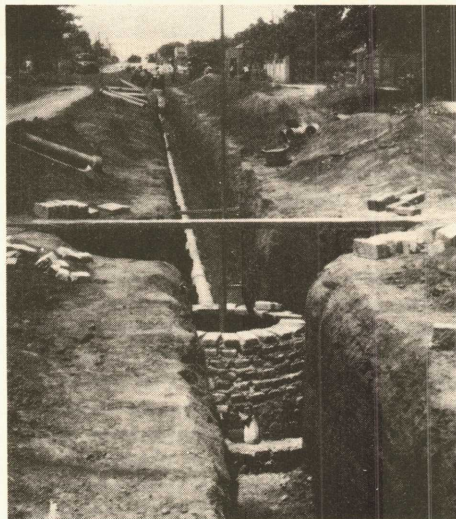
Com essa orientação, pretende-se aliviar as pressões exercidas por fluxos migratórios que se dirigem para a Capital da República, que apresentem riscos e distorções capazes de perturbar o exercício das funções administrativas desempenhadas por Brasília.

Cidade —Dique

Além deste posicionamento invejável, é ainda Unaí uma das 16 cidades-diques do Estado de Minas Gerais. São cidades consideradas de porte médio do interior.

Estas cidades serão favorecidas com projetos que o Governo de Minas através da Seplan/Supam, negociou em Brasília, junto ao Ministério dos Transportes e o Ministério do Interior, para financiamento da primeira etapa do primeiro conjunto de projetos do Programa Estadual de Centros Intermediários, nas áreas de planejamento e administração, sistema viário, transporte e saneamento.

Além disso, para estas cidades também serão destinados novos projetos industriais que irão se localizar em Minas e projetos de infra-estrutura econômica e social.



Construção de rede de esgoto em uma das ruas da cidade.

Os primeiros convênios assinados, no valor de 1 bilhão e 63 milhões de cruzeiros, destina-se à realização de obras viárias (pontes, viadutos, avenidas e planejamento de transportes).

Com estas medidas, o homem encontrará uma vida melhor onde ele vive. Haverá assim o estímulo de seus setores produtivos, com o conseqüente aumento das oportunidades de emprego. O mesmo vai acontecer com o homem da cidade do interior, que não vai mais precisar de ir para a capital. Vai ter uma vida melhor. Pois a esperança de uma vida melhor não pode nunca morrer dentro da gente. Porque se ela morre leva junto a vontade de viver.

Como cidade-dique, Unaí será beneficiada e serão feitos trabalhos conjuntos entre a Prefeitura, a Secretaria do Planejamento e Coordenação Geral, através da Superintendência de Articulação com o



Galerias de águas pluviais

município e o Ministério dos Transportes, para planejamento de seus sistemas de transportes, o que começa a ser realizado.

Distrito Industrial

O prefeito Saint-Clair Martins Souto depositou, em junho 2 milhões, 6 mil e 869 cruzeiros, quantia destinada ao pagamento da desapropriação de terreno de 2.006.869 metros quadrados, onde será implantado o Distrito Agroindustrial de Unaí.

O projeto, que está sendo elaborado pela CDI—MG, possibilitará o aproveitamento de recursos e da produção agropecuária da região, pelas agroindústrias que se instalarão no distrito, mediante convênio assinado com a Ruralminas e utilizando recursos da Região Geoeconômica de Brasília.

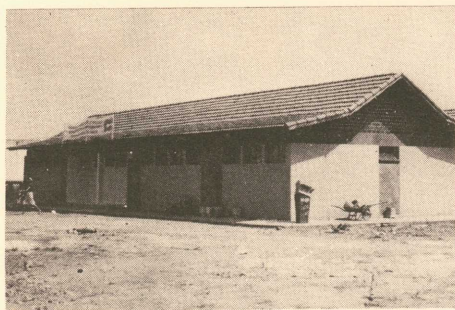
Em sua primeira etapa, será feita a implantação de infra-estrutura industrial e de serviços, em área de 902 mil metros quadrados, sistema viário, faixa administrativa (99 mil m²), estação de tratamento de água (115 mil m²) e áreas verdes. O total do espaço a ser ocupado chega à soma de 1.116.000 metros quadrados.

O distrito deve abrigar produção de óleo de milho; rações com resíduos de milho, mandioca e arroz; farinhas; laticínios; aves, processamento de carnes de suínos, frigoríficos para abate de suínos e bovinos, e curtume.

O distrito industrial deve gerar 2.200 empregos diretos e dará à região Noroeste do Estado um grande impulso nas áreas industrial e da agropecuária.

Educação

A escola é outro meio muito importante da fixação do homem em seu meio. Quantas pessoas deixam o campo por razão de local de estudo? Vem a família toda a cidade e gera um problema social. Pois, sem perspectivas para si e para os



Unidade Sanitária de Unai, construída em convênio com o Estado.

filhos, o homem do campo emigra, vai tentar nos centros urbanos uma oportunidade que normalmente lhe é negada pela absoluta inadequação de sua mão-de-obra. Crescem, assim, os desajustes sociais e se desdobram as impossibilidades de solução.

Em virtude disto o prefeito Saint-Clair Martins Souto não tem descuidado do ensino, tanto o urbano como o rural. Também se faz necessário dar condições de estudo à criança de pais carentes de recursos mais prementes do meio urbano.

Além das inúmeras escolas existentes em todo o Município, durante a gestão do atual governo municipal, 30 escolas rurais foram construídas e 40, reformadas.

Mas educar não é só construir escolas. Também o corpo docente tem recebido a devida reciclagem e curso de aperfeiçoamento, a fim de que haja um contínuo desenvolvimento e progresso pedagógico no sistema escolar mantido pelo município.

Postos de serviços

Qualquer governo, para que possa realizar com mais eficiência, necessita de meio de produção ou abastecimento. É a razão pela qual o prefeito Saint-Clair Martins Souto não descuidou de dotar a Municipalidade de uma fábrica de bloqueques, manilhas e meio-fio e de um Posto de Gasolina para a Prefeitura mesmo realizar o abastecimento de sua frota de veículos.

Além de ficar mais barato o custo operacional, também a municipalidade pode estocar dentro das suas necessidades prementes e dar primazia à construção do que mais estiver necessitando na oportunidade.

Abastecimento e saneamento

Para que o homem possa ter conforto e saúde, é mister que tenha condições higiênicas de vida. O abastecimento de água para a população é um dos pontos básicos de qualquer administração. Sem este líquido ninguém vive. Em andamento se encontram as obras de captação de água do Rio Preto e a construção da estrada de tratamento de águas, que dará para abastecer a uma população de 150 mil habitantes, substituindo os poços artesianos; o serviço de saneamento é tão



Vista da Avenida Governador Valadares, em primeiro plano, o primeiro Grupo Escolar da cidade.

básico quanto o de abastecimento. Também não foi descuidado e já se construíram 16.000 metros de rede de esgoto.

Quanto às águas pluviais, realizou-se a construção de galerias de águas pluviais na rua Santa Luzia e trecho da avenida José Luiz Adjuto.

Aquisições

Uma administração, seja ela qual for, sempre ficará emperrada se não tiver os seus equipamentos de trabalho. Em virtude disto a frota de máquinas da Prefeitura foi aumentada com a aquisição de quatro caminhões basculantes, uma motoniveladora e uma pá-mecânica. Desta maneira há maiores condições de conservação de sua extensa rede de estradas municipais, bem como de suas vias públicas que ainda não receberam os benefícios do calçamento. Aquisição de uma caixa frigorífica para o Matadouro Municipal.

Outras realizações

Afora estas realizações, ora enumeradas, pelo Prefeito Saint-Clair Martins Souto, ainda 3.200 carteiras e bancos escolares e 150 filtros foram entregues às Escolas Públicas Municipais.

Realizou abertura de mais quatro poços artesianos a fim de haver maior abundância de abastecimento de água para a população, enquanto se realiza o serviço definitivo de captação e tratamento de água para toda uma população de 150 mil habitantes.

Construiu-se rede de energia elétrica na sede municipal. A importância de uma rede bem feita e quanto mais utilizada, melhor será para toda a comunidade.

Um povo sem assistência pública de saúde jamais será um povo sadio. Não foi descuidado este setor dentro do município. Além do posto de Saúde na cidade, ainda fez construir dois mini-postos, em convênio com o Estado, no interior do município. Um foi no distrito de Cabeceira Grande e, o outro, em Garapuava.

Festividades

Unai apresenta ao visitante uma paisagem pitoresca, pelas serras que a cir-

cundam, resumindo suas atrações turísticas em recursos folclóricos; isto é, manifestações religiosas e crenças, músicas; parque agropecuário; bailes, rodeios, etc.

No mês de setembro realiza-se no Parque Agropecuário exposição de gado, onde são premiados os melhores reprodutores juntamente com a festa do milho, que evidencia os maiores produtores da região. Outra festa típica do município é a do peão, que ocorre no mês de abril e tem como principal atração os rodeios.

Em janeiro os unaienses comemoram o dia de Reis e de São Sebastião, com as celebradas Folias de Reis; em maio a festa do Divino e, em junho, realizam a festa de São Vicente de Paula, festas juninas e romaria de Santo Antônio do Boqueirão que atraem inclusive, populações dos municípios circunvizinhos.

Nestas comemorações realizam-se leilões, bingos, quermesses, gincanas, procissões, folias, alvoradas e cantorias, que traduzem os potenciais folclóricos do município.

Novos Grupos Empresariais

Segundo o prefeito Saint-Clair Martins Souto, com a implantação do Distrito Industrial, grupos empresariais de outras regiões sentir-se-ão atraídos abrindo novos horizontes à vida industrial da cidade, bem como fixação da mão-de-obra local acabando assim com o êxodo que ainda é uma preocupação constante das autoridades.

Os recursos alocados para este convênio com a Companhia de Distritos Industriais é o de maior envergadura já realizado pela CDI com cidades interioranas, que o faz crer que uma obra deste porte não visa somente a descentralização industrial mas também como um incentivo ao desenvolvimento das cidades beneficiadas, contempladas com a celebração de um convênio desta dimensão.

O eixo de escoamento do produto será uma demanda local sendo o restante colocado nos mercados de Brasília e Belo Horizonte e de onde também afluirá mão-de-obra que será recrutada, aprimorada e empregada dentro deste pólo industrial.

O projeto foi aprovado e transformado em lei. O prefeito, através de ato competente, fez a desapropriação de terreno à margem esquerda do rio Preto, cujo valor foi depositado a fim de cobrir as despesas de pagamento aos proprietários.

A infra-estrutura está sendo realizada por uma firma especializada de Belo Horizonte. A CDI-MG liberou verba de 78 milhões de cruzeiros para início dos referidos trabalhos.

unai

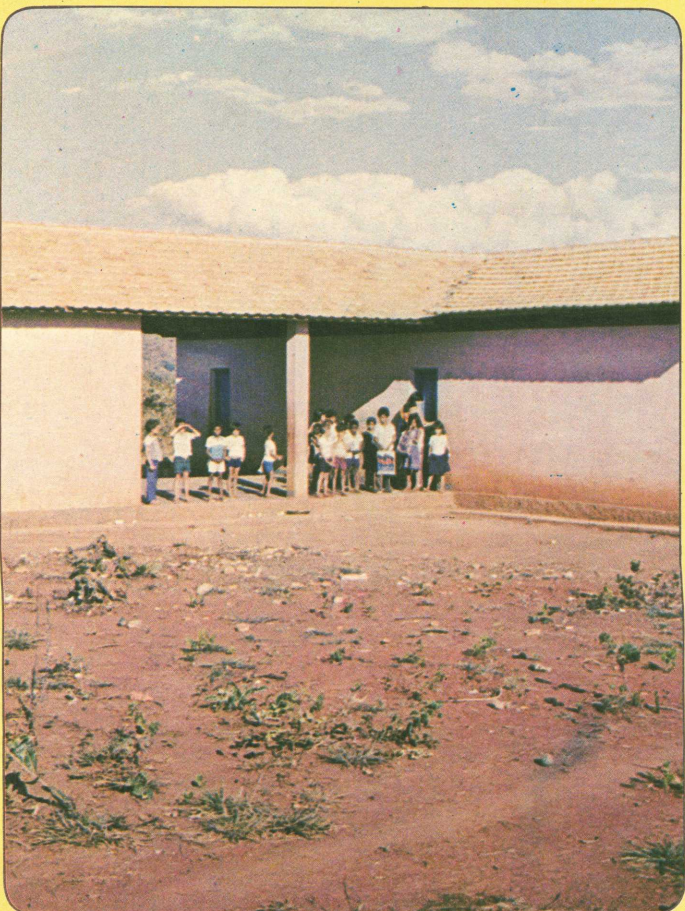
OBRAS QUE MARCAM UMA ADMINISTRAÇÃO.



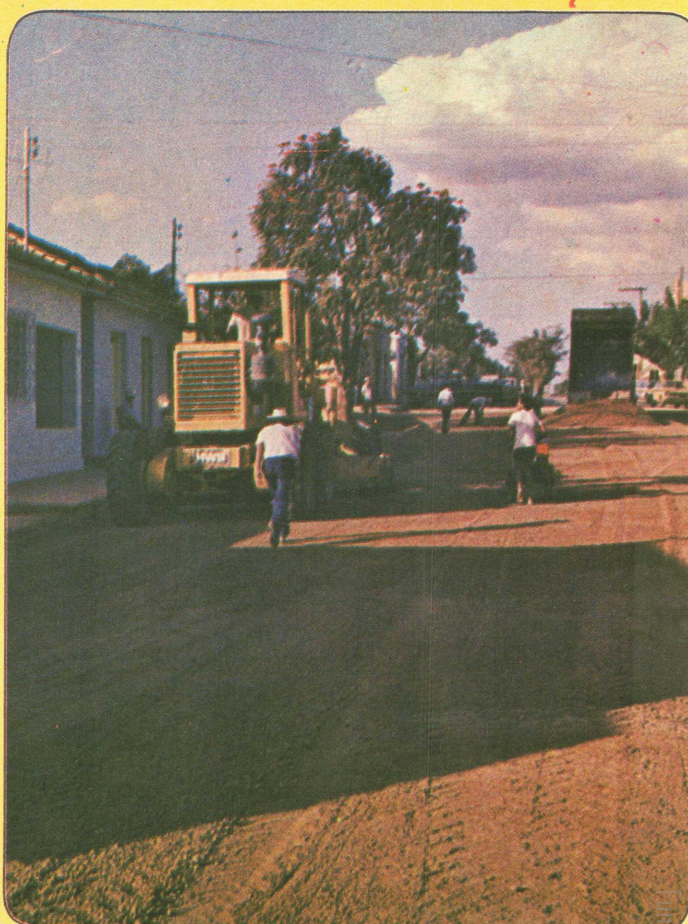
Escola Estadual "Teófilo Martins Ferreira"



Conjunto Habitacional - COHAB-2 - Bairro Santa Luzia
331 unidades residenciais



Escola Municipal "Tomás Pinto da Silva"



Serviço de asfaltamento da cidade 50.000 m² iniciais



Obras de construção do novo Forum da Comarca,
em convênio com o Estado



Ponte mista - concreto e madeira - sobre o Córrego Canabrava, elo de
ligação à grande região produtora

GRATIDÃO DE UM POVO



D. ELISEU VAN DE WEIJER



D. RAIMUNDO LUI



D. JOSÉ CARDOSO SOBRINHO



VISTA PARCIAL DE ALTARES LATERAIS DA IGREJA CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO

"Pelas tuas veredas". Com este lema, há 51 anos atrás, chegava a Paracatu o primeiro Prelado que iria reger os destinos espirituais da Igreja Diocesana a que pertencemos. Sempre andou revestido pela simplicidade, pelo amor, pela bondade. Uma vez trilhado o caminho do Senhor e concluído o seu trabalho, Deus o levou. Hoje, comemoramos o centenário de seu nascimento. Ele veio, caminhou pelas nossas veredas plantando o bem. Nós jamais o esqueceremos: D. Eliseu van de Weijer. O Bispo querido de sua querida gente da Diocese de Paracatu. Veio o seu sucessor:

"Seja feita a Tua vontade". É outro filho do Carmelo que nos traz a submissão total à vontade do Pai. Esteve em nosso meio durante 15 anos. D. Raimundo Lui, um verdadeiro seguidor de D. Eliseu.

"A Justiça é o sustentáculo da Piedade". Agora nos veio José. Ele quer justiça para seu povo através de uma religião vivida e participante. E sob o cajado destes três santos bispos - filhos do Carmelo - podemos sentir o quanto a Diocese de Paracatu tem realizado e prosperado sua missão de Igreja Particular. O pulso destes três homens de Deus à sua frente, nestes 51 anos de instalação, fez com que nós nos sentíssemos mais responsáveis de nossas atitudes como cristãos e católicos. Três homens de Deus preocupados em levar-nos para a fonte viva que jamais se esgota.

O Prefeito de Paracatu, não podia faltar com a sua palavra de gratidão e com a sua mensagem de esperança numa Igreja cada dia mais próxima da divina. Representando o meu povo, levo a nossa saudade a D. Eliseu e nossa veneração à sua memória quando comemoramos o seu centenário. Também nossa saudade a D. Raimundo Lui. E a D. José Cardoso Sobrinho a certeza de que nos sentimos seguros sob a orientação de Parafrazeando o salmista: "Somos todos felizes porque tememos o Senhor e andamos pelos seus caminhos".

Paracatu, outubro de 1980

al. Porto Adjuto

Almir Alaor Porto Adjuto
- Prefeito Municipal -

F. ALBUQUERQUE/ARQUIVO DA IGREJA CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO